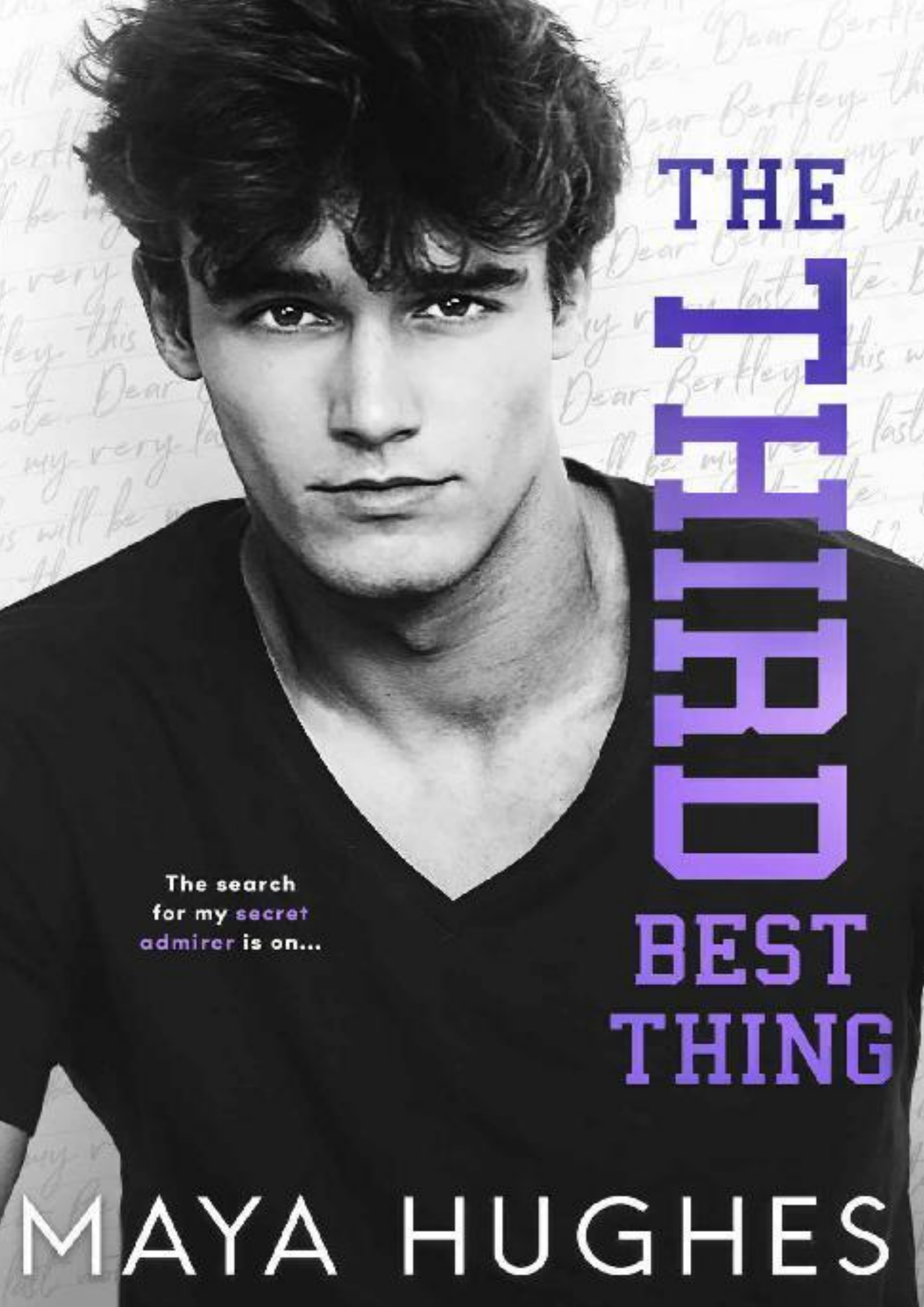
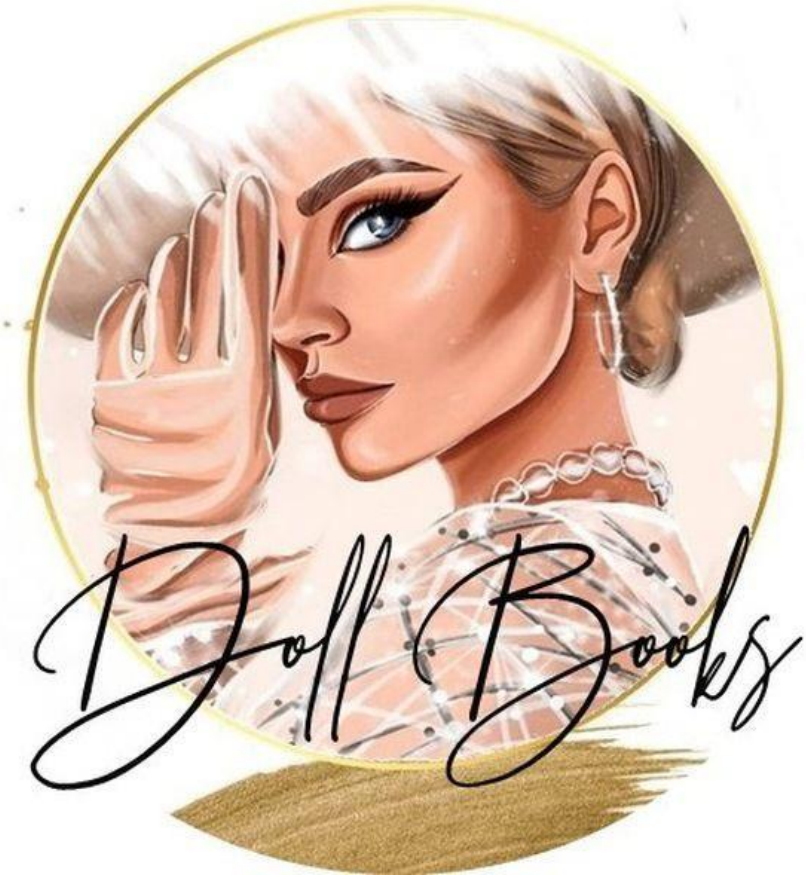

THE
THIRD
BEST
THING
The search for my secret admirer is on...
MAYA HUGHES



TRADUÇÃO: IRIS
REVISÃO INICIAL: ANY
REVISÃO FINAL: LUNA
LEITURA FINAL: LORELAI
FORMATAÇÃO: IRIS

Para Nicole, nossos passeios trazem mais risadas à minha vida e histórias para minha imaginação.

THE THIRD BEST THING

MAYA HUGHES

THE THIRD BEST THING
MAYA HUGHES

Querida Letter Girl, eu preciso te ver. Quando podemos nos encontrar?

Sua resposta nunca veio. Minha amiga de cartas com uma mente suja sumiu. Eu pedi que Jules, minha vizinha doce como uma torta, me ajudasse a encontrá-la.

Só há um problema - estou me apaixonando por ela. Os óculos de tartaruga, as curvas fora deste mundo e as guloseimas deliciosas estão dificultando ainda mais a busca por The Letter Girl.

Minhas cartas deveriam ser uma coisa única.

Um pouco de vinho demais e pensamentos desobedientes nas noites de inverno. Eu nunca pensei que Berk iria escrever de volta. Eu queria dizer a ele que era eu, mas o medo da rejeição manteve meus lábios selados.

Agora ele pediu minha ajuda para rastrear a The Letter Girl e nossa procura o deixou quente em minha, ahem, sua trilha.

Ela é a garota da porta ao lado.

Ele é meu amigo de cartas.

A verdade está em rota de colisão com seus corações e é apenas uma questão de tempo até que um deles seja destruído...

01

JULES

Eu puxo mais os cordões do meu moletom em volta do meu rosto e atravesso a rua. Minha respiração sai em pequenas baforadas na frente do meu rosto, e rezei para que ninguém me visse. Cada passo faz a carta em meu bolso amassar, o som tão alto que eu congelei no meio da rua, como se ninguém me notasse de preto, rastejando pela rua.

Uma porta abriu algumas casas abaixo. O medo passou por mim. Algumas pessoas saíram para uma varanda no meio do quarteirão, rindo, e o baixo som da música encheu o ar silencioso. Nem todo mundo tinha ido para casa para o intervalo. Meu coração disparou.

Meu olhar disparou para a casa pairando na minha frente. A casa de dois andares era de longe a mais bonita da rua. Era uma antiga casa de fraternidade que havia sido assumida pelos jogadores principais dos Fulton U Trojans no início deste ano, quando a fraternidade foi expulsa do campus.

Faça. Vá em frente e ninguém precisa saber. Seja rápida, Jules. Dentro e fora. Dei uma olhada por cima do ombro e corri para o outro lado da rua. O frio mal me tocou com a coragem líquida correndo em minhas veias.

Alguém virou a esquina, andando pelo quarteirão. Eu pulei para os arbustos, esperando que com meu moletom com capuz preto e calça jeans preta, eles não me encontrassem. Não que não fosse suspeito andar nas pontas dos pés pelo bairro em minha tentativa de vestir algo discreto.

Depois de uma garrafa de vinho e muitos biscoitos de chocolate, aqui estava eu, com uma carta suja no bolso e uma coragem líquida que diminuía a cada segundo, parada ao pé dos degraus que levavam à varanda. O que eu estava fazendo? O que eu faria se fosse pega? Se um dos jogadores de futebol saísse e me encontrasse agachada na frente da varanda deles? Eu ia me fazer de burra? Correr pela minha vida? Abandonar a escola e começar a andar na linha?

A casa estava escura nos últimos dias. Eu só consegui ficar em casa até a manhã de Natal antes de voltar para o campus. As meias e

um livro de receitas com baixas calorias como meu presente foram a gota d'água depois de uma semana de comentários sarcásticos e maliciosos. Mamãe disse que eu sou difícil de presentear, mas ela sabia o que eu precisava. Obrigada mãe.

Minha irmã havia comprado um novo Audi. Parecia comparável. Eu fugi e mergulhei na cozinha - assando até que pensei que a casa pudesse queimar por quase dois dias seguidos.

Eu estava parada. Quanto mais eu me destacava aqui, maior a chance de alguém me pegar. Alguém como Berk. Elle iria enlouquecer quando voltasse ao campus e eu dissesse a ela. Eu ia dizer a ela que tinha feito isso?

Agora ou nunca. Minhas mãos se apertaram mais apertadas ao redor do envelope no meu bolso.

Foram necessários oito rascunhos para finalmente escrever tudo o que eu queria dizer a ele. Colocar a caneta no papel e deixar todas as coisas sujas e malcriadas que eu queria fazer com ele e fazer com que ele soltasse toda a sua glória. O Dr. Schuller havia dito que eu deveria abraçar minha sexualidade e correr riscos. Eu não acho que ele pensou que ficar na merda e escrever cartas atrevidas fosse a melhor saída, mas, ei, eu estava improvisando.

Subindo as escadas, olhei por cima do ombro e coloquei o bilhete na caixa de correio. As chances eram de que eu seria um frango amanhã de manhã assim que a bebida e a ressaca passassem. Um pouco da minha ansiedade diminuiu. Eu teria minha noite de bravura e adrenalina, mas eu poderia voltar atrás. A tampa de metal dourado bateu contra o corpo da caixa, fazendo um barulho alto. Isso era totalmente reversível.

A luz da varanda acendeu e eu bati minhas mãos na minha boca para segurar o grito. Correndo escada abaixo, mergulhei nos arbustos novamente, me escondendo entre as folhas e os galhos.

— Ei, sem festas hoje à noite. — O arrepiante timbre de sua voz cortada pelo ar da noite. Oh Deus, era o Berk.

Enterrei minha cabeça nas mãos. Por que ele estava aqui? Não que ele não estivesse em sua própria casa, mas por que diabos ele estava lá? Ele voltou enquanto eu estava bebendo e assando? Por que as luzes não estavam acesas? Eu quase pulei para gritar essas perguntas para ele.

O rangido da caixa de correio fez meu estômago despencar através da terra até seu núcleo derretido.

Em voz baixa, ele murmurou um — Que diabos? — Provavelmente tentando descobrir quem escreve cartas hoje em dia. A resposta foram as jovens bêbadas da faculdade, que mal tiveram coragem de falar com você pessoalmente. — Quem está aí? — Ele se inclinou contra a grade logo acima da minha cabeça.

Meu coração bateu forte nos meus ouvidos. Eu esperava que ele se transformasse em Edgar Allen Poe e me descobrisse sob sua varanda. Fiquei com as costas coladas ao tijolo.

Ele olhou para cima e para baixo da rua com a carta no envelope na mão.

Cada célula do meu corpo gritava para correr, formigando e disparando ao mesmo tempo. Se ele olhasse para baixo, eu estava morta. Eles poderiam me enterrar aqui. Minha mãe e irmã viriam visitar - talvez.

— Porra. — O papel farfalhou e ele o virou. — Eu quero sentir cada centímetro de você dentro de mim. — Oh Deus, ele estava lendo.

Isso significava que ele já tinha lido a parte em que eu detalhava que queria lamber seu corpo. Se eu não estivesse petrificada com a quietude, eu teria batido minhas mãos no meu rosto, que estava brilhando vermelho de vergonha.

— Isso é uma piada? — Ele desceu dois degraus. — Eu tenho trabalhado na minha flexibilidade; você gostaria de colocar à prova? Quem diabos?

Meus dedos arranharam o tijolo atrás de mim.

Mais papel farfalhou e o ruído pesado de seus passos recuou antes que a porta da frente se fechasse. Minutos se estenderam por tanto tempo que minhas coxas doíam da minha posição agachada. Fiquei ali até quase o nascer do sol, antes de sair correndo pela rua e excluir as bebidas pelo resto da minha vida. Mas eu tinha feito isso. Provavelmente ele daria uma boa risada, jogaria a carta fora e passaria para o desfile de mulheres que passeavam à sua frente como pavões sempre que tinham chance.

Mas dois dias depois, enquanto estava na minha cozinha pegando os últimos biscoitos de manteiga marrom e caramelo de chocolate, vi um movimento do outro lado da rua.

Berk estava parado na varanda, olhando a caixa de correio.

Pulei sobre a cadeira da cozinha e coloquei o rosto no vidro. O que ele estava fazendo lá fora? Ele estava espanando impressões digitais? Oh Deus, ele ia saber que era eu, ele atravessaria a rua e me dizer para

nunca mais chegar perto da casa dele. Era assim que era um ataque de pânico? Como se meu coração fosse explodir?

Ele acenou para alguém que passava. Um minuto se passou e ele colocou algo na caixa de correio. Mais um minuto e ele tirou. Batendo-o contra a perna, ele olhou por cima do ombro.

Eu corri da frente da janela, me escondendo atrás da cortina. O oxigênio se tornou algo muito necessário e eu lembrei de respirar uma vez.

Ele largou o pedaço de papel branco de volta na caixa de correio.

Era uma carta para mim? Ele estava respondendo? Ele me escreveu de volta? Eu gritei e fiz uma dança feliz por todos os dez segundos antes de congelar com o batedor cheio de massa na mão.

Mal podia esperar para ler o que ele havia escrito para mim. Ele estava me dizendo para deixá-lo em paz ou era uma resposta? Era a sua resposta a tudo que eu descrevi?

Eu tinha que ir buscá-la. *Ah Merda.*

02

JULES - TRÊS MESES DEPOIS

Eu olhei para o poste na minha frente, desafiando o metal brilhante a não cooperar. O baixo dos alto-falantes retumbou as tábuas do chão sob meus dedos nus. Sempre era melhor quando eu não conseguia ouvir nada além da música, nem mesmo meus próprios pensamentos. — Vamos tentar não rasgar o shorts desta vez.

Agarrando o poste, soltei uma respiração afiada e virei em volta, deixando meu peso corporal me puxar em um círculo completo. O momento não era difícil de alcançar. Quanto mais pesado é, mais rápido pode ser chicoteado em torno de cinco centímetros do latão.

Você consegue, Jules. Olhando para o poste e desafiando-o a me deixar cair de bunda, eu aumentei meu aperto. Talvez a tentativa número trinta e sete seja o número mágico. Os músculos do meu braço se contraíram, prontos para a ação. Eu balancei e mergulhei na música, criando uma coreografia que eu repassei na minha cabeça. Os truques menores ajudaram a me distrair do que eu estava prestes a fazer.

Apoiei meus braços e agarrei o metal aquecido pela morte. O sangue correu para o meu rosto quando eu levantei minhas pernas sobre a cabeça. Eu provavelmente parecia um tomate manchado. Enrolei minhas coxas ao redor do poste, usando o espaço inexistente entre minhas pernas para vantagem.

A intensidade da música aumentou, se aproximando da queda de graves. Mudei meu aperto e agarrei o metal, subindo o suficiente para quase bater minha cabeça no teto. Provavelmente não era a ideia mais inteligente do mundo subir tão alto, mas desde quando alguém me acusava de pensar nas coisas? A pilha de cartas enfiadas debaixo da minha cama era uma prova disso.

Troquei minhas mãos, segurando atrás do joelho e chutando minha outra perna. Meu coração bateu forte contra o peito duas vezes ao ritmo da música. *Os músculos do núcleo não me falham agora.* Soltei minhas mãos e balancei minha parte superior do corpo usando apenas minhas pernas para me ancorar. Eu estava girando como um personagem em uma caixa de música - embora meio que estragou uma. Estiquei minha parte superior do corpo perpendicular ao poste e fiz uma pose feroz. Pelo menos, eu esperava que fosse feroz. O site chamava de Diva Divina. Aparentemente, sou um glutão por punição.

Olhando de relance para o espelho, eu parecia mais um macaco-aranha agarrado a uma árvore da floresta tropical para não cair nas mandíbulas de predadores lá embaixo, suando e tremendo muito. Ofegar e suar não parecia muito com uma diva. Respirando fundo, relaxei na pose, apontei o dedo do pé diretamente para o teto e estendi o braço como a asa de bingo.

Uma risada vertiginosa subiu do fundo. Eu olhei para mim mesma no espelho novamente. Eu era uma diva irregular, mas, foda-se, eu também era durona. E eu estava lentamente deslizando para mais perto do chão quando o suor que se acumulou atrás do meu joelho afrouxou meu aperto.

Cada movimento que eu fazia me aproximava um pouco mais da apreciação de quão longe eu cheguei. Desde os primeiros dias, tentando fazer um giro básico com os pés firmemente plantados no chão, até ser uma diva. Este era o meu corpo em pânico e eu amava isso.

E se continuasse me dizendo isso, talvez um dia eu acreditasse.

Eu me abaixei no chão do meu quarto com um floreio, acenando mais uma vez para o meu público imaginário.

A música terminou e eu apoiei minhas mãos no quadril, ofegando e suando como se eu tivesse corrido cinco quilômetros, com um sorriso tão largo que senti nos dedos dos pés. Saltando para cima e para baixo, dei a mim mesma cinco notas e alguns *elogios* dignos de clubes. Ficou mais difícil descobrir se eu estava fazendo os truques cem por cento corretamente, mas com certeza não iria me gravar para assistir mais tarde ou ir para um estúdio de pole dance com espelhos de parede inteira. Eu não estava naquele nível de bem comigo em toda a minha glória - ainda.

Caí na cama e olhei para o teto. Meu short curto e sutiã esportivo que abraçava o quadril me dava pouca cobertura, mas o pole dance não era exatamente sobre modéstia. Eu tentei insistir com meu terapeuta durante o primeiro ano e inferno, se não tivesse ajudado – um pouco. Era uma maneira de eu construir força, confiança no meu corpo e talvez tentar me sentir um pouco sexy.

A porta bateu no andar de baixo e eu levantei da cama.

— Jules! — A voz inconfundível de Berk me mandou do coração batendo pelo pole dance para “corra com isso, Louise”, rumo a um penhasco. Eu levantei com tudo e caí da cama, sacudindo os frascos de perfume na cômoda. Levantando do chão, peguei minha calça de moletom e a puxei, pulando de um pé para o outro parecendo que eu

tinha jogado boliche no meu quarto. Peguei meus óculos mesa e os empurrei no rosto.

Berk provavelmente estava se perguntando se eu tinha prendido um animal selvagem no meu quarto. Peguei a camiseta de mangas compridas e com capuz nas costas da cadeira, mesmo que fosse agosto. O tecido grudava na minha pele suada e eu provavelmente tinha uma sensação de suor, mas isso era melhor do que ele subir aqui e me encontrar seminua. Uma espiral de pânico passou por mim e me vesti ainda mais rápido e abri a porta.

Meus pés mal tocaram em qualquer um dos degraus enquanto eu descia as escadas.

— Berk. — Caí na cozinha, apoiando o braço contra a porta. As borboletas no meu estômago foram substituídas por um safari inteiro. Apertei meus lábios para o que eu esperava que fosse um nível de sorriso matador não serial. Meu coração estava brilhando como um holofote, então passei meus braços mais apertados em volta de mim. Formigamentos nas pontas dos pés subiam e desciam até minha espinha ao ver seus cabelos macios e jeans que abraçavam sua bunda e moldavam a cintura melhor do que o meu já fez.

Ele levantou a cabeça e a metade do biscoito saindo da boca se soltou e caiu no balcão. — Aí está você. — Suas palavras foram abafadas por trás de dois biscoitos do tamanho de uma tampa de bueiro.

— Você achou que eu estava escondida na caixa de biscoitos?

— É assim que você está chamando hoje em dia? — Sorriso matador e um golpe direto. — A velha caixa de biscoitos. — As bordas de seus olhos enrugaram e seu cabelo estava despenteado e ainda um pouco úmido. Provavelmente dos chuveiros no estádio. Ele tinha o hábito de parar aqui depois do treino de futebol.

Não ria como uma idiota. Seja legal, Jules.

— Entre outras coisas.

Ele inclinou a cabeça para o lado, seu olhar lambendo seu caminho para cima e para baixo no meu corpo. Certo, talvez isso fosse uma ilusão, mas era em partes iguais aterrorizante e emocionante. — Por que você está tão suada?

Oh! Claro que ele não estava realmente me olhando. — De... — Meu cérebro parou e as faíscas começaram a disparar em seis ângulos diferentes, como um motor sem óleo. *Abandonar navio! Abandonar navio!* — Correr escada abaixo. — Apertei meus dedos em punho ao

meu lado para me impedir de bater a mão na testa. *Incrível, Jules. Agora ele acha que você está tão fora de forma que você não pode nem descer as escadas sem derramar suor.*

Ele balançou a cabeça como se um cara que atravessa um campo de futebol sem ficar sem fôlego tivesse o mesmo problema.

— Você invadiu apenas para roubar biscoitos ou havia algo mais?

Havia um brilho envergonhado em seus olhos cor de caramelo. Ele limpou sua mão coberta de migalhas e a levou até a boca, limpando a garganta. — Você tem um pouco de leite?

Eu ri e peguei na geladeira, servindo-lhe um copo. Deslizando-o sobre o balcão, eu mantive meus dedos do outro lado do copo coberto de gotículas de água e longe dele.

Cruzando os braços, encostei no balcão. — Você já leu esse livro, *Se Der Um Biscoito A Um Rato*? Embora neste caso seja mais como *Se Um Rato Invadisse Sua Casa E Roubasse Um Biscoito*. — Eu levantei o canto da minha boca.

— Estava destrancada. — Ele bebeu do copo e o colocou de volta. — Deixar sua porta destrancada em uma rua cheia de degenerados não é a melhor ideia.

— Exatamente. Quem sabe qual pessoa maluca pode aparecer e começar a roubar meu suprimento de comida.

— Exatamente. — Ele me bateu no nariz com um dos biscoitos que ele havia retirado da caixa quando minhas costas estavam viradas. — Esta não é uma visita social. Está na hora de fazer coisas sérias.

— Estamos na mesma aula de filosofia novamente este ano? — Eu havia conseguido o lugar atrás de Berk no semestre passado em filosofia política.

Ele encolheu os ombros. — Não, ética, mas não é disso que se trata. — Seu olhar se tornou sério. — Isso é sobre a The Letter Girl.

Como se um T-Rex tivesse entrado na cozinha, eu fiquei imóvel. *Respire, Jules. Respirar seria bom agora. A The Letter Girl.*

A garota que eu me ofereci para ajudá-lo a encontrar.

A garota que estava escrevendo cartas sujas e sedutoras para ele no semestre passado, começando com uma depois de um surto de insanidade no inverno - e continuou por meses.

A garota pela qual ele nunca teria uma verdadeira paixão, se visse como ela era. A garota que estava em pé na frente dele em sua cozinha muito quente em roupas quentes demais ficando mais

quente a cada segundo. — Então? — Eu esperava que ele gostasse da minha representação de Minnie Mouse.

— Você já pensou em mais alguma coisa sobre como podemos encontrá-la quando o semestre começar?

— Talvez ela não queira ser encontrada.

Seus olhos se arregalaram e ele balançou a cabeça com um olhar de aço e determinação. — Isso não é uma opção. As coisas sobre as quais conversamos...

Ele queria encontrar a mulher que descreveu fazer todos os tipos de coisas sexy e confiantes para ele. Coisas que eu queria fazer com ele, mas aqui estava eu, encoberta como se estivesse evitando o congelamento. — As coisas do sexo?

Os cantos da boca dele abaixaram. — Não é só isso.

As cartas começaram como um exercício para expressar minha sexualidade em um ambiente seguro, como o Dr. Schuller recomendou. Com quem estou brincando? Elas começaram porque eu era uma covarde bêbada. Não havia como eu ir até o Berk e dizer as coisas que escrevi anonimamente, mas ao longo dos meses as coisas mudaram e começamos a compartilhar mais de nós nas cartas além do que queríamos fazer com os corpos um do outro - não que não houvesse muito disso também.

— Ela era - *é* alguém que eu preciso conhecer pessoalmente.

Abri minha boca para jogar fora novecentas razões pelas quais essa era uma péssima ideia. Então a porta da frente se abriu quando alguém bateu.

— Disse que precisava trancar. — Berk se adiantou como se estivesse pronto para derrubar, caso alguém da rua realmente tivesse decidido aparecer e causar problemas. Tivemos apenas um episódio de festeiros bêbados entrando na casa, e isso tinha sido bastante anticlimático. Nós acordamos e os encontramos desmaiados no chão da sala. Ok, foram três vezes, mas quem está contando?

— Julia? — A voz suave e doce veio da entrada.

Sim, eu prefiro enfrentar alguns canibais pós-apocalípticos de motocicleta do que atender a porta. Um ataque foi recebido, mas apenas meus sentimentos estavam em perigo.

— Recue. — Eu deixei cair minha mão em seu ombro. — É minha irmã. — Dando-lhe um meio sorriso, eu saí da sala. Eu esperava que, talvez depois de todos esses anos, eu tivesse esquecido sua voz e não

fosse ela, mas haviam poucas pessoas no mundo que me chamavam de Julia.

Eu contornei a porta da cozinha e fiquei quase cega pelo brilho dela.

O blazer rosa pálido com mangas subia logo abaixo dos cotovelos.

A camisa branca imaculada - que provavelmente custou mais do que o meu aluguel - e os jeans perfeitamente rasgados que abraçavam suas pernas fizeram com que ela parecesse que havia saído da última campanha de influencers[1].

Coloque saltos rosa pálidos nos quais eu não podia andar, sua bolsa Hermes e detalhes de joias simples e de bom gosto, e Laura era a réplica perfeita de nossa mãe, com 28 anos - embora mamãe tenha dito a todos que havia apenas vinte e um anos entre elas.

— Oi, Laura. — Cruzei os braços sobre o peito. Minha bravata anterior lentamente saiu pela porta aberta.

— É assim que se diz olá à sua irmã? — Ela estendeu os braços quando entrou na minha casa, não para um abraço, mas como se esperasse que as baratas passassem correndo e a levassem embora.

Passei meus braços em volta dela e combinei o contato real com seu abraço aéreo.

— Por que você está tão suada? — O tom de censura ondulou através de suas palavras.

Soltei meus braços e dei um passo para trás. — Eu estava malhando.

Os olhos dela se arregalaram, a sugestão de um sorriso deslizou por seus lábios. O tipo que estava em casa com um grupo de garotas malvadas rindo de alguém finalmente encontrando a coragem de ir à academia para impulsionar um estilo de vida mais saudável e talvez perder alguns quilos. — Isso é ótimo, Julia.

— Por que você está aqui? — Cruzei os braços como se me protegessem de qualquer ataque que ela tivesse planejado.

— Não posso dar uma passada para visitar? — Seu olhar varreu o meu lugar. Ainda não era muito, mas pelo menos ela não o tinha visto no ano passado, antes que os níveis de impressão passasse de "pouco habitável" para "você provavelmente não vai pegar uma infecção por estafilococos aqui".

[1] Digital Influencer.

— Você não veio nos últimos três anos.

— Há uma primeira vez para tudo. E mamãe queria que eu tivesse certeza de que você viria para a festa de noivado neste fim de semana. Você não respondeu às mensagens dela.

Esta mais para escolhi evitá-las, esperando que talvez um meteoro colidisse com o planeta ou eu caísse com peste bubônica e tivesse uma desculpa para não ir.

— Eu tenho muita coisa acontecendo, e três dias inteiros de distância são difíceis neste momento do ano. As aulas estão começando. Eu tenho que começar a procurar emprego.

Passei a mão pelo meu cabelo, ciente de como meu coque bagunçado contrastava com sua perfeição bagunçada em todos os fios.

— Mas é o meu casamento.

— É a sua festa de noivado. A maioria das pessoas não tem festas de noivado de três dias.

— Mas isso precisa ser especial. Uma viagem incrível que ninguém vai esquecer de celebrar o amor entre Chad e eu.

Levou tudo em mim para não vomitar. Apertei meus lábios com força. Ela se aproximou e segurou minhas mãos. Seus dedos estavam gelados, apesar de estar trinta e dois graus lá fora. — Você é minha única irmã, Julia, e é do meu casamento que estamos falando.

— Não, é a festa de noivado.

— O que todos diriam se você não estivesse lá?

— Tenho certeza que eles superariam isso.

— Papai gostaria que ficássemos juntas durante esses momentos especiais, compartilhando.

Eu lutei contra meu estremecimento. Olho-de-boi. Tão praticado e rotineiro. Depois de todo esse tempo, eu deveria ser capaz de não me deixar levar por essas manipulações. Papai queria que todos estivéssemos juntos, mas quando ele estava aqui, não parecia que alguém estava de pé em cima de mim com uma resma de papel recém-impresso e um galão de suco de limão pronto para me cortar em fitas.

— Mamãe quer você lá. Eu quero você lá. — Laura tocou as costas da minha mão como se estivesse tentando me tranquilizar. — E Chad quer você lá. — Seu sorriso mais brilhante foi às onze.

Chad. Eu deveria saber desde o momento em que nos conhecemos que ele era um problema - apenas pelo nome. Meu ex e agora o noivo da

minha irmã. Eu reconheci os pedidos insistentes de minha mãe e Laura para levar o garoto com quem eu estava saindo com todo tipo de rodeio que eu conseguia pensar, até que ele finalmente as encontrou e o inevitável aconteceu.

Na nona série, eu tinha conseguido um doce para o dia dos namorados. Laura tinha mais de vinte e fez questão de carregá-los em seus braços para que todos pudessem ver. Ela foi a rainha do baile de boas-vindas quando estava no segundo ano, algo inédito na nossa escola, e rainha do baile depois de ser convidada por um veterano. O bastão de medição da família sempre tinha sido apenas alguns centímetros alto demais para mim. Depois que ela se formou, eu respirei um pouco, pensando que não seria mais comparada a ela. E então Chad veio à cidade sem a bagagem de doze anos de escola com as mesmas pessoas. Por uma parte do ano letivo, eu tive uma ideia de como era não viver na sombra dela - e então o eclipse ao longo da vida circulou de volta.

Jules foi levada a pastar como uma vaca velha e mal humorada, e Laura se tornou o sol e as estrelas para aquele pedaço de merda, filho de uma... E agora eles estavam se casando, tendo convenientemente esquecido onde começou o felizes para sempre.

Nós nos conhecemos através de um amigo em comum.

Soava menos escandaloso quando eles diziam.

Então eu não estava exatamente pulando de alegria por estar presa na propriedade rural onde os membros da escalada social da família Kelland realizavam sua festa de noivado não-irônica com tema de Great Gatsby[2]. Como se roubar meu namorado não fosse suficiente, Laura estava mudando a cena do crime para o lugar que *eu* sempre quis trocar votos com um homem que me olhasse como nenhum outro homem jamais fez. Ela sempre esteve ocupada demais para ir lá com o papai durante o verão.

Perdoe-me por não confirmar presença.

— Jules, você se importa se eu levar alguns? — Berk saiu da cozinha com seu sorriso vencedor, de enfraquecer os joelhos, e uma enorme bandeja de biscoitos na mão.

— Ora, olá. — Laura quase me derrubou enquanto andava como uma modelo, passando por mim, indo direto para Berk.

— Hey. — Ele olhou em volta como um cervo preso nos faróis.

[2] O Grande Gatsby.

— Eu sou Laura Kelland. — Ela olhou por cima do ombro para mim. — Um amigo *seu?*

O olhar de Berk saltou entre eu e Laura. Meus ombros se curvaram e eu apertei meus braços sobre o peito. A boca do meu estômago brotou em um tronco e alguns galhos enquanto eu me preparava para as perguntas que haviam sido feitas tantas vezes.

Ao lado de minha mãe e irmã, eu sempre parecia a prima estranha que elas apresentavam para alívio cômico em todas as comédias quando as coisas ficavam obsoletas. Quando papai estava vivo, tudo fazia sentido. Laura parecia o mini-eu da mamãe, eu o seguia e nossas semelhanças estavam completas. Quando ele se foi, eu era a estranha - sempre.

— Laura, este é o Berk. Berk, minha irmã Laura.

Aí vêm os olhares de olhos arregalados entre eu e ela. Eu era alta, puxei ao papai tenho um metro e setenta, enquanto ela é pequena, mas esbelta, um metro e sessenta e dois. Ao meu lado, ela pode sentir como se coubesse no meu bolso.

Ela tinha olhos azuis brilhantes, mas os meus eram um emaranhado de verde musgo lamacento escondido atrás dos meus óculos.

E depois havia os vinte quilos extras que eu tinha sobre ela. Ao lado de minha irmã, sempre senti que deveria me chamar Helga e ter um lugar na equipe de arremesso de peso soviética.

Mas os olhos de Berk não tinham as mesmas perguntas ou julgamentos comparativos da maioria das pessoas. Ele apertou a mão dela como se fizéssemos sentido como irmãs, mesmo que *eu* às vezes não entendesse.

— Eu não sabia que Jules estava saindo com alguém. Você tem que vir para a festa de noivado. Seria maravilhoso te receber.

Eu cerrei meus punhos ao meu lado e meu coração deu um tamborilar. Ela estava fazendo isso de propósito: convidar alguém que ela sabia que nunca poderia ser meu namorado, para que ela pudesse rir de seu erro bobo e descansar a mão no peito dele, flertando para dentro de uma polegada de sua vida com o bônus adicional de apontar o quão boba ela era por presumir isso.

— Berk não é...

— Claro, eu estou sempre pronto para uma festa. — Ele deu de ombros e assentiu.

Laura jogou a cabeça para trás, mas apenas metade da risada saiu. Ela virou a cabeça para baixo e o encarou. — O que?

— Jules mencionou isso antes. O casamento é na primavera, certo? Claro, eu vou.

— Mas... — Seu olhar virou para o lado, encontrando o meu. — Você realmente...

Eu gaguejei um sorriso. — Você o ouviu. Ele adoraria ir. Você ainda tem espaço para ele, certo? — Eu a peguei pelos ombros. — Nos vemos no final de semana.

Chocada e ainda parecendo que não podia acreditar no que acabou de acontecer, Laura assentiu.

— Perfeito. — Eu a empurrei em direção à porta. — Estaremos lá às cinco, até mais, muito felizes por vocês dois, amo você, tchau.

Ela se virou na varanda.

Bati a porta e descansei minha cabeça contra a madeira sólida, fechando os olhos.

— Devo estar pronto às cinco da sexta ou sábado? — Berk acenou com os biscoitos de chocolate com caramelo salgado e com lascas de café expresso que eu sempre mantinha à mão para ele.

Oh Deus, ele pensou que eu tinha dito a ela que estávamos namorando? — Eu só disse isso para me livrar dela. Você não precisa ir. — Eu adiei a humilhação de agora para a humilhação daqui três dias, quando aparecerei sem Berk. — Eu só a deixei acreditar que estamos namorando para nos livrar dela.

— Você não quer que eu vá? — Uma lasca de dor flutuou em seu rosto. Ele realmente queria vir comigo? Como se ele estivesse apenas sendo educado.

— Claro que sim, mas não posso pedir para você fazer isso. Você tem treino. O semestre começa assim que voltarmos. — Aí está, eu tinha lhe dado uma saída para que ele pudesse voltar graciosamente.

— Eu não me importaria de sair daqui por alguns dias. Você mencionou essa coisa antes, certo?

— É uma piada. Não quero que você pense que precisa vir.

— Eu não teria oferecido se não estivesse bem com isso. A temporada será intensa. Uma festa com boa comida e bebida de primeira, que não preciso limpar, parece bom para mim. Se você estiver bem com isso.

Minha boca abriu e fechou. — Claro, eu adoraria que você viesse. — Eu merecia uma estrela dourada por não cavar um buraco no chão e desaparecer depois de dizer isso.

— Nós vamos nos divertir. Não vou te envergonhar, não se preocupe. — Ele voltou para a cozinha.

— Eu nunca pensaria que você iria.

Depois que as raízes me segurando no chão se dissolveram, eu o segui.

Ele tomou outro copo de leite. — Agora que tiramos isso do caminho, vamos descobrir como vamos rastrear a TLG.

— TLG?

Ele olhou para mim com determinação brilhando em seus olhos. — Não vou parar até encontrar The Letter Girl.

03

BERK

Os cheiros do açúcar mascavo, canela, chocolate e baunilha fizeram da caminhada na cozinha de Jules uma das minhas novas coisas favoritas. Minha boca ficava cheia d'água toda vez que eu passava pela porta dela. Isso me faz querer dar uma mordida nas bancadas. Era como estar em uma versão cinematográfica de uma casa perfeita. Não que a casa dela fosse perfeita. O senhorio havia consertado algumas coisas desde o ano passado, depois que a antiga colega de quarto de Jules o levou a um tribunal por não manter a casa habitável e fazer reparos conforme necessário, mas não tinha nada a ver com a aparência do local.

Entrar na casa de Jules era como entrar em uma casa, com um avental fofo pendurado ao lado da porta, pilhas de guloseimas bem embrulhadas e as Tupperwares cheias de muito mais. Eu poderia ficar lá por horas absorvendo tudo. E comer montanhas de guloseimas que estavam sempre à mão.

— Eu poderia colocar panfletos em todo o campus com uma foto de uma das cartas. — Uma versão altamente censurada das cartas. Talvez um pequeno trecho.

— Mas quem vê a letra de alguém? A maioria das pessoas usa seus computadores ou telefones para tudo. — Jules esfregou o polegar ao longo do lábio inferior. Tinha gosto de açúcar? Baixei meu olhar de seus lábios. Não vá lá, cara. Jules é incrível, mas eu não iria me distrair da minha pesquisa.

— Você está certa.

Como você pode perder alguém que nunca conheceu? The Letter Girl entrou na minha vida como um maldito esmagamento e se agarrou como uma profissional e invadiu meu coração antes que eu soubesse o que aconteceu.

Ela era tudo que eu sempre quis em uma garota. Quente como o inferno. Inteligente e atenciosa. O deslize lento das cartas para algo mais me pegou de surpresa, mas ela se tornou alguém com quem eu poderia conversar. Alguém que eu poderia compartilhar partes de mim que não compartilhava com outras pessoas. Mesmo que ela não soubesse tudo sobre o meu passado, ela sabia mais do que a maioria.

Ninguém queria ser a amiga sexy de um ex-garoto de lar adotivo que não tinha quase ninguém no mundo inteiro. Nah, isso era para o colegial, que logo seria um atleta profissional.

Nunca deixe ninguém ver as coisas te incomodando. Aprendi isso no lar adotivo número quatro. Se tudo é uma piada, não há nada que eles possam fazer para te machucar, mas perder a TLG quando pensei que finalmente encontrei alguém que me conhecia e realmente dava a mínima? Isso dói. Era um aperto inesperado no meu coração qu ede vez em quando dificultava a respiração.

Jules deslizou a mão para mais perto, como se estivesse em um filme de animação em stop motio[3] antes de finalmente pousar em cima da minha com um toque gentil. — É realmente tão importante para você encontrá-la?

Dei de ombros. — Talvez não. Ela provavelmente cansou de tentar imaginar a porra do meu pau. — Eu forcei uma risada através do aperto no meu peito.

— Quando a temporada começar, as coisas ficarão loucas para você, certo?

— Você está certa. Acho que estou tão fixado porque não há muita coisa acontecendo. — Não, essa sempre seria uma pergunta que eu precisava responder. Quem é a TLG e todas as coisas sobre as quais escrevemos significam tanto para ela quanto para mim?

Deslizei o recipiente de plástico para mais perto da borda do balcão. — Tudo bem se eu levar isso?

Ela sorriu e brilhou em seus olhos. — Para quem você acha que eu fiz? — Virando, ela colocou o prato agora vazio na pia.

Uma onda de calor se espalhou no meu peito e me parou. — Você assou especialmente para mim?

— É a única maneira de salvar o resto dos meus biscoitos do seu estômago. Às vezes, acho que um urso está entrando aqui.

— Você sempre pode trancar a porta.

Ela olhou para mim de lado com o lado da boca levantado. — Eu poderia.

Eu dei um passo para trás, querendo dar um passo à frente. *Devagar, Berk. Essa é a Jules. Não brinque com ela quando estiver decidido a encontrar TLG.* — Obrigado. Eu vou sair do seu caminho. E estarei aqui na sexta-feira para a coisa. — Ela assentiu e secou o prato.

[3] Uma técnica cinematográfica em que as cenas são compostas por fotos, usada por Tim Burton.

Do lado de fora, corri pela rua e fui direto para a caixa de correio, levantando a tampa de latão na caixa retangular ao lado da porta da frente. Uma cratera de decepção bateu no meu peito.

Nós atualizamos o local um pouco agora que conseguimos manter os monstros da festa fora de casa. Por dois anos, tivemos festas em nossa casa como algo de Harry Potter. Pisque e há cinco barris, um DJ e copos de plástico vermelhos por toda parte.

Na cozinha, olhei por cima do ombro para me certificar de que não havia ninguém por perto e abri um dos armários superiores ao lado da porta dos fundos. Coloquei a caixa de batatas fritas de lado e coloquei a Tupperware lá em cima, colocando as batatas de volta onde estavam. Eu aprendi minha lição sobre acumular comida no meu quarto após o fiasco do rato no segundo ano, mas isso não significava que era livre para os biscoitos de Jules. Especialmente, desde que ela os fez para mim.

A porta da frente se abriu e eu bati a porta e girei, cruzando os braços sobre o peito.

Keyton entrou pela porta da frente com uma mochila e um estojo de violão na mão. Ele congelou quando me viu.

— Eu não sabia que você tocava.

Um músculo em seu pescoço se contraiu. — Eu não toco.

LJ e Marisa desceram os degraus discutindo sobre algo. Qualquer coisa. Provavelmente, se uma formiga pode ou não levantar um carro do tamanho de uma formiga ou quem pode segurar a respiração por mais tempo. Eles nunca aprenderam a arte de não parecer que estavam em uma luta de luta livre sempre que iam a algum lugar juntos.

— Oh, um violão. Não sabia que você tocava. — Marisa pulou do último degrau.

Keyton abaixou a cabeça. — Eu não toco.

— O que há com o violão se você não toca? — LJ entrou com a pergunta antes que Marisa entendesse.

Keyton virou o estojo e o segurou com as duas mãos. — Eu-eu estou guardando ele para um amigo.

Marisa riu. — Quanta consideração de sua parte. Bom e atencioso fazer algo para um amigo. Armazenar algo assim no seu quarto quando ocupa tanto espaço. Isso é importante, não é algo pequeno como mostrar a alguém como fazer ramen ou torrada francesa.

E assim, a conversa não teve nada a ver com Keyton. Ele pegou a abertura para disparar escada acima.

— Ris, tivemos que jogar fora a panela da última vez que você tentou fazer ramen.

Eu estremeci. O cheiro de queimado permaneceu na casa por uma semana.

— É por isso que preciso que você me ensine. Podemos fazer um plano de batalha.

— Preciso de uma armadura, com certeza. — resmungou LJ.

Peguei um alcaçuz do meu estoque no balcão. A comida sempre me consolava. Se eu pudesse encher meu estômago, tudo ficaria bem. É o que acontece quando você não comeu muito enquanto crescia.

Mas eu tive minha chance. Este seria o meu ano, mas ainda havia um medo do tipo unhas no quadro-negro de que as coisas não iriam dar certo do jeito que eu ousava esperar que acontecessem.

TLG, minha temporada de último ano como um Trojan Fulton U, o draft e um plano que eu pusera em movimento que poderia derrubar com um joelho estourado. Uma nota ruim. Um *foda-se*.

Havia muita coisa em jogo este ano. Dei uma mordida no alcaçuz e segui LJ e Marisa para a sala de estar.

Keyton voltou, sem o violão, parecendo muito menos como se quisesse fugir a qualquer segundo. — Alguém quer uma bebida? Vou pegar bebidas.

— Devemos atualizar a TV para esta temporada. O primeiro jogo de Reece é em uma semana.

— Estou sempre disposto a ter uma TV maior. — LJ sentou no sofá ao lado de Marisa.

— Você tem dinheiro para atualizar a TV? — Marisa cruzou os braços ao peito dela.

— Nossa, obrigado por perguntar, mãe.

— Vocês dois podem parar as preliminares por cinco minutos? — Eu dei outra mordida no meu alcaçuz com sabor de morango e me coloquei entre eles como um pai separando seus dois filhos brigando. Só que esses dois não eram irmãos ou meus filhos e eles queriam transar. Ainda não haviam chegado a um acordo, mas era apenas uma questão de tempo.

Ambas as cabeças se viraram e seu olhar duplo me fez sorrir ainda mais e pegar o controle de videogame na mesa de café. — Vou tomar uma cerveja e dois copos de cala a boca para esses dois.

Keyton desapareceu na cozinha com nossos pedidos e voltou com três cervejas e um Shirley Temple completo com cerejas marasquino para Marisa.

— Que estudante universitário tem uma mesa de café? Não deveriam ser algumas caixas de leite com compensado balançando por cima? — Marisa pegou a bebida da mão dele. — Eu juraria que você era mais velho no ano passado. Você é o único adulto em casa.

— Eu tinha um apartamento fora do campus antes. Estou arrastando as coisas há um tempo. — Ele deslizou porta copos sobre a mesa para colocarmos nossas cervejas.

— Se todos participassem, não seria tão ruim. — Não fiz minha recompra de livros do ano passado. Seria um total de quarenta dólares se eu tivesse sorte.

— Nem todos nós receberemos salários profissionais em menos de um ano, pessoal. — Marisa acenou com as mãos como se nenhum de nós tivesse notado que ela estava lá.

— Nem todos nós temos certeza. — LJ murmurou ao meu lado, pegando o rótulo de sua cerveja.

Marisa suspirou. — Posso colocar trinta e cinco centavos e um cupom manuscrito para massagem nas costas.

— Não há necessidade de quebrar o banco, Ris. Tenho certeza de que Reece será tocado por você estar cavando profundamente por ele. E se Marisa quiser matar nossa alegria e apoio ao ex-morador do Brothel negando a compra da TV, Nix disse que podemos assistir a qualquer um dos jogos em sua casa com um bônus de comida grátis.

Meu estômago cheio roncava pensando nos pratos picantes de macarrão que ele costumava fazer quando morava aqui. — Você acha que ele se arrepende de não ser profissional? — Ele era melhor do que todos nós - inferno, provavelmente todos nós juntos - e havia se afastado do jogo pouco antes do draft do ano passado.

— Nah, ele tem Elle e o restaurante. Ele está pensando em fazer uma cirurgia no ombro para ajudar com a dor, agora que ele sabe que não vai ser atropelado em campo novamente. — LJ tomou um gole longo de sua cerveja.

Ser profissional era o meu futuro. Eu faria o que fosse necessário para que isso acontecesse. Seria uma carreira curta, na melhor das

hipóteses, mas eu investiria meu dinheiro com sabedoria e nunca precisaria me preocupar em acabar nas ruas novamente. Esse medo iminente permaneceu no fundo da minha mente. Roer a fome que tornava difícil pensar e roupas com buracos não fabricados. Que eu acabaria voltando para algum abrigo ou acordaria e descobrisse que isso era o sonho de um garoto de 13 anos morando em uma casa de grupo, dormindo em cima de seus bens escassos para impedir que as outras crianças os roubassem.

Eu não precisava de ofertas de tênis ou de uma concessionária de carros. Eu pegaria esse dinheiro e finalmente teria uma casa. Encontraria alguém para compartilhar. Formaria uma família. Uma enorme com crianças que nunca teriam que se preocupar em serem expulsas. Eu faria tudo certo, pelo menos o mais certo que pudesse descobrir sem nenhuma pista de como uma família real funcionava.

Meu telefone tocou no meu bolso. Puxei e a tela se iluminou.

ALEXIS: Berk, eu preciso de você.

Meus músculos ficaram tensos com aquela velha resposta de luta ou fuga programada em mim desde os anos no sistema. Eu precisava encontrá-la e salvá-la de qualquer situação que ela estivesse me enviando uma mensagem. Quase sempre, "há um inferno furioso de loucura ao meu redor, por favor me ajude a apagar".

LJ inclinou a cabeça quando viu o nome resplandecer na tela e emitiu um som agudo de desaprovação. — Não.

— Alexis precisa de mim. — Apertei meus lábios, balançando a cabeça e pulei do sofá. Subindo as escadas dois degraus de cada vez, entrei no meu quarto e peguei minhas chaves.

— Qual é o problema com Alexis? — Keyton perguntou quando eu cheguei no topo da escada.

Eu podia ouvir os olhos de LJ rolarem no andar de baixo praticamente mudando os alicerces da casa. — Longa história.

Correndo escada abaixo, eu não olhei para eles. Pelo menos Nix e Reece não estavam aqui para aumentar os níveis de dor na bunda. — Vejo vocês mais tarde.

— Não a traga aqui. — LJ ficou atrás de mim como se estivesse de sentinela em cima da casa.

Bati a porta atrás de mim. Eles não entendem. Não conseguiriam nem começar a entender como era ser a única pessoa com quem alguém podia contar.

04

JULES

— Ele estava aqui quando Laura apareceu. E ele disse: “sim, com certeza eu irei”. — Imitei o melhor super-herói mergulhando e salvando a voz do dia.

— Eu adoraria ter visto a cara dela. — Elle riu e rabiscou algo no tablet, mexendo as unhas pintadas de rosa.

Elle se mudou para um apartamento durante o verão, me deixando sozinha em casa. Estava tão quieto sem ela e nossa colega de quarto fantasma, Zoe. A qualquer momento que ela apareceu, foi por uma troca de roupa para encontrar o namorado. Só durou alguns dias, no máximo, até o próximo cara chegar a nossa porta. Ele aparecia na nossa varanda e ela pulava para fora da casa novamente com as malas prontas.

A maioria das pessoas ficaria feliz em ter uma casa só para elas. Três quartos para mim sozinha não significava selvagem e louca no último ano, mas parecia estranho procurar uma nova colega de quarto, e os cheques de Zoe ainda estavam limpos, mesmo depois que eu a enviei o aviso por e-mail sobre o aumento do aluguel, já que estaríamos dividindo apenas por dois.

Havia fotos penduradas nas paredes do apartamento de Elle e Nix, recém pintadas de cinza claro. Ótimas fotos minhas e de Elle e Nix com o resto dos caras do Brothel, incluindo Berk. O avô de Nix era dono do restaurante no andar de baixo e estava usando o apartamento para armazenamento até que os caras o arrumaram.

Era aconchegante e eu nunca tinha visto Elle mais feliz. Provavelmente ajudou morar em um lugar onde você não estava com medo de que parte do teto caísse sobre você a qualquer minuto e havia um namorado bonitão para se aconchegar e fazer uma comida deliciosa o tempo todo.

Eu bufei. — Eu gostaria de ter uma câmera, mas tenho certeza que meu rosto estava muito chocado.

— Não deveria. Quem não gostaria de ficar escondido em alguma propriedade rural com você o fim de semana inteiro? — Ela balançou as sobrancelhas.

— Este fim de semana não é nem um pouco assim.

— Talvez seja o momento perfeito para contar a ele sobre o quão bem vocês dois realmente se conhecem. — Ela manteve o olhar fixo na tela.

— Não, absolutamente não.

Ela colocou o tablet ao lado dela. — Ele merece saber que você é a The Letter Girl. E vocês dois são amigos agora. Diga à ele. Ele ficará muito feliz.

— Mais como esmagadoramente decepcionado.

Ela agarrou meus ombros e olhou nos meus olhos. — Jules, você precisa parar. Ninguém jamais ficaria desapontado em ter uma padeira de dança sexual como sua amiga secreta de sexo.

— Você viu as garotas nas festas no Brothel e nos jogos da FU?

— Você se lembra de mim namorando o quarterback de cinco estrelas que era uma trava certa para o draft da primeira rodada e acabara de ganhar o campeonato nacional?

Bati meu dedo no meu queixo. — Não lembro de nada, desculpe.

Um travesseiro azul pastel bateu no lado do meu rosto. — Dor na bunda.

— Talvez você tenha soltado algo, isso está voltando para mim agora. Independentemente disso, é diferente... Você é objetivamente linda.

— Ele estava tão excitado quando cheguei. Não é sobre aparência. Você acha que eu estou com ele por sua bunda gloriosa, braços musculosos com veias que saltam um pouco enquanto ele está cozinhando e abdominais feitos para lavar a roupa? — Ela tem um olhar distante nos olhos e mordeu o lábio inferior.

— Você não está ajudando. — Joguei o travesseiro direto para a cabeça dela. A porta do apartamento de Elle se abriu, as chaves tilintaram.

— Baby, estou em casa. — Nix entrou com um enorme sorriso no rosto e os braços carregados de recipientes. Cheiros de alho, manteiga e queijo combinados e meu estômago tentou sair pela boca para devorar o conteúdo.

Saltando do sofá, Elle bateu palmas. — Você é um santo. Estou com tanta fome.

Ele a beijou, prendendo-a entre ele e o balcão e colocando a comida que ele tinha em cada mão para baixo sem nem olhar. — Eu disse para você descer há uma hora. — Seus dedos percorreram sua bochecha.

— Perdi a noção do tempo. Jules estava aqui e estamos trabalhando com August Niles para cinco eventos nos próximos quatro meses. Estou a três segundos de socá-lo na garganta. Ele passou por oito assistentes em nove meses. Estou trabalhando com o novo agora e ela é um doce. Espero que ele não a mastigue e cuspa. Tudo tem que ser perfeito, ou ele provavelmente vai me incinerar com seu fogo de dragão.

— Se alguém está lhe dando problemas, me diga e eu vou lidar com isso. — Seu rosto era uma máscara de seriedade. E ele chutava a bunda de quem ele precisasse quando se tratava de Elle.

Depois de tudo o que os manteve separados - principalmente a teimosia de Elle - eles estavam vivendo seu conto de fadas em um apartamento de dois quartos acima do restaurante do avô de Nix, Tavola. Minha felicidade por ela era absoluta, mas tingia com a tristeza de que eu provavelmente nunca experimentaria. O mais perto que eu cheguei foi de trinta cartas sujas para um cara que me empurrou tão longe na zona de amigos que eu podia sentir o cheiro da grama recém cortada.

— Oh não. — Ela se escondeu debaixo do braço dele. — Você não está se envolvendo.

— Me ajude aqui, Jules. — Nix olhou para mim falando *coloque algum senso na cabeça dela* com o olhar.

Eu pulei um pouco. Seu foco estava tão completamente em Elle, que eu não tinha percebido que ele sabia que eu estava lá.

— Eu estou do lado de Elle aqui na discussão sobre se deve ou não bater em um cara com quem ela trabalha. Desculpe, Nix.

Ele balançou a cabeça e desembalou a comida. — Elle disse que ela deu seus biscoitos e brownies para Avery Cunning, da Bread & Butter?

Eu quase tropecei na mesa de café e apoiei as mãos no tampo da mesa lisa. — Você o quê? — Foi um grito para acabar com todos os gritos. Parte da tinta recém-seca descascava nas paredes.

Nix estremeceu e enfiou o dedo no ouvido.

— Não acredito que esqueci. — Elle bateu a mão na testa. — Eu estava tão distraída com suas outras notícias. Escapou da minha mente.

— Que notícias? — Nix olhou entre nós.

Ela acenou para ele. — Nix tem procurado novos fornecedores de sobremesas desde que o chef patissier saiu e eles estão se concentrando mais nos pratos saborosos. E o nome de Avery chegou ao topo da lista,

já que você recusou minhas ofertas para administrar sua própria pequena fábrica de sobremesas na nossa antiga casa. Eles estão procurando se ramificar com colaborações e tentando coisas novas. E tudo o que sai dali me faz querer morrer, então é a última coisa que eu provei.

Eu cuspi. — Eu sei. — Cobrindo meu rosto com as mãos, afundei no sofá. — Você realmente deu a ela algo que eu fiz? — Era como aparecer em uma aula de arte com sua pintura por números.

— Era o de caramelo salgado que você tem feito muito ultimamente, os brownies com pedaços de manteiga de amendoim e os biscoitos de café expresso com caramelo. Dei a ela o pote que você trouxe há duas semanas. Deixá-los ir foi provavelmente a terceira coisa mais difícil que eu já fiz.

Jogando meu braço sobre as costas do sofá, eu a encarei enquanto ela descrevia a interação como se não fosse grande coisa que Avery Cunning, dona de uma das melhores padarias da cidade, tivesse meus biscoitos em sua posse.

— Bem, nem todos os biscoitos. — Nix bateu no ombro dela.

— Eu roubei apenas alguns. Não ouvi nenhuma reclamação quando você devorou quase metade de um que eu salvei dessa máquina de mastigar sem parar que você chama de boca.

Ele abaixou a cabeça e fingiu que não tinha ouvido aquela última parte.

— Ela provavelmente os jogou fora no segundo em que teve a chance. — Abaixei minha cabeça contra as costas do sofá e fechei meus olhos, tentando respirar através da xícara de chá correndo em volta do meu estômago como um terrier.

— Nem mesmo perto. — Elle se inclinou contra o sofá ao lado da minha cabeça. — Ela deu uma mordida e seus olhos se fecharam e até gemeu um pouco.

Minha cabeça levantou. — Cale a boca! — Eu empurrei seu ombro e ela quase caiu sobre o sofá.

— Sim, com certeza. Alguma vez eu brinco quando se trata de sua comida? Pare com isso! Todo mundo ama tudo o que você faz. — Ela se prendeu ao meu olhar. — Todos. Mas não quis lhe contar nada até ter certeza.

— Saber com certeza o que?

— Eu mencionei eles se ramificando e brincando com a ideia de colaborações, bem, ela estava falando sobre essa coisa nova em que está pensando. E ela pediu para você fazer uma entrevista.

Eu atirei direto. — Entrevista?

— Tipo isso. Ela sabe que você ainda está na faculdade e tem aulas e outras coisas, então não é como trabalhar lá em período integral ou algo assim, mas ela estava pensando que você poderia estar interessado em algum tipo de estágio.

Contendo a vertigem de trabalhar ao lado de Avery Cunning na cozinha não estava acontecendo nem um pouco. Eu pulei no sofá, balançando a coisa toda, mas não me importei. — Vou até limpar os fornos, se é isso que ela quer. — Bread & Butter apareceu em todas as revistas da cidade nos últimos dois anos. Se eu trabalhasse com ela, aprendesse com ela, eu teria chances com a maioria das padarias e restaurantes da cidade. Eu não tinha uma educação culinária formal, então estava tentando descobrir como entrar no negócio com meu diploma de Filosofia.

— Perfeito. Aqui está o número dela. — Elle remexeu na bolsa e pegou um cartão de visita.

— Você tinha o número dela todo esse tempo e estava me segurando? — Eu peguei o papel da mão dela, segurando-o no meu peito como um duende com algumas moedas de ouro recém-descobertas. Evitei sussurrar “precioso”.

— Não é como se você tivesse feito algo diferente de encarar o cartão, e é por isso que eu lhe dei o seu, então se ela ligar, por favor atenda. — Ela pegou um prato de Nix e o entregou para mim.

Eu acenei. Comer não estava acontecendo até Avery Cunning falar essas palavras mágicas para mim. Apertei o retângulo de papel rosa pálido contra o meu peito ainda mais. O número pessoal de Avery estava escrito atrás.

Deixei Nix e Elle para fazer o que os casais fazem quando estão completamente apaixonados - se beijam. O terceiro beijo não tão furtivo entre os dois foi a minha deixa.

Uma vez fora do ônibus, checando três vezes se o toque estava ligado e no volume máximo, segurei o telefone, com medo de que ele se perdesse na minha bolsa e eu perdesse a ligação. A ligação.

Avery ligaria amanhã. Dancei um pouco e meus passos se aceleraram.

Parei no pé da escada da varanda. As luzes estavam acesas do outro lado da rua no quarto de Berk. Eu olhei para a janela dele e tive que lutar contra o desejo quase irresistível de correr até lá e contar minhas boas notícias. Ou voltar para dentro e escrever uma carta para ele do jeito que eu costumava fazer.

Havia um buraco na minha vida onde nossas cartas moravam, mas depois de assar um bolo para a misteriosa Alexis no ano passado, tive que parar. E eu não tive coragem de perguntar a ele quem ela era, mas quem, especialmente um jogador de futebol americano universitário, encomendaria um bolo para alguém com quem não se importava. Não era como se eu tivesse direito de bisbilhotar. A The Letter Girl mereceria uma explicação, mas eu era apenas sua vizinha do outro lado da rua. Isso teria me feito sair como a garota esquisita que gostava demais dele.

Obviamente, ele se importava com Alexis, até os outros caras sabiam dela, embora eles realmente não parecessem ter boas opiniões sobre ela, e eu não tinha sido capaz de colher detalhes específicos.

As mãos e olhares lançados quando ele a mencionou um dia me disseram quem ela era, ela era má notícia - e ela estava aqui para ficar. E eu não precisava colocar meu coração em risco contra outra garota. Eu não era exatamente a garota por quem os caras brigavam. Eu fui com quem eles decidiram dançar quando minha irmã ou amiga mais bonita já tinha um par. O prêmio de consolação. Mas eu não poderia ser isso com ele. Eu prefiro ficar à margem do que entrar no jogo e ser pulverizada.

Proteger meu coração. Descobrir o que diabos eu queria fazer da minha vida. E não tenha ideias malucas durante este fim de semana com Berk, especialmente em um local vulnerável. Na verdade, eu deveria apenas cancelar. Era melhor cancelar com ele do que suportar o que minha mãe e minha irmã tinham reservado para mim neste fim de semana.

Berk pode não me ver como uma opção, mas eu não queria que ele visse minha mãe e minha irmã me transformarem em vítima, e elas tinham o hábito desagradável de me transformar em seu posto de chicote sempre que nos reuníamos.

Daí o porquê de eu evitar isso o máximo possível.

O que diabos tinha acontecido comigo, para permitir que Berk fosse?

Eu me virei para atravessar a rua. Prefiro que Berk não testemunhe o iminente banho de sangue emocional. Eu me escondi da minha mãe e Laura por quase seis meses - além do convite de passeio. A barragem

reprimida de coisas-para-dizer-para-Jules tinha que estar transbordando. No meio da rua, meu telefone tocou. Peguei e atendi imediatamente, preparada para a ligação de Avery.

Mas isso não era até amanhã. — Julia.

A voz da mamãe era como um copo cheio de água gelada no meu rosto. — Sim, mãe.

— Estou verificando tudo para amanhã. Encontrarei todo mundo na Kelland, mas queria que você soubesse que, mesmo com o seu atraso para confirmar presença, temos um quarto grande o suficiente para você e seu amigo. Laura mencionou isso de passagem, mas eu queria checar se você está realmente trazendo um convidado. — Ela disse a palavra como se fosse algo inventado que provavelmente não existia.

— Absolutamente, mãe.

— Um amigo, é claro.

O que seria tão estranho sobre alguém querer namorar comigo? Minha pressão arterial disparou quando meu orgulho gritou. — Não. Ele é meu acompanhante. Eu tenho um acompanhante. — As palavras saíram e foram recebidas com um silêncio estrondoso que senti a necessidade de preencher. — Laura estava cem por cento correta. Berk é meu namorado. Estamos saindo há um tempo agora.

Ha! Pela primeira vez eu enfrentei seu equívoco judicioso, sua isca de mim. Eu não era uma perdedora, eu tinha um encontro! Eu tinha trancado a presença de Berk na festa e... Oh, Deus, eu tinha *dito as palavras* "estamos namorando"!

Eu resisti à vontade de gritar no telefone. Meu coração bateu forte no meu peito e eu me esforcei para descobrir uma maneira de recuar, pegar as mentiras de volta. Era como se eu tivesse tido uma experiência fora do corpo e comecei a vomitar todas essas coisas para salvar o rosto.

— Demorou um pouco para organizar e reorganizar, então espero que ele esteja lá.

Eu olhei para a janela de Berk e meus ombros afundaram. Voltar agora traria uma tempestade de merda ainda maior com minha mãe, especialmente se seus planos fossem jogados fora de controle.

— Sim, claro que estaremos lá. Berk está tão empolgado por finalmente conhecer minha família. — *O que você está dizendo?! Cale-se!* — Ele não perderia por nada no mundo.

— Bom.

— Eu queria perguntar sobre os livros de *Peter Rabbit*. — Os que eu continuava pedindo e nunca obtive resposta. Papai desenhou rabiscos no canto de algumas das páginas dos livros que lemos juntos. Eles eram uma parte insubstituível da minha infância e lembranças dele.

Silêncio morto no final dela. — Significaria muito para mim.

— Agora não é a hora. Não vou procurar essas caixas velhas agora, Julia. Estamos focando em Laura no momento. Não acredito em como você é egoísta. Vejo você amanhã.

Fim da chamada. Meu coração deu três pancadas de tristeza sobre os livros antes que o horror de meus enfeites com Berk voltassem rapidamente.

Oh meu Deus. O que diabos eu fiz agora? Eu arrastei meus dedos pelos cabelos.

Bem, merda. Eu fiquei no meio da estrada até que um conjunto de faróis rolou sobre mim. Cancelar agora não era uma opção. Eu podia ouvi-la cavar durante todo o fim de semana com a tristeza de eu estar lá sozinha depois de fazer uma coisa tão grande sobre "abrir espaço" para Berk. Eu não poderia levar isso em cima de toda a situação de Chad. Agora não era hora de hiperventilar.

Saí da rua, me fechei na minha casa e fui direto para a cozinha. Folheei meus cartões de receitas, verifiquei três ingredientes com força. Seria uma longa noite pela frente.

E em dois dias, eu levaria uma hora para fora da cidade para um lugar sem wifi e dividiria um quarto com Berk por duas noites. Peguei o saco de cinco quilos de açúcar do meu estoque de emergência. Açúcar mascavo, ovos e farinha suficiente para alimentar metade do campus. Corrida do açúcar, aqui vou eu! Eu precisaria de toda a ajuda possível para sobreviver neste próximo fim de semana.

05

JULES

Sentei na cadeira de metal azul pastel no escritório, cheia de bandejas, cartões de receitas e caixas de padaria. Minha perna saltou para cima e para baixo. Um funcionário me levou ao back office e disse que Avery estaria aqui a qualquer momento. Eu olhei ao redor da sala. Havia artigos emoldurados e pendurados nas paredes. Uma foto de Avery com um grandalhão que tinha que ser seu marido estava em sua mesa. Ela estava em um vestido branco bonito e simples e ele usava terno e gravata de verão.

O lugar cheirava incrível, como a minha cozinha às vezes - menos o cheiro persistente de mofo que não tinha saído depois de horas de limpeza profunda.

Eu tinha passado por todas as vitrines. Donuts, croissants, cupcakes e alguns biscoitos em bandejas.

A porta do escritório se abriu. — Sinto muito pelo atraso. Eu sou...

— Avery Cunning, eu sei. — Eu pulei e apertei sua mão estendida com muita força.

Ela foi empurrada para frente e apoiou a mão na mesa.

Eu me encolhi e soltei, sentando na cadeira, equilibrando a pasta com o meu currículo no colo. Seu cabelo estava em cima de sua cabeça e ela tirou o amado avental do pescoço e o colocou sobre a mesa na frente dela. Ela usava jeans e camiseta. Simples e pé no chão. Eu me senti um pouco vestida demais em minhas calças e blusa de botão.

— E você é a amiga de Elle com as habilidades assassinas.

Minhas bochechas coraram e eu tentei manter minha respiração sob controle. — Eu não diria isso.

— Eu diria. — Ela sorriu.

— Nada como as suas. Os bolos que você faz são incríveis. Os donuts também.

— Eu aprendi com um ótimo professor. Como você começou a assar? — Ela se inclinou para a frente, focando atentamente.

As chamas nas minhas bochechas poderiam manter o forno dela funcionando por dias. — Meu pai adorava assar. Ele tinha um grande

gosto por doces e estava sempre experimentando, por isso passamos muito tempo na cozinha. E eu era uma criança chata, então queria ajudar e ele me ensinou.

Ela sorriu e isso fez seus olhos brilharem. — Ele ainda assa? O que ele pensa do que você está fazendo?

Empurrei o nó na garganta. — Ele morreu quando eu tinha nove anos.

— Sinto muito por ouvir isso. Minha mãe faleceu quando eu tinha oito anos. Nós costumávamos assar juntas também. — Um pequeno sorriso triste que provavelmente espelhava o meu curvou seus lábios. — Eu posso ver de onde vem a paixão.

— É uma conexão.

Ela assentiu. — Absolutamente, e a alegria no rosto de outras pessoas quando elas comem o que fazemos...

— É como recuperar um pequeno pedaço deles.

— Eu sabia que gostaria de você, Jules. Ninguém que assa como você pode ser um idiota. Vou explicar tudo para você.

Puxei minha cadeira para frente, as pernas arranhando o chão de concreto polido.

— Estou com um pouco de falta de pessoal em alguns dos projetos que estou desenvolvendo. E também hesito em trazer novas pessoas por causa de coisas com meu marido.

Oh não, ele era uma trepadeira total ou algo assim? — Que coisas com seu marido?

— Emmett Cunning.

Espero que meu olhar vazio não tenha sido tomado como uma coisa ruim.

— E se eu não achava que poderia gostar mais de você, acabei de gostar. Ele é um atleta.

— Isso faz sentido. Eu já vi algumas fotos e definitivamente parece que ele malha.

Ela riu. — Eufemismo. Ser esposa de um atleta vem com alguns momentos extras e loucos, então tenho que ter cuidado com quem trago para o negócio.

A porta do escritório se abriu e uma mulher com jeans rasgados que parecia pertencer a uma gangue de motociclistas da Abercrombie entrou.

Cabelos cor de arco-íris estavam puxados para cima de sua cabeça em um coque estilo *eu não dou a mínima*.

— Ela é uma das loucas? — Eu sussurrei para Avery. A risada de Avery se transformou em uma risada completa.

— Absolutamente.

— Você disse a ela que você quer que ela seja sua nova estagiária porque você está grávida do bebê de seu marido gigante do hóquei?

— Max! — Avery gritou, jogando uma pilha de embalagens de cupcake na cabeça dela.

— O que? Eu sabia que você estaria contornando toda a situação.

Max puxou uma cadeira, girou-a em uma perna e sentou-se para trás. Um movimento total de garota legal. Se ela não tivesse uma jaqueta de couro escondida em algum lugar, eu comeria meu chapéu. Não que eu possuísse um, mas eu compraria um e o comeria – com etiqueta e tudo. Lindas tatuagens subiam um braço do pulso até o ombro. Definitivamente, ela não tinha problemas em mostrar os braços em público.

Avery suspirou. — Eu nunca deveria ter colocado aquela porta conectando sua loja à minha.

— Não, mas você gosta de tentar meus clientes com bolos personalizados e suas delícias, então é uma vitória para você. — Max sorriu e virou o olhar para mim. — Eu sou Max. Eu trabalho ao lado fazendo bolos personalizados. Mas Avery tomou um café melhor e eu adoro foder com ela. — Seu sorriso era um nível irritante de hilariante de melhor amiga. — Ah, você é a garota que ela está tentando colocar em seu pequeno experimento “dando um tempo”.

— Eu acho que sim.

Avery balançou a cabeça e sentou-se atrás da mesa. — Como Max colocou com tanta delicadeza, estou grávida e estar de pé e assar já será bem difícil, então gostaríamos de nos afastar um pouco e possivelmente fazer algum trabalho que não exija que eu acorde às quatro da manhã e fique doze horas seguidas na loja. É aí que você entra.

— O que você quer que eu faça?

— Entre e aprenda. Ajude na frente da loja durante o dia - em torno do horário das aulas, é claro. Também adoraria mostrar algumas de minhas receitas, e você pode ajudar a preparar pedidos para nossos maiores eventos. Eu tenho algumas pessoas em período integral e elas são ótimas, mas estou procurando alguém com seu tipo de talento.

Max estendeu a mão e empurrou os dedos contra o meu queixo, fechando minha boca aberta.

— Parece que ela está dentro. Você está, Jules? — Ela levantou uma sobrancelha.

Minhas palavras saíram em um estalido. — Claro, eu ficarei aqui pelo tempo que você quiser. Eu posso estar aqui às 4 da manhã, se você precisar que eu esteja.

— Eu não preciso de uma pessoa de manhã, mas me envie os horários que você estiver disponível e podemos descobrir uma programação que funcione para todos nós.

Uma hora depois, fiz um tour pela padaria e ainda não conseguia superar o fato de estar aqui. Eu comecei o catálogo mental do que precisava pesquisar quando chegasse em casa. Eu queria que este fim de semana da festa de noivado terminasse, para que eu pudesse começar já.

— Estes são assassinos. Avery ainda está testando para adicionar ao menu. — Max me entregou um mini bolinho de mirtilo com limão.

— Após o longo fim de semana, estarei aqui sempre que precisar de mim. — O sabor cítrico brilhante complementava tão bem o bolo de baunilha. Foi apenas uma mordida, mas caramba, eu queria mais. Tipo, toda essa maldita bandeja. E foi assim, senhoras e senhores, que eu acabei com o apelido de Gigantic Jules no ensino médio.

— Festejando antes do início das aulas? — Avery empurrou as grandes bandejas para fora do caminho.

— Eu gostaria. É a festa de noivado da minha irmã.

— Esse não é um rosto feliz. — Avery apoiou os cotovelos no balcão.

— Eufemismo do mês. Parece que ela estava falando que iria colocar a mão no triturador de lixo.

Eu era tão transparente? Merda, eu perdi meu toque. Eu teria que trabalhar para recuperar meu jogo neste fim de semana.

— Nada errado. Há muito a ser feito antes do início do semestre, e minha mãe pode ser... exigente.

— Ou seja, uma vadia total. Ouvimos você alto e claro, Jules. Não se preocupe, não somos prima donnas aqui. Além de Preggo My Eggo aqui quando ela está se esforçando demais. — Max lambeu a cereja dos dedos.

Avery chicoteou uma toalha na cabeça de Max, que ela abaixou como se tivesse sentido.

— Como você pode ver, eu poderia usar uma companhia não-esperta por aqui, e eu adoraria que você trouxesse algumas de suas próprias receitas, se você quiser. Podemos chamar de Especiais de Jules.

— Sim, absolutamente, eu posso fazer isso. — Ou eu me mataria tentando. Ter algo que eu fiz exibido na Bread & Butter era insano.

— Sim, não estrague tudo, Jules. — disse Max através da boca cheia de mais cupcakes. E eu oficialmente a odiei um pouco. Ela estava comendo mini cupcakes como se fossem pepinos e pudesse balançar a garota magra: "Eu posso entrar em qualquer loja e comprar a prateleira", enquanto eu ficaria no poste por uma hora hoje à noite para ter certeza de que mini cupcake não foi direto para minha bunda já gigantesca.

Quero dizer, para minha bunda bem-arredondada e forte. Você está feliz, Dr. Schuller?

— Obrigada pelo voto de confiança, Max.

Max se virou, seu rosto completamente sério. — Temos toda a confiança em você. Se eu não achasse que você poderia fazê-lo, teria tirado você do escritório de Avery em cinco minutos. Você conseguiu.

Um elogio de Max é algo que acho que não acontece com muita frequência. No curto espaço de tempo desde que eu a conheci, esse comentário significou o mundo para mim.

— Eu não vou decepcioná-la. Qualquer uma de vocês. — Olhei para Avery e Max. Elas me deram um sorriso tranquilizador e me mandaram para casa com uma sacola cheia de donuts, cupcakes e croissants. Eu ainda estava em choque no táxi no caminho de volta ao campus.

Quando peguei meu telefone para mandar uma mensagem para Elle, ele vibrou na minha mão.

BERK: Quando posso provar sua cobertura novamente?

Eu tentei não corar e falhei muito. Por alguma razão, escrever todas as coisas que eu escrevi para ele estava bem, mas por texto, texto real ao vivo onde ele sabia quem eu era, isso era um inferno, não. Ele era um flerte. Eu nem sei se ele sabia que estava fazendo isso.

EU: Estou no caminho de casa agora. E eu tenho guloseimas extras.

BERK: Aguardando ansiosamente sua chegada.

O táxi parou e minha porta se abriu antes que eu pudesse juntar todas as caixas no banco ao meu lado. Eu gritei.

Berk enfiou a cabeça na parte de trás do táxi. — Você disse guloseimas extras? Estou morrendo de fome. — Ele tinha um alcaçuz pendurado na lateral da boca.

— Como você pode estar morrendo de fome? Você está mastigando ativamente. — Eu o cutuquei com meus pés.

— Isso foi só para eu não começar a roer as tábuas da sua varanda. Me deixe levar. — Ele tirou as caixas das minhas mãos e cutucou a tampa entreaberta.

Bati minha mão sobre a dele. — Não furte as mercadorias. Não são todos para você.

Um suspiro ofendido saiu da boca dele. — Para quem mais você tem dado suas delícias?

Um nível cinco vezes mais profundo corou em minhas bochechas. Subimos os degraus. — Você não gostaria de saber? — Chamei por cima do ombro quando abri a porta.

— Eu com certeza gostaria. A única razão pela qual estou ansioso para estudar as sessões deste semestre é porque você sempre assa para elas. — Ele deslizou as caixas sobre a mesa da cozinha.

Minha cabeça disparou. — Eu não sabia que tínhamos aulas juntos este semestre.

— Ética, lembra? Uma mudança tardia para mim na aula de Buchanan.

— Você voluntariamente mudou para a aula dele? Só peguei porque precisava de uma última aula de ética e a dele foi a única que se encaixou na minha agenda. — Peguei alguns pratos da prateleira.

— Mesmo. — Ele escovou granulado do lado da boca.

— Berk!

— O quê? — Seu olhar inocente de olhos arregalados não fez nada para remover a mancha de chocolate no lado da boca.

Peguei um guardanapo e limpei o local. — Da próxima vez, seja melhor em esconder as evidências. — Eu ri e abri as caixas.

— O que é tudo isso? Não é sua cozinha habitual.

— Meu novo estágio.

— Está no Bread & Butter?

Eu assenti. — Eu preciso melhorar meu jogo. Você está disposto a ser um testador de sabor? Tenho um pouco de glacê na geladeira.

— Eu provaria sua massa em qualquer dia da semana, Jules.

Suas palavras rolaram pela minha pele como calda de chocolate. Ele era bom demais para flertar. Muito bom. Quase me fez sentir como se eu fosse especial. Eu me encolhi, querendo enterrar minha cabeça na areia ou talvez quebrar minha perna para ter uma desculpa para não ir à festa de noivado. E depois deste fim de semana, eu só podia esperar que a maneira como ele me via não mudasse.

06

BERK

O baixo do clube matou o burburinho de biscoitos que eu tinha no caminho. Meu ritual pós-treino de pegar algo doce na casa de Jules foi interrompido por mais um texto de Alexis.

Depois do decreto de LJ de não trazê-la para casa, eu dormia na casa dela. Eu nem tinha percebido que eram quase onze horas quando recebi a ligação de Alexis na casa de Jules até ver as horas. As horas derreteram quando eu estava vendo Jules fazer o que ela fazia. E ela fazia isso tão bem. Toda vez que eu entrava na porta, havia sempre um sorriso enorme e aquela sensação quente e brilhante no meu peito.

Mas baunilha, açúcar e chocolate foram substituídos por suor, cerveja e misturados muito doces.

Uma cabeça acima da maioria das pessoas no clube, pelo menos eu tive mais facilidade em encontrar Alexis. Dançando em uma mesa na área VIP isolada - típico. E escorregar e caiu em um dos sofás alinhados contra a parede dos fundos.

Eu passei no meio da multidão, sem medo de dar alguns golpes no ombro das pessoas que bebiam suas bebidas em cima de mim. Uma viscosidade molhada penetrou nos meus tênis. Reece provavelmente faria um funeral viking para eles se descobrisse.

Na corda de veludo, o olhar do segurança iluminou-se com reconhecimento e passou de cão de guarda a um lampejo de confusão a um aperto de mão amigável e um tapinha nas costas no espaço de cinco segundos.

— Ganhei trezentos dólares naquela jogada de interceptação que você executou na última temporada. — Ele soltou minha mão, exibindo um sorriso largo.

— Que bom que deu certo. — eu gritei de volta e enfiei as mãos nos bolsos. Ser reconhecido sempre pareceu estranho. Nix lidou com isso como um profissional - ele provavelmente recebeu dicas do pai. Mas eu tinha coisas maiores para lidar esta noite. Nomeadamente, a bunda bêbada e ruiva dela tomando outro gole de sua bebida.

— Pode me ajudar? Estou aqui por ela. — Levantei meu queixo em direção à versão além de embriagada e trôpega de Alexis.

— Namorada?

Eu balancei minha cabeça. — Não.

Ele me olhou de cima a baixo e levantou a corda de veludo.

Em frente a Alexis, eu a encarei se levantando do chão e pegando outra bebida.

— Oh não, você não vai. — Eu a levantei fora de seu alcance.

Seu olhar se estreitou e depois se iluminou quando seu cérebro embaçado pela bebida registrou meu rosto. — Berkie, você veio. — Ela jogou os braços em volta de mim e os amarrou no meu pescoço.

Coloquei meus braços em volta dela e desviei o rosto do cheiro de álcool que permeava um raio de um metro e meio ao seu redor. — Jesus, Alexis, o que diabos você está vestindo? — Desviei o olhar e fiquei a três segundos de tirar minha própria camisa e colocá-la nela. Minha mochila estava no carro ou eu teria uma camisa térmica e uma calça de moletom para colocar nela. — Vamos tirar você daqui.

— Mas eu quero ficar. Vamos nos divertir, vamos dançar. — Ela tentou levantar meu braço sobre a cabeça.

— Alexis. Nós estamos indo embora. Você está além de bêbada e nem tem 21 anos ainda.

— Não estrague minha noite. Eu convidei você para que pudéssemos nos divertir. — Somente um tradutor experiente de Alexis bêbada entenderia o que ela estava dizendo.

— Você não me convidou. Você disse que precisava de ajuda.

— Eu disse, mas então encontrei alguns caras para me comprar bebidas. Problema resolvido! — Ela sorriu como se fosse um gênio por traçar esse plano complexo.

— Estamos indo. Você pode sair ou eu posso te carregar. — Eu envolvi meus dedos em seu braço.

— Me leve. — Ela jogou os braços na frente dela e fez beicinho como quando ela tinha tinha oito anos e lhe foi dito que não podia sair da mesa até que ela comesse seus brócolis. Ela ficou sentada até a hora da escola de manhã, com os olhos turvos e sem comer brócolis.

— Que porra é essa, cara? Nada de caça furtiva. — Um cara meio metro mais baixo do que eu e provavelmente cento e cinquenta quilos encharcados chegaram a mim. — Temos comprado rodadas para ela. Você não pode simplesmente entrar e bloquear o meu pau assim.

Os olhos de Alexis se arregalaram e ela mordeu os lábios como se isso fosse hilário.

Eu não estava com vontade de brigar esta noite, mas eu faria. A batida do baixo combinava com a pulsação no meu pescoço.

— Considere seu pau oficialmente bloqueado. Ela é minha irmã e eu a estou levando para casa.

A cabeça do cara balançava de um lado para o outro entre eu e Alexis do jeito que eu odiava, comparando a nossa aparência. Isso fez minha pele arrepiar e querer dar um soco em algo duro - como seu rosto presunçoso.

— Você não é meu irmão. — Alexis se arrastou, caindo dentro de mim.

Toda vez que ela dizia essas palavras, doía. Mesmo todos esses anos desde a primeira vez. — Nós não vamos ter essa conversa aqui. — Virei para o cara, que estava acompanhado com mais dois amigos. — Ela está indo embora. Se afaste ou eu passo por você. — *Não se mexa, cara.* Eu não queria brigar, mas eu poderia bater na bunda dele em meio segundo.

— Ele percorre homens com três vezes o seu tamanho todos os dias da semana. Eu o escutaria. — gritou o segurança do posto de sentinela.

O cara olhou para mim e depois olhou para Alexis. — Você teria sido um leigo desleixado, de qualquer maneira. Pegue ela.

Fechei os punhos ao meu lado, rangendo os dentes com tanta força que minha mandíbula doía.

Eu me mexi nas pontas dos pés, pronto para derrubar esse cara, mas então Alexis deslizou a mão na minha. — Berk, eu não me sinto tão bem. Você pode me levar para casa?

Agarrando sua mão, eu a puxei dali e para dentro do meu carro. As luzes da rua passaram enquanto nós dirigíamos em silêncio para o apartamento dela.

Meus ex-pais adotivos a haviam mudado para um estúdio na área de University City, provavelmente esperando que ela finalmente tomasse uma decisão sobre a faculdade por estar com tantos estudantes. Tudo o que tinha feito foi abrir ainda mais lugares gratuitos para ela beber antes dos vinte e um anos. Às vezes, tarde da noite, eu olhava para o teto do meu quarto e tentava imaginar como seria minha vida se não tivesse sido expulso da casa deles. Eu teria um lugar para voltar no Dia de Ação de Graças?

Natal com presentes debaixo da árvore com meu nome neles? Os pais que mandavam mensagem e ligavam para me checar, ver como a faculdade estava indo? Se eu estava namorando alguém?

Alexis nunca parecia se importar. Nunca me senti confortável lá. Nunca acreditei que fosse real. Não era como se eu não estivesse lá também. Mas eles realmente deram uma merda e eu sacrifiquei algo real por ela. Algo em que ela ainda não sentia que podia confiar. Isso partiu meu coração por nós dois.

Usei minha chave reserva e a ajudei a entrar com minha mochila pendurada no ombro. Isso nunca tinha falhado comigo ainda. Tudo o que eu precisava e tudo o que importava estava nela.

As paredes cinza claro e os detalhes coordenados do espaço fazia com que parecesse algo de um catálogo. Além das caixas de pizza vazias, os recipientes e os copos meio vazios na maioria das superfícies planas.

Com os lábios apertados, abri o armário embaixo da pia e joguei pratos de papel e outros lixos na lata de lixo. Esse lugar parecia pior do que o Brothel, e havia quatro caras morando lá.

Quando o saco de lixo estava cheio até a borda, amarrei e deixei cair ao lado da porta, resmungando o tempo todo. Vasculhei minha mochila, empurrando suavemente a caixa embrulhada para presente e encontrei a garrafa muito grande de ibuprofeno. Depois de encher um copo de água, verifiquei a hora. *Porra*, treino em menos de quatro horas.

— Você está com raiva de mim? — Ela olhou para mim quando eu lhe entreguei os comprimidos e enfiei a água em sua mão.

Eu belisquei a ponta do meu nariz. — Não.

Ela bebeu metade do copo. — Você parece bravo. — Sua voz baixa me lembrou a garotinha assustada em sua primeira noite em um novo local. A primeira vez que ela terminou no sistema com um vestido fino como papel no inverno, segurando um coelho de pelúcia sem um olho. A orelha acinzentada daquele mesmo coelho apareceu debaixo dos cobertores.

E a raiva fervente por sua irresponsabilidade evaporou. Ela ainda era apenas minha irmã mais nova. — Me preocupo com você. Esta é a segunda vez que você me manda uma mensagem esta semana para ir buscá-la. Você desaparece durante todo o verão e a temporada de futebol está chegando e você continua tendo colapsos.

— É bom saber que o futebol é mais importante que eu. — Ela cruzou os braços sobre o peito e a camiseta do Bob Esponja que também poderia ter sido uma tenda.

— Você é minha irmã. Nada é mais importante que isso.

— Exceto pelo futebol.

Eu joguei meus braços para cima. — Você está bêbada. Você precisa descansar um pouco e eu preciso voltar para minha casa. Eu tenho treino de manhã.

Ela pegou minha mão. — Você não pode ficar? — Os olhos do cachorrinho. Sempre com os malditos olhos de cachorrinho, e ela os usava porque eles funcionavam.

— Tudo bem. — Peguei minha pilha de cobertores do armário.

— Você não precisa dormir no sofá.

— Como se eu quisesse levar um soco na cara por suas agitações a noite toda. Não, obrigado. Além disso, quem sabe quando você lavou os lençóis pela última vez.

— Mamãe veio na semana passada, então há uma semana. — Mamãe e papai. Os mesmos mãe e pai depositando as pontas dos pés na idade adulta, que ficavam sem rumo - fora das festas.

— Ela ainda lava a sua roupa. — Tirei alguns travesseiros.

Ela encolheu os ombros. — Ela se oferece.

— Talvez eles não querem que você atraia percevejos.

— Isso aconteceu uma vez. Eles ainda trazem isso à tona em todos os jantares de domingo.

— Você quer dizer aqueles que você nem mais frequenta?

— Eu tenho comida aqui. — O rolar de olhos era praticamente audível.

— Quando foi a última vez que você foi a um?

Ela encolheu os ombros.

Eu desdobrei tudo. Tirei meus sapatos e peguei minha mochila no chão.

— Talvez ela esteja apenas procurando uma desculpa para me checar.

— Como qualquer mãe preocupada. Você não é exatamente conhecida por fazer as melhores escolhas.

Ela se jogou na cama e passou o braço sobre os olhos. — Não comece com isso de novo.

— Começar o que? Te dizer que talvez você precise tomar algumas decisões e parar de esperar que todos os outros limpem sua bagunça?

— Não peço a ninguém que faça o que não quer. — Ela olhou para mim.

Não, ela não pede. Ela nunca pediu. Era sempre um pedido, mas as imagens vívidas de que tipo de problemas ela podia se meter sempre me levavam à ação, mesmo quando eu deveria deixá-la aprender com seus próprios erros. Esse era o problema de se preocupar com alguém que parecia não ter nenhuma forma de autopreservação - você sempre queria protegê-los da queda.

Levei minhas coisas no banheiro. Minha escova de dentes estava na pia ao lado da de Alexis. No estúdio que seus pais alugaram para ela. Os mesmos que foram meus pais por um tempo curto. Eles abriram os braços para mim - para nós.

Demorei uma semana para finalmente dormir sem os sapatos, mas depois dormi e tivemos noites de cinema com pipoca e refrigerante. Hora da lição de casa depois da escola todos os dias. Algumas crianças reclamavam disso, mas o fato de Barry e Patricia - embora ela dissesse que poderíamos chamá-la de Patty - se importarem com a gente foi outra maneira de mostrar que se importavam. Como antes de eu entrar no sistema e minha mãe biológica chegar em casa do segundo emprego antes do terceiro turno e se certificar de que eu fiz o meu. Eram planilhas e coisas simples, mas isso não importava.

Mas mesmo depois de todos esses anos, nunca fui convidado para voltar à casa de Barry e Patty. Nem mesmo para um único feriado. Não depois do que eles pensaram que eu tinha feito. Talvez não valesse a pena o tempo para o garoto que viam jogando sua generosidade de volta em seus rostos. Eu não estava mais amargo com isso - pelo menos tentei não estar.

Empurrei esses pensamentos. Não adianta insistir nessa merda. Ha, disse o cara que colocou toda a sua carreira profissional e toda essa temporada de futebol em algo que deveria ter sido deixado no passado. Troquei a calça e a camiseta pelas da mochila. Esse Jansport azul-marinho e preto esfarrapado sempre estava nas minhas costas.

Alexis apagou as luzes enquanto eu estava no banheiro. Socando meu travesseiro algumas vezes, deitei no sofá carregado de travesseiros e cobertores. Alexis estava ficando cada vez mais fora de controle, mas cabia a mim estar lá por ela, não importa o quê.

Nós éramos uma família.

— Você pode não me chamar de irmã o tempo todo?

Por que ela simplesmente não atirou direto no meu coração?

— Todo mundo sempre faz essa matemática mental quando está olhando para mim e para você, e isso não se soma e isso traz à tona as perguntas e... eu odeio isso, ok?

Não fez doer menos. Eu também odiava esses olhares. Aqueles que te chamaram de mentiroso sem nunca dizer uma palavra. Doeu e eu odiava, mas eu entendi.

— Por favor, não fique bravo. Eu amo você, Berk. — Sua pequena voz cortou o apartamento.

E isso derreteu toda a minha raiva. Não era isso que as irmãzinhas deveriam fazer? Apertar botões. Fazer você querer estrangulá-las? E depois, no final do dia, elas ainda te amavam?

— Também te amo, Alexis. Boa noite. — Eram quase três horas da manhã. Praticar amanhã seria uma merda. Mas pelo menos depois disso eu passava dois dias inteiros com Jules, não que eu estivesse contando e que nada iria acontecer. Apenas dois amigos, saindo para o fim de semana.

07

BERK

Um ensurdecedor apito soou dentro do capacete. O suor escorria pelo meu rosto e tudo no meu corpo doía. A tinta das linhas no campo cruzou minhas costas após os exercícios que eu tinha por vinte minutos antes de nossa luta. A pré-temporada sempre se prolongava por muito tempo. Sem a adrenalina de correr para o campo na frente de milhares de pessoas perdendo a cabeça, e uma equipe adversária para enfrentar, a rotina de práticas de dois dias teve seu preço.

O treinador não estava feliz com a minha chegada na hora certa, então eu tive que dar voltas. Meu próprio inferno pessoal. Ei, vamos pegar esse lineman que nunca teve que correr mais de vinte metros em uma corrida para dar voltas. Não que eu não pudesse usar o cardio extra. Não houve impedimento este ano. Era sobre colocar tudo em risco e empurrar com mais força do que eu já tive. Eu não estava entendendo direito nem nada, mas não tinha o luxo de um negócio de família ou apoio para recorrer como Nix. Mesmo com um diploma, seria difícil encontrar trabalho sem uma rede de segurança. Mas alguns anos nos profissionais e eu estaria pronto para a vida toda.

Agora, no entanto, eu estava a oito segundos de vomitar. Apoiei minhas mãos nos joelhos. Correr em quadras cheias e ir direto para a formação foi o que consegui por resgatar Alexis na noite passada. A segunda vez nesta semana. Desta vez, ela se viu presa uma hora fora da cidade em uma House Party[4] em Jersey.

Os treinos de dois dias que antecederam a abertura da temporada eram brutais, mas ninguém conseguiu questionar os métodos do treinador. Tínhamos vencido o campeonato nacional no ano passado, e todos sabíamos que, com a saída de Nix e Reece, havia muito terreno a ser percorrido para levar nossas bundas à dança por dois anos seguidos.

Nosso novo QB, Austin, estava fazendo tudo ao seu alcance para que isso acontecesse, e eu seria o cara atrapalhando os outros caras tentando tirar a cabeça dele. Nós nos amontoamos e nosso QB repassou a jogada.

Quebrando o círculo, corremos para nossas posições.

[4] Festas em casas alugadas para isso.

Me agachei, as pontas dos dedos afundando na grama recém-cortada e meticulosamente mantida. Essa grama provavelmente recebeu mais cuidado e atenção do que 85% das pessoas neste mundo.

A energia estalou ao longo da linha enquanto todos esperavam pelo apito. Minhas pernas formigavam, esperando o som revelador da bola batendo na palma da mão do QB. Houve a chamada e bateu. Usando a memória muscular arraigada desde a primeira vez em que fiz esses exercícios no ensino médio, ataquei adiante, impedindo a defesa que queria nada mais do que sair dessa prática com o aceno do treinador. Não está acontecendo.

A bola passou sobre minha cabeça e meu trabalho foi feito. Um passe de touchdown e o novato se curvaram, apoiando as mãos nos joelhos.

— Você fez bem, garoto.

Ele olhou para mim com um sorriso enorme. — Garoto? Sou apenas um ano mais novo que você, cara de merda.

— Mas muito mais sábio eu sou. — Apertei as palmas das mãos e fui para a melhor representação de Yoda que eu conseguia, com quase um metro e noventa e levantando pelo menos vinte quilos de equipamento pelo campo.

— Mais como mais irritante.

— Um homem sábio é outro tolo.

Ele balançou a cabeça e deu um soco nas minhas ombreiras. — De qualquer forma, obrigado por ter minhas costas em campo. Eu não vou decepcioná-lo. Eu sei que com Nix saindo as coisas são diferentes.

— As coisas sempre mudam. — Melhor do que ninguém, eu sabia com que rapidez a vida poderia se tornar areia movediça sob seus pés. Engula isso e se adapte ou acabe em uma espiral que o deixa na porta da morte ou em algum lugar pior.

— Você está matando até agora. Não se deixe enganar. Continue executando as jogadas como você está fazendo e eu vou manter a linha defensiva longe de sua bunda o máximo que puder. — Era uma coisa em que eu chutava a bundas - proteger o QB a todo custo. Melhor eu tocar minha campainha, que as costelas machucadas ou um gancho direto no rosto do que o cara que chama as jogadas. Se a bola chegasse onde deveria, estávamos bem.

— Mas você lança algumas interceptações e eu vou deixá-las te bater um pouco.

— Obrigado. — Ele revirou os olhos. — Sem pressão.

Eu balancei suas ombreiras e elas bateram contra seu capacete. — Apenas uma dica.

— Por que o treinador colocou LJ no banco durante toda a pré-temporada? — Austin protegeu os olhos do sol do final de agosto, olhando para o nosso canto que deveria estar à margem, parecendo que ele poderia morder barras de aço.

— É complicado. — Eu dei um tapinha no ombro dele.

LJ cometera o infeliz erro de irritar nosso treinador de várias maneiras. Você imaginaria que ser o melhor amigo de sua filha seria uma vantagem. Isso estava tão longe do caso que pairava na atmosfera externa, visível apenas com um telescópio. E só piorou quando Marisa se mudou para o Brothel. O nome provavelmente não ajudou muito.

O treinador nos juntou. — Vocês todos se esforçaram bastante nesta pré-temporada. Nós estamos indo para a próxima temporada e eu quero que vocês tenham em mente que, sem os formandos do ano passado, não temos isso em nós. Cada um de vocês... — Seu olhar congelou em LJ e seus lábios se apertaram. — Quase todos vocês têm o que é preciso para tornar esta outra temporada vencedora. Vocês têm folga no fim de semana do Dia do Trabalho.

Caras bateram seus capacetes juntos e aplaudiram.

— Vocês têm esses três dias de folga e estou confiando em que todos descansem e eu não me arrependa de ter dado a vocês algum tempo antes do início do semestre. Preparem-se para suas aulas. Durmam um pouco. Não me obriguem a comparecer a nenhuma reunião do conselho de honra quando voltar. Liberados.

Toda a equipe atacou o túnel, pronta para três dias de folga. A energia que diminuiu durante o treino rugiu de volta. O cheiro inconfundível de cânfora dos géis de massagem, suor e sabão encheu o vestiário.

Fui direto para os chuveiros, não querendo me atrasar para ver Jules. Desde que eu teria treino até tarde, eu disse a ela que a encontraria no ponto de busca do ônibus para onde quer que estivéssemos indo.

Ela teve que ir mais cedo para ajudar sua irmã. Eu deixaria meu carro em casa e pegaria um táxi até lá, para não me atrasar. Eu me certificaria de comer e beber o tudo o que pudesse para compensar o dinheiro da minha carteira.

Alguns caras já estavam fechando os armários e saindo, com as roupas grudadas nos corpos quase secos. As aulas começam em três dias e não haveria folga após o início do semestre. Às vezes era bastante difícil manter os olhos abertos depois do treino, mas adicione as aulas e eu seria 90% alimentado com cafeína e açúcar.

— Parece que alguém está pronto para a festa. — LJ ficou ao meu lado, sem uma gota de suor nele.

— Eu tenho certeza que você e Marisa têm algum ritual pré-aula, incluindo pintura no rosto, bichos de pelúcia e triciclos que vocês pilotarão na floresta para completar. — Peguei uma toalha da pilha e sequei meu cabelo.

— Não na floresta. No quintal. — ele disse distraidamente, tirando a camisa. Ele nem estava usando equipamento.

— Você falou com o treinador?

LJ bateu o cotovelo contra a porta aberta do armário e soltou uma maldição. — Ele vai me impedir de ser convocado.

— Por que você não joga o jogo dele? Apenas o suficiente para você ter algum tempo no campo. — Enrolei uma toalha em volta da minha cintura, a água escorrendo pelo meu peito.

— E abandonar Marisa? — Ele olhou para mim como se eu tivesse sugerido corta-la em pedacinhos e joga-la em um mar de crocodilos.

— Perguntar se ela iria aos jantares semanais de seu pai sozinha não é um abandono. Ela pode sentar em silêncio com ele sozinha; ela não precisa de você lá como seu cavaleiro branco. Não às custas da sua carreira. Você pensaria que ela se importaria com isso.

Os lábios de LJ bateram juntos. — Sério? E Alexis? — Seu olhar se intensificou.

Peguei minha camisa do armário. — Isso é diferente e você sabe disso.

— Não, não é diferente, de jeito nenhum. Lembre-se de suas palavras da próxima vez que ela ligar ou mandar mensagens de texto com alguma besteira da qual ela precisa ser resgatada.

— Quem precisa de resgate? — Keyton colocou a toalha em volta da cintura.

— Ninguém. — Enfiei a cabeça na minha camisa, tentando me vestir o mais rápido possível.

— Alexis. — disse LJ ao mesmo tempo.

As sobrancelhas de Keyton mergulharam. — Ela é a ruiva? A baixinha que tentou roubar a carteira de LJ?

— Exatamente ela. — LJ jogou a toalha na balde gigante que transbordava no centro do vestiário.

— Ela pensou que era minha. — Puxei meu tênis verde novinho em folha com listras brancas da Adidas, cortesia de Reece, do meu armário. Aparentemente, meus sapatos de cinco anos, não mais brancos e com bordas rasgadas eram demais para ele suportar, então eu finalmente o deixei comprar um par para mim. Depois de Seph, sua futura noiva e futebol, os sapatos eram a terceira coisa mais importante para ele.

Eles eram bons sapatos, mas mesmo agora eu olhei por cima do ombro enquanto os pegava no meu armário e os calçava. Mesmo quatro anos depois de deixar a casa de grupo, ter coisas novas me deixava paranoico. A maioria das pessoas não queria roubar coisas velhas de outras pessoas. Eles deixavam em paz e buscavam coisas mais chamativas e novas. Eu precisava me afastar disso.

— Oh, entendi. Ela não sabia que estava tentando me roubar. Ela pensou que estava roubando de você, e isso deixa tudo bem.

— Não é roubo se ela sabe que pode levar o que quiser quando quiser.

A carranca de LJ se aprofundou como se houvesse pesos presos aos cantos de seus lábios, arrastando-os para o chão. — É bom saber que ela tem um passe livre para roubo. Da próxima vez que ela aparecer, eu vou trancar minha porta.

A água do meu cabelo encharcou a camiseta quando saí do estádio, precisando sair de lá. Sempre que LJ iniciava um discurso de Alexis, era mais fácil pagar a fiança. Pelo menos Reece e Nix estavam fora de casa, para que não pudessem se envolver comigo. Eles não entendiam e não queriam. Crescendo como eu, havia algumas pessoas com quem você contava e outras com quem você não se dava. E ela contou comigo. Precisava de mim e confiava em mim. Eu não a abandonaria porque às vezes ela tinha uma pasta completa de casos de dedos pegajosos. Não que eu não estivesse lá quando era mais jovem. Às vezes, as dores da fome eram fortes demais para serem ignoradas e a estática na minha cabeça ficava tão alta que eu mal conseguia pensar direito, mas direito o suficiente para enfiar uma maçã ou uma barra de chocolate nos bolsos para me proteger nos fins de semana até conseguir almoçar novamente na escola.

Roubar nem sempre era sobre querer as coisas de outra pessoa, mas eu não os corrigia. E foi um lembrete de que minha realidade não

era a que a maioria das pessoas havia tido. Havia pessoas lá fora, com famílias amorosas, que nunca souberam como era beber um litro de água para ter *algo* em sua barriga, apenas para que você pudesse dormir.

Eu sentei no meu carro e bati meus dedos contra o volante, olhando para a casa. Entrar correndo, pegar minha mochila, deixar meu equipamento e depois encontrar Jules. Eu pedi o táxi no meu telefone. Três minutos.

A rua estava tranquila, sem muitas pessoas por perto. O momento perfeito para alguém passar despercebida e deixar algo sexy para trás na caixa de correio. Eu tinha acabado de fazer duas horas de atividade física hardcore, e meu coração estava batendo como se tivesse acabado de sair de uma maratona.

Saindo do meu carro, subi as escadas três degraus de cada vez e fiquei na varanda em frente à caixa de correio. Soltei um suspiro e levantei a tampa. A mesma decepção do pisão em meu coração apertou meu peito. Ainda estava lá. Minha carta. O que eu reescrevi dez vezes e não fez diferença. As ondas esmagadoras de decepção só aumentaram. Seria apenas uma questão de tempo até eu me afogar.

Todos os dias, sem nenhuma palavra dela, tornavam as palavras da sua carta final muito mais profundas. Era como perder uma conexão com alguém no mundo que sabia mais sobre mim do que a maioria das pessoas. Eu a deixei entrar e agora ela estava me expulsando.

Pelo menos ir a essa festa de fim de semana com Jules significava que minha caixa de correio não estaria a três metros de distância, me provocando toda vez que eu chegava na porta. Alguns dias me ajudariam a clarear a cabeça e a quebrar o feitiço que TLG tinha em mim - talvez.

08

JULES

Eram quase seis. Eu não queria entrar sem Berk, principalmente para não desistir e cancelar com ele no último minuto. Além disso, pelo menos se ele estivesse aqui, eu teria um rosto amigável na multidão. Ficar com o grupo da minha mãe e os amigos de Laura não era exatamente a minha zona de conforto. Laura já tinha pegado minha mala de mão e eles a guardaram em algum lugar.

A estrutura histórica de granito e mármore do edifício projetava uma grande sombra sobre a rua da cidade.

— Desculpe, estou atrasado. — Berk deu a volta pela lateral do prédio. Ele tinha uma mala sobre um braço e uma mochila sobre o outro.

A porta do prédio se abriu novamente e Laura saiu. Seu passo vacilou por um segundo quando seu olhar pousou em Berk. — Você está aqui. — Seu sorriso era dolorosamente doce.

Um cenário de pesadelo passou pela minha cabeça. Uma onde ela passava o fim de semana inteiro de noivado fingindo ser a irmã perfeita e linda, e eu veria ela e Berk se beijando em um canto de algum lugar.

Ou pior, em intensa conversa cheia de risadas e qualquer desculpa para se tocar como se o pensamento de estar fisicamente separados doesse. E eles me puxavam para o lado e diziam que ela estava cancelando o noivado porque ela e Berk apenas clicaram. Ele diria que nenhum deles esperava que isso acontecesse, mas às vezes essas coisas vêm dos lugares mais inesperados. E então ela dizia que não era como se Berk e eu tivéssemos durado, e eu deveria ficar feliz que ela finalmente encontrou o cara - o novo. Eu deveria ser feliz por ela não estar mais com Chad - e me daria toda a bênção para tê-lo de volta.

Agora parecia que meu escudo poderia ter um botão secreto de autodestruição que eu não conhecia.

— Desculpe, o treino demorou e eu não queria aparecer aqui todo suado. — Um grande ônibus preto com janelas coloridas parou no meio-fio.

Laura fez um som como se o pudesse lambe-lo caso ele aparecesse todo quente e suado - inferno, ela poderia fazê-lo agora. — O que você joga?

— Futebol.

— Um jogador de futebol da Fulton? Não é exatamente a sua velocidade, é, Julia?

Meu sorriso se apertou. *Minha velocidade não é da sua conta.* — Ele é incrível. Berk vai se juntar ao draft no final da temporada.

As portas atrás dela se abriram e todo mundo que bebia taças de champanhe e coquetéis como se fosse o fim dos tempos saiu como se fosse uma garrafa destampada.

— Todo mundo entre no ônibus. E alguém pode pegar a bolsa de Berk? — Laura chamou ninguém em particular, mas um cara de uniforme apareceu ao lado dela para pegar as malas de Berk.

A mala, ele soltou sem problemas, mas quando o sujeito uniformizado tentou pegar sua outra mochila, ele a segurou com força.

— Não isso. — Ele puxou a mochila de volta. O sujeito uniformizado olhou para Laura.

— Eu tenho todos os meus livros aqui para estudar um pouco no fim de semana antes do início das aulas. Eu farei isso no ônibus.

Laura pressionou uma das mãos recém-cuidadas contra o peito. — Isso é tão academicamente consciente. Que maravilha encontrar um atleta que também se preocupa tanto com o seu diploma. — Laura pegou o braço dele e o levou em direção ao ônibus.

Berk olhou por cima do ombro para mim.

Eu segui junto, entrando na fila de foliões entrando no ônibus. Todos saíram do caminho de Laura como se ela estivesse a caminho da coroação, porque é claro que sim, e tudo giraria em torno dela neste fim de semana.

Chegando ao topo da escada, esperava ver Laura amontoada com Berk sob o pretexto de fazê-lo se sentir mais em casa antes do início do fim de semana. Em vez disso, estava sentada com Chad, que abriu outra garrafa de champanhe, as bolhas transbordando pelo chão.

Entrei no banco vazio ao lado de Berk, no momento em que o ônibus se afastou do meio-fio e me bateu nele, quase me jogando em seu colo.

Berk apoiou as mãos nos meus ombros, para não esmagá-lo.

— Desculpe. — eu murmurei e me sentei, me apertando. Depois de alguns minutos de silêncio - bem, não o silêncio do resto do ônibus, eles estavam todos de pé nos corredores e ignorando ainda mais aperitivos que estavam sendo passados a favor da bebida servida em taças de plástico - ele se inclinou para mim.

— Sua irmã é...

— Linda. Impressionante. Tão incrível. E sim, realmente somos parentes.

As sobrancelhas dele se abaixaram e ele balançou a cabeça. — Eu ia dizer meio insistente.

Alívio caiu sobre mim como uma onda.

— Eu sei que ela é sua irmã e eu provavelmente não deveria dizer nada, mas... — Ele se inclinou para mais perto e eu tentei não pensar sobre o quão perto ele estava e o quão bom ele cheirava depois do banho pós-treino. Ele sussurrou: — Eu tive que dizer a ela que talvez fosse uma boa ideia se sentar com seu noivo. Ela não parece gostar muito dele.

— Eu acho que toda a coisa de roubá-lo de mim provavelmente a colocou sobre sua cabeça. — Minhas costas ficaram tensas e eu me encolhi. Isso não foi tão brincalhão quanto eu quis dizer. A última coisa que eu queria era que Berk pensasse que eu ainda tinha uma queda por Chad, que estava torcendo por seu amigo bebendo uma garrafa de champanhe.

— Você namorou aquele cara. — Berk acenou com a cabeça em direção ao Chad nítido e impecavelmente organizado.

— Difícil de acreditar, eu sei.

— Inconcebível. — A representação da Noiva Princesa de Berk não deveria ter saído das minhas costas, mas doeu. Como outro golpe em um dedo já cortado.

Ele afundou-se em seu assento, provavelmente se perguntando por que diabos esse cara tinha me dado um segundo olhar. *Não se preocupe, não foi muito longo, Berk.*

— Ele parece tão interessante quanto papelão. E ele checou as bundas de pelo menos de outras cinco mulheres desde que entramos no ônibus.

Eu olhei ao redor do lado do assento. Os olhos de Chad estavam bem fixos na bunda de uma das damas de honra de Laura. Talvez eu tivesse me esquivado de uma bala, afinal. Parte do apelo de Chad era

que eu mantinha o interesse de alguém que normalmente nunca me daria uma segunda olhada. Aqueles sentimentos de finalmente ser vista, importante, desejada. Eu importava até não importar, e isso torna ainda mais difícil, doía ainda mais ao provar e se transformar em serragem na minha boca. Pior, porque ele me traiu com minha irmã, ele nunca foi embora para que eu pudesse esquecê-lo.

Não houve um rompimento limpo - nunca haveria.

Berk tentou espremer sua mochila sob o assento à nossa frente, mas não era exatamente uma bolsa pequena.

— O que você tem aí? — Eu peguei, tentando ajudá-lo a empurrá-lo entre nós.

Pegando-o de volta, ele o colocou no colo. — Não é nada. Apenas algumas das minhas roupas sujas que não deixei em casa antes de sair.

Sensível sobre roupas íntimas sujas. Anotado. Além disso, meio nojento.

— E agora que o ônibus está em movimento e você não tem escapatória, pensei em informar que algumas pessoas nesta viagem... — Estiquei o pescoço olhando para os assentos à nossa volta. — Podem ter a impressão de que estamos juntos, tipo, juntos.

Ele encolheu os ombros. — Namorado do lado pobre da cidade para irritar os pais. Entendi.

Acenei minha mão com desdém. — Não é isso. Seja você mesmo. Eu não queria te deixar no escuro caso alguém perguntasse.

— É por isso que você esperou o ônibus andar antes de falar isso?

Minhas bochechas queimaram.

— Foi uma piada. Não se preocupe. Eu posso manter isso.

Berk lutou para manter os olhos abertos, arregalando-os e passando as mãos pelo rosto.

— Temos uma hora de viagem. Não sinta que precisa me fazer companhia.

— Está tudo bem. Eu estou bem. — Suas pálpebras caíram.

— Berk, durma.

Seu sorriso sonolento fez meu coração palpitar. — Só um pouquinho? Eu tive uma noite longa. — Ele descansou a cabeça no encosto do banco e fechou os olhos. O ritmo constante de sua respiração começou em menos de um minuto. Ele não estava brincando.

Minha cabeça levantou do ombro de Berk enquanto eu acordava. Limpando o lado da minha boca, meus olhos se arregalaram e as chamas dançantes de vergonha ameaçaram me consumir. Vi a mancha escura em seu ombro e fechei meus olhos como se isso magicamente fizesse minha baba desaparecer. Olhando em frente para o padrão geométrico no assento

De volta à minha frente, debati entre pular do ônibus em movimento e procurar um assento ejetor.

— Você acordou, dorminhoca.

Uma risada chiada libertou dos meus lábios.

Berk esticou o pescoço e olhou para o local da camisa. — Parece que você ficou muito confortável.

Eu estava velha demais para fugir e me juntar ao circo?

— Jules, relaxe. — Ele descansou a mão no meu ombro e me empurrou contra o assento. — Estou em ônibus por quase metade da temporada. Você não acha que eu já babei em alguém antes? Isso acontece. — Ele olhou pela janela. — Onde estamos?

— Quase na casa dos meus avós.

— Eles estão dando uma festa na casa dos seus avós? Eu nunca conheci o meu, mas não sabia que isso era uma coisa. É uma tradição ou algo assim? — Descemos a estrada não pavimentada, mantivemos assim para preservar a sensação de estar fora do tempo da réplica de mansão de regência em escala reduzida.

— Não é mais a casa deles. Eles realizam eventos lá. Casamentos, retiros corporativos. Um lugar no meio do nada, onde ninguém pode ouvir você gritar.

Os olhos dele se arregalaram.

Eu ri, descansando minha mão em seu braço. Eu gostaria de ter contado tudo isso em minhas cartas, que eu fosse tão aberta que ele poderia juntar as peças e descobrir que era eu.

Em vez disso, eu tinha sido cuidadosa, mesmo ao tentar expressar uma parte de mim que eu tinha medo de abraçar na vida real. Eu sentia falta de ler suas palavras e ouvir um lado dele que eu não achava que muitas pessoas pudessem ver. Embora eu tenha visto mais enquanto passamos mais tempo juntos.

— Estou brincando. É tão longe da estrada principal e de outras torres de celular que não tem serviço por aqui. Então, as pessoas usam isso para fugir de tudo.

Ele olhou ao redor como se esperasse que alguém pulasse atrás dele e jogasse um saco de estopa em sua cabeça. — É o que dizem todas as pessoas ricas que planejam jogar o jogo mais perigoso.

Eu ri ainda mais alto. — Se eu tivesse que apostar dinheiro em quem sobreviveria a um jogo de caça humana como esse, seria você por um longo tempo.

Ele se endireitou e olhou por cima dos assentos à nossa frente. Havia uma mistura de pessoas ainda bebendo depois da viagem de uma hora e aquelas que provavelmente acordariam no ônibus amanhã de manhã.

O ônibus balançou quando paramos no caminho circular. O organizador de eventos se levantou na frente do ônibus.

— Bem-vindo à Kelland Estates. Estamos aqui para comemorar este dia incrivelmente especial para Laura Kelland e Chad. Suas malas serão enviadas para seus quartos. Haverá fotógrafos cobrindo todos os aspectos do evento - alguns que vocês nem verão. Estejam avisados, a recepção de celular e o wifi são quase tão ruins quanto o acesso discado.

— O que é acesso discado? — Alguém gritou na parte de trás.

— Confie em mim, você não quer saber.

Laura levantou-se para reprimir as pequenas ondas de descontentamento no fim de semana desconectado. Parecia que ela não confiava que sua festa de noivado teria sido um empecilho suficiente para impedir as pessoas de estarem constantemente conectadas ao resto do mundo. — Vamos pessoal. Teremos um fim de semana livre de tecnologia, todos se perguntarão para onde diabos fomos e, quando voltarmos, eles vão surtar. Apenas esperem até ver seus trajes.

A palavra saiu em câmera lenta e profundo barítono. Trajes.

Nós deveríamos nos vestir com trajes? Grandes fantasias inspiradas em Gatsby? Flashes de vestidos curtos de abas prateadas passaram pela minha mente. Vestidos *sem mangas* que mostravam meus braços.

Não. Não. Absolutamente não.

Saltando do meu assento, empurrei as pessoas para o lado, o pânico subindo e persegui Laura. Ela desapareceu na porta da frente sendo aberta por uma equipe do evento. Agradeci e me arrastei atrás dela.

Agarrando seu ombro, eu a virei. — Você não disse nada sobre trajes.

Ela inclinou a cabeça para o lado como se estivesse estragando o cérebro para descobrir como ela poderia ter esquecido um detalhe tão importante. — Hmm, não disse? Eu jurava que sim. Estava impresso no convite. — Um rosto de surpresa falsa. — Oh sim, aquele que você nunca pegou em casa. — Ela balançou a cabeça em desaprovação. — Não importa. Aqui está sua roupa. Ela estendeu a mão e uma equipe do evento entregou-lhe um cabide. Ela empurrou o cabide com uma capa de linho preto para mim.

— Mas eu não te disse o meu tamanho.

— Mamãe escolheu. — E então ela se foi, envolvida por seus organizadores e frequentadores de festas.

Eu olhei para o cabide como se ela tivesse me oferecido uma víbora coberta de lâminas de barbear. Eu odiava roupas novas. Eu odiava tudo sobre roupas em geral, exceto elas, cobrindo noventa por cento do meu corpo.

Roupas novas que não haviam sido testadas de todos os ângulos na privacidade de um provador, onde podiam ser abandonadas, e não saíam na frente de todos para dizer que não se encaixavam.

Roupas novas não haviam sido testadas.

Roupas novas podem não cobrir todas as partes de mim que eu queria, e roupas novas de Laura ou mamãe nunca foram um presente. Eles eram apenas outra maneira de me mostrarem que eu não era absolutamente nada como elas com seus corpos minúsculos.

Flashes das compras da escola quando eu estava crescendo enviaram arrepios de pânico pela espinha. Caminhando de volta para Berk como se estivesse a caminho de um carrasco, bloqueei todas as risadas e os copos tilintando ao meu redor.

Talvez isso realmente caiba. Talvez não parecesse terrível.

Mamãe não quer que eu pareça terrível na frente de todos. Não, manter a imagem da perfeição era para o que ela vivia. Respirando um pouco melhor, joguei a bolsa por cima do ombro, quase caindo quando o peso dentro mudou. — Eu peguei você. — A mão de Berk deslizou pelas minhas costas.

Olhando para ele, eu acreditei totalmente. Seu domínio sobre mim era sólido sem um pingo de tensão, como se eu fosse uma das garotas mais leves que foram atiradas por cima do ombro de um cara por um capricho em uma festa na piscina.

— Nos trocamos agora? — Ele olhou para a bolsa de roupas pretas como se fosse um pacote de gremlins disfarçados de terno, prontos para matá-lo.

— Temos tempo. O jantar não é antes das nove. E conhecendo minha irmã, ela não chegará antes das dez.

— Você quer beber? Eu poderia matar por uma cerveja agora.

— Conhecendo minha irmã, você teria que ir à cidade para isso.

— É a conta do bar deles, se houver apenas bebida alcoólica na torneira.

Eu bufei e arrumei meus óculos. — Não se segure. — Ele riu e caminhou até o bar.

Cada cabeça virou enquanto ele passava. Os caras da multidão da minha irmã não eram exatamente construídos como casas de tijolos. Eu provavelmente não deveria me sentir tão mal por como meu vestido se encaixaria. Depois de três segundos de interação com Berk, eu só conseguia imaginar o que Laura havia escolhido para ele usar. Se eu tivesse sorte, ele teria que ficar sem camisa com as pernas da calça cortadas à la Hulk.

— Julia. — A maneira como ele disse meu nome me fez querer vomitar. Parecia que meu nome era Muffy ou Barbie e estávamos em um filme de John Hughes com adolescentes ricos que eram idiotas totais. Só que aqui na vida real, esses também eram idiotas. Mas ele era um idiota que eu gostava, o que tornava ainda pior. Fiquei três meses dormindo com ele para garantir que ele gostasse de mim, alguém especial na minha primeira vez. Foram três dias inteiros antes que ele decidisse que havia uma irmã Kelland melhor para ele. Eu fiquei cega ao status de idiota dele só porque ele me jogou um osso.

— Oi, Chad. — Meu melhor sorriso estava estampado no meu rosto.

— Estou tão feliz que você esteja aqui. Laura tinha medo de que você cancelasse no último minuto e todo mundo estivesse fofocando sobre você pelas suas costas. — Ele me abraçou, cheirando a uma mistura tóxica dos aromas Chanel dele e dela e champanhe muito caro. Seu aperto continuou mesmo depois do meu fantasma de tapinha nas costas.

— Em vez disso, eles podem falar na minha cara.

Ele riu, finalmente me soltou e apertou meus ombros. — Você sempre teve um senso de humor maravilhoso.

Eu olhei para as mãos dele e voltei para ele. Qual era o problema dele?

— Ei, Jules. Estou com sua bebida. — Berk interrompeu o jogo de olhar desconfortável em que eu tinha sido amarrada.

Ele habilmente lidou com as duas taças de champanhe, mesmo com uma mão na mochila de roupas, e me entregou minha bebida.

— Eu sou Berk. — Ele colocou a mão bem na frente do rosto de Chad.

Chad virou para o meu socorrista e seus olhos se arregalaram. — Posso ajudar?

— Claro, você pode soltar Jules. Minha namorada.

— Jules?! O nome dela é Julia. — retrucou Chad.

— Meu erro, eu apenas vou com o que eu a chamo na cama à noite.

As bolhas do meu copo borbulhante saíram direto do meu nariz. Estou falando de um spray de bebida na roupa caramelo de Chad. Todas as cabeças giraram em nossa direção.

Berk nem tentou esconder o riso atrás da mão, como eu fiz. Entre o álcool queimando meu peito e minha risada, havia lágrimas nos meus olhos.

Chad pegou uma pilha de guardanapos de um garçom que passava antes de encarar Berk e sair correndo.

— Eu já posso dizer que este fim de semana vai ser divertido. — Berk piscou para mim. Fechei meus joelhos para não derreter em uma poça ao lado dele.

Ele ficou ombro a ombro comigo como se estivesse pronto para enfrentar todos os ex-namorados que vierem me dar merda neste fim de semana. Felizmente, ou infelizmente, Chad era o único, mas eu com certeza não ia dizer isso a Berk.

Ao lado dele, eu senti que ele estava pronto para enfrentar o mundo em meu nome. Meu próprio cavaleiro de armadura brilhante, mesmo que fosse apenas por dois dias e mesmo se ele estivesse apenas fingindo estar comigo. Eu poderia fingir com o melhor deles.

09

BERK

O cara era um idiota. Me dizendo como chamar Jules. E então isso ficou na minha cabeça. Ela odiava quando as pessoas a chamavam de Jules? Ela era do tipo que deixava algo assim passar para evitar alguém se sentir mal.

— Você está bem comigo te chamando de Jules, certo? É assim que Elle chama você. — Me inclinei e sussurrei em seu ouvido.

Ela estremeceu e eu olhei para cima para ver se havia uma abertura sobre ela, soprando o ar condicionado, mas não havia nada lá. — Você pode me chamar como quiser, exceto Julia. As únicas pessoas que me chamam de Julia são as que estão nesta sala e não importa quantas vezes eu diga de forma diferente, elas ainda o fazem.

— Qualquer coisa que eu quiser, hein? — Corri meus dedos sobre o queixo e olhei para longe. — Que tal Snowglobes[5]? — Eu me abaixei e sussurrei a palavra em seu ouvido.

Suas bochechas ficaram vermelhas como beterraba e ela empurrou meu ombro. — Qualquer coisa menos isso!

— Você tem certeza? Qualquer coisa? Tenho certeza de que posso inventar algo na mesma linha. E Lana[6]?

As sobrancelhas dela se ergueram.

— Algumas coisas são melhores que outras. — Fiquei lá, tomando um gole da minha bebida, esperando sua revelação da Roda da Fortuna enquanto ela corria pelas cartas.

— Berk! — Ela riu e empurrou meu ombro. — Qualquer coisa que você possa dizer na frente de uma sala de aula cheia de alunos da segunda série.

— De que parte da cidade são esses alunos da segunda série?

Ela riu e um pouco de champanhe escorreu pelo queixo.

— Uma bebedora tão bagunçada. E você só tomou um copo. Ou você começou antes da nossa viagem no ônibus de festa?

---

[5] Globo de Neve.

[6] Uma garota que é uma boa amiga e coloca as necessidades dos outros antes das próprias, além de uma garota deslumbrante que todos os caras gostariam de ter como namorada.

— Estou bagunçada porque alguém continua me fazendo rir. — Seu olhar brincalhão disparou por trás dos óculos.

— Estou apenas esclarecendo as regras de apelido. Até agora, temos "não Snowglobes" e algo que pode ser dito na frente de uma sala de aula de alunos da segunda série e de suas babás da Mainline. Algum outro requisito?

— Algo que você poderia dizer na frente de sua mãe. — Ela tomou outro gole do copo.

Baixei o olhar para as mãos e apertei a haste do copo. Com Jules, nunca senti que tinha que esconder quem eu era, mas não queria ser um caso de pena, uma história triste onde ela me olhava, apertava minha mão e sorria para mim porque ela era daquele tipo de pessoa. Mas ela não sabia tudo sobre mim. O que ela pensaria se soubesse?

Minha garganta se apertou e eu fechei os olhos por um segundo. Tempo suficiente para respirar através desse dardo em meu coração e manter intactas as paredes que eu construí tão altas e largas em torno de meu coração. Com um movimento suave da cabeça, voltei a ser Berk. Não o órfão Berkley Vaughn.

— Você está tirando toda a diversão disso, mas e Julienne Fries?

Os olhos dela se iluminaram e o canto da boca se curvou. Se ela empurrasse os óculos no nariz daquela maneira adorável era certo que eu a pegaria nessa pista de dança. — Com isso, eu posso lidar.

Encontramos um lugar ao longo da parede e Jules me deu um resumo dos detalhes de nossos companheiros de fim de semana.

— Ele está aqui com duas de suas ex-esposas e sua noiva? — Eu apontei para o cara com uma mulher muito perfeita, quase tocando suas sobrancelhas, que não parecia muito mais velha que nós. Ele tinha uma loira magra no braço que conseguiu se enrolar em cima dele para marcar seu território sem realmente tocá-lo. Para outras pessoas, pode parecer útil, mas noventa por cento das vezes ela nunca fazia contato.

— Tecnicamente, apenas uma ex-esposa. O primeiro casamento foi anulado quando ela descobriu que ele costumava cheirar sua verba mensal até o fim da primeira semana do mês.

— Ele parou de usar coca então?

Ela balançou a cabeça e nem tentou esconder a risada. — Não, a mesada mensal dele ficou muito maior quando ele fez vinte e cinco anos. Eles pagaram suas dívidas e agora, se ele tentasse cheirar todo o dinheiro todos os meses, ele estaria a meio passo de uma doença

coronária, e é por isso que todo mundo pensa que sua nova noiva está tentando acelerar o casamento até o inverno.

— E eu pensei que o time de futebol tivesse drama. — Engoli o último gole da minha bebida.

— Eles não têm nada nas famílias que são frenemies[7] há gerações com mais dinheiro do que bom senso.

— E você? Você é uma delas, certo? — Eu levantei meu copo vazio para a sessão de fotos da revista de moda andando na nossa frente.

— Eu pareço uma delas? — Sua sobrancelha se ergueu.

Eu a olhei de cima a baixo. Saltos baixos e delicados. Calça lisa e uma blusa que fazia o possível para esconder todos os bens que eu sabia que ela balançava sob as dezenove camadas de roupas que usava normalmente. — Não, acho que não. Então, como você acabou não sendo transformada em uma das pessoas do grupo?

Ela olhou para a multidão. — Meu pai.

— Eu ainda não o vi. Onde ele está?

— Ele morreu quando eu tinha nove anos. Minha mãe era totalmente contra ter filhos depois de mim, então eu acho que me tornei o garoto dele. Nós vínhamos aqui nos fins de semana e íamos acampar, andar a cavalo e brigar com pistolas d'água. Laura sempre preferia ir às compras com minha mãe, mesmo quando eu voltava dizendo a ela o quanto era divertido. Não acho que minhas roupas ensopadas e cheias de lama fossem o tipo de convencimento que ela estava procurando.

— Foi um monte de coisas difíceis e encrencas?

— De jeito nenhum. Ele costumava ler livros para mim quando eu era criança, mesmo depois que eu os superava, mas a maneira como ele lia a história sempre me mantinha fascinada. — Ela tomou um gole de sua bebida com um sorriso que só vinha daquelas memórias de infância feliz.

— Quais livros?

— Peter Rabbit.

— Você ainda os lê?

O sorriso dela vacilou. — Eles estão na minha mãe. Ela está... tendo problemas para encontrá-los. — Cada palavra era na ponta dos pés, como se ela estivesse andando em um campo minado.

[7] Inimigos disfarçados de amigos.

— Espero que ela os encontre. Parece que você e seu pai se divertiram muito.

— Tivemos o melhor tempo. Foi ele quem me levou a assar.

— Ele assava?

— Um cara não pode assar?

— Não é isso, eu apenas imaginei que pessoas com dinheiro tinham outras pessoas fazendo isso por elas.

— Ele não era assim. Meus avós nem disseram a ele que tinham dinheiro até ele estar na faculdade. Eles moravam em uma casa normal nos subúrbios. Mas nos fins de semana eles vinham aqui também. Meu avô disse ao meu pai que era a casa do chefe dele e eles foram autorizados a usar. Mas ele não percebeu o fato de que meu avô era o chefe. Então, meu pai teve uma infância bastante normal até que apareceu na faculdade e viu o nome de seu avô estampado em um dos prédios acadêmicos.

— Deve ter sido um choque. — Até as famílias ricas tinham seus segredos.

— Foi. Ele não fez o mesmo conosco, e minha mãe nunca teria se contentado com uma existência de classe média. Ela queria a casa grande e as festas ainda maiores. Mas sempre que meu pai vinha aqui, eu vinha com ele. A maldade de tudo isso... — ela acenou com a mão para os casais e grupos, sorrindo e rindo enquanto lançavam olhares de julgamento, ou verificando sobre seus ombros a cada dois minutos para se certificar de que estavam prestando atenção — era algo de que eu estava mais do que feliz em escapar.

— Com a comida que você faz, você deveria ser a abelha rainha do seu pequeno domínio.

Uma expiração aguda atravessou seus lábios. — Aparecer com chocolate e carboidratos nessa família é como vir com filhotes afogados em um riacho raso. Assar não me fez popular. Eu dei minhas guloseimas aos professores e funcionários da escola. Minha mãe me proibiu de deixar em casa por mais de vinte e quatro horas, por isso meio que se tornou um hábito eu dar a minha comida. E uma vez que meu pai se foi... — Ela deu uma olhada distante e eu me machuquei por aquela garotinha que queria fazer algo que a fez se sentir mais perto de seu pai e que a pessoa que deveria fazer qualquer coisa para ajudá-la durante esse tempo. Mas ter um filho não faz de alguém um bom pai.

— Depois que meu pai se foi, eu não fiz o tanto que gostaria, e é por isso que, mesmo com o quão terrível é a minha casa, a cozinha fez valer

a pena. Além disso, comprei um forno e geladeira novos. Eu disse a Elle que o proprietário pagou por isso.

— Por que você não contou a ela?

— Ela teria insistido em dividir o custo e estava sem dinheiro. Eu não queria que ela se sentisse mal por isso, então eu fiz.

— Olhe para você mantendo segredos. Eu não tinha ideia, Julienne Fries.

Ela soltou uma risada gaguejante e terminou o resto de sua bebida. — Só para você saber, temos um quarto juntos. Espero que esteja tudo bem. — A mão dela apertou o copo como se estivesse se preparando.

— Sem problemas. Eu estou legal em dormir no chão. Tenho certeza que isso será mais agradável do que alguns dos lugares em que já dormi.

Seus olhos se arregalaram e ela acenou com as mãos. — Não, eu posso dormir no chão ou no sofá. Eu convidei você.

— Vamos, Frenchie. Eu posso ser um atleta, mas não sou um idiota. Não vou fazer você dormir no chão ou no sofá, especialmente quando você está me fornecendo toda essa bebida de prateleira superior. — Peguei mais dois copos da bandeja do garçom que passava.

— Nós vamos descobrir quando voltarmos para o quarto. Vou para o banheiro e depois podemos encontrá-lo. — Ela bebeu o copo que eu lhe entreguei e devolveu, rindo do meu rosto frouxo.

— Não é como se fosse vodka pura. — Com sua capa do traje, ela foi em direção aos banheiros.

Terminei minha bebida e olhei para uma mesa de mini versões de alimentos que eu inalaria se não estivesse tentando me impedir de envergonhar Jules. Lentamente, como costumava fazer quando entrava em uma casa nova, comi um e contei por um minuto inteiro antes de comer outra.

Aparecer em uma casa nova como um garoto adotivo era uma maneira infalível de se encontrar trancado na geladeira. Algumas famílias eram incríveis e colocavam uma pequena quantidade de frutas e lanches nos quartos para as crianças, sabendo que nos sentiríamos estranhos em um novo lugar. Outros tinham fechaduras nas geladeiras ou na cozinha. Era melhor descobrir primeiro a configuração da terra e as regras.

Mas aprendi cedo a sempre comer quando a comida era oferecida. Eu nunca soube se uma assistente social apareceria para me pegar e

me levar para outro lugar. Horas sentado na parte de trás do carro ou pendurado em um escritório esperando. Eu odiava aquela sensação nervosa que sentia sempre que ficava esperando por longos trechos. Era como sentar no consultório médico para marcar uma consulta para às onze.

Depois que eu comi o máximo que imaginei, sem levantar uma das bandejas e apenas jogar a comida na minha boca aberta, peguei minha mochila e a capa de traje que eu tinha deslizado por baixo da mesa. Eu esperava que essa coisa não incluísse meia-calça ou calças patetas de Shakespeare.

Eu nunca tinha usado uma fantasia assim antes. As festas de Halloween que demos no Brothel eram geralmente togas ou algum outro traje que poderia ser jogado em uma corrida da tarde, uma vez que garantimos alguns barris. Quando eu era mais jovem, se alguma vez estava em um lugar que tinha gostosuras ou travessuras, eu usava meu uniforme de futebol, minha fronha e qualquer pintura de rosto que pudesse identificar outras crianças e ir de porta em porta como uma criança. Jogador de futebol zumbi. Com a forma como todos aqui se vestiam, eu provavelmente usaria uma roupa três tamanhos pequena demais.

Terminando minha bebida, verifiquei o quarto à procura de Jules. Ela disse que me encontraria em outro lugar depois do banheiro para encontrar nosso quarto ou apenas para nos encontrar? A última coisa que eu queria fazer era estragar alguma coisa e envergonhá-la. Era estranho o quão diferente ela era das pessoas ao nosso redor. Eu não poderia culpá-la por me convidar. Ela precisava de alguém para olhá-la e se certificar de que não caísse em qualquer parasita alienígena ou microchip que essas pessoas tivessem em seus cérebros.

Essas mulheres olhavam para mim como pessoas que nunca tivessem sido negadas na vida inteira. E eu sabia em primeira mão que tipo de merda isso provocava. Tornava difícil ver Jules esfregando cotovelos com pessoas assim. Ela não gritava exatamente “olhe quanto dinheiro eu tenho” como qualquer outra pessoa neste lugar.

Desde os relógios até os sapatos, eu tinha visto esses mesmos olhares em muitos doadores no evento de arrecadação de fundos que o treinador e a universidade “solicitaram” que comparecemos.

Procurei Jules no quarto e não a vi. Depois de pedir a uma das garçonetes para verificar o banheiro, não quis me preocupar com o quarto que estaríamos compartilhando. Todo o fim de semana. Vomitei no cofre mental para impedir que pensamentos que não fossem estritamente amigáveis invadissem minha mente. Eu definitivamente

não precisava pensar em Jules debaixo das cobertas e no que exatamente ela poderia estar vestindo ou não.

10

JULES

Meus saltos baixos clicado no chão de mármore no caminho para fora do banheiro depois de secar as mãos. Acendendo meu sorriso vencedor, que machucava minhas bochechas durante dias em que eu era mais jovem - quem sabia que os músculos das bochechas podiam ser condicionados? Abri a porta do banheiro.

— Claro que ela acabaria com um cara tão grande. É a única maneira de encontrar alguém que ela não esmagaria na cama.

Chad e seus amigos riram no final do pequeno corredor do lado de fora dos banheiros, ao lado do bar.

— Esse tipo de garota sempre faz um esforço extra. Ela provavelmente teria sido uma boa pessoa.

— Com as luzes apagadas. — Outra pessoa entrou na conversa com aquele pequeno comentário encantador.

Me abaixando de volta para dentro do banheiro, empurrei a palma da mão contra a porta, de modo que ela se fechou lentamente, sem som. Essa é a última coisa que eu precisava - eles saberem que eu os ouvi. Isso só pioraria, e eu não precisava ouvir as palavras falsas de desculpas ou como tinha ouvido os comentários errado. *Pare de ser tão sensível. Você está exagerando. Não faça uma cena.*

Fiquei no banheiro com a porra da minha surpresa do saco de roupas e me olhei no espelho até fechar os olhos com força, sem vontade de derramar lágrimas na frente deles. Jogando água no meu rosto, olhei para o meu reflexo no espelho. Corado, um pouco manchado e, aparentemente, apenas o suficiente se estivesse no escuro.

Apertei meus olhos e aumentei meu aperto na borda da pia. *Respire através disso. Não deixe que suas palavras se desviem de você.* Por que eu fiquei surpresa? Por que eu pensei que as coisas seriam diferentes? E ter Berk como testemunha. Me mate agora.

Verificando do lado de fora para ter certeza de que eles se foram, corri direto para o quarto e não olhei para trás. Nada importava além de sair de lá e tentar me segurar. Sessenta horas. Faça isso nos próximos dois dias e tudo ficaria bem.

Eu quase falei com um dos funcionários e perguntei sobre a chave do meu quarto. Passando de um pé para o outro e checando por cima

do ombro como se eu estivesse sendo introduzida no programa de proteção a testemunhas, saí correndo do saguão com a chave na mão e um pedido de desculpas por minhas malas estarem fora de lugar tocando nos meus ouvidos. Este não era o aeroporto. Como minhas malas foram "perdidas" do fundo do ônibus até aqui? Provavelmente algo a ver com minha mãe e irmã não querendo que eu encontre opções de roupas alternativas para esta noite. Eu poderia gritar, se já não estivesse a ponto de chorar.

O jardim e a estufa eram onde eu costumava ir quando precisava pensar aqui, mas o calor intenso do lado de fora era suficiente para me deter. A última coisa que eu precisava era de um nocaute, travar uma briga com o frizz se eu vagasse pelo lado de fora, muito menos na estufa. Além disso, meu quarto era mais seguro.

Rastejando pelo corredor, vi o número do meu quarto ou, devo dizer, o número do *nosso* quarto. Eventualmente, eu emergiria e encontraria Berk, pediria desculpas profusamente, mas pelo menos manteria um pouco da minha dignidade. Pendurei a capa de traje na porta do banheiro e caí na cama. Porra, era confortável. As pessoas que minha mãe havia assumido o lugar não tinham nada, senão um gosto impecável. Inclinei minha cabeça para o lado.

Havia uma garrafa de champanhe gelando em um balde ao lado do mini-bar. Havia flores recém-cortadas em um arranjo sobre a mesa baixa na área de estar ao lado da porta.

Eu olhei para o teto. — Pai, eu não sei o que fazer. São tudo o que me resta - mas não sei quanto tempo posso aguentar. — Conversei com ele como fazia há tantos anos desde que ele se fora. Desejando e rezando para que tudo fosse um erro e ele estivesse sentado em algum hospital em algum lugar, talvez com amnésia, e um dia ele voltaria e me afastaria de tudo isso. De alguma forma, doía mais que fossem minha própria mãe e irmã, não algumas pessoas ruins que me queriam fora do caminho.

Isso fez a dor ainda pior. Eu fazia parte da minha mãe e tudo o que ela queria era cortar essa parte de si mesma e jogar o resto de mim fora. Jogar meu pai fora. Mas eu queria os livros primeiro. Eu queria os livros de *Peter Rabbit* que ela me prometeu. Eu precisava que eles me lembrassem daqueles dias chuvosos com meu pai, enrolados em seu assento favorito na janela enquanto ele os lia e fazia todas as vozes. Eu poderia comprar outras cópias de uma loja para as próprias histórias, mas esses livros foram os que ele tocou e desenhou. Isso importava.

Empurrando meus óculos, limpei meus olhos com as costas da minha mão. Tantas lágrimas derramaram sobre suas palavras e cavam para mim.

Eu ansiava por esses livros. Essas eram lembranças felizes da família que eu não podia deixar ir.

A porta se abriu e eu me sentei e olhei pela janela.

— Aí está você. Eu vim aqui primeiro quando você desapareceu, mas você não estava. — Berk fechou a porta atrás dele.

— Eu tive um pouco de perseguição.

— Ok, eu deveria dar uma olhada nessa fantasia? Estou morrendo de vontade de ver o que tem dentro.

— Você não precisa ficar se não quiser. — eu soltei.

— Você me traz até aqui e quer que eu vá. — O toque de mágoa em sua voz pressionou a faca mais fundo.

Que diabos eu estava fazendo? Por que eu o deixei vir? Eu queria passar um tempo com ele, é por isso. Minha tentativa patética de talvez forçar alguma ligação e ter uma pessoa que eu conhecia que estaria do meu lado neste fim de semana.

Inclinando a cabeça para o lado, olhei para ele com o que tinha que ser olhos vermelhos. — Você quer ficar?

— Se você quiser. Eu prometo que não vou te envergonhar, muito. — Ele sorriu e abaixou a cabeça tentando pegar meu olhar.

— Provavelmente será o contrário.

— Você nunca esteve em uma de nossas festas. Eu sou conhecido por arrebentar O Verme e o Robô de vez em quando. — Ele balançou a mochila de roupas do ombro.

Eu ri. — Não parece muito embaraçoso.

— Eu não disse que era bom nisso. — Ele atravessou o quarto e jogou sua capa sobre a borda de uma cadeira com encosto alto na área de estar.

Se Laura ou minha mãe vissem isso, elas teriam um ataque de pânico. Olhei para minha própria capa pendurada na porta do banheiro e eu queria correr, agarrá-la e jogá-la no chão. Eu não tinha olhado para dentro ainda. A força para isso levaria mais alguns minutos ou horas para aparecer.

— O que há, Julienne Fries? — A cama mergulhou quando ele se sentou ao meu lado.

— Já faz um tempo desde que eu estive em torno deste grupo.

— E parece estranho?

— É estranho estar com pessoas com quem eu cresci agora que estou na faculdade. Eu... mudei. — Mais como me acostumei a viver minha vida sozinho, sem as vozes ao fundo constantemente me lembrando como eu nunca iria me encaixar. — É estranho para você ir para casa?

Em suas cartas, ele sempre mantinha nossas conversas no presente. O aqui e agora, e nunca se aventurou muito longe no passado. Eu estava bem com isso. Eu não queria ser a mesma garota com a história ainda mais triste.

— Eu não vou.

— Você não vai? Como você não vai para casa?

— Não, eu não tenho um lar para onde voltar. — Ele inclinou a cabeça e o canto da boca levantou, mas era um fantasma fino de um meio sorriso.

— Sem família?

Um lampejo de tristeza percorreu seu rosto. — Eu tenho uma irmã, mas... isso é complicado. Então, vir aqui e ver um lugar que seus avós possuíam, é muito legal.

Aqui eu estava reclamando da minha família de merda quando Berk quase não tinha nenhuma família.

Ele não havia mencionado muito em nossas cartas. Eu mantive as coisas em meus pensamentos sensuais, estava com muito medo de viver no mundo real, e coisas como filmes que eu gostava porque não tinha exatamente vontade de me aprofundar no meu passado. Parecia que ele se sentia da mesma maneira. Todo o tempo eu estava preocupada com ele saber demais, mas ele também não estava mostrando seu passado. Por mais que nossas cartas mudassem ao longo do tempo, nós dois estávamos escondendo as coisas. — Eu não sabia sobre sua família.

— Como você poderia? — Ele levantou um ombro. — E eu não disse isso para fazer você se sentir mal por mim ou algo assim. — Seu olhar dançou ao redor do quarto, achando cada design de flor e papel de parede fresco fascinante e ignorando o meu olhar.

— Eu não me sinto mal. — Meu pequeno sorriso pegou no canto do olho e a tensão vazou de seu corpo segundo a segundo.

— Vamos fazer isso? — Ele esfregou as mãos. — Ir para lá e mostrar aos amigos de sua irmã como a equipe da FU faz? — Sua voz durona me fez rir.

— Sim, vamos fazer isso. — Olhei para a bolsa de roupas como se eu pudesse transformá-la em um par de calças de moletom confortáveis e uma camiseta de mangas compridas com a mente.

— Você quer se trocar primeiro? — Ele levantou o queixo em direção à porta aberta do banheiro.

— Claro, é melhor acabar logo com isso. — Os risos vazavam do meu corpo a cada passo em direção à bolsa de roupas. Lancei um sorriso fraco para Berk por cima do ombro e o soltei da porta, desaparecendo dentro do banheiro.

Respirando fundo, eu abri o zíper da bolsa. Um momento de alívio por não ser uma minissaia foi rapidamente substituído pelo horror. Meus olhos se arregalaram no decote. As pessoas não estavam de volta aos anos 20? Que inferno fresco era esse?

Fazendo alguns mantras "você tem isso" na minha cabeça, tirei meus óculos e os coloquei no balcão. Tirei o vestido do cabide. O sedoso revestimento champanhe estava coberto por longos fios de material brilhante que adicionavam cerca de cinco quilos à coisa. Coloquei o vestido. Era de mangas compridas, pelo menos, apenas me cutucando um pouco. Parecia que mamãe não queria que eu a envergonhasse totalmente.

Mas a frente. O decote caiu, mostrando minhas meninas como eu deveria estar num palco em Las Vegas. Com os braços levantados sobre a cabeça e os dedos roçando a parte de trás das costas, eu girei em círculos por pelo menos oito minutos tentando agarrar o zíper para puxá-lo para cima. Virando-me para o espelho, olhei para o meu reflexo. Finalmente, usando um pouco de ingenuidade e a alça do chuveiro, eu me contorci e agarrei o zíper, puxando-o para cima.

Puta merda. Minhas meninas, as que eu geralmente mantinha bem escondidas, estavam cantando para o céu. Tanto decote. As bordas rendada nas taças do meu sutiã apareceram no decote. Parecia que eu deveria estar debruçada em um banquinho no hotel mais chique de Philly, tentando atrair negócios de empresários inocentes.

Empurrando meus óculos de volta no rosto, olhei para mim, cada pedacinho de mim, em detalhes excruciantes. Os óculos não eram apropriados, mas Laura teria que lidar com isso.

Berk bateu na porta. — Você precisa de alguma ajuda?

— Não. — eu gritei alto demais. Eles provavelmente tinham me ouvido dos estábulos. Coletando minhas roupas, eu as apertei contra meu peito. Meus dedos tremiam quando eu desfiz a trava do banheiro. Ele ia rir de como eu parecia ridícula. Eu podia imaginar agora, Berk rolando no chão com lágrimas de riso nos olhos.

A porta se abriu e eu voltei para o quarto com minhas roupas nos braços.

Eu olhei para ele e meus olhos se arregalaram. Eles haviam feito as medições dele antes de chegarmos aqui? Sua roupa parecia fantástica.

Ele lutou com os botões do colete branco. O material de sua camisa se amontoou quando ele fechou os botões. A calça abraçou seu quadril e bunda estelar.

— Posso entrar no meu uniforme em seis minutos. Esses botões são idiotas.

Prendendo minhas roupas no peito com o queixo, afastei suas mãos e deslizei-as pelos orifícios dos braços revestidos de seda da marinha. — Tão difícil. — eu provoquei.

— Não é minha culpa. — Ele puxou a parte de baixo do colete para baixo, endireitando-o.

Eu me afastei, mantendo minhas roupas apertadas contra o peito, ciente de quão perto ele estava de me dar uma olhada, não que eu tivesse uma escolha, a menos que eu andasse com minhas roupas contra o peito pelo resto do dia e noite.

— Eu vou fazer uma bebida para nós. A bebida da prateleira de cima não merece ficar sozinha em momentos como esses. — Ele embalou as garrafas, balançando-as para frente e para trás como um pai amoroso totalmente lunático. Garrafas e copos tilintaram juntos.

Me agachei para pegar uma das minhas meias caídas. Reunindo tudo, me virei para jogá-lo na cama. Talvez as coisas ficassem bem. Ele não estava pirando e eu não estava pirando, até agora tudo bem. Eu poderia usar isso fora do quarto.

— É melhor começar agora. — Virei para ele e nossos olhares colidiram.

Ele tossiu no copo que tinha na boca. Chiando e borrifando sua bebida por todo o lugar, seus olhos se arregalaram antes de ele gritar: — Puta merda.

11

BERK

Se você estivesse aqui comigo agora, envolveria minhas coxas em torno de seu rosto e deixava você me comer até que eu chegasse em sua língua, gritando seu nome.

Puta merda! A água com gás queimava meus pulmões e eu tossi, me curvando na cintura. Não havia como salvar isso e se divertir muito. A água escorreu pela minha camisa branca e incrivelmente cara. Pelo menos eu não tinha aberto uma das garrafas de vinho no mini-bar.

Jules olhou para mim, congelada agachada, com algumas de suas roupas agrupadas nas mãos como um cervo no meio da estrada, com um caminhão Mack correndo em sua direção.

Eu gosto de Jules. Eu sempre gostei de Jules. Ela é engraçada e às vezes deixa escapar um pouco de sua boca suja entre sua personalidade única da próxima Martha Stewart e uma fofa personagem de anime. Ela não é chamativa, exceto quando se trata de tudo o que sai do forno.

Eu olhei para ela tantas vezes e gostei exatamente do que vi. Mas eu não deixei que meus pensamentos se desviarem dela de outra maneira que não como amiga com muita frequência, principalmente porque ela é a melhor amiga de Elle e se eu chegasse perto dela com outra coisa que não minha linha de amigo em volta do meu pescoço, Nix enviaria minhas bolas para mim pelo correio e me faria pagar pelo frete.

Ela foi apagada do radar antes que eu a visse com um olhar de Nix e uma promessa de retribuição, se eu estragasse o que ele tinha com Elle de algum modo, jeito ou forma, mas isso não quer dizer que eu não apreciasse Jules. Beleza tranquila. Do tipo que você se via olhando quando ela sorria, porque era completamente pura e preocupada em ser outra coisa que não real.

Ou as vezes em que eu me sentava à mesa da cozinha e conversava por horas sobre o nosso filme favorito baseado em quadrinhos. Eu tinha pensado que não havia passado muito tempo com muitas mulheres que não queriam nada de mim. Sem status, ou uma falsa ideia de que eu tinha dinheiro para gastar, ou qualquer outra razão. Com Jules, eu poderia estar e ela também. Isso me deu uma sensação calorosa que me atraiu para ela uma e outra vez, mas eu sabia que se entrasse não poderia ir mais longe.

Eu nunca tinha sido apenas amigo de uma garota antes e gostei.

Ela era gentil e eu nunca a ouvia falar merda sobre alguém ou ser outra coisa que não fosse incrível, e é por isso que a merda sobre ela se exibia com um letreiro de "olhe para mim" despencando e reluzente que era aquele vestido que me fez querer morder minha articulação e correr ao redor do quarto como um maldito animal.

Quem diabos sabia que ela estava escondendo tudo isso debaixo daquelas roupas? Eu estava a cinco segundos da paródia completa de desenho animado do lobo-assibiando-em-uma-boate aqui. Havia aqueles filmes em que a garota de óculos se transforma e de repente todos olham para ela de maneira diferente. Era assim, exceto que ela ainda usava os óculos e era muito mais gostosa do que qualquer estrela de cinema, porque ela era real e estava a dois passos de mim.

— Jesus, Jules. — Me inclinei, tentando manter a necessidade de lambê-la fora da minha voz. Isso não era justo. Ela era doce como o inferno e agora eu queria experimentar.

O rosto dela empalideceu. — Eu sei. — ela sussurrou e tentou puxar as bordas do decote do vestido. Ela poderia muito bem estar tentando encher o Grand Canyon com um balde. — É muito pequeno. Preciso encontrar Laura e dizer a ela que não vai dar certo. — Abaixando a cabeça, ela tentou fugir. — Parece terrível.

Eu corri atrás dela e peguei seu cotovelo. Meus dedos envolvendo o tecido macio protegendo sua pele macia do meu toque, uma faísca elétrica lambendo o meu caminho.

— Você não precisa trocar. — Apertei meus lábios, para não morder o meu traseiro. — Você me pegou desprevenido. O vestido fica ótimo em você. Eu apenas nunca percebi que você estava escondendo isso. — Eu balancei a cabeça em direção ao decote V que espreitava debaixo de suas mãos.

Ela deu um soco no meu braço. — Você não está exatamente ajudando em manter-Jules-longe-de-se-sentir-autoconsciente-e-querer-fugir

— Se há alguém que deveria se sentir constrangido, são todas as outras garotas que não têm absolutamente nada como você no departamento de peitos. O KFC vai arrombar esse lugar e te levar embora.

Ela riu e sacudiu a cabeça em desaprovação, mas seus olhos não eram mais assustados-como-um-cervo-em-faróis. — Eu só... eu não posso usar isso em público. Talvez no local por um tempo, mas...

— Se você ainda está se sentindo estranha, eu tenho algo que você pode colocar. — Eu me agachei e vasculhei minha bolsa. Nunca foi muito longe de mim e sempre pronto para ir a qualquer momento. Velhos hábitos, difíceis de morrer, certo? Afastei algumas coisas e vi o material cinza claro. Puxando, levantei e entreguei a Jules.

— Você carrega um suéter na sua bolsa? — Meia declaração, meia pergunta.

— Você nunca sabe quando pode precisar de um.

Ela pegou das minhas mãos com um aceno agradecido e vestiu. Um pouco de calor brilhou no meu peito. Eu gostava de ter isso para ela e com certeza gostava de vê-la usando, mesmo que estivesse escondendo a melhor prateleira em três condados sob ele agora. Eu teria que guardar isso na memória.

— Você está me salvando de usar um roupão de banho por causa dessa roupa. — O sorriso dela ligou um interruptor diferente dentro de mim. Um que enviou o sangue correndo para outra parte da minha anatomia, não era da conta dele correr como eu a imaginei em nada além de uma túnica. O tecido macio contra sua pele. Um interruptor foi acionado e eu não sabia como desligar.

Então veio a culpa. Eu realmente não tinha visto ninguém desde TLG começou escrever. Depois que as cartas continuaram chegando e eu contei alguns dos medos e inseguranças com os quais eu estava lidando quando se tratava de profissional, parecia meio que trapacear, assim como quando eu não conseguia tirar os olhos de Jules.

O que eu estava pensando? TLG não queria mais falar comigo. Ela terminou comigo, o que quer que eu pensasse que estávamos construindo era uma ilusão. Depois de todo esse tempo, eu deveria estar melhor preparado para as pessoas que saem da minha vida como se não fosse nada.

Mãe. Se foi. Papai. Trancado por um longo tempo. Adicione as famílias que me afastaram. Nesse ponto, havia apenas uma pessoa na minha vida que sempre esteve lá e ela era esquisita na melhor das hipóteses. Não, não preciso adicionar qualquer nova pessoa na lista de abandone o Berk, vamos ficar longe, longe do clube. Mas isso não significava que eu não pudesse admirar a vista.

Jules me levou através de algumas das danças e eu tentei o meu melhor para não esmagar seus pés.

— Você está melhorando. — Ela estremeceu quando eu peguei a ponta dos dedos dos pés.

— Vou pegar um drinque para você entorpecer a dor. — Deixando Jules, fui até o bar, passando por caras que me olhavam quando viram a cabeça de suas namoradas e esposas virarem. Não é minha culpa que eu seja meia cabeça maior e vinte quilos mais pesado que a maioria dos caras daqui.

— Bem-vindo ao Kelland Estate. Estamos todos muito felizes em tê-lo aqui para a maravilhosa ocasião do noivado de Laura e Chad. — Uma mulher loira que não parecia muito mais velha do que a maioria dos participantes estava na frente da banda no velho microfone. Seu sorriso caloroso deixava rugas nos cantos dos olhos, e esse era o único sinal revelador de que sua pele lisa não era cem por cento genética.

Ela estendeu os braços no palco como se estivesse preparada para abraçar a todos. Peguei as bebidas para mim e Jules, voltei para ela e coloquei uma taça na sua mão.

— Sua mãe definitivamente sabe como trabalhar em uma sala. — eu me inclinei e sussurrei do lado da minha boca no ouvido de Jules. Todo mundo se apegou a cada palavra de sua mãe com sorrisos radiantes.

— Sim, ela sabe. — Jules mantinha um sorriso no rosto como se sua mãe o visse cair, ela poderia ter problemas.

As mulheres na sala brilhavam com vestidos de cores diferentes. Os caras estavam todos de smoking, parecendo muito mais confortáveis do que qualquer cara que eu já vi em um. Como eles os usavam desde que eram pequenos e era apenas mais um conjunto de roupas, não cinco camadas de tecido a mais.

Eu não tive que ler o Great Gatsby na escola. Se esperava que as crianças na minha faixa etária lessem The Giver ou outras histórias abaixo do nível da leitura. Mas eu tinha visto o filme. Mesmo na tela, era um monte de exageros e pessoas com egos muito grandes para as mansões em que viviam. Isso não tinha nada na festa da irmã de Jules.

Havia uma banda cheia de smokings combinando com o meu. Foi um teste para todas as coisas que eu espero estar fazendo no próximo ano. Reece já falou sobre os convites que recebeu para eventos, festas e instituições de caridade. Nada do que eu já havia experimentado estava cheio de dinheiro assim, e o pai de Nix era um ex-jogador da NFL que definitivamente sabia como se divertir.

— Olhando para entrar no draft nesta temporada?

Eu me virei para o homem mais velho ao meu lado. — Sim senhor. Com a temporada que tivemos no ano passado, houve muito interesse.

— Tenho certeza de que sim. E corte as coisas de senhor. Pode me chamar de Felix. — O homem mais velho com as têmporas cinzentas me passou o cartão de visita. — Estamos de olho em você há um tempo, Sr. Vaughn.

Eduquei minha expressão, tentando parecer legal. Os fãs no campus eram uma coisa, até as pessoas gritando meu nome nas ruas ao redor do estádio, mas essa foi a primeira vez que fui visto na natureza como agora. Ter um cara como ele vindo até mim e falando comigo como um igual. Como se eu estivesse fazendo um favor a ele por falar de esportes por alguns minutos.

Ele riu. — Consigo encontrar um jogador de futebol a cem jardas. Vem com o território.

Eu verifiquei o cartão dele. Agente de esportes.

— Sei o quanto as coisas podem ficar difíceis para os jogadores com todas as regras da NCAA, mas conheço mais de um time que foi capaz de ajudar jogadores como você. Talvez você esteja de um olho em algum antes das férias de primavera e verão antes do início da temporada. — Ele se inclinou conspiratório.

Colocar a temporada do meu time em risco por uma festa não era algo que eu chegaria perto. — Eu estou bem por enquanto.

— Bem, se você precisar de alguma ajuda, me ligue e eu posso fazer acontecer. — Ele me deu um tapinha no ombro e se afastou.

Um garçom que passava bateu direto no meu ombro. Foi um sucesso como se eu estivesse de volta em campo. Minha bebida voou da minha mão, cobrindo Jules quando ela se aproximou.

— Filho-da-puta. — Eu me virei para agarrar o cara, mas ele já tinha sumido, desaparecendo na porta em que todos os garçons entravam e saíam. Aquele golpe parecia familiar demais, mas eu tinha coisas maiores com que me preocupar. Como Jules congelada e semi encharcada, me encarando com os olhos arregalados.

Peguei alguns punhados de guardanapos e comecei a secá-la. Uma trilha de champanhe escorria pelo vale de seus seios. Um dos organizadores da festa haviam arrancado o suéter dela quando entramos na sala (por não ser apropriado para a linha do tempo) e eu nunca fui tão feliz por regras bizarras e ricas de festas de pessoas ricas em minha vida.

Ela bateu nas minhas mãos. — Você deveria parar! — Ela sussurrou e virou as costas para a sala, pegando os guardanapos de mim e passando por cima do vestido.

— Desculpe.

— Não é sua culpa. Eu vi aquele cara bater em você como se estivesse indo para a end zone.

— Certo?

— Ele tem sorte que minha mãe não viu isso. Ela teria surtado. Eles tiveram que trazer uma equipe inteira de Philly para isso.

— Como se a festa não pudesse ter ficado mais chique.

— Ha ha.

Outro garçom passou segurando uma bandeja com pequenos bolos tufados. Eu poderia descer a coisa toda em cinco segundos, com as duas mãos.

— Eu não acho que todo mundo parou de beber desde que chegamos aqui. — eu me inclinei e sussurrei no ouvido de Jules, não deixando meu olhar percorrer a suave e ampla inclinação de seus seios e o vale proibido que brilhava com lantejoulas como um outdoor louco da Times Square. Definitivamente, não estou fazendo isso.

— Há pessoas que são permanentemente assim. Frascos ocultos, períodos de reabilitação, a eventual recaída que todo mundo finge não notar, ou juram que eles tomarem alguns drinques não é grande coisa.

— Não é à toa que você me convidou.

— Foi uma escolha difícil depois que você se ofereceu. Pensei em desistir e cancelar, mas então eu estaria sozinha.

Eu fiz outra varredura da multidão. — Eu posso ver por que foi uma escolha difícil. — Eu olhei nos olhos dela. — E estou feliz que você não tentou cancelar. Estou feliz por estar aqui com você.

— Julia, você vai me apresentar o seu convidado?

Era como se uma frente fria tivesse surgido sobre a festa. Jules olhou de volta para a mãe como um boxeador indo para o ringue. O corpo de Jules ficou rígido, mas ela estava leve nos calcanhares e quase imperceptivelmente balançando como se estivesse pronta para um soco.

O vestido da mãe provavelmente custa mais do que um ingresso de temporada para o Sky Box dos Trojans. Seu olhar saltou entre mim e Jules com o mesmo sorriso ela usava antes, as linhas na borda de seus olhos enrugando ainda mais. Ela estendeu a mão e seu olhar percorreu

meu corpo. — E você deve ser Berkley. Laura estava me contando tudo sobre você.

Muito difícil de fazer quando Laura me molestou com os olhos por todos os vinte segundos e mal falou comigo durante o processo. Talvez ela só estivesse me avaliando tentando descobrir se eu era um cara legal por estar namorando sua irmã, mesmo que fosse tudo fingimento.

— É um prazer conhecê-la. — Limpei minha mão na calça, não querendo enfiar minha mão suada em sua mão delicada. Porra, eu senti como se fosse quebrar todos os ossos em seus dedos. Eu também estava um pouco preocupado com a representação de estátua de Jules.

— Evelyn. — ela ofereceu seu nome. — Laura não estava exagerando quando disse que você era bonito. — Sua mãe apoiou uma das mãos sob o queixo. — E há quanto tempo vocês dois estão juntos?

Jules abriu a boca para enfrentar sua mãe, mas eu entrei.

— É novo. — Deslizei meu braço em volta do ombro de Jules. — Mas se ela continuar me alimentando do jeito que tem feito, nunca vou deixá-la ir. — Olhei para Jules com um distinto olhar de vá com isso.

Ela bateu a mão na minha. — Sim, muito novo.

— É claro que você saberia entrar no estômago de um homem. — O cabelo loiro ondulado de sua mãe saltou enquanto ela ria.

Jules se encolheu sob o meu aperto.

— Ela é uma cozinheira fantástica. Uma das melhores padarias da cidade está trazendo ela para um projeto especial.

— Julia sempre amou a cozinha. E comida. Ainda bem que ele parece forte. — Sua mãe falou com Jules enquanto me dava um tapinha no peito.

Jules respirou fundo. — Ela me mantém bem alimentado.

— Eu tenho certeza que ela faz. Fico feliz que ela esteja fazendo o suficiente para vocês dois. Tenha um ótimo tempo neste fim de semana.

Essa foi uma das conversas mais estranhas que tive em muito tempo, mas as pessoas ricas fazem o que as pessoas ricas fazem. Era como se ela estivesse falando em código e eu não tivesse a chave de tradução.

Alguém interrompeu, afastando-a, e ela continuou abraçando e beijando outros participantes.

Jules virou-se debaixo do meu braço e correu para o pátio, desaparecendo na noite escura além das portas.

12

JULES

Deslizei em torno das pessoas dançando na valsas perfeitas, abri as portas francesas. As cortinas de seda se erguiam sobre o pátio de pedra. Lá fora, o aperto no meu peito foi tanto que era difícil recuperar o fôlego.

Apoiei minhas mãos no parapeito de pedra e olhei para cima. Nuvens cobriam o céu noturno. Pelo menos as estrelas não estavam aqui para testemunhar minha humilhação, embora todos os outros estivessem, incluindo Berk.

A umidade lambeu minha pele, deixando o vestido ainda mais desconfortável, agarrando e arranhando cada centímetro de mim que cobria. Pontos de água espirraram nos meus braços. Pelo menos, se chovesse, eu poderia culpá-la por meu rosto estar molhado. Limpei meus olhos, tão cansada de deixar minha família fazer isso comigo. Os passos pesados que só poderiam ser de Berk me seguiram. Ninguém mais provavelmente tinha notado que eu tinha saído.

— Jules.

Limpei meus olhos. Não é um ganho assustador. Este fim de semana não seria a Extravaganza do Fim de Semana de Confortar Jules. Desci correndo os degraus que levavam ao jardim.

— Jules.

Eu mantive minha cabeça baixa e continuei andando. Meus saltos deslizaram e balançaram no caminho de cascalho.

— Se você está tentando se esconder, o vestido brilhante não é exatamente furtivo. Eu acho que é por isso que os militares escolheram camuflado em vez de lantejoulas.

Parando, suspirei e esperei.

Seus passos pesados pararam. Seu paletó roçou no meu braço. — Pelo menos, me deixe ir com você em sua caminhada. Me mostre por aí. Talvez um dos seus velhos lugares favoritos.

Não houve perguntas, apenas conforto. O conforto de sua presença e a tranquilidade de que, por enquanto, ele não iria me pedir para dizer algo mais do que eu era capaz. — Certo.

Eu chutei meus sapatos, abandonando a picada dos saltos quando chegamos à grama. — Há um lugar que eu não estive por um tempo. Espero que não esteja trancado para a noite.

— Se estiver, não se preocupe. Eu vou lidar com isso. — Mesmo na escuridão, eu podia ouvir o sorriso em sua voz.

— Pratica em entrada forçada, não é?

— Somente quando preciso.

No escuro, com apenas as estrelas iluminando o caminho, eu me senti segura com ele ao meu lado. Do jeito de quando você sente que alguém poderia te abraçar e fugir com você. Eu não tive essa sensação com muitos caras, mas com Berk, pensei que talvez, apenas talvez.

Então eu empurrei esses pensamentos de lado. *Ele está sendo amigo. Assim como ele é amigo há quase um ano.* Passando em casa para garantir que estou bem e roubar guloseimas. Mas nunca houve mais do que uma pitada de interesse - além da maneira como seu olhar continuava afundando no meu peito, mas esse era provavelmente o seu traço superprotetor - eu já vi isso mais de uma vez. Não que eu me importasse, mas eu precisava manter as coisas retas na minha cabeça.

Não escorregue e não tenha nenhuma ideia sobre o que pode ser isso.

— Eu nunca vi estrelas assim antes. — Berk parou ao meu lado e olhou para cima.

— Tem menos poluição luminosa por aqui.

— Às vezes eu esqueço de olhar para cima.

— Você não as vê muito na cidade. Mesmo nos melhores dias, apenas as estrelas mais brilhantes podem brilhar, mas aqui, até as pequenas perdedoras têm uma chance. Podemos ficar aqui fora, se você quiser. — Bati as unhas do polegar e mantive a cabeça baixa. Era como se meu queixo tivesse um ímã preso diretamente no meu peito. — Sinto muito que você tenha visto isso. — Eu não conseguia respirar. Suas palavras ainda ecoaram no meu ouvido, apagando muito do progresso que eu fiz. Coloquei meus braços firmemente em volta da minha cintura, querendo afundar no chão.

— O que aconteceu? Um segundo você estava lá e no outro você se foi.

E agora ele pensava que eu era louca.

— Não é nada. — Eu estava exagerando? Ele estava a menos de um metro de mim e não conseguia ver nada de errado com o que ela havia dito.

— Você está chateada. Como antes. Me diga o que aconteceu. — A preocupação sincera em seus olhos me fez sentir ainda pior. Estávamos nos divertindo muito e então eu perdi tudo por causa da minha mãe. Você pensaria que depois de tantos anos, eu teria um calo saudável construído com as palavras dela, mas toda vez que ela falava comigo, era como alguém cutucando uma ferida latejante, mal começando a sua jornada de cura.

Eu segurei seu olhar.

Suas sobrancelhas estavam franzidas, e ele parecia pronto para assumir o que havia me perturbado. Se eu já não estava me apaixonando por ele, estaria a meio passo disso. Ninguém nunca me olhou assim antes.

— Não é nada que você possa ajudar.

— Talvez eu possa.

Seu polegar fez pequenos pincéis contra o lado do meu rosto e tentei respirar. *Continue respirando, Jules.*

Ele se inclinou para mais perto e os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram. Sua gravata borboleta e smoking combinavam com ele como se tivessem conseguido suas medidas antes do tempo. Era o que acontecia quando você trabalhava com tantos alfaiates que fazer roupas para se encaixarem em alguém como você. Alguém com um corpo perfeito.

Os tentáculos do desejo lutaram contra o tambor do medo tentando dominar meu estômago. Ele estava aqui comigo. Não que ele tivesse muita escolha, já que estava praticamente preso aqui, e se tudo se resumisse a ficar comigo do lado de fora, em vez de ficar lá dentro com minha família e seus amigos, eu entendia.

Mas o rosto dele parecia estar se aproximando do meu... ou era eu quem estava me inclinando? Nós dois estávamos nos inclinando?

— Jules... — Ele levantou a mão e colocou no lado do meu pescoço. As pontas ásperas de seus dedos acariciaram os cabelos da nuca.

— Sim, Berk. — Eu queria subir na ponta dos pés e finalmente saber como eram os lábios dele nos meus. Os mesmos que eu sonhei e ele escreveu sobre a vontade de provar cada centímetro de mim.

Ele abaixou a cabeça, totalmente Berk chegando em três.

Dois.

Um.

O chão tremeu e um trovão nos fez saltar, e foi como se alguém tivesse jogado uma bola de futebol do tamanho de um cooler de festa sobre nossas cabeças.

A água desceu tão forte e rápido que feriu minha pele. Pequenas gotas de chuva se alternavam com gotas gordas que me molharam em segundos.

Rímel correu nos meus olhos e eu estava cega. A mão forte de Berk agarrou a minha e ele me puxou. Com o outro braço, ele usou o paletó como escudo. Para onde estávamos indo? Não fazia ideia porque não via nada. Uma mistura de areia e pedregulhos cavou em meus pés descalços e eu mancava atrás de Berk tentando proteger meus olhos.

Ele abriu uma porta e corremos para dentro do espaço escuro. De pé, ofegantes, nós dois olhamos para o aguaceiro torrencial que apagava todo o resto além da porta e martelava contra as janelas como se tentasse entrar.

— É uma estufa. — Ele olhou ao redor do espaço.

A mistura de aromas terrosos e florais encheu a estrutura de vidro.

— Tive muitos problemas em um verão por decidir que queria fazer coroas de flores para todos. E é claro que eu sabia que a estufa tinha as melhores flores, não as que estavam nos campos próximos.

— Grande problema?

— O maior. — Corri meus dedos pelas pétalas coloridas das flores. — Eles me fizeram replantar um vaso novo para cada um que eu dizimei. Levei um dia inteiro.

— Não é o pior castigo do mundo.

Eu ri. — Não, não foi.

— Por que eles se importam tanto?

— Eles usam as flores para muitos eventos. Mais barato do que chamar uma florista para cada um, mas às vezes são necessárias flores especiais.

— Como esta noite?

— Oh sim. Eu não ficaria surpresa se ela os tivesse trazido de Nova York ou Fiji ou algo assim. Se alguma vez houver uma chance de encontrar alguém, minha mãe agarrará essa chance com as duas mãos e nunca a deixará ir.

— Deve ter sido difícil crescer assim.

Aqui eu estava reclamando da minha irmã e a situação de Berk era muito mais complicada. Dei de ombros. — Não foi tão ruim. — As horas em que fiquei trancada sozinha no banheiro chorando no chão foram triviais em comparação com o que as outras pessoas passaram.

— Não faça isso.

— Fazer o que?

— Minimizar o que você passou por causa do que eu disse sobre mim.

Minhas bochechas queimaram. — Eu não estou.

Ele inclinou a cabeça e levantou uma sobrancelha.

Apertei meus lábios. — Você está dentro da minha cabeça ou algo assim?

— Não, mas eu vejo o jeito que você sempre quer cuidar das pessoas ao seu redor, mesmo que seja às suas custas.

— Eu não...

Ele me cortou novamente no passe. — Nunca deixe ninguém fazer você se sentir menos que incrível. — Ele tirou o paletó e o colocou ao meu redor. O peso do tecido úmido se estabeleceu em volta dos meus ombros. Puxei a frente dele para fechar. Mesmo para mim, era espaçoso e me diminuiu. Não era como se eu não soubesse que Berk era um cara enorme. Ele segurou outros jogadores de futebol no campo sem nenhum problema, mas de pé ao lado dele em seu paletó, olhando nos olhos iluminados apenas pelos raios do céu, eu me senti pequena.

Os botões de sua camisa molhada roçaram meus dedos segurando o paletó fechado. Eu enrolei meus dedos contra o piso de azulejo quente.

A chuva martelava nos painéis de vidro ao nosso redor, como nossa própria trilha sonora, para acompanhar as batidas do meu coração, correndo não apenas pela corrida, mas pela proximidade com ele.

— Obrigado por me convidar. — Suas palavras eram um estrondo baixo acompanhado pelo trovão.

Minha garganta se apertou e eu lambi meus lábios. Era como se estivéssemos sob a luz estroboscópica mais preguiçosa conhecida pelo homem. Mas a cada segundo de luz total seus lábios pareciam estar se aproximando.

Eu estava trabalhando nisso. Aceitando um agradecimento sem a necessidade de minimizar o que quer que fosse. Apenas diga “de nada”, Jules. — De nada.

— Estou me chutando por lhe dar meu paletó agora. — Seu olhar percorreu a lacuna escura entre meu corpo e sua jaqueta. — Caso ainda não tenha lhe dito. Esse vestido parece matador em você.

— Obrigada. — Nossos lábios estavam a poucos centímetros de distância. Meu corpo formigava em antecipação a tudo o que ele estava pronto para servir.

Todas aquelas noites eu li e reli suas palavras. A maneira como meus dedos formigavam quando deslizei outra carta em sua caixa de correio e peguei uma dele. Mas isso não era mais caneta e papel. Isso foi tudo sobre o que tínhamos escrito em nossas cartas. Todas as promessas que ele fez e os meses de fantasia. Eu imaginei que era onde eles sempre morariam, mas milagre dos milagres, ele estava aqui comigo agora - se inclinando mais perto para um beijo. Ele estava aqui comigo. Ele me queria.

Ele sorriu com um brilho nos olhos e então eles se fecharam. Com um movimento rápido, a distância entre nossos lábios evaporou.

Houve um leve toque dele contra os meus. Precisando de mais, me balancei na ponta dos pés.

A estufa inteira explodiu em uma luz brilhante. Um relâmpago sacudiu as janelas e um trovão rugiu tão alto que meus ouvidos zumbiram. Nós nos separamos. Ele olhou para mim com os olhos arregalados e um rosto pintado de choque.

Nós nos viramos e olhamos para fora, para o fumo, restos carbonizados de um banco de pedra do outro lado do vidro, iluminado apenas pelos raios intensos que atravessavam o céu, jogando a paisagem ao nosso redor da noite para o dia em pequenos pedaços.

Com os olhos arregalados, nós dois olhamos para a estrutura de vidro e metal atualmente nos protegendo, e não acho que nenhum de nós quisesse testar se o piso nos isolaria de um golpe direto ou o ditado sobre raios nunca caírem duas vezes no mesmo lugar.

Correndo em direção à casa principal, corremos todo o caminho de volta para o quarto. Nosso quarto. Como o quarto, que eu estaria compartilhando com ele pelas próximas duas noites. Dormir perto dele com aquele quase beijo persistente e me deixando agitada como um fantasma com suas correntes.

— Vou me trocar. — Sem esperar pela resposta dele, peguei minha bolsa, que felizmente havia sido colocada no porta-malas do lado de fora da porta do armário e entrei no banheiro. Lá dentro, tirei meu vestido. Ele caiu no chão com um baque ensopado e retumbante. Meu rosto estava uma bagunça de rímel desbotado e toques de sombra saindo. Ainda bem que ele não tinha me visto em plena luz, ou provavelmente teria corrido por cima daquelas colinas atingidas por raios.

Lavei meu rosto e vesti meu pijama confortável. Ele era desleixado e desgastado, exatamente como eu gostava. Amarrei meu cabelo em um rabo de cavalo e escovei os dentes. Eu até usei fio dental. Sim, eu estava me escondendo. Tentando manter minha dignidade por mais alguns minutos.

Respirando fundo, abri a porta do banheiro. Meu estômago estava uma bagunça absoluta, como se eu estivesse fazendo barracas desde o amanhecer. Meu único barril terminara com o cabelo encharcado de cerveja e eu orando aos deuses da porcelana para me ferir por minha transgressão.

O quarto estava tão silencioso que pensei que talvez ele tivesse saído. Meu olhar varreu ao redor. Mas sua grande forma estava dobrada em uma das cadeiras laterais no canto. Sua cabeça estava apoiada no topo das costas de couro liso.

Andando, cutuquei seu ombro. — Berk, o banheiro é grátis.

Ele murmurou.

Estendi a mão e balancei os dois ombros. — Você vai me odiar de manhã, se eu deixar você dormir assim. — Eu levei minhas mãos até o pescoço dele e o girei.

Sua cabeça disparou e seus braços chicotearam em volta de mim, me puxando para seu colo. Seus dedos apertaram dolorosamente meu quadril e eu apoiei minhas mãos em seu peito.

Eu gritei e seu olhar se concentrou em mim.

O alarme em seus olhos derreteu quando ele percebeu nosso ambiente e o constrangimento tomou o seu lugar, deixando suas bochechas coradas sob a sombra das cinco horas. Seu aperto afrouxou imediatamente.

Eu não tinha ideia do que diabos tinha acabado de acontecer, mas ele parecia tão assustado por um segundo, como se alguém o sacudisse para acordar fosse um pesadelo vindo à vida.

— Desculpe, Jules. Eu esqueci onde estava. — Ele balançou a cabeça e me soltou completamente, o que ainda me deixava no seu colo.

— Você desmaiou enquanto eu estava no banheiro.

Ele bocejou em seu ombro. — Alguém estava demorando um tempo incrivelmente longo para simplesmente entrar e se trocar.

— Desculpe.

Ele sorriu. — Não precisa se desculpar. Obrigado por me acordar.

Minhas bochechas queimaram e tive sorte de a única luz no quarto ser a atrás de mim, do banheiro. — Não tem problema. — E então afundou em que eu ainda estava sentado em seu colo. Tudo de mim, sem qualquer apoio ou manter os pés no chão e eu levantei.

Ele foi para o banheiro e eu afundei debaixo das cobertas. O dia que parecia ter se arrastado por meses estava finalmente terminando. E meu sangue palpitava em minhas veias.

Berk abriu a porta do banheiro e a luz de dentro o lançou na sombra. Contornando cada ondulação e protuberância de seus músculos emoldurados na porta.

— Existem alguns cobertores extras no armário.

— Você não precisa dormir no sofá. É uma cama grande. Depois do dia que você teve, posso ficar no sofá, se você não quiser compartilhar. Você veio direto do treino. — Empurrei as cobertas e joguei minhas pernas para fora.

— Não. Isso me faria sentir uma merda se você fizesse. Tem certeza de que está bem em compartilhar a cama comigo? — Havia uma inquietação em sua posição. Como se o pateta confiante tivesse dado lugar a alguém menos seguro de si. Alguém como eu.

— Estou bem. — Voltei para debaixo dos cobertores e tranquei meus braços ao meu lado.

Ele deu a volta na cama e sentou na beira. — Sobre a estufa...

Eu pulei na frente do que ele ia dizer, me jogando na frente do caminhão Mack e me decepcionar suavemente. — Não se preocupe com isso. Eu não quero que você se sinta estranho ou algo assim. Você estava tentando me fazer sentir melhor. Fomos apanhados no momento, não é grande coisa. — saiu apressado, tudo de uma vez. Virei minha cabeça para o lado.

Ele jogou as pernas para a cama e se acomodou de costas, olhando diretamente para o teto.

E agora eu tinha decidido oficialmente que convidar Berk não era uma má ideia. Foi a *pior* ideia.

Porque eu não conseguia parar de pensar naquele quase beijo. Nós quase nos beijamos. A maneira como suas mãos fortes seguraram meu rosto com tanta suavidade quanto ele estava a um fio de cabelo dos meus lábios. Era como o caminho para um dos beijos que ele me prometeu. Como um que havia sido rabiscado em todas as suas cartas. O tipo que me fez me tocar debaixo das cobertas até eu gemer seu nome, assim como ele me prometeu que eu faria.

Maldito raio!

Ele era o cavalheiro perfeito, me levando para passear e compartilhando seus fones de ouvido contrabandeados comigo naquela noite enquanto estávamos deitados lado a lado na cama. Então, quando a música que ele queria compartilhar comigo terminou, ele rolou no chão, mesmo que eu tivesse dito a ele que a cama era grande o suficiente para nós dois. Talvez o quase beijo tenha sido apenas para elevar meu ânimo. Me tirar do meu estado de lágrimas que ele já tinha visto uma vez hoje.

Com lábios como esses, eu tinha certeza que ele achava que eles eram a distração perfeita para quase qualquer mulher. Uma pequena onda de ciúme passou por mim em todas as mulheres que ele provavelmente beijou porque queria, não porque ele sentiu que era a coisa mais legal a se fazer. Meus dedos coçavam para escrever uma nova carta para ele, mas não consegui. Eu fechei a porta da The Letter Girl. Mas essas cartas eram as mais próximas que eu chegaria de tê-lo. Berkley Vaughn não estava interessado.

13

BERK

Eu rolei da cama no chão, levando um travesseiro comigo. Eu resmunguei quando minha ereção não tão amigável bateu no chão. Certamente eu não estava brincando com LJ, Keyton ou Marisa. Mas ouvir Ed Sheeran com Jules, memorizando todas as sardas em seu rosto e a maneira como seus lábios cheios expressavam as palavras do refrão no final, meu pau latejava.

Enquanto ela olhava para mim por cima da beira da cama, uma cortina de seu cabelo caiu. Ela o colocou atrás das orelhas. — Merda, você está bem?

— Sim, eu estou bem. — Eu fiz uma careta, segurando o travesseiro no meu pau lentamente, mas não lentamente o suficiente. — A cama é muito macia, então acho que vou ficar aqui por uma noite.

Os olhos de Jules se arregalaram e ela deixou o cabelo cair sobre o rosto. — Oh. — Ela se afastou da beira da cama e eu me deitei no chão em alívio.

— Você tem certeza? Eu posso pegar o chão. Eu não me importo.

Ela era tentação demais. E eu queria tanto provar seus lábios que quase rolei em cima dela e tomei aquele beijo que a mãe natureza havia roubado de nós tentando nos matar na estufa.

— Pelo menos tome mais alguns travesseiros e o cobertor. — Ela empurrou uma parede de lençóis brancos incrivelmente grandes para mim.

Seus olhos me lembraram os biscoitos de chocolate com leite que ela fez alguns meses atrás. Eles tinham bolachas de chocolate, em vez de pedaços de chocolate comuns. E eles eram macios e deliciosos e eu sabia que ela provaria exatamente da mesma maneira. Então me bani para o chão antes de perder as minhas boas maneiras e fazer algo que não posso recuperar. Ou seja, enrolar seus cabelos em volta do meu punho, segurar seu queixo entre o polegar e o indicador e ver se esses lábios eram tudo em que eu pensava nos últimos dias.

A noite no chão não foi tão ruim assim. Eu dormia em lugares muito piores e os travesseiros e cobertores tornavam fácil dormir até a manhã seguinte, o que não acontecia com frequência. Eu ainda não conseguia acreditar que tinha dormido naquela cadeira na noite anterior, mas podia acreditar que tinha acordado como se alguém fosse

me roubar. O olhar de medo no rosto de Jules azedou meu intestino e eu imediatamente a soltei. Um perigo que eu esperava. Se eu dormia em algum lugar quieto, eu estava quase sempre no limite quando alguém me acordava.

Mas mesmo no chão neste novo quarto, eu não estava mais no limite. Jules estava aqui. A porta do banheiro se abriu lentamente e seu farfalhar não tão quieto me deixou saber que ela estava tentando ter certeza de que não me acordaria.

Eu abri um olho. Ela estava agachada na beira da cama, amarrando os sapatos.

— Aonde você vai?

Ela pulou e caiu de volta na bunda, segurando o peito.

— Você me assustou. — O grito dela me fez sorrir.

— Onde você vai?

Seus lábios se apertaram, e ela se levantou do chão e terminou de amarrar os sapatos. As palavras murmuradas mal conseguiram sair de sua boca.

— Onde? — Coloquei minha mão em volta da minha orelha.

Ela deixou escapar um suspiro exasperado. — Para uma corrida. Vou correr, tudo bem. — Havia um desafio em seus olhos como se ela tivesse me dito que iria subir no telhado para bater as asas.

— Legal, me dê três minutos e eu irei com você.

Seu olhar de cervo nos faróis estava de volta. — Não, você não precisa fazer isso. Você não precisa vir comigo.

Eu me levantei do chão e peguei um moletom e uma camiseta da minha mochila. — Claro que não preciso, mas quero. A temporada está chegando e, com o treino de ontem, ficarei mal se não me levantar e fizer alguma atividade física. — Fechei a porta do banheiro atrás de mim, não cem por cento certo de que ela estaria lá quando abrir a porta.

Escovando os dentes para banir os gremlins que tiveram uma festa na minha boca na noite passada, saí pelo menos cheirando como se não estivesse comendo bulbos de alho.

— Você realmente não precisa se juntar a mim.

Eu levantei minha mão. — Julienne Fries, quando você vai aprender? Eu não faço nada que eu não queira, especialmente não vou

correr... — Peguei meu telefone e meus olhos se arregalaram na hora. — Não são nem sete da manhã.

— Viu! — Ela tomou meu gemido como confirmação de que eu realmente não queria ir.

— Não importa, nós estamos indo. — Agarrei seu cotovelo e a conduzi para fora do quarto.

Havia pessoas apressadas, se preparando para as festividades planejadas para o dia. Eu não dava a mínima, desde que não tivesse que usar aquele smoking novamente. Não acho que a água da chuva e as roupas caras andam juntas.

— Há um caminho de cascalho que leva aos estábulos. E uma volta para a casa.

— Parece bom para mim. — Olhei para Jules; ela estava com uma camiseta de manga longa e calça de moletom.

— Você não está quente como bolas nisso? — Ela encolheu os ombros.

— Não.

— Mostre o caminho. — Empurrei a porta da frente e estendi meu braço. A nebulosidade da manhã não estava no auge máximo dos últimos vestígios do verão. A chuva de ontem tirou a maior parte da umidade do ar.

Ela atravessou a porta, batendo o ombro no batente da porta à minha frente, como se estivesse tentando ficar o mais longe possível, mas parou no meio do caminho. — Você realmente não...

— Pare, Julienne Fries. Vou correr com você, mesmo que tenha que jogá-la sobre meus ombros e fazer a corrida dessa maneira. Então vamos correr. — Levantei minha mão e congelei centímetros da bunda dela.

Não, não chegue perto disso. Eu só tinha visto isso em roupas, mas sabia com um toque que não seria capaz de me impedir de arrastá-la para algum lugar e reivindicar o beijo que tinha sido roubado de nós na noite passada.

Seu olhar era adorável quando ela saiu. — Bem.

Partimos correndo - uma corrida, mas eu não estava reclamando. Eu odiava correr. Meu castigo número um depois de um erro durante os treinos foram as voltas. Meu trabalho era impedir que meu QB fosse demolido. Não correr pelo campo para passes de cinquenta jardas. Minha posição na zona de conforto morava em vinte jardas, e correr me

sugava. Mas se eu pudesse passar um pouco de tempo com uma certa padeira, eu seria sugado e faria alguns dos trabalhos de condicionamento que estava evitando.

Jules apontou mais lugares que ela amava naquele lugar e tinha passado a infância. Mas então o ritmo aumentou e eu acompanhei o ritmo dela. Nossas conversas caíam de algumas palavras de vez em quando para nada além de uma expiração constante e o ruído de nossos pés no chão.

Depois que chegamos a outra pequena colina com o olhar de Jules fixo no horizonte, eu estava pronto para voltar para casa. Minhas pernas estavam pegando fogo, gritando para eu parar. Há quanto tempo estávamos correndo? Trinta minutos? Uma hora?

Jules estava correndo como um corredor de maratona, apenas acertando o passo.

— Misericórdia. Estou parando. — Apoiei as mãos nos joelhos, parando no meio do caminho. — Você é pior que o treinador.

Ela derrapou até parar alguns passos na minha frente. — Oh, graças a Deus. — Ela se jogou na encosta gramada ao nosso lado. — Eu estava tentando acompanhá-lo. — Seus braços estavam envoltos em seu rosto, esmagando seus óculos embaçados.

— Estou a cerca de vinte segundos do meu coração explodindo no meu peito. Jesus, eu senti que você poderia ter continuado para sempre.

Ela olhou para mim, brilhando com mechas de cabelo e pedaços de grama grudados no rosto e riu. Foi uma risada delirante que infetou o ar ao seu redor. E eu estava bem ao lado dela na encosta encharcada, tentando recuperar o fôlego. A ascensão e queda de seu peito me fez pensar em outras maneiras pelas quais podemos nos esforçar. Maneiras muito mais agradáveis do que a nossa tortura, e eu tinha certeza de que poderia deixá-la suada.

— Eu já estava nos levando de volta para casa. Logo começarão as festividades do dia. Nós vamos ter que nos arrumar.

Eu gemi. — Somente se você me proteger e prometer não me abandonar desta vez.

Ela colocou os braços em volta das pernas. — Eu prometo.

Essas palavras chegaram no fundo, como se minha brincadeira tivesse revelado algo sobre mim que só ela podia ver. E sua promessa de fazer algo de que outras pessoas riam era tão forte quanto qualquer outro.

Voltamos para casa, um pouco encharcados, enlameados e suados, mas com algo novo entre nós que nem o quase beijo tinha criado.

Eu peguei um bolinho da comida que eles estavam trazendo e bebi um galão de água.

— Onde está a comida de verdade? — Eu tinha meu estoque de emergência na mochila, como sempre, mas tinha certeza de que poderia convencer alguém a me trazer alguns ovos mexidos com queijo e bacon.

Jules pegou um prato e o encheu de abacaxi, kiwi e croissant. — Eles vão fazer um café da manhã às nove. Não se preocupe. Eles têm ovos mexidos com queijo e bacon.

Parei no meio de uma mordida no meu bolinho de mirtilo com mirtilos de verdade. — Como você sabia que era isso que eu queria?

Ela enfiou meia um mordida de comida na boca e cobriu-a com a mão, encolhendo os ombros. — Parecia algo que um jogador de futebol com fome comeria.

— Julia.

Jules mais uma vez foi direto com as costas retas.

Sua mãe atravessou a sala com um grande sorriso e uma roupa que eu teria medo de manchar se respirasse.

— Começando um pouco de exercício matinal? — Sua mãe olhou de mim para Jules.

— Jules acordou cedo e eu decidi ir junto.

— É tão maravilhoso que você se juntou a ela, Berkley. Espero que ela não tenha atrasado você demais.

Jules estava com a cabeça baixa, olhando para o melão como se ela o pudesse levitar até a boca.

— Nah, ela estava chutando minha bunda.

Sra. Kelland soltou uma risada trêmula como se eu tivesse dito algo hilário. — Um cavalheiro.

— Não tenho certeza de como admitir que Jules quase me deixou comendo poeira seja cavalheiro, mas eu aceito.

Ela inclinou a cabeça e me deu um tapinha no ombro. — Vocês dois devem se limpar antes do café da manhã. Julia, um momento.

— Vá em frente, Berk. Encontro você no quarto. — Jules parecia estar recebendo seus últimos ritos.

— Vou me apressar e tomar banho, para que você possa ter o banheiro livre.

— Tão gentil da sua parte. — Sua mãe sorriu. Ela não era do tipo quente e confusa de mãe. A calça rosa pálida e a blusa branca gritavam "as crianças vão lavar as mãos antes de tocar em qualquer coisa", mas ela sabia muito bem como fazer uma festa. E ela não deu uma olhada em mim com Jules e chamou a segurança para me colocar para fora.

Não fazia sentido por que Jules não quisesse vir neste fim de semana. Os amigos de sua irmã eram imbecis. Sua irmã e mãe eram... interessantes, mas nada que eu não pudesse suportar. Talvez Jules fosse uma dessas pessoas que não sabia a sorte de ter um pai por perto. Mas Jules nunca fora diva ou falara mal de alguém, nem mesmo do senhorio imbecil que quase transformara sua casa em uma armadilha mortal.

Se estava faltando alguma coisa, não conseguia ver.

14

JULES

Conseguimos sair ilesos do outro lado do fim de semana. Bem, Berk fez. Toda vez que minha mãe "precisava de uma palavra" eu me preparava para me sentir alguns centímetros menor.

— Sua irmã queria você como dama de honra, mas podemos ter que tirar você das fotos se você não perder um pouco de peso antes disso.

— Você tem sorte de ele estar aqui com você. Por que você tentaria fugir dele? Você não sabe que os homens gostam de se sentir poderosos. Não tem uma mulher tentando mostrá-los.

— Por favor, vá tomar banho antes que todos assumam que você está suando por causa do calor.

— Onde você conseguiu essas roupas, Julia? É uma maravilha que ele tenha visto alguma coisa em você.

Eu estava a segundos de gritar a verdade bem no rosto dela, mas isso teria sido pior. O fato de eu ter mentido sobre estar com Berk - oh, desculpe, Berkley - seria apenas outro exemplo de como eu sou péssima e ninguém como ele jamais iria querer estar com alguém como eu. Pelo menos uma vez que saírmos, eu não teria problemas em flutuar na mentira de que ele havia terminado comigo.

Fechei minha bolsa em nosso quarto, mas Berk não me deixou levá-la para o ônibus. Ele pegou, pegando como se não fosse nada.

O passeio de volta à cidade seria mais silencioso que o anterior. As primeiras manhãs não eram a coisa certa para esse cenário; portanto, dos três ônibus que eles corriam de Kelland Estate, eu tive certeza de que Berk e eu estávamos no primeiro.

Sentei na janela desta vez, precisando do amortecedor de Berk entre mim e qualquer outra pessoa que tivesse decidido partir de manhã cedo. Enquanto puxávamos embaixo da entrada de cascalho, os assentos de couro do ônibus não estavam nem na metade do caminho, mas Berk não se moveu.

As nuvens de tempestade estavam de volta, a chuva tamborilava na janela em que descansei minha cabeça. O moletom que Berk me emprestou cheirava como ele e nadou em mim, o que o tornou perfeito para afundar.

— O que você planejou antes do início das aulas?

— Cozinhar por estresse enquanto tento preparar tudo.

— Me deixe entrar em um pouco disso. — Ele desviou os fones de ouvido do telefone e enfiou um twizzler na boca. Ele tinha uma porção do tamanho de Mary Poppins escondida em algum lugar.

Eu empurrei seu ombro e ele mal se moveu; era como enfiar minha mão em uma parede de tijolos. — Você não deveria se aproveitar do meu estresse.

— Como não posso quando suas delícias são o que recebo por causa disso? Fico tentado a ficar do lado de fora do seu quarto batendo em panelas e frigideiras para mantê-lo de olhos turvos e assando.

— Então eu vou enjoar a Elle e você sabe que Nix vai apoiá-la.

— Jogando duro, entendo. Ele nos convidou para assistir ao jogo de Reece nesta semana. Acho que ele está feliz por não estar praticando duas vezes por dia e prestes a sair na estrada para a temporada. Mas não posso acreditar que ele recusou o salário.

— Algumas coisas são mais importantes que dinheiro.

— Diz a pessoa que sempre teve. — Ele olhou para mim com um pequeno sorriso. As borboletas no meu estômago eram como um rebanho. Um rebanho? Fosse qual fosse o nome de um grupo de borboletas, isso era uma má notícia. Berk era muitas coisas, mas meu novo namorado não estava no topo da lista. Ele tinha meu novo desgosto escrito em cima dele, e eu já estava lá. Parado na minha porta da frente enquanto ele pedia um bolo para Alexis. Eu ainda não sabia o acordo com ela e não iria colocar meu coração em risco para descobrir.

— Touché.

Ele estendeu um fone de ouvido para mim. — Você já ouviu o último álbum de James Arthur?

— Você tem um ouvido assassino. Coloque para mim.

— Eu gosto de ouvir coisas novas, por isso estou sempre redescobrindo as coisas que esqueci. — Ele estendeu o fone para mim.

Meus dedos coçaram para agarrá-lo e deixar minha pele roçar contra a dele, acidentalmente de propósito, mas este era o momento de colocar essa barreira de amigo firmemente de volta no lugar. *Ele não está pensando em você assim. Não confunda a gentileza dele, ou mesmo um quase beijo quase bêbado, por algo mais do que é.*

— Eu não estou me sentindo muito bem. Vou dormir. — Olhei para o chão entre os pés.

— Foram os ovos? Não sei como você os come tão moles.

— Não, provavelmente são apenas nervos. Eu vou dormir.

Preocupação franziu sua testa e ele passou a mão rapidamente sobre a minha coxa. Foi como uma resposta pavloviana. Eu precisaria mudar minha roupa de baixo tipo, assim que chegar em casa.

— Não se preocupe comigo. Durma, Frenchie. — Ele puxou o capuz mais alto na minha cabeça.

Um sorriso fraco foi tudo o que pude reunir antes de me recostar no meu assento, encostando a cabeça na janela. Todos os toques e momentos tranquilos quase faziam parecer que éramos um casal, mas eu aprendi a nunca ler demais as coisas.

Os caras não me veem assim. A única vez que pensei que um cara tinha, acabei querendo me enterrar na escola até a formatura. Como membro da equipe de palco, fui autorizada a ir à visita de fim de semana do clube de teatro a um show da Broadway no ensino médio.

Dexter, o cara mais fofo do clube de teatro, acabou sentado ao meu lado. Nós vagamos juntos por Nova York antes do show e pegamos comida juntos. Eu estava tão tonta que estava a segundos de flutuar como um dos balões do dia de Ação de Graças. E quando ele disse que precisava conversar e me contou tudo sobre a garota que ele realmente gostava, mas tinha medo de conversar, eu provavelmente estava radiante como um holofote enquanto me aproximava mais dele.

Talvez ele tenha visto o olhar louco nos meus olhos ou a maneira como meu sorriso mudou, mas o sorriso dele caiu, despencou direto do rosto. — Oh, você não acha que estou falando de você, não é? Eu quis dizer sua irmã.

Depois do jeito que eu segurava na frente dele, eu merecia ser a líder na jogada da escola. — Claro, de quem mais você estaria falando? — Nem uma tensão na minha voz, nem um tremor, embora por dentro eu estivesse me arrastando para um poço de desespero.

Não, não cometer o erro de confundir flerte e gentileza com ele querendo algo mais de mim novamente. Rolaríamos de volta para o campus e as coisas voltariam a ser como deveriam. Não mais dormir ao lado de Berk. E não mais quase beijos. Não mais fingimento.

Descemos do ônibus e Berk e eu dividimos um táxi de volta à nossa rua. Mexi na alça da minha mochila na parte inferior dos meus degraus e levantei meus óculos. Em outro mundo, este seria o grande momento antes do nosso beijo, mas este não era esse tipo de mundo.

— Esse foi provavelmente o fim de semana mais louco que já tive em um tempo, e estou incluindo totalmente aquele em que a outra equipe estava assombrando seus calouros com cerejas e fita adesiva.

Eu levantei minha mão. — Eu nem quero saber. Obrigada por vir. Você salvou minha vida.

Tornou pior que minha mãe nunca diria as coisas que disse em particular na frente de Berk. Muito pior, porque ela sabia que estava errado. Ela sabia que as palavras que saíam de sua boca como dardos envenenados estavam erradas, mas ela fez assim mesmo.

— Você ficou quieta desde que entramos no ônibus.

— Estou cansada. — Rebocar esse sorriso no meu rosto fez minhas bochechas doerem.

— Eu entendo. — Ele respirou. — Nós realmente nunca conversamos sobre o que aconteceu. Mas sobre isso...

Eu o interrompi antes que ele pudesse dizer as palavras.

— E eu sei que estávamos apenas fingindo sobre a coisa toda sobre namoro. E a estufa. Não se preocupe com isso. Não foi nada. Eu esqueci completamente, então...

Desviar, ocultar, correr. Foi assim que eu lidei com situações desconfortáveis. Corra para a cobertura, se possível.

— Vamos voltar a como as coisas eram antes e deixar tudo isso em Kelland.

— Nós não...

E quando tudo mais falhar, fuja.

— Realmente. Está tudo bem. Falo com você mais tarde. Tchau. — Subi os degraus. — Vejo você na aula.

Merda. Merda dupla. Estávamos na aula juntos e éramos vizinhos. Me esconder dele não era uma estratégia sólida de longo prazo, mas isso não significava que não funcionaria agora. Eu descansei minha cabeça contra a porta, fechei os olhos e deixei minha bolsa cair no chão.

— E aí?

Eu gritei e chutei com a minha melhor representação de Karate Kid, com meu coração batendo contra as costelas. — Que porra é essa?

Zoe estava no pé da escada com uma colher na boca e um pote de manteiga de amendoim na mão. Ela estava com o cabelo preso em um rabo de cavalo, boxer de pijama e uma blusa rosa brilhante.

Isso me fez sentir falta de Elle. Em tempos como esses, ela sempre esteve lá para me buscar depois de minha mãe e minha irmã me drenarem de felicidade como vampiros emocionais.

Não havia estrias à vista e a pele saudável e brilhante de Zoe que estava à mostra. Provavelmente uma bela linha bronzeada de biquíni, desde as férias de verão até onde diabos ela quisesse.

— Essa é a minha manteiga de amendoim extra?

— Talvez. — Ela olhou de mim para o frasco. — Opa. — Seu olhar suave de contrição não a impediu de colocar outra colher na boca - direto do pote. — Desculpe. Foi a única coisa que não me senti uma idiota por comer.

— O que você está fazendo aqui? — Peguei a alça da minha bolsa.

— Eu moro aqui, lembra?

— Você se lembra, seria a melhor pergunta.

— Você me pegou. Por que a tristeza? Você está prestes a me fazer chorar.

— Sem tristeza, estou bem. Foi um fim de semana prolongado e preciso esquecer antes de amanhã.

Ela passou o braço pelo meu e me impediu de subir as escadas. — Apenas finja que eu sou... — O nome de Elle escapou dela. Eu praticamente podia ouvir as engrenagens agitando e faíscas começando enquanto ela arrastava sua memória para a nossa ex-colega de quarto que ela encontrou duas vezes.

— Elle.

— Sim! — Ela me deu um tapinha no braço e me puxou para baixo para sentar no degrau.

— Você é realmente estranha, sabia disso, certo?

— Mhmm. — Ela cantarolou através de outra colherada de manteiga de amendoim.

— E você me deve um pote de manteiga de amendoim. — Se eu pudesse ser assim assertiva com minha mãe, ou o inferno, até Laura. Toda vez que mamãe dizia alguma coisa, uma resposta chegava na frente da minha boca, destruindo meus sonhos com a família amorosa que eu sempre quis e esperava que pudesse recuperar um pedaço de um dia se eu fizesse tudo exatamente como ela queria.

— E você está triste de novo.

— Coisas de família.

— Eu te escuto. Mãe? Pai? Irmãos?

— Mãe e irmã.

— Garotas más. — Era uma afirmação, nem mesmo uma pergunta.

— Mais ou menos. — Inclinei minha cabeça e olhei para ela.

— Aqui está o que eu sei sobre elas. Se você enfrentá-las e mostrar a elas que não deixará que andem sobre você? Elas geralmente recuam.

— Eu não acho que funciona assim com os pais.

— Não pode machucar.

Um baque do andar de cima sacudiu o chão. — Babe, só há sabonete com cheiro de romã. — Uma voz distintamente masculina chamou do andar de cima e um cara caminhou até o topo da escada com minha toalha azul extralarga enrolada na cintura.

Eu olhei dele para ela.

— E lhe devo um sabonete e uma toalha nova. — Ela bateu a colher no lábio inferior. — Nós meio que fomos expulsos da casa de Jaxon, então pensamos que cairíamos aqui. Espero que esteja tudo bem para você.

— Não é como se você não pagasse aluguel. — Dei de ombros e me levantei do degrau.

— Você nem saberá que estamos aqui.

— Babe, há um poste de stripper neste outro quarto! Podemos usar?

— Não! — Gritamos ao mesmo tempo.

Arrastando minha bolsa para o meu quarto, contornei o homem seminu parado no topo da escada. Ele definitivamente se encaixava no molde de Zoe de namorado do mês ou possivelmente do semestre.

Músculos ondulantes que trabalhavam durante horas na academia para garantir que ele não perdesse o dia da perna, uma admissão legada à faculdade com notas que fariam qualquer aluno regular perder a cabeça e uma arrogância que acompanharia as semanas de trabalho da Fortune 500 depois da formatura.

Ele me jogou um queixo inclinado como “eai” antes que eu desaparecesse no meu quarto.

Eu desempacotei e imprimi meu horário para todas as minhas aulas, incluindo um maravilhosamente agressivo para a aula de Buchanan. A que eu estaria compartilhando com Berk.

Olhei para as minhas persianas fechadas como se de repente eu pudesse ter uma visão de raio-X e fosse capaz de olhar diretamente para o quarto de Berk. O quarto que foi a razão pela qual minhas cortinas foram fechadas nos últimos três anos. Porque eu não deveria estar olhando para o quarto sonhando com ele. Em grandes letras em negrito penduradas bem na minha cabeça como uma legenda em quadrinhos, era assim que você soletrava o coração partido.

15

BERK

Eu não era nada. Eu esqueci completamente disso.

As palavras de Jules estavam ecoando nos meus ouvidos dias depois que eu estava no pé da escada da casa dela, a segundos de fazer daquele quase beijo uma lembrança distante varrida pela minha crescente fome por ela.

Mas então ela me colocou no meu lugar. Ela era uma garota rica que poderia fazer o que diabos quisesse. Só porque eu era um Trojan iniciante na Fulton U não significava que ela se importasse com tudo isso. E, embora quase todo mundo no fim de semana tenha sido idiota, provavelmente havia homens em seu nível que não eram como as amigas de sua irmã querendo levar Jules para encontros extravagantes.

Lugares que eu não teria permissão de ir sem mostrar a eles minha conta bancária - bem, talvez em um ano. Andando pela rua, olhei para a casa dela. Por que ela morava em uma casa tão acabada? Com o dinheiro que sua família tinha, ela poderia ter ficado em uma das casas ostentosas do outro lado da rua do campus.

Amanhã, teremos aula juntos. Excitação percorreu minhas veias. O mesmo tipo que tive antes de um dos meus jogos. Amanhã, eu não seria o cara que "aconteceu" de estar do lado de fora no exato momento em que ela estava voltando para casa, ou usaria biscoitos como desculpa para sair. Quem faz isso? Eu, aparentemente, não posso evitar.

Em questão de dias, Jules passou de alguém que eu ansiava por ver todos os dias, para alguém que eu precisava ver. Eu precisava fazê-la rir e ter certeza de que ela estava bem. E eu queria que ela quisesse isso de mim também.

Havia um constrangimento entre nós agora e eu odiava cada segundo disso. Mas eu estava nisso por um longo tempo, até que ela me dissesse que, sob nenhuma circunstância, ela sequer consideraria namorar comigo.

Meu primeiro jogo de futebol era em dois dias. Eu precisava me concentrar. Coloquei minha mochila por cima do ombro e abri a porta da frente. No meio da escada, congelei no meio do caminho. Jogando minha bolsa para baixo, corri de volta pelos degraus e saí pela porta da frente.

Levantando a aba da caixa de correio, olhei para dentro. O mesmo envelope azul olhou para mim. A cratera no meu peito se formou novamente, mas não estava nem de longe tão profunda quanto antes. Olhei do outro lado da rua e voltei para a caixa. Havia um novo envelope branco, de aparência oficial, ao lado, com meu nome.

Eu nem chequei o endereço de retorno, apenas o abri. Folheando as páginas impressas, voltei para dentro, digitalizando cada uma.

Consulta de registros concluída. Nenhum endereço conhecido.

Nenhum destinatário conhecido.

Nenhum endereço de encaminhamento fornecido.

Cada consulta para Elizabeth Vaughn surgiu como outro beco sem saída.

Sentei na beira da minha cama e olhei para as folhas de papel dobradas no chão. Não havia como eu a rastrear sozinho. Eu tentei. Pesquisando os processos de registros de cada estado, pagando por eles. Eu precisaria de ajuda, mas não tinha dinheiro para contratar alguém para fazer isso.

Aquele garotinho que olhou para a figura em retirada de sua mãe não podia deixar isso mentir. O mesmo garoto que olhava para o teto todas as noites esperando que ela aparecesse na porta dizendo a todos que tinha sido um erro terrível - ele balançou na minha cabeça, incapaz de deixar passar. Seguir em frente era impossível quando aquela versão assustada de sete anos de mim precisava da mãe.

Meu telefone estava na cama ao meu lado. O presente que minha mãe tinha cuidadosamente embrulhado e guardado na minha mochila quando ela me deixou na varanda da casa de meu pai estava no meio do chão do meu quarto. O papel branco com balões azuis e vermelhos havia desaparecido ao longo dos anos e houve alguns rasgos, incluindo um especialmente longo, onde uma das crianças do orfanato o encontrou e tentou abri-lo. Eu cuidadosamente o colei novamente com seu sangue ainda cobrindo meus dedos.

Se eu abrisse a caixa, seria o último presente que recebi da minha mãe. Ela nunca chegou a me ver abrir. Todo aniversário, ela trabalhava duro para me comprar um presente e embrulhá-lo. Às vezes, era apenas no jornal, mas o olhar no rosto dela quando eu rasgava o papel sempre tornava o que havia dentro algo especial. Foi estúpido não abrir. Pelo que sei, era uma caixa de Tastykakes de uma década, mas eu não conseguia rasgar esse papel.

Passei o cartão de visita do agente esportivo na minha mão. Camisas foram pregadas nas paredes por eventos de caridade que a equipe havia realizado. Meu número da sorte, onze, em algumas. Eu teria uma camisa como essas daqui a um ano, se eu não estragasse tudo.

O cartão *bateu* na minha palma. Antes que meu cérebro racional assumisse, peguei meu telefone da cama e fiz a ligação.

Em menos de uma hora, eu tinha um agente. Uma reunião de negócios. Cinco figuras sentadas na minha conta bancária.

E um investigador particular no caso, com tudo o que eu conseguia lembrar sobre Elizabeth Vaughn.

Aceitei dinheiro de um agente e, se alguém descobrisse, eu estava brindando e também a temporada da FU. Tudo o que eu tinha trabalhado para me arrumar e garantir que Alexis nunca tivesse que se preocupar com algo poderia ser destruído num piscar de olhos para rastrear alguém que talvez nem quisesse me ver. Talvez ela nunca tivesse se incomodado em olhar, ou talvez ela não pudesse me encontrar, mas mamãe não tinha me rastreado até agora, e eu precisava saber disso. Eu precisava descobrir por que ela tinha me desistido de mim. Talvez isso ajude a facilitar a criação de raízes. Finalmente, ter a estabilidade que eu tanto ansiava.

Era monumentalmente estúpido, mas não havia como voltar agora. Estava feito.

Sentei-me na minha cabeceira, batendo a cabeça contra a parede.

A sombra de Jules se moveu pela janela do quarto. As persianas eram sempre desenhadas, mas sua silhueta era iluminada como o dispositivo de tortura perfeito. Seu braço girou quase como se ela estivesse girando em círculo, mas foi cortado pela beirada da janela. Eu quase podia vê-la dançando em seu quarto, dobrando a roupa, um lençol seco, para sempre cheirar recém-lavado, ou andar de um lado para o outro com cartões para estudar. Ela era definitivamente esse tipo de pessoa.

***

Minha noite foi inquieta.

Minha cama estava vazia, sentindo falta do calor de outra pessoa no quarto. Não apenas alguém - Jules.

Minha mente vagou para a morena de cabelos cacheados do outro lado da rua.

Virei de lado e abri a cortina, mesmo que o sol da manhã me cegasse e apesar do fato de que isso fazia me sentir como um perseguidor.

Jules estava com a cortina fechada. Pareceu estranho ela estar dormindo em uma cama sozinha depois das duas noites ao meu lado? Ela estava se virando e virando ou dormindo profundamente com uma das pernas jogada sobre um travesseiro, desejando que fosse eu tanto quanto eu? *Controle-se, cara.*

E foi por isso que nunca fiquei com ninguém com quem dormi. Esses sentimentos carinhosos vinham à tona muito rapidamente em geral, e especialmente com alguém como Jules. E ela fez sua posição sobre o que exatamente éramos abundantemente clara. Eu fui um ótimo substituto. Alguém divertido para conviver, mas não alguém com quem ela se interessasse por mais do que isso.

Nossa aula juntos era em dois dias; quarenta e três horas até a abertura da temporada, e com a pressão em minha vida aumentando, as decepções se acumulando uma após a outra, fiquei olhando pela minha janela a janela que já tinha visto mil vezes antes. Agora eu queria ver e estar do outro lado. Sim, nenhum perseguidor psicopata aqui.

De repente, ser amigo de Jules não parecia suficiente.

— Boa noite, Jules. — O semestre começaria e eu estaria mais do que ocupado o suficiente para impedir que pensamentos de Jules invadissem minha mente. Pedaço de bolo[8]. Isso me fez pensar no bolo duplo de quatro camadas com a cobertura de chantilly que ela fizera.

Fechei os olhos e cobri o rosto com o travesseiro. Eu estava esmagando com força e não queria tornar as coisas estranhas para ela.

~

Amanhã era um novo dia.

Com meu horário de aula em mãos, passei pelos corredores da livraria desejando ter guardado parte desse dinheiro do agente para pagar pelos livros. Nesse ponto, eu poderia ter comprado um carro novo com o quanto gastara em livros didáticos nos últimos quatro anos.

Minha bolsa de estudos de futebol cobria aulas, alojamento e alimentação, mas livros? Eu estava sozinho.

[8] Expressão que quer dizer algo muito fácil.

Eu assinei a camisa de alguém da Fulton U com a etiqueta ainda lá, onde ficava a seção de roupas.

Eles estenderam para Keyton assinar.

— Se ao menos pudéssemos ser pagos por todas essas coisas com autógrafos. — Ele devolveu para o cara que se virou segurando a camisa como sua nova posse.

— Eles tomam um rim como depósito para essas coisas? — Puxei outro livro da prateleira. Todo mundo estava de volta ao campus agora, o que significava o nível de reconhecimento disparado acima do teto, especialmente com a temporada começando em um dia.

Keyton trocou sua cesta de plástico azul de uma mão para a outra. — Insuficiente. Eles provavelmente queriam os dois. — Ele pegou um bloco de desenho da prateleira do corredor que percorremos.

Eu espiei dentro de sua cesta. Havia maços de diferentes tipos de lápis, além de alguns lápis de cor. — Você desenha?

Ele puxou um livro da prateleira e o largou em cima de seus suprimentos. — Às vezes.

— Você vai me desenhar como uma das suas garotas francesas? — Eu bati meus cílios para ele e fui recompensado com um soco no ombro.

— Jesus Cristo, cara. Você está tentando me tirar de campo na próxima semana?

— Merda, desculpe. Eu sinto muito. Eu não estava pensando.

Esfreguei meu braço. — Não se preocupe com isso. Um inferno de um soco.

— É Jules? — Ele mudou de assunto tão rapidamente que minha cabeça se levantou. Também por causa do nome em questão.

— Onde? — Eu olhei em volta para a doçura de óculos.

— Ali. Escondida atrás das prateleiras no final da fila.

Eu me abaixei e a vi tentando parecer discreta e em um ponto de vantagem onde ela absolutamente tinha que ter nos visto.

— Nós podemos ver você, Frenchie.

Ela se levantou, bateu a cabeça na prateleira e sua cesta caiu no chão. De quatro, ela se esforçou para pegar todas as suas coisas e esfregou a cabeça.

Entrei no espaço entre nós e me abaixei, pegando alguns dos livros que haviam se espalhado por todo o chão.

— Berk, o que você está fazendo aqui? — Ela disse como uma criança pega com a mão no pote de biscoitos.

— Esqui aquático. Como está sua cabeça? — Eu enrolei meus dedos ao meu lado para resistir ao desejo de esfregar sua ferida.

Ela soprou uma mecha de cabelo do rosto e esfregou o lado da cabeça. — Malditas prateleiras, surgindo do nada. — Mudando a cesta, ela a colocou de volta em seus braços.

— Elas são conhecidas por fazer isso. Bater e correr para a esquerda e direita no mesmo lugar.

Seu estremecimento se transformou em um sorriso e ela mostrou a língua para mim. E joguei minha cesta cheia de livros na minha frente, enquanto pensamentos sobre como seria o sabor da língua dela enchiam minha cabeça.

Keyton se encostou na estante com um braço contra a prateleira de cima.

— Estamos nos perguntando se o caixa levaria um órgão por pagamento por esses livros.

— Eu não acho que isso cobriria.

Ela riu de Keyton. Ele era mais um cara que ela sentia estar no seu nível? Alguém com quem ela gostaria de algo a longo prazo? Um choque irracional de ciúme tomou conta de mim. Eu o derrubei no chão. *Ela não é um maldito osso e eu não sou um cão raivoso. Ela pode rir do que quiser. Eu amo o som da risada dela.*

Me aproximando, esbarrei na cesta dela. — O que você vai fazer hoje?

— Avery, do B&B, queria que eu entrasse ao meio-dia para começar meu estágio. Eu poderia dar uma passada na Elle e incomodá-la, mas ela está loucamente ocupada com todos os grandes eventos que estão acontecendo agora.

— Nix parecia estar pronto para convocar alguém da última vez que falei com ele. Alguém estava lhe dando um tempo difícil. — Passei o dedo pela lombada dos livros na prateleira como se estivesse vendo, mas não estava. Eu estava olhando para ela.

— Sim, um cara de peruca grande de RP e eventos. — Ela se abaixou para a prateleira de baixo e pegou um livro, colocando-o em sua cesta.

— Você vai a casa deles para assistir o jogo? — Talvez eu pudesse dar uma volta nela.

Keyton ficou ao meu lado observando como se fosse a National Geographic. Eu atirei a ele um olhar de *cai fora*.

— Provavelmente. Veremos. Todos vocês estão indo e não há muito espaço no apartamento deles. — Ela riu e checou os livros do outro lado do corredor.

— Sempre há espaço para você, Jules. É claro que todos queremos você lá. — O sorriso dela se iluminou.

Com as direções dos meus olhos, Keyton finalmente entendeu a maldita dica.

— Oh, certo. Vou olhar os materiais de arte. Eu te encontro mais tarde.

Jules e eu chegamos à seção marcada para a nossa aula. Entreguei o pacote do curso e peguei um para o meu, estremecendo com o preço.

— Você...

— Posso...

Nós dois começamos ao mesmo tempo. Ela sorriu. — Vá em frente.

— Não, você.

— Berk Vaughn! — Uma voz excitada gritou sobre o barulho da livraria como um vidro batendo no centro de um local lotado. — Oh meu Deus. Vimos Keyton e ele disse que você estava aqui.

Valeu mesmo, cara.

O rosto da garota tinha aquele olhar familiar e animado. Ah Merda. Havia mais de uma garota aqui.

Mal tive tempo de tirar minha cesta das minhas mãos antes que a garota mais agressiva desse um salto e me batesse.

Essa merda nunca aconteceu com Nix ou Reece.

— Desculpe por estar no caminho. — Jules deu outro passo para trás.

Alguém pegou o telefone e começou a tirar fotos quando ela bateu a bochecha contra a minha, derrubando Jules.

— Ei, olhe para onde diabos você está indo. — eu gritei para a garota segurando o iPad para tirar uma foto ou gravar um documentário inteiro, enquanto tentava sair do aperto de torno em meus braços.

Os fãs arrastaram Keyton de onde ele estava escondido e o forçaram a fotografar.

Continuei tentando chamar a atenção de Jules e me desembaraçar do polvo dos fãs sem bater em ninguém. Talvez Jules me salvasse. Me arrastasse para longe do circo em crescimento, à medida que mais pessoas apareceram com os ganhos de Fulton U por autógrafos e conversaram sobre o draft e o primeiro jogo de Reece.

E então ela se foi. O balanço suave de seu rabo de cavalo e o delicioso balanço de seu quadril desapareceram pela escada rolante. Ela me deixou e eu tentei fingir que não doeu, mas doeu. Para não dizer que o circo não acabou muito rápido, mas teria sido muito melhor com ela ao meu lado, em vez dos trinta lobos estalando.

Talvez eu precise fazer uma parada em uma padaria hoje mais tarde. E era um lugar que ela não poderia fugir de mim.

16

JULES

Depois de ficar espiando pelas minhas cortinas um sólido vinte minutos, eu tinha feito uma louca corrida para a minha fuga até em casa. Berk já me pegou uma vez tentando evitá-lo; duas vezes seguidas tornaria ainda mais doloroso. Por que ele tinha que ser tão fofo? E lindo? E o centro das atenções?

Não que eu fosse capaz de evitá-lo por muito tempo. Os cheiros de qualquer coisa que eu cozinhei flutuavam do outro lado da rua como um desenho animado, direto em suas narinas. Seria apenas uma questão de tempo até que ele voltasse à minha casa, mas eu precisava de um pouco mais de tempo para me recompor antes que o bombardeio de Berk começasse novamente. Mais tempo para escorar os sacos de areia no meu estômago para parar aquelas borboletas em suas trilhas.

— Aonde você vai, Jules?

Eu gritei e pulei. — Você não pode parar fazer isso?

Zoe sentou no sofá com o computador ao seu lado dela. — Fazer o que?

— Espreitar.

— Eu estive sentada aqui esse tempo todo.

— Não estou acostumada a outras pessoas estarem aqui. Vou sair. — Virei e corri contra um peito nu. Saindo do Sr. Corpo-Forte, eu o encarei.

Ele estava de toalha novamente. Uma das minhas. — Você tem calças?

— Sim. — Ele deu de ombros e sorriu, passando por mim com duas garrafas de água.

— Planeja usá-las tão cedo?

— Eventualmente. — Ele caiu no sofá e levantou o pé, apoiando a perna para cima.

A porta da frente bateu atrás de mim. Eu acho que foi o mais rápido que eu já saí na minha vida. Assistir a um passeio completo do pênis não estava na minha lista de coisas para fazer hoje.

Eu apareci no B&B com meu avental, sem muita certeza se eu precisaria. Nós não tínhamos repassado tudo durante o tour, que tinha sido principalmente Max empurrando mais comida em seu rosto.

Usando o código que Avery havia me dado, abri a porta dos fundos e os níveis de brilho da luz bateram em mim.

Protegendo meus olhos, eu estava na porta esperando os alienígenas me iluminarem.

— Ei, você está aqui. — A voz de Avery cortou meus preparativos para sondar.

Entrei, tentando afastar a cegueira.

Ela pulou até mim em sua blusa de mangas curtas e calça jeans com o cabelo preso em cima da cabeça.

— O que está acontecendo?

— Houve uma ligeira mudança nos planos. — Ela me puxou para o seu escritório e explicou tudo.

— Eles estão fazendo um reality show sobre a padaria?

— Não é um reality show com eles nos seguindo o tempo todo, mas eles fazem episódios nos quais eu faço meus itens de menu mais populares e depois os publicam toda semana ou algumas vezes por semana. Não faço ideia. — Ela passou as mãos pelos cabelos.

Eu conhecia esse sentimento muito bem. Tomando a mão dela, eu a apertei. — Você tem isso, Avery. Vai ser incrível.

— Ficar na frente de um mar de luzes e câmeras não é realmente minha coisa.

— Eu não acho que seja algo que a maioria das pessoas goste, mas você fará um trabalho incrível.

— Lamento que este seja seu primeiro dia. Eu ligaria para você mais cedo, mas sabia que você estava ausente no fim de semana e não sabia que eles estariam aqui tão cedo quanto eu para arrumar tudo. Caramba, tem muitas luzes. — Meu rosto estava a dois segundos de derreter. — Mas você está aqui agora e eu não vou ficar sozinha. Graças a Deus. — Ela se agarrou ao meu braço. — Todo mundo está realmente fazendo o trabalho e eu imaginei que desde você é nova e estou pesquisando as receitas de qualquer maneira, seria uma boa maneira de você aprender.

Meu olhar continuou por muito tempo, enquanto eu percorria todas as razões pelas quais não deveria estar na frente da câmera.

Especialmente uma câmera que transmitisse minha imagem para quem sabia quantas pessoas.

A vozinha do Dr. Schuller voltou a tocar. Eu já tinha fugido uma vez e não podia deixar Avery esperando.

— Eu estarei bem ao seu lado.

Ela soltou um suspiro agudo e seus ombros relaxaram um milímetro. — Obrigada. — Ela jogou os braços em volta de mim e me apertou com tanta força que meus braços começaram a ficar dormentes. Max entrou no escritório. — Ela conseguiu que você fizesse isso, hein? Os grandes olhos de cachorrinho e apertos em sua mão?

— Se você está falando sobre as gravações, sim. E você? — Esfreguei meu queixo. — Com uma boca tão grande quanto a sua, parece que você se encaixaria perfeitamente.

Os olhos de Max se arregalaram e ela apoiou as mãos na cadeira, olhando para mim com a boca aberta. E olhou entre mim e Avery antes de soltar uma risada que fez vibrar o ar na sala. Nós três rimos e eu limpei minha testa, feliz por não ter a julgado mal.

— Oh, merda, Av. Você as escolhe bem. — Max limpou as lágrimas que se formavam nos cantos dos olhos. Ela era o tipo de garota má bonita que fazia os caras caírem por toda parte para ter uma chance de quebrar sua concha dura - e provavelmente acabou embalando suas bolas machucadas.

— Eu amaldiçoo demais para ser considerada um embaixadora da marca Bread & Butter. Avery cagaria um tijolo se eu me queimasse e soltasse uma série de palavras de quatro letras.

— Em vez disso, ela está presa a mim. — Eu queria que isso parecesse muito mais alegre do que aconteceu. Caiu no chão entre todos nós como uma granada.

— Gah, eu estou tão cansada de vocês, meninas bonitas, jogando a carta eu-sou-tão-simples. — Max apertou as mãos no peito e golpeou os cílios. — Oh não, ninguém vai gostar de mim com meus óculos fofos e peitos gigantes. O que eles vão pensar? — Ela soltou as mãos e soltou a doce voz açucarada. — Você é perfeita para isso, eu posso dizer.

— Como? — Eu levantei uma sobrancelha.

— Primeiro, eu provei suas coisas e é incrível, então você sabe o que fazer na cozinha. Segundo, você tem essa personalidade jovem e borbulhante com uma pitada de desprezo, e você parece tão malditamente fofa que está prestes a me colocar em coma diabético. É

uma aparência de: você-assa-muffins-e-prepara-uma-sopa-de-galinha-se-estiver-doente.

— Obrigada? — Elogios de alguma forma escorriam de sua língua como insultos e eu não tinha certeza de como reagir.

— Não se preocupe, você vai se acostumar. Eu tenho uma personalidade espinhosa. Você ainda está aceitando o emprego, certo?

— Acho que Avery está com meu uniforme agora.

Avery fez uma careta. — Merda, eu quase esqueci. Quando digo uniforme, o que quero dizer é camisa. Fica super quente aqui quando começamos a assar, então você iria cozinhar nessa manga longa, o que diabos é isso? Uma térmica?

Meus olhos se arregalaram e eu tentei exibi-lo como se eu não estivesse praticamente de suéter quando setembro acabou de chegar.

— Se você pode sobreviver até cinco minutos com Max e não correr para as colinas, pode lidar com qualquer coisa. — Avery vasculhou uma caixa de camisetas e eu rezei pela primeira vez para que ela não tivesse nada do meu tamanho. Exatamente o que eu precisava - estar em pé na frente das câmeras com minhas asas de bingo batendo no vento.

Desculpe, Dr. Schuller. Eu quis dizer meus braços fortes que me permitem levantar o caminho da vida e carregar o peso dos meus fardos.

— Sim, encontrei uma. Isso deve servir para você.

Ela levantou uma blusa rosa pastel com mangas curtas - mangas muito, muito curtas - e o logotipo da empresa impresso em preto na frente.

Não entre em pânico, Jules. Não entre em pânico. Só não pense na última vez que seus braços viram a luz do sol e espere que você não queime sob as grandes luzes de câmera lá fora.

— Você pode se trocar no meu banheiro. — Avery apontou para a pequena porta que eu nem tinha notado antes. — Eu vou esperar. Não quero voltar lá sozinha.

— Ótimo. — Isso parecia tão entusiasmado quanto um peixe entrando em um sushi bar. Com um polegar para cima, entrei no banheiro e me troquei. Dobrando minha camisa, afastei o fato de que eu estaria na frente das câmeras usando uma camiseta. Eu consegui passar pela da festa de noivado em um vestido melindroso. Este era uma loucura.

Eu estava me sentindo mais nua do que em muito tempo quando Avery e eu voltamos para a padaria. Quase tropeçando em um monte de

cabos colocados em frente à porta do escritório, eu me endireitei e segui Avery até a equipe de filmagem, preparando tudo. Tripés, cabos, ainda mais luzes.

— Olha quem eu encontrei. — Max pulou em um dos balcões e deu uma mordida em um brownie.

Avery e eu seguimos a mão estendida de Max e minhas borboletas se esconderam.

— Berk, o que você está fazendo aqui?

Puxei as bordas das mangas. Toda aquela conversa de ânimo no banheiro desapareceu em um instante e eu não tive nenhuma coragem líquida como apoio.

Ele nunca tinha visto meus braços antes.

— Você disse que estaria aqui hoje e eu precisava escolher algumas coisas para os caras, então pensei em passar por aqui. Imaginei que talvez você pudesse me dar um desconto de funcionários.

— Eu vou te dar uma coisa, tudo bem. — Max nem estava tentando esconder sua cobiça gratuita da bunda de Berk. E que bom que era.

— Você não tinha que vir. — Minha voz estava toda ofegante como uma sirene de tela dos anos 40.

— Isso é tão doce. — Avery bateu no meu ombro. — Eles ainda estão se arrumando. Avisarei quando estivermos prontos.

Berk estava me confundindo. Eu deixei claro que não estava esperando nada dele, mas aqui estava ele.

— Eu não queria perder o seu primeiro dia, mais Marisa tentou cozinhar em casa e quero evitar a zona de explosão de salmonela antes do meu jogo no sábado.

— Eu esqueci totalmente.

Ele franziu a testa. — Você não planeja vir?

— Sem ingressos. — Dei de ombros. — Provavelmente está esgotado.

— Pode haver uma maneira de eu conseguir um para você. — Ele olhou por cima do ombro.

A debandada no meu peito estava no horizonte. Sua mandíbula forte e lábios que sussurraram tão perto dos meus estavam lá novamente.

— Se você puder me dar alguns desses donuts com granulado extra. — Ele apontou para a prateleira do padeiro cheia de delícias.

Meu sorriso era insólito. — Verei o que posso fazer.

— Vocês dois estão fazendo meus dentes doerem. — Max falou de seu poleiro no balcão.

— Onde diabos você arranjou pipoca?

Ela jogou um punhado na boca. — Eu tenho o meu jeito. — Ela acenou com as mãos como um mágico na nossa frente e se afastou para incomodar Avery.

— Me deixe verificar com elas sobre os donuts e eu já volto. — Recuei, indo para as amigas brigando sob as luzes arrepiantes.

— Não se apresse. — Ele enfiou as mãos nas calças e uma espiada daquele V musculoso piscou para mim debaixo da camisa. Esse nível de doçura e calor, mesmo em uma padaria, era demais.

— Quem é o gostoso? — Max apoiou os cotovelos no balcão e colocou mais pipoca na boca. De onde diabos isso veio? Olhei ao redor da sala. Nenhuma máquina à vista.

— Ele é meu amigo.

— Não do jeito que ele está checando sua bunda, ele não é. — Ela levantou uma sobrancelha com um sorriso largo.

Isso não é possível. A resposta automática do meu cérebro para negar qualquer interesse que qualquer cara possa ter por mim entrou em ação. Isso salvou minha bunda mais de uma vez. Aquele cara gostoso acenando para mim no bar? Sim, não, esse aceno foi para a delicada morena de salto de dez atrás de mim. Aquele sorriso arrogante do cara no carro que passava? Ele está olhando seu reflexo na vitrine atrás de mim.

— É verdade. — Mas talvez...

Olhei por cima do ombro para aquele conhecedor mhmm.

Meus sinais estavam sendo cruzados?

Ele estava aqui para falar comigo sobre professar seu amor por minha irmã antes do casamento - não, mas era muito difícil conseguir minhas esperanças.

Agora, eu gostaria de poder escrever uma carta para ele. *Você gosta de mim?* Com uma caixa de seleção para sim ou não. E o que diabos aconteceria quando ele descobrisse que eu era TLG? Como ele se sentiria sabendo que eu o abandonei, fugi e me escondi, como eu queria fazer agora? Ele provavelmente me odeia e nunca mais quer falar comigo novamente.

Escrever essas cartas havia libertado uma parte de mim que eu nunca tinha sido capaz de expressar antes. Com uma grande garrafa de vinho e um intenso rubor, escrevi tudo o que queria fazer com ele e tudo o que eu queria que ele fizesse comigo. Era libertador ser tão aberta sobre uma parte de mim que eu deixava enrolada e enterrada sob três camadas de roupas.

Após as primeiras cartas, eu não precisava do vinho para escrever as palavras. Suas cartas - o fato de ele ter realmente respondido - tinham sido todo o combustível que eu precisava.

E eu sentia falta de compartilhar partes de mim fora do quarto, sonhando acordada. Contando a ele sobre a música que eu adorava dançar, ou sobre um novo lugar que eu havia explorado na cidade.

Mas então a coisa toda com Alexis e o bolo aconteceu e eu sabia que tinha que acabar com isso, porque sonhar acordada era tudo o que isso era, tudo o que podia ser. Estava aumentando minhas esperanças que alguém estivesse dentro de mim e nunca foi assim que aconteceu. E, sim, ele apareceu na minha casa o tempo todo, mas isso não significava nada além de gostar de comer o que eu tirei do forno e me fazer companhia agora que Elle havia se mudado. Nós éramos amigos. Era doce que ele não me quisesse andando sozinha pela casa.

E não importa quanta massa eu derramei assistindo-o pegar algo dos armários com os bíceps dele se aglomerando ou esticando e exibindo uma trilha feliz que eu ficaria muito contente em seguir, eu tinha que manter tudo isso em segredo e reprimido.

Ele não tinha parado o que quer que acontecesse com Alexis, de modo que, como na vida real eu iria competir com a personalidade de vixen que eu criei?

Ele tinha groupies - aqueles que me atropelariam com o carro para pegar um pedaço dele. Mulheres se atirando nele o tempo todo. Mulheres bonitas e magras, e essas eram apenas as da região. Ele se tornaria profissional e haveria mulheres em todo o país disputando sua atenção. Quase beijar ou não, não era competição. Mãos para baixo, eu perderia. Então, não importa o que aconteça, eu não escreveria outra carta e cutucaria aquele ferimento de cura lenta.

— Avery, estamos prontos para começar a filmar quando você estiver. — Gritou um dos membros da equipe.

— Estamos prontas? — Avery se inclinou sobre o balcão, me dando um sorriso tranquilizador.

— Danem-se vocês, eu estou fora daqui. — Max deu um pulo como se alguém a tivesse agredido com um golpe de gado, e correu para a margem.

— Um segundo. Berk queria saber se ele poderia ter alguns donuts. Eu pago por eles.

Avery riu. — Dê a ele quantas ele quiser. Um colírio para os olhos é pago em guloseimas por aqui.

A porta dos fundos se abriu. — Jesus Cristo, este é o novo sistema de segurança? Porque está funcionando. — Um grandalhão encheu a porta, protegendo os olhos, os apertando para o brilho da iluminação. Eu já tinha visto seu rosto antes, em outdoors pela cidade. Ele foi direto para Avery.

Eu pulei para fora do caminho e peguei uma caixa de rosquinhas para Berk.

— *Esse é* o marido dela? — Berk olhou para os dois, com a mandíbula frouxa.

— Pelo jeito que ele a beijou e está conversando com seu bebê, eu vou com sim. Você o conhece? Ele parece familiar.

— Isso aí. Esse é Emmett Cunning. O jogador de hóquei. Ele é o motivo pelo qual a equipe venceu a Copa na última temporada.

As lâmpadas dispararam, voltando minha mente para as fotos no escritório de Avery.

Coloquei um monte de rosquinhas na caixa e entreguei a Berk, que escorregou e deu uma mordida antes mesmo de eu soltar a caixa.

— Jules, estamos prontos.

— Me deseje sorte. — Meu sorriso era tão fraco quanto o chá de dez segundos.

— Não se preocupe. — Berk estendeu a mão e capturou minha mão. — Eles vão te amar. — Ele passou o polegar pelas costas da minha mão.

Minhas bochechas ficaram vermelhas e eu assenti, abaixando a cabeça. Mas não fui capaz de evitar completamente o contato visual quando Max se agachou contra a parede, pegando meu olhar. Os dela dispararam de mim para onde Berk segurou minha mão.

Eu ri e balancei a cabeça e me arrastei de volta à minha morte inevitável de vergonha na frente de uma equipe de filmagem e minha nova chefe.

Analisamos tudo o que precisávamos para a receita, com Avery me mostrando onde estava tudo. Todo mundo se apressava em manter a loja funcionando, que tinha mais do que alguns novos clientes agora que as notícias da equipe de filmagem haviam se espalhado.

Berk parecia feliz como o inferno encostado na parede conversando com Emmett. E eu o queria aqui. Eu nem sabia que precisava dele aqui, mas precisava. Tê-lo olhando para mim com seus sorrisos e palavras de encorajamento na boca me manteve distraída o suficiente para que eles quase terminassem de filmar antes que eu tivesse tempo de aumentar meu surto até as onze.

Um pouco corada e com as mãos trêmulas, ajudei Avery no vídeo enquanto Max gritava comentários que estavam rolando online.

— Isso é ao vivo. — Eu quase derrubei a tigela inteira de chocolate derretido.

— Quem é essa ao lado de Avery? Ela é adorável. — Max jogou fora.

E agora meu rosto provavelmente estava brilhando vermelho como um semáforo em uma tempestade de neve.

— Eles estão certos. — Esse comentário veio de muito mais perto.

— Agora os comentários estão perguntando quem é o gostoso da voz profunda. — Berk acenou com a chance de aparecer na tela.

Minhas orelhas estavam pegando fogo. Meus braços estavam abertos. Uma gota de suor escorreu pelas minhas costas, mas o mundo ainda estava girando. Eu estava conquistando meus medos e até agora tudo bem. Levantei os olhos da massa que Avery estava desenrolando e chamei a atenção de Berk.

Seus polegares para cima derreteram meu coração. Que outro medo eu poderia ser forte o suficiente para enfrentar? Um que parecia, cheirava e tinha gosto de Berkley Vaughn?

17

BERK

Jules olhou para mim enquanto terminavam de gravar. Todos à margem tinham seus telefones seguindo junto com o feed ao vivo.

Todo mundo a amava, e por que não deveriam? Ela foi demais. Sob as luzes, sua pele estava brilhando e ela tinha um rosado extra nas bochechas que sempre ficava quando estava envergonhada. Isso só me fez querer provocá-la ainda mais para ver o quanto essa sombra poderia ir mais fundo.

— As pessoas estão perdendo a cabeça por lá. — Emmett "Durão no Gelo" Cunning ficou ao meu lado como se não fosse grande coisa. Eu não gostava muito de hóquei, mas quando seu time local vence um campeonato nacional, você percebe - especialmente quando fazem um desfile em toda a cidade e passa direto pelo campus.

— Mulheres assando algo de dar água na boca têm um certo apelo.

— Me fale sobre isso. — Ele tinha um olhar sonhador nos olhos enquanto observava a sua esposa colocar o que quer que elas estavam fazendo no forno.

— Como é quando você se torna profissional? Você sabe, ter uma garota, uma família e outras coisas?

Emmett afastou os olhos de Avery e piscou para mim como se ele estivesse saindo de um transe que só ela poderia colocá-lo. — Isso tem altos e baixos, mas se você é firme, não há com o que se preocupar. Você e Jules estão firmes?

Enfiei minhas mãos nos bolsos. — Nós não estamos juntos.

— Mas você gostaria de estar. — Seu olhar conhecedor me disse que eu não era exatamente furtivo com meus sentimentos, o que tornava ainda mais difícil que Jules corresse a cada chance que ela tem.

Eu assenti. Todas as coisas que eu tentei trancar quando se tratava de Jules avançaram. De pé à margem, observando-a e sendo capaz de dar um beijo nela na frente de todos. Vê-la olhando para mim com um sorriso que era apenas para mim. Senti-la aninhada contra mim com o braço em volta da cintura para que todos soubessem que ela era minha mulher e eu era seu homem.

— É mais difícil para elas do que para nós. — Ele ergueu o queixo em direção a elas quando as luzes do teto se apagaram.

— Como?

— Elas são deixadas para trás enquanto viajamos por todo o lugar. E elas sempre serão as esposas de atletas profissionais. Isso vem com muita besteira mesquinha em que nunca pensamos. Os fãs gritarão com você na rua sobre uma jogada de merda ou aparecerão e o abraçarão embriagados. As fãs tiram as garras quando se trata delas. Mentir para tentar acabar com você como se você fosse para a cama com elas se fosse solteiro. Você precisa protegê-las disso o máximo que puder, mas elas também devem ser capazes de ignorar o que podem e suportar o resto. Não é fácil. — Ele saiu com braços abertos e puxou Avery para um grande abraço de urso.

Isso me deu uma pausa. Eu cortaria meu braço antes de fazer qualquer coisa para machucar Jules. Ela era uma das pessoas mais genuinamente doces e gentis que eu já conheci. E eu não queria que ninguém dissesse ou fizesse algo para machucá-la.

— Como eu fui? — Ela estava brilhando com uma energia nervosa e ilimitada saltando na ponta dos pés.

— As opiniões que surgiram eram insanas. Vocês formam um time incrível.

— Mas não tenha ideias malucas. Ela é minha melhor amiga. — Max se inclinou, entrando na conversa.

Ela estava um pouco fora da parede, mas eu poderia dizer que seu coração estava em um bom lugar.

— Eu não pensaria nisso nem por um segundo. Eu nunca ficaria entre besties. — Max fez um som resmungão como um marinheiro grisalho antes de puxar Jules em um abraço. — Você fez bem. Assassina, e estou tão feliz por não ter que fazer isso agora. Se você tivesse estragado tudo, eu estaria no convés.

— Obrigada pelo voto de confiança.

— De nada. — Max pisou fora e abordou Avery e Emmett.

— Eu realmente fiz isso. — Jules sorriu com orgulho e irradiava felicidade.

A equipe de filmagem deixou um monte de coisas, e Jules e Avery elaboraram sua programação para o resto do mês. Ela ainda estava nas nuvens quando voltamos para a nossa rua.

Uma vez estacionado em frente à casa dela, desliguei o motor.

— Obrigada pela carona. Tenho certeza de que teria adormecido no ônibus depois que minha adrenalina passasse, e teria cruzado a cidade até de manhã.

— A qualquer momento.

— Você começou o trabalho que Buchanan atribuiu? Você acha que ele poderia pelo menos adiar a sua atitude rabugenta até aulas dele realmente começarem. — Ela estava falando a mil por hora e só arriscando por fração de segundo os olhares em minha direção.

— Jules. — Eu deixei cair minha mão em sua perna.

Ela parou no meio da palavra, seus músculos tensos sob a minha mão. — Sim. — Ela pensou um segundo em sair do carro e rolar para o gramado como um dublê fazendo uma fuga rápida.

— Eu sei o que você disse antes, mas...

Uma batida forte quebrou a tensão no carro. — Berk!

Eu abaixei minha cabeça contra o descanso, deixando escapar um rosnado de frustração. Teria que remar um barco para o centro do rio Schuylkill para ficar um segundo a sós com ela? Universo, essa piada não é nem de longe engraçada.

— Você é necessário. Eu tenho que passar por todo esse trabalho. Me avise se você precisar de alguma ajuda ou qualquer coisa.

E então ela se foi.

A porta do carro se fechou e a porta da casa dela não estava muito atrás dela. — Berk! — Outra batida na minha janela.

Eu abri minha porta. — O que?! O que poderia ser tão importante que você mal podia esperar para eu sair do maldito carro?

O cara vestindo uma camiseta da Fulton U com meu número onze recuou um passo. — Desculpe. Não queria que você perdesse o treino ou se atrasasse para a aula. Você está com um pneu furado. — Ele apontou para o pneu de trás do lado do motorista, vazando lentamente ar com um belo pedaço de metal saindo dele. *Merda.*

— Obrigado, cara. Sinto muito por ter pego você.

— Sem problemas. A tensão está alta com o seu jogo chegando. Você quer que eu ajude? — Ele parecia pronto para correr e pegar sua caixa de ferramentas.

— Claro, isso seria ótimo.

Eu só esperava que o estepe no meu porta-malas aguentasse os próximos meses e ainda não estivesse vazio.

Meu telefone me acordou à uma da manhã.

Eu só estava dormindo por duas horas, depois de ler o e-mail de Buchanan que vinha com uma tonelada métrica de dever de casa que precisávamos ter pronto para o primeiro dia de aula.

Ele não poderia ter enviado isso antes? Talvez tenha dado a todos um pouco mais de tempo para concluir tudo? Mas eu não queria aparecer no primeiro dia de aula de mãos vazias.

Eu não esperava uma ligação de Alexis assim que pareceu que meus olhos estavam fechados. Ela estava presa na praia, então eu a peguei e fiz as duas horas de volta ao campus bem a tempo do treino.

A mesma música e dança que sempre fizemos. — Você precisa ser mais responsável.

— Estou me divertindo.

— Você não pode continuar fazendo isso.

— Você não precisava vir. Eu poderia ter descoberto sozinha.

— Então por que você me ligou?

— Tudo bem, da próxima vez eu não vou.

O que me levou a dizer a ela que é claro que ela sempre podia contar comigo e não tentar sair de uma situação que não podia lidar sozinha. Eu sempre estaria lá para ela.

Eu andei como um zumbi para o meu armário e nem tentei esconder.

LJ ergueu os olhos dos cadernos e livros na mesa da cozinha. — Você parece uma merda.

Procurando por lá, peguei um dos meus Twizzlers e o enfiei na boca, tentando manter os olhos abertos.

— Você terminou as aulas do dia?

— Mais uma. — Eu levantei a jarra da cafeteira com a mínima sugestão de café e a derramei na boca, fazendo uma careta com o gosto frio, amargo e a coragem.

— Você vai fazer isso? — Ele estalou as costas.

— Tenho que fazer. Eu tenho Buchanan. — Inalei o alcaçuz de morango.

LJ fez uma careta e fechou os livros. — Boa sorte com isso. Por que você está nessa aula? Existem maneiras muito mais fáceis de obter seu diploma.

— Quem precisa de um diploma quando vamos ser profissionais? — Eu abri meus olhos e empurrei o balcão da cozinha.

— Deve ser você. Com o treinador me matando nos treinos, você pelo menos pensaria que eu teria mais tempo de jogo.

— É melhor do que era antes, com nenhum.

— Ele continua falando sobre isso ser para o meu próprio bem. Tudo o que vejo é que ele está chateado que Marisa more aqui.

— Você não viu isso chegando?

Ele encolheu os ombros. — Ela poderia ter morrido, cara. Aparecer no prédio dela pegando fogo, acho que nunca tive tanto medo na minha vida. As coisas com meu pai quando ele ficou doente, isso foi lento. Longos dias no hospital. Você poderia se preparar para isso. Mas com ela, ela poderia ter ido embora em um piscar de olhos.

Assim como minha mãe, mas ela ainda estava lá fora em algum lugar.

— Agora estamos tentando impedir que ela mate todos nós de intoxicação alimentar.

— Sempre que ela vinha à minha casa, ela entrava na cozinha como se houvesse uma bomba-relógio lá dentro. A casa dela sempre estava arrumada. Ela pode fazer discagem rápida de bifes chineses, de pizza e de queijo com o melhor deles.

— Talvez você deva mostrar a ela como.

— Então eu não iria mais cozinhar para ela. — Ele abaixou a cabeça e soltou um bufo. — Eu tenho que ir. Vou me arrastar para a apresentação da Marisa.

— Um *amigo* tão bom.

Seu olhar fez a escavação valer a pena.

— Vou tirar uma soneca rápida no sofá.

— Certifique-se de definir um alarme para não dormir demais.

Eu assenti, cansado demais para palavras e saí da cozinha, arrastando minha bolsa pelo chão. Graças a Deus Keyton trouxe esse novo sofá. Era muito mais confortável do que o nosso velho aparelho de tortura disfarçado de sofá. Me deitei e a luz do meio da tarde tomou conta do meu rosto.

Peguei o telefone e acertei o alarme para quarenta e cinco minutos. Isso me daria tempo suficiente para subir e voltar ao campus antes do início das aulas. Muito tempo.

Meus olhos se abriram e eu pulei do sofá, olhando pela janela. O sol da tarde não estava mais me encarando. Peguei meu telefone do chão, ainda vibrando com o alarme silencioso que estava tocando por *trinta minutos*.

Peguei minha mochila no chão e pulei da varanda, perdendo cada passo no caminho. Fui direto para o meu carro e corri para o campus. Eu deveria ter encontrado um lugar para dormir no campus. Tão estúpido.

Com os pés escorregando no chão de azulejos, corri pela esquina do prédio de artes liberais. Coloquei minha mochila no ombro e virei lentamente a maçaneta para a porta. Buchanan estava de costas para a classe e ele estava escrevendo no quadro.

Jules estava sentada no meio da sala com os cadernos ordenadamente na frente dela e outros na mesa ao lado dela com a bolsa na cadeira. Seu olhar aguçado disparou do lugar para mim e de volta para o lugar.

Ela guardou um lugar. Para mim.

Tentando ficar quieto, me apertei entre duas mesas para chegar lá. Erguendo minha mochila, apertei com força e peguei a bolsa que Jules havia colocado na cadeira.

— Sr. Vaughn, deixei muito claro no meu e-mail para toda a turma que o atraso não seria tolerado. — O professor Buchanan nem se virou do quadro branco.

— Desculpe o atraso. Foi inevitável.

— Não foi. Você perderá 5% da nota final e poderá sair agora. Receba as anotações de um dos outros alunos que priorizaram chegar a tempo. — Ele cruzou os braços sobre o peito, segurando o marcador de quadro branco como uma espada.

Meus ombros caíram. Já caí cinco por cento e ainda não tinha conseguido mostrar a ele a verdadeira profundidade da minha estupidez. Esse cara poderia dar um tempo?

Jules se levantou da mesa. — Ele estava comprando absorventes para mim!

18

JULES

— Ele estava comprando absorventes para mim. — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse pensar em algo melhor para dizer. Como se ele estivesse recebendo meu remédio ou resgatando meu cachorro de uma árvore em chamas - não que eu tivesse um, mas o professor não precisava saber disso. Não, fui direto aos problemas da vagina: a criptonita de um professor.

A mesa de alguém rangia pelo chão. Provavelmente, enquanto esticavam o pescoço para ver qual psicopata havia gritado "absorventes!" no meio de uma aula de ética universitária.

— Com licença. — Os olhos arregalados do professor se voltou para mim.

Algumas pessoas riram atrás de mim e meu estômago deu um nó. Bem, eu estava nele agora, bem como poderia puxar todas as paradas.

Me inclinando para a frente como se eu estivesse contando a ele um segredo e não transmitindo para toda a classe, eu o coloquei o mais grosso que pude. — Professor Buchanan, eu tenho um fluxo extremamente pesado e não tinha certeza de que conseguiria chegar ao centro estudantil sem sangrar pelas minhas roupas, então pedi a Berk para comprar absorventes para mim. Ele estava na sala de aula antes mesmo de você chegar aqui, comigo, mas depois foi buscar os absorventes.

— O que... — O professor olhou para mim.

Eu olhei para Berk, dizendo para ele abrir a bolsa.

Ele moveu as mãos como se tocasse o zíper e morreria de queimaduras por radiação.

Com outro aceno de minha cabeça, ele cuidadosamente abriu minha bolsa em sua mesa.

Me inclinei e enfiei minha mão dentro e peguei um punhado do meu estoque de emergência da minha bolsa. Os mísseis embalados em algodão estavam embrulhados em papel brilhante. Eu os ergui no ar, agitando-os como uma bandeira de navio pirata no alto mar do meu cruzeiro de época. — Veja, super resistentes.

Berk olhou para mim, com a mandíbula frouxa. Inferno, metade da turma olhou - risque isso - toda a turma me encarou como se eu estivesse passando por uma transformação de lobisomem diante de seus olhos. Meu pescoço e minhas bochechas estavam pegando fogo, mas eu tinha que salvar Berk de ser punido injustamente.

Acenei para o professor. — Fluxo pesado. — Repeti as palavras, enunciando lentamente cada sílaba.

Buchanan murmurou e cuspiu. — Por favor, guarde isso. Permitirei isso desta vez, mas, no futuro, cuide de suas necessidades pessoais antes da aula.

— Obrigada, professor. E eu farei. Você sabe como são esses períodos às vezes. Eles pulam do nada e batem em você como *bam*.

— Você precisa... — O professor olhou para a porta, claramente com medo de que um falso movimento meu e nós tivéssemos uma encenação do The Shining acontecendo.

— Certo. Sim, eu vou cuidar disso.

Eu fiz um andar de pato para fora da sala de aula com o meu maço de absorventes em minha mão, e caminhei até o banheiro. Joguei um pouco de água no meu rosto para parecer apropriadamente angustiada e feminina e esperei o que parecia ser uma quantidade adequada de tempo para lidar com um período menstrual de proporções épicas que você deixaria escapar na frente de toda a sala de aula.

Quando voltei para dentro, o professor nem sequer olhou quando eu deslizei no meu assento. Berk murmurou “obrigado” e eu reprimi aquela pequena emoção vertiginosa que flutuava no meu estômago.

O resto da aula passou sem problemas, exceto pelos olhares que as pessoas continuavam atirando na minha bunda como se eu fosse atirar da minha cadeira como um gêiser a qualquer segundo.

— Atuar subiu ao topo da sua lista de talentos. — Berk caminhou de costas na minha frente enquanto atravessávamos o corredor principal depois da aula.

— Atuar?

— Lá com Buchanan e os... — O pomo de Adão dele subia e descia. — Absorventes. — ele sussurrou e olhou por cima do ombro.

— Oh, você quer dizer os fluxos pesados e os super absorventes? Claro, você pode ter um. — Eu levantei minha voz.

Seus olhos se arregalaram e ele parou no meio da marcha para trás.

Comecei a rir, contornando-o. — Você me salvou durante o fim de semana de noivado da minha irmã e no B&B, achei que deveria retribuir o favor.

— Isso significa muito, Jules. — Ele passou da minha frente para caminhar ao meu lado, esbarrando em mim com sua mochila que parecia transportar pedras.

— O que você tem aqui? — Eu peguei.

Ele a balançou no outro ombro. — Apenas porcarias. Nada para se preocupar. Voltando para coisas mais importantes. Se eu me ferrasse tão cedo, pode atrapalhar minha elegibilidade para jogar nesta temporada, e não posso decepcionar o time assim.

— É importante para você que não os decepcione.

— É a melhor coisa da minha vida. Me ensinou algumas coisas difíceis.

— Quando você era criança.

Ele parou. — Sim, como você sabia? — Ele olhou para mim e meu estômago caiu como se um bloco de gelo tivesse colidido comigo. Isso foi algo que ele me disse em suas cartas. Pessoalmente, Berk falou como se nunca houvesse uma nuvem no céu, sem falar em trazer algo difícil de seu passado.

— Somos jovens. Eu acho que você tinha que ter jogado antes no ensino médio e coisas assim.

Ele começou a andar novamente. — Verdade. Ir para fora e fazer algo físico. Uma maneira de queimar toda essa energia e emoções reprimidas.

— Estou feliz que você encontrou algo tão importante para você.

— E os contracheques não vão doer, e é por isso que preciso matá-los nesta temporada para conseguir uma boa escolha de draft.

— Como eles podem negar sua habilidade em campo?

— Sabe muito sobre futebol? — Ele me lançou um olhar de soslaio que exigia uma troca de roupa de baixo.

— Mesmo alguém tão inculto quanto eu pode ver o quão bem vocês estavam no último jogo.

— Metade de nós, de qualquer maneira. — Ele passou as mãos pelo rosto. — Você quer uma carona para casa?

Eu me senti como a garota nerd recebendo uma carona para casa pelo jogador de futebol estrela. Eu acho que foi apropriado, porque era exatamente o que estava acontecendo.

— Pagarei em cupcakes com manteiga de amendoim e cupcakes duplos de chocolate.

— Eu te daria uma carona de graça, Frenchie, mas isso não significa que não aceitarei a oferta.

Meu telefone tocou quando paramos na frente da minha casa. Parei com o pé apoiado no meio-fio. O nome de Laura apareceu na tela.

— É minha irmã.

— Diga a ela que eu disse oi. — Berk se inclinou sobre o capô do carro, parecendo que estava estrelando o próximo filme da Marvel; tudo o que faltava era a jaqueta de couro e a motocicleta.

Por uma fração de segundo, pensei em dizer que a ligação havia sido cancelada apenas para ter um pouco mais de tempo com Berk, agora que eu não estava evitando ele. Então a culpa surgiu no meu estômago. Que tipo de irmã isso me torna?

— Ei, Laura, o que houve?

— Posso ir para a sua casa?

Por um minuto atordoado, levantei o telefone da orelha e olhei para ele.

— Olá? — Sua voz pequena e fina escapou do telefone.

— Estou aqui. Claro que você pode vir. — Fiz um gesto para minha casa e Berk assentiu, acenando e decolando para o lado da rua.

— Eu estarei aí em cinco.

Havia algo de errado com a mãe? Laura nunca apareceu - bem, exceto aquela vez antes da festa de noivado. Eu nem sabia que ela sabia onde eu morava.

Mal tive tempo de largar minha bolsa antes que ela batesse na porta. Ela estava esperando na esquina? Abri e ela entrou, torcendo as mãos e parecendo desgrenhada. Desgrenhado para ela, o que seria extremamente polido pelos padrões de qualquer outra pessoa.

— Laura, o que diabos está acontecendo? Você está me assustando. — Ela iria cancelar o casamento? De repente, percebi que ela tinha sido uma idiota comigo toda a minha vida? Só queria sair para almoçar?

— Chad quer rosas no casamento. — Ela andou como se ele tivesse dito que queria bater selos de bebê durante a recepção.

— E isso é um problema? — Eu chutei a porta e cruzei os braços sobre o peito.

Ela jogou as mãos para cima. — Claro, é um problema. Nós deveríamos usar peônias. Peônias em tons de rosa. Mas rosas estragam tudo. Elas são banais e esperadas. Supõe-se que este seja um casamento inovador. Precisamos de peônias.

E aqui eu pensei que era algo sério. — Elas não vão estragar tudo. Tenho certeza de que a mãe da florista está trabalhando para garantir que tudo esteja perfeito.

— Ele aperta a pasta de dente no meio. E deixa o leite no balcão toda vez que toma.

— Como um monstro.

Ela parou e me encarou. — Obrigada! Tentei contar a Kaitlin, Gretchen e Beth sobre isso e elas estragaram tudo.

— Isso é uma piada. Parece que você está surtando por nada. Ou por coisas sobre as quais você deveria conversar com ele.

— Faltam dois meses para o casamento. — Ela olhou para o sofá antes de se empoleirar como se estivesse com medo de pegar algo dele. Honestamente, eu não a culpo. Se eu levantasse a capa que havia comprado, ela provavelmente teria uma experiência fora do corpo.

— Eu pensei que você iria se casar na primavera.

— Mamãe mudou. Discutiu com Chad e mudou a data. A filha do prefeito vai se casar na primavera e mamãe não quer competir por atenção.

— Claro que ela não quer. — Meu rolar de olhos mal estava contido. — Mas é o seu casamento. Por que você não diz a ela que não?

Ela inclinou a cabeça e olhou para mim com um olhar que apenas as pessoas que estavam nas trincheiras da infância juntas poderiam compartilhar.

No grande esquema das coisas, esse não era um grande problema - apenas um problema - mas quando Laura teve que lidar com algo real? Quando mamãe e papai não estiveram lá, afastando até os pequenos inconvenientes para fazê-la feliz? Então eu pude ver como, na cabeça dela, isso era ser reprovada ou alguém bater em seu carro novo.

— Certo. — Eu balancei a cabeça. — Não é algo que eu possa ajudar. Estou surpresa que ela tenha me enviado um convite.

— Você está acostumada que ela fique brava com você o tempo todo. Como você fala com ela? — Ela olhou para mim como se eu tivesse alguma resposta quando se tratava de mamãe.

— Eu não falo, a menos que ela me force. Você é a favorita. Você deve dizer a ela o que quer.

Sua risada sem humor resumiu isso. — A favorita dela, desde que eu faça tudo o que ela quer. No meu baile de formatura, eu disse a ela que preferia um vestido diferente do que ela escolheu. Ela não falou comigo por dois meses e cancelou todos os meus cartões de crédito.

— O que? De jeito nenhum. — Esse foi meu segundo ano. Naquela época, eu decidi que me afastar da mãe e da Laura era melhor para mim.

— Sim. Você estava muito ocupada se escondendo na escola e indo direto para o seu quarto, para nunca ter notado.

Eu sentei no sofá ao lado dela. — Por que você não me contou?

Suas bochechas coraram. — Acho que não queria que você soubesse. — Ela apertou as mãos no colo. — Sempre fomos eu e mamãe, e você e papai. E depois que papai morreu, era apenas mamãe, então eu senti que tinha que mantê-la feliz.

— Não há felicidade quando se trata dela. Pelo menos não que eu já tenha encontrado.

Ela fez um pequeno som. — Você só precisa saber o que ela quer.

— Todos e tudo sendo e fazendo exatamente o que ela quer. Eu não posso mais fazer isso. E você também não deveria.

— Eu não tenho escolha. — Ela torceu as mãos no colo e olhou em volta da minha casa. Não era muito, mas diabos, eu estava na faculdade. Mas comparado ao lugar aconchegante que mamãe a instalara durante a faculdade, isso provavelmente estava meio passo acima de um abrigo para sem teto em sua mente.

— Claro que você tem.

— Você sempre esteve bem sozinha. Eu realmente gostaria que minha mãe gostasse de mim. — ela retrucou. Então seus olhos se arregalaram e ela se levantou. — Eu não quis dizer isso, Julia... Jules, desculpe. Estou realmente estressada agora.

Eu nunca tinha tido o ar batido de mim, mas imaginaria que era assim. Uma queimação no meu peito. Difícil recuperar o fôlego. E uma dor irradiando através do meu corpo.

— Eu não deveria ter vindo. — Ela pegou sua bolsa do sofá.

E assim, nosso vínculo fraternal se desintegrou em uma pilha de cinzas, como a bandeja de biscoitos que eu assara durante as finais do ano passado. Eu tive que jogar fora toda a assadeira. Mas eu não poderia fazer isso com minha família. Eles eram tudo o que me restava. Minha única conexão com o meu pai.

19

BERK

Passando minha toalha sobre a cabeça, saí do chuveiro. Limpei o vapor do espelho e enrolei uma toalha em volta da cintura e abri a porta do banheiro. Sessões de treino com pesos chuparam minha bunda. Foi todo o físico em exaustão de estar em campo sem os benefícios de atingir alguém.

— Berk, se apresse. O jogo começa em vinte minutos. — Keyton subiu as escadas.

— Eu chego em cinco minutos. — Verifiquei meu telefone em busca de mensagens de texto e vesti uma camiseta e um moletom. Porra, eu queria uma cerveja, mas durante a temporada mantemos isso no mínimo, e apenas nos finais de semana. Esta temporada era a mais importante da minha vida e eu não jogaria fora por causa de festas. No próximo ano, tudo isso valeria a pena. Tudo no meu passado seria uma lembrança distante quando eu finalmente obtivesse a segurança que vinha com um salário de sete dígitos. Mas eu ainda tinha que passar a temporada.

Pelo menos alguns de nós já estavam vivendo nosso sonho. Eu corri escada abaixo.

— Devo grelhar alguns hambúrgueres e cachorros-quentes? — LJ estava no pé da escada.

— Um pouco tarde agora. O jogo de Reece começa em menos de cinco minutos. — Os fãs estavam no estádio agitando as bandeiras dos times. Um de nós poderia estar jogando naquele estádio uma vez que formos convocados.

— Porra, Nix sempre foi o único a estralar o chicote nessa merda e nos organizar.

Eu conhecia o sentimento. Eu também sentia falta dos caras. Marisa e Keyton eram nossos colegas de quarto, mas Nix e Reece eram como irmãos.

A porta da frente se abriu. — Já começou? — Nix entrou correndo com os braços carregados de comida.

Keyton, LJ e Marisa aplaudiram.

— Você nos salvou. Marisa estava se oferecendo para cozinhar.

Todo mundo estremeceu. A comida dela era mais provável de mandar todo mundo direto para o pronto-socorro do que nos deixar cheios para o jogo.

— Ainda bem que estamos aqui, então vocês não precisam. — Elle entrou pela porta equilibrando um prato de biscoitos.

Pulei para o final da escada. — São de Jules? — Olhei por ela através da porta aberta para a casa do outro lado da rua.

— Sim. — Ela sorriu.

— Ela está planejando vir? — Eu arrastei os dedos pelos meus cabelos.

— Não tenho certeza. Por que você não pergunta a ela? — Elle me cutucou para fora do caminho com o cotovelo.

— Desde que você é sua amiga e tudo, talvez você deva convidá-la. — Eu segui Elle.

— Não é minha casa. — ela gritou por cima do ombro.

Eu estava tentando ser legal com Jules. Textos glamourosos eram uma coisa, mas eu não queria ser o perseguidor pegajoso que não conseguia parar de pensar nela, e a convidei para tudo depois de um quase beijo.

***

O estádio em que Reece jogou ficou abaixo do nosso, mas isso não significava que déssemos menos coração. Nosso primeiro jogo da temporada foi contra a Universidade St. Francis - a STFU para o corpo discente, por mais que a administração tentasse torná-la SFU.

Na linha de luta, meus dedos afundaram na grama curta e bem cuidada. Johanssen olhou para mim através de sua máscara.

— Teve um bom verão, Vaughn? — Ele parecia estar moendo vidro com os dentes.

— Fez serenatas para outras garotas desde o último semestre?

Ele estava perseguindo nossa rua no semestre passado e nós juramos que ele tentaria incendiar nossa casa ou alguma outra loucura que lhe coubesse, então imagine que um choque de cair o queixo quando acordamos uma manhã e ele estava no pequeno pedaço de gramado a algumas casas, cantando seu maldito coração para uma garota.

— Encontrou algum agente ultimamente?

Minha cabeça disparou, quebrando minha posição no momento em que chegou a pergunta. Por uma fração de segundo, perdi meu contato com o chão, quando Johanssen passou por mim de uma maneira familiar demais e quase rompeu a linha.

Recuperando meu foco, mudei meu peso e bati nele. Coloquei meus braços em volta do seu peito e o empurrei para o lado, perdendo Austin enquanto a bola passava sobre nossas cabeças.

Johanssen bateu no chão e ficou de pé em uma fração de segundo. Ele entrou na minha cara, batendo o capacete no meu.

— Aproveite sua temporada, Vaughn. — Seu desdém poderia ter descascado tinta de um carro. Mesmo com o meu bloco sólido, o resto do jogo se transformou em um desastre.

A defesa pode muito bem não estar em campo com os tempos em que o STFU entrou na end zone. LJ conseguiu uma interceptação no último quarto, quando o treinador finalmente o tirou do banco, mas não foi suficiente. Com a pressão, Austin não conseguiu compensar como Nix teria feito.

Nosso primeiro jogo da temporada terminou com uma perda esmagadora de moral de 12 a 43. Em algum lugar nas arquibancadas, Jules assistira àquele banho de sangue. Não é exatamente como eu queria começar as coisas.

Todos nós levantamos para apertar as mãos no final do jogo. Houve um silêncio da nossa equipe. Peguei a frente logo atrás de Austin. — Você fez sua parte.

— Não foi suficiente. — Sua cabeça caiu.

— Nós vamos tirá-los. Todo mundo adora uma revanche, certo? — Keyton apareceu de trás de mim.

— Pelo menos vocês têm mais de oito minutos em campo. — LJ se inclinou para fora da linha.

— Você fez o seu tempo contar. — eu falei de volta para ele. Precisávamos dele lá na defesa. O que o treinador tinha contra ele estava seriamente fodendo com o jogo da equipe. Todo mundo estava desconfortável com a possibilidade de ficar do lado ruim do treinador por algum motivo desconhecido e ser jogado de lado. O treinador pressionou LJ com mais força do que qualquer um nos treinos, ele era um dos nossos melhores jogadores e estava no banco mais do que qualquer veterano com seu talento.

Passamos pela outra equipe, apertando as mãos e jogando bem. Olhos verdes opacos e familiares brilhavam e pairavam sobre todos os outros.

— Teve um bom verão, Vaughn? — Johanssen gritou, ainda três caras de mim.

— Sim, estava tudo bem. — Que diabos tinha de errado com ele? Ele jogou todos os jogos como se fosse vida e morte. Que não eram apenas nossos futuros em jogo, mas a capacidade de continuar respirando.

— Estou indo para você no próximo jogo, Austin.

— Como se você não tivesse vindo para mim desta vez. — Austin apertou sua mão e não fez uma careta quando Johanssen apertou.

Empurrei o ombro de Johanssen, quebrando seu aperto. — Afaste-se dele. Talvez você já tenha tocado sua campainha muitas vezes, mas precisa relaxar.

— Ele protege você dentro e fora do campo? Que precioso. — Então ele virou seu escárnio para mim e todo o seu rosto mudou como se sua própria nuvem de chuva agora incluísse trovões. — Mas quem protege você?

Não pensei que houvesse algo mais assustador do que o desprezo de Johanssen; Eu estava errado. Seu sorriso era direto como um pesadelo.

— Não deixe ele entrar na sua cabeça. Você entendeu? — Eu bati no ombro de Austin. O plástico encontra o som da carne que ricocheteia no teto de cimento do túnel e cortou o ruído de todos que se dirigem para o vestiário.

Não houve grandes celebrações, Gatorade derramado ou gritaria. Houve apenas a marcha lenta em direção à mastigação que estávamos recebendo quando a porta do vestiário se fechou.

Mas no fim do túnel, como um maldito farol em mares turbulentos, Jules estava ao lado de dois seguranças, segurando uma caixa no peito.

Deixei Austin para trás e segui direto para ela. O casaco da marinha e o lenço branco foram enfeitados com um gorro bonitinho com uma bolinha fofa no topo. Ela parecia algo de uma pintura de natureza morta do inverno. Tudo o que ela precisava era de uma caneca de chocolate quente ou talvez de um par de patins de gelo.

— Sinto muito pelo seu jogo. — Ela cutucou os óculos, mesmo que eles não tivessem caído. Era um pouco peculiar dela, sempre que estava nervosa.

— Está tudo bem. — Parecia que o treinador tinha me feito correr dez voltas. Minha frequência cardíaca voltou a acelerar mais do que quando confrontava Johanssen. — Você me trouxe alguma coisa? — Eu balancei a cabeça em direção à caixa em suas mãos.

Eu acenei para ela através da segurança e desci um dos corredores do túnel, mantendo uma atenção para o treinador gritando meu nome por não estar dentro do vestiário por ter conversado com todo mundo.

Ela se encolheu. — Eu posso ter me precipitado com a decoração destes.

Levantei a tampa da caixa com um dedo. Com uma letra em cada cupcake, a palavra "Parabéns" foi escrita. Passando o dedo por cima de um, peguei um montão da rica cobertura de chocolate e enfiei na boca. Paraíso na Terra. A única coisa que poderia ter um sabor melhor do que essa cobertura seria, os lábios de Jules.

Soltando a tampa, olhei de volta para ela. — Foi você. Você nos esfriou.

— O quê? — Seus olhos se arregalaram e seus lábios se separaram quando ela balançou a cabeça. — Não, eu não pretendia.

Eu não conseguia nem provocar com o quão miserável ela parecia. — Foi uma piada, Frenchie. — Uma onda de hesitação entre nós. Eu puxei um fiapo em seu casaco. A cobertura perfeita para deixar meus dedos deslizarem por seu pescoço. — Obrigado por pensar que conseguiríamos a vitória. — Peguei a caixa da mão dela, não deixando que ela a usasse como um amortecedor entre nós. Meu dia foi uma merda, mas havia um bálsamo para me fazer esquecer que eu tinha tocado hoje.

— Da próxima vez, escreverei uma mensagem mais genérica. — Ela manteve os olhos fixos no número onze na frente da minha camisa. — Como, "Jogo Interessante" ou "Belo Uniforme".

— Você planeja vir para o meu próximo jogo. — Havia sardas leves na ponte do nariz. As que eu vi pela primeira vez na estufa e continuei descobrindo novas. Pequenos pontos no topo de suas bochechas. Eu queria saber tudo sobre ela que ainda não tinha visto. O que mais havia para descobrir sobre Jules? Eu queria escrever a enciclopédia.

— Se um certo jogador puder conseguir meu ingresso novamente, eu adoraria. — Ela inclinou a cabeça e seu olhar saltou para cima e para longe novamente.

Eu não queria isso. Eu queria que ela olhasse para mim. Os pensamentos dela em mim. Seu corpo gritando por mim tanto quanto o meu ansiava pelo dela.

— Isso pode ser arranjado, especialmente se você continuar me prometendo guloseimas pós-jogo. Consolação ou comemoração, sou a favor delas a qualquer momento.

Sua risada saiu como uma gagueira apertada. — Isso pode ser interpretado um pouco sujo.

Eu contrataria um maldito avião para escrever no céu, se é isso que é preciso.

— Se ainda precisa de interpretação, talvez eu deva ser um pouco mais claro. — Passei o dedo sob o queixo dela.

Seu olhar se afastou da caixa para encontrar o meu. — Mais claro?

— Muito. — Coloquei a caixa no chão - pela primeira vez a comida era a última coisa em que eu estava pensando, mas isso não significava que eu não apreciava todo o seu tempo e esforço. Eu a observei na cozinha várias vezes para saber quanta atenção cada biscoito ou cupcake recebeu antes de chegarem nas mãos de alguém.

Minha adrenalina bombeava em minhas veias, uma pulsação latejante que não desaparecia agora que estávamos fora do campo. Eu não ia mais jogar o jogo, não sem ir à vitória.

Larguei minhas ombreiras e passei o braço em volta das costas dela, afundando uma mão em seus cabelos, deixando meus dedos enrolarem em seus cachos sedosos e macios.

Um pequeno suspiro saiu de seus lábios e eu não pude segurar meu sorriso. Fiquei satisfeito com o sentimento que fez você esquecer todo o resto e querer engarrafar aquele momento único de pura, implacável e inigualável alegria.

— Muito. — E eu não estava me arriscando dessa vez. Vozes ecoaram contra o concreto ao nosso redor. Jogadores, treinadores e todos os outros neste circo da grade passaram por nós, por nossa pequena ilha no meio da loucura. Mas eu não aguentava mais; como uma barragem em uma tempestade torrencial, fiquei impressionado com ela.

E a beijei.

O fogo elétrico do desejo percorria minhas veias e o único antídoto era o toque dela.

20

JULES

Seus lábios eram macios e inflexíveis ao mesmo tempo. Fogos de artifício irromperam na minha cabeça. Uma exibição colorida e faiscante com uma nova estrada iluminada a cada toque de seus lábios e batidas de sua língua, que se aproximava o grand finale.

Eu afundei nele como se tivesse perdido todas as funções motoras.

Ele segurou a parte de trás do meu pescoço e controlou o beijo. Mergulhando cada vez mais fundo na minha boca e roubando cada respiração como se fosse a última. Sua língua dançava com a minha como tínhamos feito na pista de dança, apenas que sua língua não era tão educada. Um calor intenso queimou no meu estômago e viajou mais baixo, criando uma dor latejante entre as minhas pernas.

Apertei minhas coxas e gemi. Um som escapou pelo nossos lábios. Se alguma coisa, o estimulou.

Sua mão apertou contra as minhas costas, me pressionando contra ele.

Eu estava entre ele e o concreto frio.

— Seus lábios me fazem esquecer de tudo o mais. Eles me fazem esquecer de perder, cerca de cem pessoas no corredor ao nosso lado, sobre qualquer coisa que não esteja centralizada nesta boca. Como você ficou tão doce, Jules?

Não tive chance de responder. Não que eu quisesse.

Ele estava suado. Ele cheirava a intensidade e determinação, tudo em um, e eu queria escalá-lo como uma árvore. Todo o estádio poderia ter colapsado ao nosso redor e eu não gostaria de parar. Seus lábios eram suficientes para curar qualquer coisa.

Isso era diferente de qualquer beijo que eu já havia experimentado antes. Consumindo tudo, aquecido e com fome. Como se ele estivesse com fome de mim e não conseguisse o suficiente, não como se estivesse passando pelos movimentos ou me dando um selinho superficial para abrir o caminho para o evento principal. Ele estava me beijando como se este fosse o evento principal e eu fosse o centro do seu mundo.

Outro beijo acompanhado por um corpo cheio de rubor e formigamento nos dedos dos pés. Minha cabeça nadou e eu apertei sua

camisa ainda mais, puxando-o ainda mais para perto, se isso fosse possível.

Uma tosse aguda e gutural atravessou nossa bolha protetora. Seguido por outro.

Nós nos separamos, ofegando, olhando um para o outro chocados e viramos a cabeça para o fim do corredor ao mesmo tempo.

— O treinador está pronto para nos fazer em pedaços. Você não vai querer perder. — Keyton estava no final do corredor.

— Chegando. — Berk pegou a caixa de cupcakes e colocou em minhas mãos. — Tome isso, vou querer um pouco depois que o treinador terminar o *Chutando Bundas 2020*. Espere aqui e voltarei assim que puder. Você pode esperar? Talvez vinte minutos?

— Claro.

Seu sorriso poderia ter iluminado o estádio pelo resto da temporada. Com mais um selinho rápido, ele correu atrás de Keyton e me deixou ali com minha caixa de cupcakes, tentando descobrir no que eu tinha acabado de me meter.

Berk me beijou.

Berkley Vaughn me beijou, Julia Kelland.

Fiquei feliz por sua reunião após o jogo ter levado meia hora. Levei tanto tempo para processar que eu não estava alucinando, que ele realmente estava lá e o sabor persistente em meus lábios não era o sinal de alerta precoce de um derrame.

Ele saiu do vestiário, e o sorriso em seu rosto enquanto todos pareciam ter as unhas arrancadas limpou o último pedaço de dúvida que rodava na minha cabeça.

Saia daí, Jules. Esse não é um lugar para você viver.

— Estou morrendo de fome por outro cupcake. — Sua boca disse cupcake, mas seus olhos disseram *eu*. E eu estava aqui para isso da maior maneira possível.

Abri a tampa da caixa e ele pegou um bolinho, mal desembrulhando-o antes de engolir a coisa toda.

— Você vai administrar a padaria antes do final do semestre ou essas pessoas são loucas. Se você não está vendendo estes, o mundo inteiro está perdendo.

Minhas bochechas coraram de uma maneira diferente desta vez. Os elogios sempre foram muito mais difíceis de suportar para mim. Crítica,

eu poderia ficar lá e aguentar. Levou anos de treinamento, mas eu geralmente era boa em não deixar quem quer que fosse me ver recuar.

Mas elogios me fizeram querer fugir ou esquivar deles como balas em Matrix. Talvez fosse um medo de que um dia todas aquelas coisas boas que alguém dissesse sobre mim desaparecessem rapidamente.

— Você está indo direto para casa, certo? — LJ pulou nas costas de Berk, as mãos pressionando seus ombros. — Tradição do primeiro jogo da temporada.

— Você tem certeza de que quer fazer isso? — Berk o sacudiu.

— O primeiro jogo já foi amaldiçoado. Precisamos garantir que o resto da temporada não tenha os mesmos problemas.

— Keyton está dentro?

— Fui informado e entrei. — Keyton jogou a mochila por cima do ombro. — Marisa está preparando tudo enquanto falamos.

— Espero que não haja comida. — Keyton estremeceu e segurou o braço sobre o estômago. — Depois dos queijos grelhados, meu treino de abdominais levou uma semana para me recuperar.

— O que nós dissemos sobre comer qualquer coisa que ela cozinhe? — Berk riu.

Keyton abriu a porta no final do corredor que dava para o estacionamento. — É queijo e pão! Como diabos você pode estragar isso? — A maioria dos carros se foi. Embora a maioria das pessoas não precisasse de um motivo para festejar, todos estavam bastante desanimados nas arquibancadas depois de ficarem em pé por todo o último quarto, esperando que os Trojans conseguissem a vitória.

— Marisa encontra uma maneira. — LJ deu um tapinha no ombro dele. — Posso pegar uma carona com você?

Keyton assentiu. — Nos vemos em casa.

Berk olhou para mim.

O frio do outono no ar provocou um arrepio na minha espinha - ou poderia ser a proximidade de Berk? Eu encarei nossas mãos unidas. As mesmas que estávamos segurando o tempo todo que os caras estavam lá, enquanto todos estavam saindo dos vestiários e podiam nos ver. Eu me preparei para as tomadas duplas de desenho animado. Perguntas sobre eu estar um pouco velha para ser uma criança do Make A Wish ou até mesmo um “por que diabos você está segurando a mão dela?” de seus outros companheiros de equipe, mas até agora nada. Talvez eu fosse muito boa em desaparecer no fundo.

— O que você vai fazer pelo resto da noite? — A confusão se instalou com certeza.

— O que você tinha em mente? — Eu não achava que era o que queria, porque definitivamente não estava convidando Keyton, LJ e Marisa.

— Um pouco de competição amigável. — Isso não era o que eu esperava, depois que ele me beijou tão bem que eu tinha esquecido álgebra da sétima série.

— Sim?

— Isso foi uma pergunta ou você está dentro? Este é um jogo sério que jogamos. É tradição.

Eu balancei a cabeça quando ele passou os dedos pelos meus. Algumas cabeças viraram na nossa direção, provavelmente tentando descobrir o que exatamente ele estava fazendo comigo. Eu abaixei minha cabeça e deixei que ele me puxasse.

O motor de seu carro rugiu e eu relaxei um pouco, agora em segurança e longe de todos os olhos no estádio.

Ele tamborilou com os dedos de uma mão ao longo do volante e a outra - bem, a outra estava na minha perna. Dedos em volta da minha coxa, me apertando a cada dois minutos como uma garantia de que ele estava lá. Como se ele estivesse dizendo: “sim, estou tocando sua perna e pretendo tocar muito mais de você no futuro”. Todo o meu discurso sobre como manter as coisas casuais tinha caído em ouvidos surdos e nunca estive mais feliz em ser ignorada em minha vida.

Todo esse tempo eu estava tentando manter esse muro entre nós sólido e imóvel, mas eu deveria saber que Berk seria o único a derrubá-lo, assim como ele fez no campo.

Dentro da casa, fomos carregados com munição de dardos Nerf, como se o apocalipse zumbi Nerf estivesse a caminho.

— Como existem tantos tipos diferentes?

Berk estava na frente da porta do armário, que os tinha todos dispostos contra a parede como um verdadeiro arsenal. Havia cestos para os clipes cuidadosamente arrumados sob o muro de armas.

— Você leva isso a sério, hein?

— Eu sempre levo minha diversão muito a sério. — Ele sorriu enquanto apertava a munição por cima do meu ombro e no meu peito.

Em algum lugar da casa, alguém tocou um apito e ele ligou.

— É cada um por si, já que temos números ímpares, mas eu vou ser bonzinho com você. — Ele piscou para mim.

— Vamos ver. — Nós dois saímos da sala.

Os planos de batalha foram elaborados - literalmente. Usamos copos de shots e o patamar da escada para traçar o plano de ataque. Não havia brincadeira quando se tratava de Nerf nesta casa.

Com um grito de guerra de Marisa, partimos e os dardos de isopor voavam.

No porão, nos reagrupamos para o segundo tempo, suados e um pouco sem fôlego. Eu não era a única encharcada de suor, e isso me fez sentir melhor. Nós nos escondemos atrás da máquina de lavar com as costas contra o metal frio. Eu não seria pega morta rastejando pelo porão - bem, talvez eu fosse pega morta lá. Algum tipo de monstro ou mofo superdesenvolvido provavelmente me pegaria pelas pernas e me mataria. Por isso, eu sempre subia as escadas uma vez que colocava uma carga de roupa suja e apagava as luzes. Mas estávamos aqui com nossas armas Nerf trancadas e carregadas, prontas para a luta.

Estávamos interpretando cada homem ou mulher por si mesmos, embora Keyton estivesse em parceria com Marisa. A mini-morte que LJ jogou quando os dois atiraram na testa dele foi meio adorável. Nós tínhamos fugido e reunimos nossa munição.

O barulho característico de um cartucho de munição no chão foi a minha abertura. Levantei, pulei sobre a máquina de lavar, rolei em cima da mesa de bilhar e peguei os dois de cima.

Ambos amaldiçoaram e se queixaram. Virei minha cabeça com o aplauso lento da escada.

— Você era como uma gazela. Droga, Jules. Você pulou sobre a máquina de lavar e depois girou no ar.

Todo mundo parou e olhou para mim.

Meus ombros subiram um pouco e, se eu fosse uma tartaruga, teria entrado no meu casco.

— Merecida vitória, então. — Keyton ajudou Marisa a sair do chão.

LJ fez uma careta. — Há sobras de Nix. — Ele se virou e subiu de volta.

— Você chutou a bunda deles. — As palavras de Berk lambiam a parte de trás do meu pescoço. Sua respiração arrepiou os cabelos úmidos na base do meu pescoço e enviou uma onda de choque de corpo inteiro através de mim.

— Ainda não. — Agarrei-me ao poste ao meu lado e virei, deixando mais um dardo acertá-lo no peito.

Ele olhou para mim, de queixo caído, observando o isopor de ponta laranja e azul cair no chão. — Você atirou em mim.

— Você disse que era cada um por si. — Eu levantei minhas mãos como se estivesse impotente em ir contra as regras.

— Fugitivo até o fim. — Ele balançou a cabeça.

— Eu tenho meus momentos. — Dei de ombros, girando minha arma no dedo indicador.

— Qual foi o giro que você fez ali? Parece que você passou um tempinho num poste. — Ele disse brincando, do jeito que todos se provocavam, mas eu queria contar, compartilhar outra parte de mim com ele.

Ele se abaixou para pegar alguns dardos do chão. — Eu tenho experiência.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Você sabe. Com o poste.

Seus olhos se arregalaram.

Minha língua parecia estar em nós e eu estava perturbada. — Com pole dance. Não com stripp real ou qualquer coisa. Eu tenho um poste no meu quarto; é mais fino que este, mas foi o que aconteceu com o salto e depois com o balanço que eu fiz ali. — Fiz um gesto para o poste de apoio.

Berk ficou agachado como se tivesse sido congelado e depois se moveu em um borrão.

Ele pegou minha mão e me puxou escada acima, os dardos há muito esquecidos caíram no chão.

— Nós estamos indo embora. Comam sem nós. — ele gritou para todos que estavam na cozinha, distribuindo comida em seus pratos.

Suas pernas eram muito mais longas que as minhas e, ao contrário de nossa corrida em Kelland Estate, eu mal conseguia acompanhar.

— Berk, onde diabos estamos indo?

21

BERK

Eu nem me incomodei em fechar a porta.

Carregando do outro lado da rua, eu estava a segundos de jogar Jules por cima do ombro. Minha ereção dificultava a corrida, mas chegamos a um acordo não muito gentil de sofrer durante a corrida pela recompensa no final do túnel - Jules.

Eu estava tão chateado por termos tirado o poste do meu quarto quando nos mudamos para o Brothel no ano passado. Pegar pessoas aleatórias fazendo seus próprios shows de strip no meu quarto não era exatamente a melhor maneira de concluir qualquer estudo - e também dava uma impressão errada sobre mim.

Porra, isso seria uma coisa para ver - Jules no meu quarto mostrando suas habilidades. Mas isso foi melhor. Isso foi muito melhor. A casa dela estava vazia. Ninguém para interromper. Ninguém para ver tudo o que ela ia me mostrar.

Todas aquelas vezes que a vi no quarto dela através das cortinas e pensei que era apenas ela dançando. Ela estava dançando, tudo bem. Na porra de um poste. E eu não perderia esta próxima apresentação por nada no mundo.

— Ah, Berk, o que estamos fazendo? — Ela tropeçou para acompanhar, seus tênis batendo na calçada.

Eu me virei para olhá-la por cima do ombro. — Você não pode soltar a bomba de pole dance depois desse movimento que fez lá e achar que não vou querer ver.

Ela puxou contra o meu aperto em sua mão quando chegamos ao topo da varanda. — Você quer me ver dançar?

— Por que diabos você acha que estou a segundos de jogar você por cima do meu ombro?

— Eu não sei. — Ela empurrou os óculos pela ponta do nariz naquele adorável caminho para o tempo. — Porque você achou super fora dos limites eu mencionar isso e não queria que mais ninguém soubesse o que eu disse? — Ela olhou para os sapatos e deu de ombros.

— Jules, se você não me mostrar todos os seus movimentos, talvez eu precise usar minha imaginação e não sei se você me quer fazendo isso.

Ela olhou para cima e o canto da boca se levantou. — Talvez eu queira.

Nós corremos para dentro e não fizemos o pit stop padrão da cozinha. Ela liderou o caminho, mantendo minha mão na dela enquanto subia os degraus. Como se eu estivesse indo a qualquer outro lugar. Nesse momento, ela teria que chamar a polícia para me fazer sair.

Subir as escadas estava atravessando uma barreira que havíamos erguido entre nós. Estava cruzando uma linha invisível traçada em todas as nossas interações, e fazendo isso agora, eu não podia acreditar que não havia explodido naquela coisa há séculos. Seus passos estavam silenciosos, mesmo nas escadas rangentes.

Ficamos na frente da porta dela. Ela olhou para mim por cima do ombro e mordeu o lábio inferior. — Eu só dancei para uma outra pessoa.

Uma chama de ciúme irracional rasgou através de mim pensando nela dançando para algum idiota.

— Elle não iria exatamente me dizer se eu sou péssima, no entanto.

A tensão nos meus ombros relaxou. Não é um idiota. Elle, sua melhor amiga. Eu poderia lidar com isso. Mas a antecipação de ver Jules dançar tornou difícil ficar parado e impedir que todo o sangue caísse direto no meu pau.

Ela soltou minha mão e abriu a porta.

O poste dourado do chão ao teto brilhava à luz do corredor. — Eu vou escolher uma música.

— Vou encontrar o interruptor. — Eu nunca tinha estado no quarto dela antes. Examinando o espaço, vi a lâmpada ao lado de sua cama. Lançaria menos luz do que a luz do teto e, esperançosamente, não exibia uma apresentação completa para ninguém na rua. Talvez eu a deixasse saber que eu podia vê-la dançar no meu quarto. Ou talvez eu guardasse esses programas privados para mim.

Ela levantou a cabeça. — Podemos fazer isso sem a luz.

— Não, Jules, nós realmente não podemos. Não vim até aqui para não ver você. — Estendi a mão sob o abajur e virei a maçaneta. O clique duplo foi apenas o som na sala.

Ela pulou quando a luz suave acendeu. — Música. — Passando a mão pelo cabelo, ela rolou pelo telefone e o alto-falante Bluetooth tocou, anunciando que estava conectado.

Minha pele formigou com a antecipação de observá-la. Ela me observando observá-la. E deixá-la saber que não havia outro lugar que eu preferiria estar do que aqui.

Segurando o poste bem acima da cabeça, ela girou, mantendo o corpo reto e em ângulo do poste. Maldita força impressionante na parte superior do corpo. Uma música divertida de verão começou e ela levantou a perna em uma fenda contra o poste.

Flexibilidade com firmeza.

— Uma vez, minha perna escorregou e bati minha testa no poste. Parecia que eu tinha brigado com um aspirador de pó. — Ela riu, espiando para mim.

— Tenho certeza que ninguém notou.

— O hematoma era tão grande quanto uma moeda, mas pelo menos eu não tinha batido meu nariz.

Ela fez alguns movimentos mais sólidos, mas manteve o olhar o mais longe possível de mim.

— Eu sinto que você está se segurando, Frenchie. — Tentei manter minha voz leve, manter o peso do desejo fora da minha voz, para não assustá-la.

Como se estivesse tomando uma decisão, ela ficou na frente do poste e apertou os punhos ao lado do corpo. — Só posso lhe mostrar o que realmente posso fazer se tirar a roupa.

Um chiado saiu da minha boca. Eu segurei a beira da cama, então não a jogaria no chão e tiraria cada peça de roupa dela com os dentes.

Porra, eu precisava tocá-la.

Eu precisava tocá-la mais do que precisava da minha próxima respiração.

Eu precisava tocá-la para ter certeza de que não era tudo um sonho e a bela vista na minha frente não desapareceria antes que eu pudesse.

Ela era tão linda que doía não tocá-la.

— Não nua, mas não adianta trocar de roupa quando já estou de short e sutiã esportivo. — Ela manteve as costas para mim e lentamente desabotoou o jeans. O toque do botão e o deslizamento do zíper tiveram meu pau pressionado contra o zíper de metal da minha calça jeans.

Como se ela fosse mudar de ideia, se pensasse nisso por muito tempo, tirou a blusa. Eu já estive em alguns clubes de strip-tease com

alguns caras antes, mas esse foi um strip-tease que superou todos os outros.

A música mudou e ela soltou o cabelo. Ele caiu sobre metade do rosto, obscurecendo os olhos.

— Você consegue, Jules. — disse ela baixinho.

Ela com certeza consegue. A maioria das garotas começava com o cabelo de estrela pornô e mostrava o máximo possível de pele; essa era a prerrogativa delas.

Mas Jules enlouqueceu com um vestido mostrando algum decote.

Jules soltou uma maldição aqui e ali e olhou em volta como se a polícia jurasse prendê-la.

Jules assou cupcakes de parabéns pelo meu jogo.

Jules estava aqui comigo quando ela poderia estar em outro lugar.

Jules era uma deusa sexy secreta que tinha um poste no quarto.

Eu não consegui segurar meu sorriso. Como eu nunca vi como ela era corajosa? Quão indescritivelmente bela?

Agarrando o poste, ela passou os dedos pelos cabelos e girou mais livremente do que antes. Ela mergulhou e balançou ao som da música. Quando ela deu a volta no poste novamente, olhou para mim, nervosa, como se eu estivesse tudo, menos pronto para sair da minha pele com a necessidade dela.

Tudo o que ela viu no meu rosto a fez sorrir e ela não desviou o olhar. Com o poste nas costas, ela afundou, equilibrando-se com uma mão.

— Vou fazer alguns truques agora. Você pode querer relaxar, alguns desses movimentos podem ficar um pouco selvagens.

Seguindo as instruções, eu me inclinei para trás e apoiei minhas mãos na cama, um pouco preocupado com a ereção crescente que eu não seria capaz de esconder.

Ganhando velocidade, Jules se inclinou para o poste e, usando os braços e as pernas, acabou em uma fração completa, girando em câmera lenta como um bolo de coco incrivelmente sexy. A coreografia continuou, cada movimento enviando formigamentos nas pontas dos meus dedos.

Ela mantinha contato visual a cada movimento, sempre se certificando de que eu estava assistindo. Como eu não poderia? Uma

ousadia se desenvolveu e então ela não estava apenas fazendo os movimentos, estava dançando. Dançando para mim.

Jogando o cabelo para trás, ela dançou em minha direção. Sua pele brilhava. Eu tinha certeza que ela era ainda mais doce do que antes. Eu provei seus lábios, agora eu queria provar tudo dela.

— O que você achou? — Ela ficou entre minhas pernas abertas. O peito dela subiu e caiu. As pontas de seus mamilos rasgavam o tecido de seu sutiã.

— Eu acho que você está me segurando e eu vou precisar que você faça isso comigo.

O sorriso dela vacilou por um segundo.

— Que tal isso? — Ela se virou e colocou o cabelo por cima do ombro, olhando para mim enquanto afundava. Excruciante e devagar, até que sua bunda esfregou contra a frente do meu jeans. Porra, eu gostaria de estar vestindo calças leves agora.

Ela apertou o quadril ao ritmo da música.

Eu não aguentava mais. Meus dedos afundaram em sua carne macia e eu agarrei seu quadril, puxando-a para trás.

— Eu pensei que você não tinha permissão para tocar nas dançarinas.

— Ainda bem que não estamos em um clube de strip. Você quer que eu pare?

Seus dedos se apertaram nas minhas coxas.

Eu reprimi um gemido.

— Não, eu quero que você continue.

Passei uma mão ao longo de seu estômago e subi sobre seu sutiã. — Até onde? — Ela parou por um segundo e agarrou minha mão em seu quadril. Lentamente, como se ela não quisesse me assustar, ela empurrou minha mão para baixo, para a frente de seu short. Usando meus dedos, ela massageou a frente de sua vagina, me usando como seu próprio brinquedo sexual pessoal e eu estava a um segundo de distância de gozar na minha cueca como se fosse a minha primeira vez.

— Eu não vou conseguir me controlar, se você continuar fazendo isso. — Ela soltou um suspiro trêmulo quando assumi a massagem, circulando com meus dedos e tocando-a através do tecido, encontrando seu clitóris.

— Quem disse que eu quero que você se controle? — Ela gemeu.

Parando toda a exploração do corpo dela, enfiei minha mão no bolso, puxei minha carteira e peguei uma camisinha mais rápido do que eu já havia feito qualquer coisa na minha vida. Tirei minhas calças e com uma mão rolei a camisinha. Com a outra, puxei seu short, o tecido desfiado um pouco e os fios rasgando.

— Cuidado. — Ela riu.

Puxando-a para baixo em mim, guiei meu pau latejante dentro dela. — Estamos sendo muito cuidadosos, Frenchie. — Seu calor aveludado se apertou ao meu redor enquanto ela afundava no meu colo.

Eu a bombeei com golpes duros e cruéis, quase incapaz de me conter. Eu queria que ela estivesse de frente para mim, eu a queria debaixo de mim, envolvida em mim.

Ela assobiou e eu passei meus braços em volta de sua cintura, puxando-a de volta contra o meu peito. — Você está bem?

— Não pare, porra. — Sua cabeça caiu de volta para o meu ombro.

— Lá está ela. — Mordi a extensão suave de seu pescoço.

— Quem? — Seu quadril girou e ela caiu sobre mim.

— Porra! — Eu deixei cair minha mão entre suas coxas. Sua umidade cobriu meus dedos quando eu abri suas dobras e encontrei seu clitóris.

Ela estremeceu contra mim, abaixando seu quadril mais rapidamente e eu encontrei cada impulso empurrando para dentro dela. O trovão da minha chegada estava rolando no horizonte, mas eu não estava chegando lá primeiro. De jeito nenhum.

— Quem? — O sorriso dela se transformou em um gemido quando ela repetiu a pergunta.

— A verdadeira Jules. — Eu circulei seu clitóris e seus músculos tencionaram e ela apertou em volta de mim, pontos negros duros dançavam na frente da minha visão. Ela gritou meu nome alto o suficiente para o presidente da universidade e metade do campus ouvissem. Apertei-a com mais força, passando os braços sobre o peito e derramando no látex entre nós.

Com dedos dormentes, ofeguei contra a parte de trás do ombro dela. O sabor doce e salgado de sua pele permaneceu nos meus lábios.

— Que porra foi essa?

22

JULES

Ele riu e beijou minhas costas. — Eu ia perguntar a mesma coisa.

Minha cabeça zumbiu e meu corpo formigou quando tremores secundários do meu orgasmo rasgaram meu corpo. — Nem sempre é assim com você? — Apoiei minhas mãos em suas coxas e levantei.

Seu braço apertou minha cintura, não me deixando ir. Eu olhei para ele por cima do ombro.

Um estranho e irritado olhar passou por seu rosto. — Não. É assim com outros caras?

Meu olhar disparou para o chão. — Não. — Que diabos tinha sido esse olhar?

Seu aperto afrouxou e ele passou as mãos para cima e para baixo nos meus lados. O toque de luz tremulante me fez arrepiar. — Nunca foi assim, Jules. — As palavras acariciaram minha nuca, ainda brilhando de suor.

Eu balancei a cabeça e me inclinei contra ele, saboreando sua pele quente contra a minha. A autoconsciência de sentar totalmente em seu colo e não tentar segurar meu peso nas mãos ou pernas não estava lá. O corpo inteiro de Berk me envolveu e, pela primeira vez, eu realmente me senti pequena. Depois de me dar mais cinco segundos para imprimir esse momento em minha mente, apoiei minhas mãos nos joelhos dele e levantei de seu colo. Eu gemi e tentei andar. Eu era como um cervo recém-nascido.

Ele me firmou. — Cuidado.

A preocupação gentil em sua voz enviou uma emoção através de mim que não tinha nada a ver com a dor entre minhas coxas.

Agora havia a indecisão embaraçosa. Pego minhas roupas e as visto? Fico debaixo das cobertas?

— Há quanto tempo você dança? — Berk não parecia nem um pouco perturbado pela nossa nudez. Bem, ele ainda usava o jeans.

— Desde o primeiro ano. Eu arrastei Elle para o estúdio e adorei. — Vi meu roupão pendurado na porta do armário. Bob Esponja não era exatamente sexy, mas eu não tinha um roupão de seda em cor pastel para vestir.

— Eu posso dizer. — Sua mão circulou meu pulso enquanto eu tentava caminhar em direção ao roupão. — Ensine-me alguma coisa.

Uma risada se soltou dos meus lábios. — Você quer aprender?

Ele encolheu os ombros. — Por que não? É sempre bom aprender coisas novas.

— Ok, deixe pegar um short. — Comecei a me afastar, mas ele me segurou.

— Não, assim. — Seu olhar faminto viajou para cima e para baixo no meu corpo.

— Vai ser difícil, isso vai atrapalhar. — Eu envolvi meus dedos em torno de sua ereção crescente.

Ele respirou fundo por entre os dentes cerrados. — Deixe que eu me preocupe com ele.

Eu abaixei minha cabeça e ri. — Se você diz.

A aula de pole dance acabou sendo uma longa série de desculpas para Berk esfregar seu corpo contra o meu, não que eu estivesse reclamando. Embora eu tenha me dobrado com o olhar sério em seu rosto enquanto ele fazia uma volta lenta ao redor do poste, mantendo os braços retos e andando no ar. Sua força na parte superior do corpo era insana.

— Como eu fui? — Ele sorriu para mim, dando um passo em minha direção até minhas costas baterem contra o poste.

— Nada mal para a sua primeira vez.

— Podemos agendar minha próxima aula em breve, mas estou mais do que um pouco distraído. — Em um segundo, seu olhar mudou de brincalhão para faminto.

— Você está. — Meu peito arfava e minhas palavras saíram ofegantes.

— E é tudo culpa sua.

Ele mergulhou e deslizou as mãos atrás dos meus joelhos e em volta do meu ombro, me pegando antes que eu pudesse gritar “não, você vai quebrar suas costas!”

Cruzando o espaço entre o poste e minha cama em menos de dois passos, ele me colocou na cama.

Sua ereção estava na altura da cabeça, alta e grossa. Isso realmente coube dentro de mim? A dor entre minhas pernas se aprofundou.

Minha boca ficou com água. Peguei a cintura, deslizei minha mão para dentro.

Um gemido se libertou de seus lábios enquanto meus dedos se curvavam em torno dele e cresceu rapidamente.

Aqui, eu era a ousada Jules, extraordinária dançarina de pole dance. E Berk não parecia se importar nem um pouco.

— Você está me matando, Frenchie. — Ele fechou a mão em volta do meu pulso, ajudando-me a acompanhar o ritmo que ele gostava. Eu queria mais disso. Eu queria saber o que um movimento do meu pulso faria quando atingisse o final do meu derrame e fosse recompensada com um gemido. Lambi meus lábios para prová-lo.

— Eu ia dizer a mesma coisa.

Mas toda vez que eu tentava, ele me bloqueava.

Ele passou o polegar sobre o meu lábio inferior. — Se você colocar sua boca em mim, eu iria terminar e quero que isso continue.

Eu estava suada e senti como se tivesse corrido uma maratona, e nunca me senti tão bonita como quando ele olhou nos meus olhos como se quisesse me comer.

Ele pegou um preservativo, rolando-o e pressionou em mim lento e firme, me esticando e colocando seu quadril entre as minhas coxas como se ele nunca quisesse sair.

Com um lento movimento de seu quadril e uma moagem contra meu clitóris, eu me gozei em questão de minutos.

***

Descansando minha cabeça em seu peito, arrastei meus dedos para cima e para baixo em seu abdômen. Um pacote de seis, mas eu não conseguia me sentir constrangida depois dos meus múltiplos orgasmos.

Eu nunca pensei que Berk fosse uma pessoa carinhosa - não com a forma como ele ocupou um lugar permanente na festa de noivado de Laura. Mas eu não diria não aos braços fortes dele em volta de mim.

— Nós deveríamos fazer isso de novo em algum momento. — Eu olhei para ele, pressionando meus lábios contra seu peito, esperando que ele não quebrasse minha esperança frágil de que ele iria querer isso de novo também.

Um estrondo lento percorreu seu peito. — Oh, nós vamos fazer isso mais do que em algum momento, Frenchie. Estou marcando um compromisso permanente em sua agenda. Vai ser escalado logo após a

aula e antes de assar, assim eu posso ver você cozinhando em nada além de um avental.

Depois de tudo o que tínhamos acabado de fazer, minhas bochechas ficaram vermelhas com a imagem suja que ele pintou em minha mente.

23

BERK

Eu a observei por muito mais tempo do que deveria. Provavelmente mais do que um não perseguidor faria, mas eu não conseguia me conter. A curva perfeita de seus cílios. Os pequenos recuos de ambos os lados do nariz pelos óculos. O jeito que seus lábios carnudos se abriram enquanto ela respirava. Passei uma mecha do cabelo dela em volta do meu dedo.

Ela era macia e quente aninhada contra mim. Eu amei o jeito que meus dedos afundaram em seu quadril. Como eu nunca me preocupei, meu aperto seria muito duro ou forte. O lençol deslizou mais sobre a curva de seus seios a cada respiração. Uma dica de seu mamilo rosa profundo apareceu, me provocando como seus biscoitos salgados de chocolate com caramelo com a sugestão de café expresso.

O sangue correu para o meu pau e eu estava a segundos de me resolver com minha mão. Seria um milagre se eu não ficasse duro toda vez que sentisse o cheiro de baunilha daqui em diante. Era como se estivesse embutido em sua pele, doce e inebriante, como ela. Eu não ia atacá-la enquanto ela estava dormindo.

As pálpebras dela tremeram e eu descansei minha cabeça no travesseiro, tentando fingir que não estava guardando cada linha do rosto dela na memória.

Um encontro com Jules. Um encontro real. Talvez isso terminasse com outra dança lenta sob o luar. Eu só podia esperar que um ato de Deus não interrompesse dessa vez.

Estávamos fazendo as coisas de trás para frente, mas eu estava determinado a fazer isso direito com ela. Mostrar a ela que isso não era algo estrondoso. Ela me disse antes que queria ser casual, mas eu não era um cara casual, não importa o que as pessoas pensassem de mim. A suposição de que jogador de futebol era igual a homem puta não estava perdida para mim. E eu não gritei exatamente cara responsável a maior parte do tempo, mas eu não estava com medo de mostrar a ela esse meu lado - tudo bem, talvez eu estivesse um pouco.

Inferno, eu não estive com ninguém desde que comecei a trocar cartas com a TLG, mas não me sentia culpado por estar com Jules. A noite anterior foi incrível. Ela era um tipo indescritível de perfeita para mim. O tipo que fez meu coração doer porque eu a encontrei e estava

pronto para me ajoelhar para não ter que esperar mais um dia sem conhecer sua beleza.

— Você vai me ver dormir a manhã toda? — Ela resmungou com um sorriso e seus olhos ainda estavam fechados.

— Fiquei surpreso que uma pessoa pudesse ter olhos tão duros depois de apenas quatro horas de sono.

Os olhos dela se abriram e ela os enxugou com as palmas das mãos.

Agarrei seus pulsos para impedi-la de raspar noventa por toda pele do rosto. — Eu estava brincando, Jules. Você é perfeita. Nenhuma meleca de olho à vista.

Ela olhou e cutucou meu peito. — Idiota.

— Como você pode ser tão cruel? — Eu passei meus braços em volta dela, fiz cócegas nela e soprei em seu pescoço.

Ela finalmente cedeu, rindo até lágrimas nos olhos. — Tudo bem, você não é um idiota. — As palavras saíram em ofegos.

— O que eu sou então? — Eu não a deixei sair do círculo dos meus braços.

— Meu novo membro favorito da plateia. — ela olhou nos meus olhos com tanta abertura e alegria que me fez querer mantê-la na cama e mostrar a ela todas as maneiras pelas quais ela era minha.

Eu poderia ficar aqui pelo resto da minha vida. E eu queria que esse momento se prolongasse por eras por vir. O sol quente do início da manhã atravessava suas cortinas de seda, iluminando seus cabelos e fazendo o castanho profundo brilhar. O suave inchaço de suas curvas foi pressionado contra o meu corpo.

Tudo nela me fez querer nunca deixá-la ir. Ela era o tipo de mulher que eu sonhava em um dia estar ao meu lado. Linda. Quente e carinhosa, e com uma pitada de boca suja.

Eu podia imaginar voltando dos treinos ou jogos fora para uma casa cheia de cheiros que dava água na boca - e Jules parada na cozinha com um corpo que fazia o mesmo.

— Vamos sair. — eu soltei tão rápido que Jules pulou em meus braços.

— Já saímos muitas vezes.

— Sim, eu sei, mas há um lugar que eu quero te mostrar.

— Onde?

— Um lugar especial.

— Estou no B&B esta tarde.

— Não tem problema, eu posso buscá-la lá ou encontrá-la no T-Sweets.

— Nós estamos indo para o T-Sweets? Eu amo aquele lugar.

— Não, estamos indo para algum lugar ainda melhor, mas é perto. — Todos no campus se reuniram para o T-Sweets. Ele seguiu os velhos conselhos imobiliários, localização, localização e localização, e encontrou um lugar de destaque em uma das principais ruas do campus, mas isso não significava que ele tinha o sorvete perfeito. Isso era reservado para Fire and Ice, um lugar que encontrei a alguns quarteirões de distância e queria levar Jules lá. Manter a intriga alta e mostrar a ela o meu lugar especial. Onde mais você poderia pedir um sorvete e salgadinhos da sua mesa? Era novo, e uma vez que o inverno se estabelecesse em todo o lugar, por enquanto, seria um lugar especial apenas para nós.

— Parece um encontro. — Ela deitou de lado com a cabeça apoiada no braço. Seus cabelos estavam por todo o lugar e seus olhos pareciam ainda maiores sem os óculos. Os cílios emolduravam aqueles lindos olhos de chocolate que corriam para cima e para baixo no meu corpo.

— Com certeza. — Eu beijei a ponta do nariz dela.

Foi um momento perfeito, do tipo que eles fazem em câmera lenta em um filme, para que você obtenha todos os detalhes excruciantes da ação. Sua beleza era de parar o coração. O tipo em que você conhece alguém por dentro e por fora, e tudo sobre eles leva apenas o que você já gostou ao próximo nível. Ela era o tipo de garota de quem você não desistia. O tipo que sempre tem um lugar no seu coração para mantê-lo aquecido nessas noites sozinho, muito tempo depois do que ela deveria ter te chutado para o meio-fio porque ela merecia mais do que você.

Mas eu estava aqui agora e manteria os incêndios o máximo possível.

24

BERK

Jules me expulsou às dez dizendo que tinha dever de casa para fazer, o que era certo, porque eu tinha alguns trabalhos que não iam se escrever sozinhos, não importa quanto tempo eu tentasse digitar usando apenas minha mente. Tivemos o dia de folga para nos recuperar. Uma chance de descansar antes que o treinador derrubasse o martelo para mais treinos assim que voltássemos ao campo.

Depois de fechar meus cadernos, corri escada abaixo. A casa estava silenciosa, o que significava que LJ e Marisa não estavam aqui.

Dois dias longe de Jules seria tortura. Talvez eu pudesse falar com ela em um pacote de cuidados cheio de seus doces recém-assados. Ela não precisava saber o que eu estaria fazendo enquanto comia esses biscoitos. Porra, eu estava me tornando um pervertido de assados. E foi tudo culpa dela.

Keyton ergueu os olhos do bloco de desenho, o lápis parado contra o papel texturizado. — O que há com seu sorriso? O TLG finalmente voltou?

— Não, eu não tenho ideia. — Eu provavelmente deveria tirar a carta da caixa de correio ou escrever uma carta atualizada para ela. Eu troquei a carta algumas vezes desde a primeira sem resposta, mas precisava escrever uma nova depois da noite passada. — Eu não verifiquei hoje.

— Olhe para você. Houve um tempo em que você procuraria alguém para abrir a caixa de correio.

Dei de ombros. — As coisas mudam.

— Você voltou esta manhã depois de uma corrida cedo ou ficou fora a noite toda? — Ele voltou a desenhar.

— Quando você se mudou, começou um toque de recolher que eu não conhecia?

— Não, apenas imaginando quanto tempo precisaremos esperar antes que possamos te dar merda sobre correr na rua com Jules na noite passada e talvez conseguir alguns biscoitos extras. Esses biscoitos de chocolate com manteiga de amendoim eram tão bons que eu tive uma experiência extracorpórea. Vocês dois estão fazendo essa pequena

dança há muito tempo. Além disso, ganhei a aposta. — Ele sorriu, colocando um braço sobre a cabeça triunfantemente.

— Você apostou se eu iria ou não ficar com Jules?

— LJ jurou que você iria quebrar no final do semestre passado. Marisa disse que seria a primeira semana de aula. — Ele ergueu os olhos do desenho. — Eu disse que você iria se segurar o máximo possível. Ver você saindo daqui arrastando Jules atrás de você como se estivesse a um segundo de bater nela no chão da sala, estou surpreso que você tenha durado tanto tempo se segurando.

— É oficial, vocês todos são péssimos.

— Nós sabemos. Mas é para isso que servem os colegas de quarto, certo?

Eu resmunguei e o olhei.

— Você vai malhar hoje?

Eu virei meu pescoço. — Eu preciso?

— Só se você quiser jogar amanhã.

— Merda. — O decreto do treinador sobre ficar em forma até o dia do jogo estava voltando para me assombrar. — Você ainda precisa ir? Eu preciso entrar em uma sessão esta tarde. Eu tenho um encontro hoje à noite.

— Eu já fui hoje de manhã. — Ele fechou o bloco de desenho. — Mas eu posso te encontrar.

— Me encontre aqui em cinco.

Keyton e eu fomos para a academia com o violão que ele não tocava. — Você realmente toca ou fica super envergonhado ou alguma coisa?

Colocou-o contra a parede no vestiário. — Não, eu preciso levá-lo para algum lugar depois daqui.

— Esperamos que você puxe um Johanssen e faça uma serenata para todos nós até o final do ano.

— Não em sua vida. Você quer malhar ou não?

Nós começamos o treino junto com alguns outros caras. Ainda mais cansados quando estávamos saindo. Depois que terminamos o treino, tomei um banho e Keyton saiu com o violão que ele realmente não tocava.

Em casa, corri por todas as minhas tarefas para me preparar para o encontro com Jules. Sacudindo uma das camisas de botões penduradas no meu armário, eu me perguntava se Jules iria gostar.

Abri a porta da frente e meu telefone vibrou. Sorrindo, eu o tirei e meu sorriso caiu. Uma mensagem apareceu na tela.

ALEXIS: Eu posso estar com um pouco de dificuldade...

Merda. Talvez eu pudesse fazer isso rápido. Voltei para dentro.

— Esqueceu sua carteira? — Keyton ergueu os olhos dos livros espalhados por toda a mesa da cozinha.

— Não, minha mochila.

— Eu pensei que você estava indo tomar sorvete.

Subi correndo as escadas para pegar minha mochila sem outra palavra. A última coisa que eu precisava era voltar mais uma vez, porque eu não podia simplesmente abandonar Alexis.

EU: onde você está?

Isso não poderia continuar acontecendo, mas eu não sabia como consertar. Como fazer Alexis ver que ela não precisava continuar saindo com esses caras perdedores. Ela valia muito mais que isso. Mas ela não conseguia ver, não importa quanto amor e atenção seus pais mostrassem. Se alguma coisa, a fez recuar ainda mais.

E senti que, no fundo dos meus ossos, sabia como era não acreditar que algo de bom era real. Inferno, olhe para Jules. Eu podia praticamente sentir o temporizador passando acima da minha cabeça, mas isso não significava que eu faria algo para estragar as coisas. Para Alexis, era como um imã de merda obscura que ela não tinha por que se aproximar.

Meu telefone vibrou no porta copos. Um nome apareceu na tela. *Ivestigador*. E a mensagem chegou. Meu coração bateu forte. Arranquei meus olhos da tela brilhante e voltei para a estrada. Apenas minha sorte, eu bateria o carro quando finalmente tivesse uma resposta sobre minha mãe. Parei na pista de emergência da estrada, minha perna saltando para cima e para baixo. Eu precisava encontrar Alexis, mas se ele tivesse informações para mim, eu precisava saber disso agora.

MASON: Eu tenho uma nova pista. Tenho um último endereço conhecido em Pittsburgh, quatorze anos atrás, em março.

Isso foi menos de um ano depois que ela me deixou. Eu tinha mudado para tantas casas até então. Os estágios de emergência em que mal tive tempo de aprender os nomes das outras crianças nas casas e a quantidade de coisas que eu possuía diminuíram à medida que cada estágio significava outra coisa roubada, perdida ou deixada para trás. Esfreguei os nós dos dedos ao longo do centro do meu peito, como se eu

pudesse massagear a dor latejante como uma cãibra muscular por levantar muito peso.

MASON: Eu posso precisar de mais dinheiro.

EU: Não há mais dinheiro. Eu não tenho mais nada.

MASON: Então eu vou ter que improvisar. Isso pode me levar algum tempo extra. Em breve, responderemos a você.

Apertei meu telefone fervendo e bati minha mão contra o painel.

Eu já colocara meu futuro em risco, dando a ele o dinheiro que tinha. Esperar outro ano em que mamãe pudesse estar lá fora não era uma opção. Eu precisava saber agora, antes de ser convocado, antes de ser jogador de futebol profissional, se ela me amava. Se ela já me amou antes de me deixar na porta do meu pai como uma carta de *Querido John* que deu errado. Me deixando no meu aniversário com o último presente embrulhado que eu já recebi. Eu fui expulso da minha família adotiva com Alexis depois de dois meses. Duas semanas antes do Natal. Não, eu precisava saber agora.

Quando você alcançava algo grande, atingia qualquer nível de fama e fortuna, pessoas do seu passado viriam rastejando para fora da madeira. Eu precisava saber agora, antes que eu tivesse algo para alguém querer pegar um pedaço, que mamãe se importava. Agora, antes que houvesse algum tipo de agenda baseada no que ela poderia receber de mim... Se ela me encontrasse porque me viu na TV, não seria o mesmo.

Caso contrário, eu sempre me perguntaria.

E essa foi a minha noite passando de espetacular para ruim e até pior. Com uma respiração instável, mudei para uma mensagem diferente, tentando esfriar minha raiva crescente.

EU: Estou um pouco atrasado. Eu estarei aí o mais rápido que puder.

JULES: Ok, me avise se você precisar remarcar.

EU: Não, eu tenho uma tarefa a fazer e então eu estarei aí.

Eu compensaria Jules e tudo ficaria bem. Eu só precisava limpar algumas coisas, nomeando, minha irmã, que não conseguia se manter longe de problemas.

***

Subi os três conjuntos de escadas e entrei no apartamento. A cabeça de um cara levantou e eu ataquei contra ele, agarrando-o pela cintura e levando-o ao chão. A raiva nublou o pânico com o que Alexis poderia ter se metido neste momento.

Agarrando a frente da camisa, eu o bati de volta no chão. Ele passou as mãos em volta dos meus pulsos, tentando me tirar dele.

— Onde diabos ela está? — Eu rosnei.

Seus olhos se arregalaram e ele tremeu debaixo de mim. — Quem?

— Não brinque comigo. Alexis. Ela disse que você não a deixava sair. Onde ela está?

— A ruiva?

Esse idiota era tão burro? — Sim, a ruiva. Onde ela está?

Ele soltou meu pulso e apontou um dedo trêmulo por um corredor escuro à direita. — Cheguei em casa do trabalho depois de um turno de doze horas e havia uma garota aleatória no meu apartamento. Perguntei a ela quem diabos era ela e ela correu para o banheiro.

Eu o empurrei de volta e me levantei.

— Ela está lá há horas. Meu colega de quarto a trouxe para casa. Ele saiu, não estará em casa até de manhã e eu não sei o que diabos está acontecendo, mas eu tenho que mijar. — ele gritou do chão.

Não prestando atenção em suas besteiras, bati na porta fechada no corredor.

— Vá embora. Eu liguei para meu irmão; ele estará aqui a qualquer momento.

— Alexis, sou eu.

A porta do banheiro se abriu e ela me olhou pela fresta. — Você está aqui! — Ela abriu a porta e me abraçou com as mãos longe do meu corpo. — Você veio.

— Você me disse que precisava da minha ajuda. Claro que vim.

O cheiro distinto e ácido de esmalte flutuava do banheiro.

— Deixe eu pegar minhas coisas. — Ela voltou para dentro como se eu fosse buscá-la em um dia na escola, não por quase bater em um cara que ela disse que não a deixaria sair do banheiro.

Ela enroscou a tampa do frasco de esmalte, cuidando dos dedos. — Você estava pintando suas unhas?

— O que mais eu deveria fazer enquanto estava presa aqui? — Ela ficou na minha frente com a bolsa presa no ombro.

— Eu não sei. Talvez ir embora? — Envolvi minha mão em seu braço e a puxei em direção à porta da frente.

O cara que eu quase nocauteei estava do outro lado da sala. — Desculpe por isso, cara.

— Sempre as ruivas. — ele murmurou baixinho antes de correr de volta pelo corredor que tínhamos saído. A porta do banheiro bateu antes de sairmos pela porta da frente.

A caminhada até o meu carro foi em silêncio absoluto. Já era tarde e Jules tinha que estar se perguntando onde diabos eu estava.

— Alexis, eu poderia ter matado aquele cara lá dentro.

— Improvável. Talvez um olho roxo ou algo assim.

Eu aumentei meu aperto no volante. — E você acha que tudo ficaria bem? Um cara chega em casa do trabalho depois de um longo dia e nós fodemos esse longo dia ainda mais.

— Você está exagerando. Obrigada por vir me buscar. — Ela soprou as unhas.

— Você está falando sério agora?

Ela pulou com o estrondo das minhas palavras. — Desculpe, tudo bem. Eu não sabia quem era o cara. Achei que talvez ele tivesse arrombado ou algo assim, então eu surtei e corri para o banheiro.

— Por horas.

— Então ele ficou chateado, então eu pensei que a melhor coisa a fazer era esperar o reforço chegar.

Passei meus dedos pelos cabelos e peguei meu telefone. — Para quem você está ligando?

— Estou atrasado para um encontro agora e estou atrasado porque estava correndo para você. Não posso continuar fazendo isso, Alexis. Não posso.

Ela gentilmente pegou meu telefone e o colocou debaixo da perna. — Nenhuma mensagem de texto e dirigir; não é seguro. Eu não vou fazer isso de novo. Eu prometo. — Ela se virou e apertou as palmas das mãos, a hostilidade se esvaindo de suas palavras. — Eu exagerei. Eu entendo e sinto muito.

— Eu vir em seu socorro não está ajudando. E nem sempre vou estar lá para fazer isso. Você precisa começar a fazer melhores escolhas para si mesma.

— Você simplesmente não quer mais me ajudar. — A voz dela estava rouca.

— Quero que você não precise mais de ajuda. Um dia você vai se meter em uma situação que nem eu vou poder te ajudar. Pare de tentar se forçar a seguir um caminho ruim.

— E em que caminho devo estar? — Ela cruzou os braços sobre o peito, as unhas para fora, não queria borrar.

— Qualquer caminho. Vá para a faculdade. Arrume um emprego. Alguma coisa.

Ela inclinou a cabeça para o lado. — Você vai me ajudar?

— Te ajudar?

— Podemos procurar alguns programas universitários. As inscrições devem estar disponíveis para o próximo ano agora. Podemos sentar e discutir tudo.

— Você está falando sério? — Se ela descobrisse sua vida, ou pelo menos saísse desse caminho autodestrutivo, isso me impediria de me preocupar tanto quando fosse convocado. E se eu acabasse do outro lado do país? Mesmo se não o fizesse, cruzaria a costa. Se ela estivesse falando sério, eu não poderia deixar essa chance passar.

— Super sério. A faculdade pode ser boa para mim. — Ela cruzou o coração e levantou a palma da mão. — Se você me ajudar, eu farei.

— Ok, mas se fizermos isso, você terá que seguir adiante.

— Cem por cento. — Ela pegou meu telefone e começou a pesquisar. — Meu telefone está morto. — Ela olhou para mim com sinceridade nos olhos. — Eu posso chegar lá com a sua ajuda, irmão mais velho.

E ela sabia que uma vez que ela puxasse o cartão, eu faria qualquer coisa por ela. Prepará-la para um caminho levaria mais uma preocupação do meu prato. Isso me impediria de precisar fazer viagens de uma hora para bairros aleatórios para resgatar Alexis.

E talvez ela finalmente estivesse segura e se permitisse ter um futuro.

25

JULES

— Aw, esse avental é adorável. — Avery empurrou uma prateleira de padeiro cheia com dez bandejas de donuts em direção ao forno.

O avental era feito de tecido vintage com um padrão de cereja e tinha um babado vermelho nas bordas. — Comprei no mercado de agricultores durante o verão.

— É perfeito. O que você está fazendo hoje?

— Cupcakes Floresta Negra. Depois de filmarmos hoje, eu queria testar antes de sair.

Max entrou. — Esses vídeos são de ouro.

— Você não tem clientes ou algo assim? Você está sempre aqui. — Avery travou a porta do forno.

Max se recostou no balcão e pegou uma das abóboras de chocolate moldadas de uma assadeira. — "Somente compromisso" significa que eu defino meu próprio horário e só tenho que lidar com as pessoas quando for absolutamente necessário. — Sua blusa azul brilhante exibia sua manga cheia de tatuagens em um braço, as cores da tinta combinando com seus cabelos.

— Você não está congelando? — As mangas curtas que usamos no B&B eram ruins o suficiente. Eu morreria mostrando tanta pele.

— Os fornos no meu apertado quintal são como uma fornalha. Além disso, todas as minhas criações malucas queimam muito poder cerebral. — Ela bateu na lateral da cabeça.

— Seus pobres clientes. — Avery soprou os cabelos do rosto, arrumando o rabo de cavalo.

— As pessoas ricas adoram excentricidade. É o meu ponto de venda número um. Eles se sentem como rebeldes quando entram na minha loja. Eles ganham um bolo com um visual e um sabor que ninguém nunca havia comprado antes. Além disso, sirvo doses nas minhas provas. — Ela piscou, puxou um frasco da bota e tomou um gole.

— Você fornece o serviço completo da experiência. — Mergulhei uma colher na minha massa e provei. *Salmonella come seu coração!*

— Inferno sim, eu faço. E se, depois de algumas doses, eles decidirem jogar uma camada extra no bolo, será melhor para todos, não acha? — O sorriso dela era contagioso. Ela não era nada além de problemas, da melhor maneira possível.

— Hoje vamos filmar duas vezes e ser sorrateiras. Vamos fingir que mais tarde está ao vivo, já que o tempo deve estar terrível na próxima semana. Então você pode trabalhar em sua receita. — Avery deslizou algumas bandejas sobre o balcão enquanto media os ingredientes que precisaríamos hoje.

— E experimentar algumas coisas fora da tela significa que não teremos que passar pelo desastre do suflê novamente.

Nossa tentativa de suflê de chocolate havia virado uma deliciosa calda de chocolate.

— Os espectadores ficaram entretidos.

— Com a nossa receita falhando?

Max pulou no balcão, chutando os pés. Seu cabelo era da cor do arco-íris agora e combinava com o piercing logo abaixo das narinas. — Adorei cada segundo e quero que vocês tentem novamente. Vocês não estão verificando seus perfis nas redes sociais?

Eu balancei minha cabeça tão rápido que meu pescoço doía. — Tudo o que você disse que precisava fazer era aparecer nos vídeos. Nada sobre verificar os perfis após o upload do conteúdo. — Essa era a única maneira de evitar um ataque de pânico ao pensar em centenas de pessoas me observando, mesmo tendo certeza de que a maioria estava assistindo Avery.

— Todo mundo é super solidário e está impressionado com vocês duas.

— É totalmente trapaça te chamar de cozinheira doméstica, mas o que é um pequeno engano entre amigos. — Max estalou o chiclete e piscou para mim.

— Você pode sair dos meus balcões, por favor? Quem sabe onde sua bunda esteve?

— Posso lhe dizer exatamente onde esteve, senhora Cunning. — Max desceu e pegou um donut coberto de chocolate e arco-íris polvilhado na prateleira dos recém-cobertos. Eu estava sentindo um tema.

— Nenhum homem doce para vê-la hoje?

— Não, mas eu o tirei da cama cedo esta manhã. — Eu mantive minha cabeça baixa, misturando a massa que estávamos preparando para as próximas gravações mais tarde.

Max deixou cair sua rosquinha no balcão e quase me derrubou com o empurrão no meu ombro. — Feche a porta da frente! Eu estava pronta para fazer apostas que você lutaria contra isso até o dia em que você morresse. Inferno, sim, eu sabia que você tinha isso em você! — Ela pegou seu donut e sorriu para mim.

— É por isso que você está andando engraçado? — Avery riu e me bateu com o quadril.

— Vocês duas são as piores.

— Conte tudo sobre esse pau gostoso que você tem. — Max pulou de volta para o balcão.

Meu queixo rachou no chão e foi direto para o porão.

— Não na frente do bebê, Max. — Avery riu e a empurrou para fora do balcão.

A equipe de filmagem interrompeu sua busca por mais detalhes - não que Max tivesse sido dissuadida, mas Avery a mandou de volta à sua própria loja para encontrar seus clientes.

— Ela é uma mão cheia.

— Quem quer que ela pegue seu coração terá seu trabalho cortado para eles.

— Mais como suas bolas cortadas para eles. — Avery exalou bruscamente e sacudiu a cabeça. — Talvez um dia ela deixe isso acontecer.

As luzes acenderam como uma labareda solar queimando nossas retinas, e estávamos no ar.

***

Eu não ia olhar a hora novamente. Olhar para o relógio no meu telefone de alguma forma não o fazia acelerar magicamente. Berk disse que chegaria um pouco atrasado. Cruzei os braços sobre o peito e balancei de um lado para o outro dos calcanhares até os dedos dos pés, esticando o pescoço para olhar além das pessoas que caminhavam até o T-Sweets. Eu deveria encontrá-lo em outro lugar? Dentro? Não havíamos finalizado o local, então pensei que era onde deveria estar. Talvez eu tivesse cruzado meus fios.

Meu meio sorriso com as pessoas com quem fiz contato visual me deixou mais consciente a cada minuto que passava. Eu tinha entendido

errado a hora? Eu verifiquei minhas mensagens. Nada ainda. Mas não pude deixar de pegar a hora na parte superior da tela.

28 minutos. Passaram 28 minutos do horário que deveríamos nos encontrar. Eu poderia ligar para Elle e pedir a ela que Nix descobrisse com um dos caras se algo tivesse acontecido com Berk, mas isso seria se aventurar num território de namorada excessivamente ligada - não que eu fosse sua namorada. Além disso, eram apenas vinte e oito minutos.

Os pequenos pontinhos de insegurança arranharam a porta em minha mente rotulada: *Insegurança.* Dormimos juntos na noite passada. Eu dancei para ele e batemos com tanta força que a caminhada até o B&B e T-Sweets foi com passos suaves e calmos. E agora ele não tinha respondido às minhas ligações e mensagens.

Estavam todos no Brothel, esperando para rir de mim quando finalmente chegasse em casa? Eles estavam apostando a que horas eu apareceria, quanto tempo eu esperaria antes de perceber que era tudo uma piada?

Eu apertei meus olhos e segurei meu punho na testa. *Não faça isso, Jules. Não vá lá. Ele não está te dispensando. Ele não dormiu com você apenas para ir embora rindo esta manhã. Não é isso que está acontecendo. Simplesmente pare.*

Respirando fundo, abri os olhos e olhei em volta para todo mundo tomando as últimas bolas de sorvete antes que o T-Sweets parasse para o inverno. Eles estavam rindo e sorrindo, tomando sorvete delicioso. Algumas pessoas estavam se beijando. Eu queria que fosse eu. Talvez não a parte dos beijos - eu não precisava estar tomando sorvete com Berk, beijando e tendo todo mundo olhando para nós e perguntando o que diabos ele estava fazendo lá comigo. A barriga tanquinho encontra a garota da massa de Pillsbury.

Isso não está ajudando, Jules.

Enviei outra mensagem para ele.

EU: Ei, eu estou aqui no T-Sweets. Mas faz um tempo desde que deveríamos nos encontrar. Estou indo para casa. Eu espero que você esteja bem.

Após dez minutos sem resposta, saí e fui para casa, chutando pedras como Charlie Brown o tempo todo. O que eu faço quando há muitos sentimentos? Pego meus cartões de receita confiáveis e começo a trabalhar. *Talvez ele tenha sido mutilado em um acidente de carro.* Talvez estivesse atolado em universitárias. Talvez ele tenha sido sequestrado por alienígenas. Talvez eu fosse uma idiota.

Às quase uma da manhã, meu telefone vibrou no balcão. Minha cabeça levantou da mesa da cozinha e eu tirei uma embalagem de cupcake do lado do meu rosto. Respirando fundo, levantei e verifiquei a mensagem.

BERK: Sinto muito, porra. Eu tive que fazer uma coisa e levou mais tempo do que eu esperava e não tinha um carregador. Eu vou compensar você, com certeza.

BERK: Alguma coisa de próximo nível que compense você.

BERK: Merda, você provavelmente está dormindo. Desculpe se eu te acordei.

BERK: Conversamos amanhã.

BERK: Eu sinto sua falta.

Sorri para a pequena tela brilhante e voltei para a cama com meu telefone debaixo do travesseiro. Ainda bem que eu não tinha deixado minha imaginação correr solta. Eu não tinha entrado em uma espiral de pânico. Bem, encarar o teto do meu quarto à uma da manhã não era exatamente legal como um pepino. Mas adormeci, aconchegada no meu travesseiro que ainda cheirava a ele.

***

Alisei minha saia enquanto o ar do outono beliscava minhas pernas descobertas. O cheiro de açúcar e canela flutuou dos meus braços. Equilibrei o recipiente de plástico com a tampa firmemente encaixada nas mãos enquanto subia os degraus para o Brothel.

Muffins recém-assados no café da manhã, isso era totalmente normal. Não foi uma tentativa desesperada de garantir que ele estivesse bem. Além disso, eu queria vê-lo, e não esperaria que ele aparecesse. Eu precisava assumir o controle, certo? Seja proativa. Pare de deixar a vida acontecer comigo.

Esteja confiante para uma mudança.

Bati, mas era tão assustadoramente cedo, que não queria acordar todo mundo. Deslizando a chave para fora do local atrás da luz da varanda, verifiquei por cima do ombro para me certificar de que seu novo esconderijo não seria descoberto. Com quem eu estava brincando? A única pessoa que sai tão cedo no campus era o carteiro. Abrindo a porta, eu disse “olá”.

Eu entrei na sua casa como ele sempre entrava na minha. Subindo as escadas, puxei a barra da minha saia. Uma saia honesta para Deus. Enquanto andava do outro lado da rua, era a primeira vez que eu usava

uma saia com as pernas de fora, além da festa de noivado, desde que eu provavelmente tinha dez anos. Eu queria que ele me visse, e se ele estava prometendo o próximo nível, por que não tornar isso mais fácil para nós dois?

Eles não eram biscoitos salgados de caramelo, mas eu sabia que ele gostaria disso. Eu mal podia esperar para ver seu rosto quando ele desse uma mordida. Eu amava os sons que ele fazia quando comia o que eu assava. Quem não adora alguns bolos recém-assados logo de manhã? E se eu tivesse sorte, talvez tivéssemos alguns abraços matinais. Ele me puxasse para sua cama e podíamos cochilar e brincar a manhã toda, até que ele tivesse que sair para o ônibus da equipe para o jogo. Com uma batida rápida, abri a porta, sorrindo largamente.

— Bom dia, raio de sol, pensei que...

Só que não era Berk em sua cama. Era uma menina. Uma ruiva pequena com sardas, um grave caso de cabelo bagunçado e sem calças. E ela estava vestindo a camiseta de Berk. O FU desbotado que estava desfiado no fundo da manga.

— Quem é você? — Perguntei, embora não quisesse saber a resposta. Eu não queria saber o nome da garota que tinha acabado de fazer um buraco na pequena fantasia que eu estava sonhando em minha cabeça.

— Eu sou Alexis. Você está perdida?

A visão do túnel começou, como se eu tivesse caído no poço mais profundo do campus. “Alexis” saiu mais devagar, como se alguém estivesse tocando o mundo inteiro a meia velocidade. Esta era Alexis. Essa era a garota para qual eu fiz um bolo. A garota que todos os caras disseram era uma má notícia, mas Berk continuou falando. Durante todas as nossas cartas, depois da festa de noivado e depois de duas noites atrás, ele ainda não estava apenas conversando com Alexis - mas aparentemente transando com ela também.

Ele me deixou na noite passada para transar com sua ex - ou atual - namorada.

Eu não conseguia respirar. O ar parou nos meus pulmões, como se minha cabeça estivesse sendo mantida debaixo d’água e eu estivesse arranhando a superfície. A queimadura era aguda e batendo nas minhas costelas. Um pequeno chiado passou pelos meus lábios.

Ela saiu da cama com os braços cruzados sobre o peito. Ela era pequena. Magra, com pernas longas, que a faziam parecer escultural, mesmo em sua altura. E ela parecia totalmente chateada por eu estar lá. — Quem é você?

Meu peito estava tão apertado que toda tentativa de respirar criava um novo estalo. Se eu me movesse rápido demais, eu ia quebrar.

Eu precisava sair de lá antes que minha humilhação estivesse completa.

— Eu não sou ninguém. — Eu me virei e corri de volta pelo corredor. A porta do banheiro se abriu quando meu pé bateu no degrau mais alto. Eu não iria desmoronar. Aqui não. Guardaria isso pela primeira vez, do outro lado da porta da frente. Um colapso completo da brava Jules que eu tentei ser. Ela se foi.

— Jules?

Meus dedos envolveram o corrimão e eu estava congelada como se alguém tivesse colocado um tubo inteiro de superbonder.

Era a voz de Berk. E tudo congelou.

26

JULES

— Jules, o que você está fazendo aqui tão cedo? — Ele não parecia zangado ou defensivo. Mais como agradavelmente surpreendido. Seus braços me envolveram e ele beijou a parte de trás do meu pescoço. Isso não fazia sentido. Ele não deveria estar tentando me apressar embora, ou inventar desculpas?

— Fiz alguns bolos para o café. — Eu levantei o recipiente, ainda não me virando.

— Você é a melhor, sabia? — Ele estendeu a mão por cima do meu ombro e pegou o recipiente da minha mão e entrelaçou os dedos nos meus. — Desde que você está aqui, há alguém que eu quero que você conheça.

Ele puxou minha mão, me libertando da minha prisão auto-imposta pelas escadas.

Com pernas dormentes, deixei que ele me levasse de volta para seu quarto.

Ele empurrou a porta do quarto e eu meio que esperava que o que eu tinha visto dentro fosse uma invenção da minha imaginação. Talvez eu tivesse inventado tudo porque era incapaz de me deixar ser feliz. Talvez não houvesse uma garota seminua em sua cama. A porta se abriu completamente e lá estava ela, chateada, com o telefone na mão.

Berk sorriu. — Alexis, esta é Jules.

Seu olhar passou para nós em pé na porta como se fôssemos um inconveniente para sua manhã já de merda.

— Jules, esta é Alexis. — Ele estendeu a mão, apontando para a garota em seu telefone. — Minha irmã.

As palavras entraram na minha cabeça, mas de alguma forma elas foram embaralhadas e não fizeram muito sentido.

— Sua irmã?

Ele assentiu e deu um sorriso sonolento, esfregando os olhos. — Alexis é sua irmã? — Eu apontei para ela.

A profundidade de sua carranca aumentou e ela olhou para mim. — Sim, ela ficou presa ontem à noite e eu tive que ir buscá-la.

— Alexis é sua irmã.

Ele se virou e olhou para mim com as sobrancelhas franzidas.

— Eu sei que não somos parecidos. — Seu suspiro foi longo, como se ele tivesse tido essa mesma conversa mais de uma vez, o mesmo que eu com Laura. — Mas ela é minha irmã.

— Em um bom dia. — Alexis resmungou da cama.

— Isso não é algo que você precisa mencionar toda vez que digo, Alexis. — Ele disse o nome dela intencionalmente, como se ele tivesse lhe dito um milhão de vezes para parar de tocar suas coisas ou ficar do lado dela no carro. — E você vai colocar uma calça? E se os caras acordarem e te verem? — Berk vasculhou suas gavetas.

— Eu não sei, alguns deles são bem gostosos. Especialmente o novo. Qual o nome dele mesmo?

— Você não vai namorar nenhum dos meus colegas de quarto. — Ele jogou uma calça de moletom nela, atingindo-a no rosto.

— Quem disse algo sobre namoro? — Ela sorriu.

— Não é legal. Nem pense. Calça.

— Não é como se eu fizesse algo com qualquer um de seus amigos bonzinhos, Berkley. — Ela revirou os olhos e enfiou as pernas na calça de moletom.

— Pelo menos nenhum dos meus amigos me levaria a 160 quilômetros de qualquer lugar.

— Mas é isso que mantém a vida emocionante. Além disso, tenho que ter alguém para me socorrer. — Ela lançou um sorriso diabólico. — É para isso que servem os irmãos mais velhos, certo? — Ela enfatizou a palavra irmão como se fosse uma concessão que ela estava dando, chamando-o assim.

— E o próximo ano? E se eu for convocado para Seattle ou LA ou se estiver em um jogo fora e estiver a centenas ou milhares de quilômetros de distância? Então o que?

Ela encolheu os ombros.

Eles brigaram como eu imaginava que um irmão e uma irmã normais fariam, como nos programas de TV. Deus sabe que eu não era uma boa pessoa para avaliar relacionamentos normais de irmãos. Mas... ele não me abandonou para foder com outra pessoa.

Eu não era a outra mulher. Alexis era sua *irmã!*

Finalmente saindo da paralisia temporária que me prendeu na porta, atravessei o quarto e estendi minha mão para Alexis, irmã de Berk. A irmã mais nova dele. Uma risada tonta borbulhou e escapou dos meus lábios.

— Sou Jules. É tão bom finalmente conhecê-la. Berk disse que você gostou do meu bolo.

Ela olhou para mim como se eu fosse uma psicopata completa, mas desligou o telefone e apertou minha mão.

— Ah, você é a garota do bolo. Eu me perguntei qual das suas amigas de foda havia feito isso por ele.

Uau, ela era certamente... rude.

— Cara, Alexis, não seja burra. E ela não é uma amiga, porra. — Ele me deu um sorriso malicioso. — E eu paguei pelo bolo. — O bom cheiro assado encheu o quarto quando ele levantou a tampa do recipiente e devorou um. — Vou fazer um café. Eles merecem café. — Ele levantou outro triunfante.

Um momento de pânico passou por mim ao ser deixada sozinha com sua irmã, que estava fascinada por qualquer coisa no quarto que não fosse eu. — Eu vou te ajudar.

Desci os degraus ainda tentando recuperar o fôlego. No espaço de dez minutos, quase um ano de dor e dúvida foi apagado. Berk não tinha uma garota de más notícias que batia de vez em quando que todo mundo odiava. Ele tinha uma irmãzinha que teve problemas para resgatar, e que todos os caras odiavam...

Ela ser uma irmãzinha provavelmente tinha algo a ver com isso, assim como a personalidade do sol e das gomas, mas ela não estava dormindo com Berk, então isso foi uma grande vantagem no meu livro.

Abri os armários para pegar algumas canecas. Fui sacudida do cálculo em execução no meu cérebro pelas pontas ásperas dos dedos de Berk deslizando pelas costas das minhas pernas.

— Não pense que eu não percebi que você está usando saia. — ele respirou contra a parte de trás do meu pescoço, beliscando meu ombro. Suas mãos foram unidas pela pressão dura de sua ereção através da calça de moletom. — Você vestiu isso para mim?

Apertei as canecas no meu peito e assenti.

— Pronta para aceitar minhas desculpas do próximo nível? — Ele deu um beijo na dobra do meu pescoço. A pressão suave mas insistente de seus lábios fez meu estômago revirar.

Uma cascata de prazer dançou na minha espinha. O peso do seu corpo me prendeu contra o balcão. Ele ergueu as mãos mais alto, dando-se um pouco de espaço entre nossos corpos para agarrar e apertar minha bunda.

Eu segurei a beira da pia, tentando me manter de pé. — Estou sempre pronta para você. — As palavras eram trêmulas e famintas por seu toque. Eu ansiava como minha próxima dose de açúcar.

— Berk, por favor, não transe com sua namorada na cozinha. — Uma voz irritada quebrou o transe em que estávamos.

Ele se afastou e eu me virei, alisando minha saia para ter certeza de que não estava mostrando nada a Alexis. Irmã do Berk. Sua ruiva e nada parecida com ele, irmã. Meu olhar saltou entre Berk e Alexis.

Com canecas de café servidas para todos, Berk falou sobre o que havia acontecido na noite passada.

O olhar de Alexis estava focado a laser no lado do meu rosto. Toda vez que eu a olhava pelo canto do olho, seu olhar inflexível estava em mim. Foi um pouco enervante. Ela não gostou de mim? Ela era superprotetora? Ela não gostava das outras namoradas de Berk? Eu era namorada dele? Ele teve outras namoradas? Ele não a corrigiu quando ela me chamou de namorada!

As perguntas correram pela minha cabeça, girando ainda mais rápido como um campeonato de roller derby[9].

Portas se abriram e fecharam no andar de cima e passos martelaram no chão acima de nossas cabeças enquanto o resto da casa acordava.

— Você mora na porcaria do outro lado da rua? — Alexis pegou o bolo de café e cutucou-o como se estivesse inspecionando por veneno.

— Essa porcaria do outro lado da rua é o que eu chamo de lar.

— É muito menos pior do que costumava ser. — Berk intrometeu. — Eu a ajudei a consertar algumas coisas.

Alexis ergueu os ombros e me lançou um meio sorriso de olhos arregalados. — Que adorável. — Ela deu uma mordida e houve um flash quando o açúcar mascavo e a trituração de canela atingiram sua língua. Seus olhos se arregalaram e mesmo que ela estivesse me aquecendo, ela não podia vencer a sirene de açúcar.

Esse era o visual que eu vivia.

Um baque bateu nas escadas como se alguém tivesse sido jogado a cada degrau.

[9] O **Roller Derby** é um esporte jogado com patins por duas equipes de cinco membros, que patinam na mesma direção em volta de uma pista.

— Sinto o cheiro de uma entrega especial de Jules? — Keyton contornou a base da escada e jogou a mochila ao lado da porta da frente.

— Muffins para o café.

Keyton me agarrou e me puxou para um abraço, beijando o lado do meu rosto. — Você é a nossa salvadora. Bagels velhos de ônibus com aquelas pequenas vagens de cream cheese não iam cortar hoje.

— Você poderia largar minha garota? — Berk o afastou e me colocou debaixo do braço.

— Sua garota? — Alexis e eu dissemos ao mesmo tempo. Eu olhei para ele.

Ele quebrou o olhar de Keyton e olhou para mim. — Claro. Quero dizer, se você quiser. — A incerteza em seu olhar o tornou ainda mais adorável.

— Eu quero. — Eu descansei minha mão contra seu peito, os músculos agrupando sob as pontas dos dedos.

Olhando para o lado, pude ver Alexis tentando acender meu cabelo com os olhos.

Ele se inclinou e pressionou a boca no meu ouvido. Sua respiração sussurrou contra a minha pele e causou arrepios na espinha. — Quando eu voltar, vamos oficializar isso, Frenchie. — Ele apalpou minha bunda, apertando-a. — Mas eu tenho que ir fazer as malas.

— Eu posso ajudar.

— Fique aqui e aproveite seus muffins. Você pode manter Alexis longe de problemas. — Ele me soltou e correu de volta para o andar de cima.

Virando como se estivesse em um filme de terror, deslizei de volta para uma cadeira.

— Você é a nova namorada de Berk. — Ela tamborilou com os dedos contra a caneca.

— Parece que sim. Você também está na faculdade?

— Não. — Ela tomou um gole, completamente contente de não falar outra palavra para mim.

— Tomando um ano sabático? — Eu adicionei mais açúcar ao meu café. E creme. Ok, então era açúcar e creme com um pouco de café neste momento.

— Não.

Está bem então. — Quais são suas chances, Keyton?

Ele se virou e caiu café quente na mão. — Filho da...

Pulei e peguei uma toalha de cozinha e o ajudei a secar. — Desculpe.

— É minha culpa por ser idiota. Eu baguncei.

— Pensando no jogo?

Ele escapou do meu olhar. — Algo parecido. O que você perguntou?

— Como está indo a temporada? Você acha que vão conseguir o campeonato novamente?

— Nossas chances são boas. Estamos sólidos e, após o último jogo, o treinador está pronto para empurrar a outra equipe para o estacionamento, quando o juiz apitar.

Berk desceu as escadas e me acompanhou pela porta da frente com a mochila pendurada no ombro. O resto dos caras correu ao nosso redor e entrou no carro de Berk.

— Se ela roubar alguma coisa... — LJ olhou para Berk.

— Ela não vai. Vai, Alexis?

Alexis estava de pé com os braços cruzados no topo da escada. Ela revirou os olhos e inspecionou as unhas. — Não, eu não vou.

Ele se virou para mim e segurou meus ombros com as mãos, esfregando os polegares em círculos que me fizeram sentir como se eu estivesse em meu próprio filme de romance - não aquele em que eu era a parceira corajosa dando conselhos, mas aquele em que eu recebi o cara. O cara incrivelmente gostoso e adorável que me olhou como Berk.

Uma buzina quebrou o momento e Berk *bateu* no teto do carro.

— Você vai assistir o jogo?

— Cada segundo.

— Bom. Vou sentir sua falta. — Ele pegou meu queixo entre o polegar e o indicador e me deu um beijo. Este foi um beijo ofegante, de esquecer o seu nome, que só me lembrou sua promessa e exatamente o que havíamos feito duas noites antes. — E eu estou contando os dias até voltar. Você vai usar uma saia para mim de novo?

— Eu só tenho essa.

— Eu não me importo se é feita de papel higiênico. Eu quero ver essas pernas. — Eu ri contra seus lábios.

Com mais um beijo plantado, ele me soltou e correu para a frente do carro.

— Tchau, Jules.

— Tchau, Jules. — LJ e Keyton disseram através de suas janelas abertas. Acenando para o carro enquanto eles se afastavam, cruzei os braços sobre o meu peito. Agora minhas pernas nuas estavam muito mais nuas sem Berk lá. Talvez Alexis e eu poderíamos sair.

Eu me virei e a porta bateu antes que eu pudesse dar um passo nessa direção, então fui para casa.

Sentada à minha mesa, peguei alguns artigos de papelaria em que não tocava há meses. Cuidado para não puxar a cor que usei com Berk, escrevi uma mensagem para Alexis.

Querida Alexis,

Estou tão feliz que finalmente conseguimos nos encontrar. Desculpe por acordar você esta manhã! Eu sei o quanto odeio quando uma pessoa aleatória apenas entra no quarto onde estou dormindo com uma caixa de bolos e olhares. Essa foi uma tentativa de brincadeira, desculpe novamente.

Se você vai ficar por aqui por um tempo, eu adoraria me encontrar algum dia. Ou eu poderia fazer uma versão de cupcake do bolo que fiz para seu aniversário. Fiquei tão feliz em saber que você gostou. Vou parar agora, mas aqui está o meu número de telefone, se você quiser sair. Eu gostaria de fazer algo especial para Berk neste semestre com toda a loucura do futebol, por isso, se você tiver alguma ideia, me avise!

Jules

Dobrando, voltei correndo pela rua, esperando que ela atendesse a porta.

Alexis abriu a porta e imediatamente cruzou os braços.

— Eu queria dar isso para você. — Eu estendi a carta para ela e mantive meu sorriso o mais relaxado que pude.

Ela olhou para ele com uma sobrancelha levantada. — É um convite para sua festa de aniversário de oito anos ou algo assim? Quem mais escreve cartas?

Engoli em seco, minha garganta apertada como se estivesse em pé na frente de um juiz. Eu queria que Alexis gostasse de mim. Ela era importante para Berk e era obviamente uma pessoa importante em sua vida.

— Há algumas coisas que eu queria dizer e pensei que seria mais fácil assim.

Ela arrancou o envelope dos meus dedos e fechou a porta antes que eu pudesse dizer outra palavra.

Bem, isso poderia ter sido melhor.

27

BERK

A temperatura havia caído tão rapidamente que a chuva parecia agulhas atravessando a máscara do meu capacete. Nossa respiração pairava nas nuvens diante de nossos rostos na linha final.

Austin gritou a jogada e voltou o gancho. A jogada terminou em segundos. Já tínhamos passado dos dez, mas agora estava oficialmente terminado.

Corremos pelo túnel, suor, grama e lama nos cobriram.

— Quem convidou o furacão para o jogo? — Austin sacudiu o cabelo como um cachorro, me espirrando água.

— Continue assim e no próximo jogo, eu abro um bolso para a defesa derrubar sua bunda.

Ele levantou as mãos em sinal de rendição.

— Como está seu braço?

Ele girou e segurou sua almofada de ombro. — Parece bom. Perfeito. Eu poderia finalmente me abrir lá fora, porque alguém me deu o espaço para respirar que eu precisava.

A culpa ainda me cegou que eu nunca tinha notado o quanto o braço de Nix o estava matando. Já fora doloroso o suficiente ele ter escolhido não se profissionalizar. Eu o tinha visto dar alguns golpes e ser arrastado no chão mais de uma vez, geralmente quando eu era atingido por três caras que estavam me perseguindo, mas ele sempre se levantava.

— Inferno, sim! — LJ correu e pulou em mim, quase me derrubando no chão, seu uniforme tão enlameado e molhado como o de todo mundo.

— Ótimo touchdown.

— Pelo menos eu tenho algo que os treinadores podem olhar para esta temporada. — Seu sorriso mal se encaixava em seu rosto. — Marisa provavelmente estava surtando em casa. — Ele olhou para longe.

— E então ela chutaria suas bolas por não fazer isso antes.

LJ assentiu. — Verdade, ela chutaria. Mas isso é coisa nossa.

— Percebemos. — Keyton apareceu para adicionar isso junto comigo.

Todos tomaram banho depois da conversa com treinador após o jogo, que era menos fogo e enxofre e mais um atiçador de fogo.

No meu quarto, eu estava deitado na cama olhando para o teto e pensando em apenas uma coisa. Jules. Ela usou uma saia. Eu queria outro gosto dela. Eu queria aquelas pernas macias e flexíveis enroladas na minha cintura.

Correr minhas mãos pela pele dela fez meu coração disparar como se eu estivesse indo para o recorde mundial na corrida de cem jardas.

Como ela olhou para mim e viu tanto de mim que eu nunca deixei ninguém mais ver.

Com meus braços em volta dela, eu me senti seguro, e o mais próximo que eu já havia chegado de ter um lar.

Ela era a coisa mais linda do mundo para mim e isso me assustou mais do que perder o próximo jogo ou não fazer o draft. Porque eu nunca tive nada tão bonito quanto ela na minha vida. E isso torna muito mais difícil. Isso terminaria, sempre terminava. Ela veria algo em mim que mostrava que eu era uma criança fodida que não sabia como fazer essa coisa de adulto, e encontraria um cara que fazia e dizia as coisas certas o tempo todo e podia dar ela exatamente o que ela precisava.

A festa de noivado foi divertida, mas eu não me senti completamente confortável, sempre preocupado em fazer algo que iria a envergonhar. Não era algo que Jules gostasse agora, mas e depois, depois que ela terminasse a fase rebelde da faculdade?

Eu seria o homem estranho sem a educação das escolas particulares e os fundos fiduciários para recorrer? De onde viemos era tão diferente. Ela era de primeira classe e eu estava mudando o tempo todo - diabos, eu era o cara que empurra carvão na fornalha com uma pá em meu nome. O que aconteceria quando ela finalmente percebesse isso?

Meu telefone tocou ao meu lado.

JULES: Ótimo jogo. Desculpe se você já está dormindo ou festejando ou algo assim.

Sua doçura destilada em um único texto. Liguei para ela antes de terminar de ler a mensagem.

— Você está festejando? — Ela perguntou.

— Somente se você considerar um lote de biscoitos crocantes de caramelo e meus livros didáticos uma festa.

— Com você, isso é definitivamente uma festa.

— Estudando muito?

— Não tão duro quanto eu deveria. Vou me exercitar um pouco para tirar os nós dos meus ombros.

— Podemos malhar juntos quando eu voltar. Tenho certeza de que você é uma colega de academia muito melhor do que o Keyton. — Jules toda quente e suada antes de ficarmos quentes e suados fez minhas calças de moletom espaçosas parecerem um maldito traje de banho.

— Normalmente não vou à academia. É estritamente o poste.

— Por que você me diz isso quando estou a algumas centenas de quilômetros de distância? Agora tudo em que estou pensando é em você, de short, com as coxas enroladas em volta do poste, girando.

— Eu nunca deveria ter lhe contado.

— Não, você deveria ter me dito antes. Todo esse tempo você estava escondendo segredos de mim. Prometa que não há mais.

O lado dela da linha ficou tão quieto que chequei para me certificar de que a ligação não havia caído.

— Não mais.

— Bom. Se você me dissesse que faz trabalhos como dançarina, eu estaria em um táxi direto para casa agora.

Ela riu e bocejou.

— Longo dia?

— B&B estava louco. As pessoas adoram ver outras pessoas assando. E agora eu sou a nova escritora de receitas. Aparentemente, as pessoas também gostam de me ver escrever as listas de ingredientes e transformam isso em um gráfico que aparece na tela, então isso foi adicionado à minha lista de tarefas.

— Tenho certeza de que você tem uma caligrafia de menina perfeita.

— Não é nada de especial. — As palavras saíram empolgadas. Claro que ela não pensaria que era algo especial. Provavelmente era a caligrafia mais perfeita conhecida pelo homem. Como TLG. Sua letra sempre foi tão elegante. Nunca uma linha torta ou erro de ortografia riscado.

— Estamos gravando novamente amanhã às três.

— O ônibus está de volta ao campus às duas. Eu posso te encontrar lá.

— Você não precisa fazer isso. — Ela deu outro bocejo. — É uma longa viagem de ônibus.

— Mais uma vez, Frenchie, não faço nada que não queira. E eu quero ver você.

— OK. Eu quero ver você também. — A queda sonolenta de suas palavras me fez querer puxar as cobertas para cima e ao redor dela, passando os dedos pelo seu cabelo enquanto ela dormia.

— Eu não vou te manter acordada. Descanse e até amanhã.

— Até amanhã.

***

Saí do estacionamento do estádio, mal dando a LJ e Keyton tempo suficiente para fechar as portas.

— Você fez apostas contra o nosso time ou algo assim nesta temporada? Você está tentando me tirar do time? — Keyton apertou o cinto de segurança.

— Estou com pressa.

— Por quê? Alexis fez algo em casa? Marisa está bem? — LJ se inclinou para frente, agarrando o encosto de cabeça do meu banco.

Eu me virei, olhando para ele. — Jules está filmando outro de seus vídeos no B&B e eu quero estar lá para apoiá-la.

— Oh. — LJ recostou-se.

Mal parei completamente antes de expulsar os dois.

Com segundos de sobra, eu pulei no B&B e fui para onde eles estavam filmando.

O rosto de Jules se iluminou. Todas as luzes do lugar estavam acesas nela, e seus olhos brilhavam com uma felicidade que me fez querer arrastá-la sobre a mesa, deslizar o material de panificação para o lado e beijá-la como ela merece ser beijada.

— Todo mundo nos comentários quer saber por que parece que Jules acabou de ver o Papai Noel com um saco enorme cheio de presentes. — Max ocupava sua estação em seu laptop nos bastidores. — E agora eles querem ver o gostoso.

— Como eles sabiam que ele é gostoso? — Jules chamou.

— Eu posso ter sido um pouco descritiva em minha apreciação de sua forma masculina. — Um banho de toalhas de cozinha choveu sobre ela.

— Max!

— Nós estamos indo para mais vistas, certo? — Ela encolheu os ombros e lambeu a cereja dos dedos.

— Você pode ir lá antes que eles batam na porta.

— Sério? — Eu olhei para as luzes e câmeras. Sem meu uniforme e capacete não era minha zona de conforto normal.

— Venha, Berk. Você pode dar uma surra pesada para nós e conseguir esses pontos de vista. — Avery acenou para mim.

Jules levantou o queixo e sorriu e eu aceitei o convite.

— E nós temos aqui um dos Trojan Fulton U. — Avery estendeu as mãos em sua melhor pose de modelo de vitrine.

— Uma grande vitória. — Jules sorriu para mim e eu não pude evitar. Mantendo as coisas o mais PG[10] possível, roubei um beijo como um ladrão durante a noite, mesmo que eu realmente quisesse jogá-la por cima do ombro e carregá-la para o quarto escuro mais próximo para provar tudo o que havia perdido nos últimos dois dias.

— Eles definitivamente estão amando você, Big Man. — Max disse de seu lugar seguro atrás da câmera.

Jules cobriu minha mão com a dela.

Havia um aperto no meu peito. Um que não era de dor ou mágoa, mas de quão difícil era conter todos os sentimentos que ela trouxe em mim. Havia o lado faminto que mal podia esperar para ter ela sozinha, o lado orgulhoso que queria nada mais do que ela estar na frente dessas câmeras e sob os holofotes como ela merecia, e outra parte que não podia acreditar que ela era minha. Mesmo que isso não durasse, mesmo que ela me chutasse para a calçada amanhã, pelo menos eu a tinha hoje. E eu queria viver esse momento perfeito e com cheiro de baunilha para sempre.

— Terra para vocês dois. — Avery estalou na frente de nossos rostos sorridentes, quebrando o momento doce e doloroso em que estávamos presos. — Vamos assar.

Fui encarregado de abrir potes e misturar massas pesadas. Aparentemente, havia algo acontecendo na seção de comentários sobre

[10] Tipo de censura

minha calça de moletom cinza e veias dos braços. Max entrava de vez em quando com os comentários chegando até ela parar completamente. Parecia que minha aparência não tinha sido o aumento de classificação que ela estava esperando. Ela fechou o laptop e o colocou na prateleira embaixo do balcão.

Envolvemos tudo e eu teria que levar minha garota para casa com alguns donuts de creme de leite. Eu não achava que eles poderiam conseguir ficar mais deliciosos, mas eu estava errado. Muito errado.

— Você realmente não vai comer nenhum?

Jules tinha a caixa equilibrada no colo.

Minha boca ficou com água por dois motivos diferentes.

Ela balançou a cabeça. — Eu estou bem. Vou dividir um com você.

— Dividir um? Você está louca? Eu poderia comer toda a caixa sozinho.

Ela esfregou o queixo e bateu um dedo nos lábios. — Eu fiz alguns deles com orifícios extra grandes no centro. Como você se sentiria com um boquete de donut?

Eu desviei para a outra pista.

O braço de Jules chicoteou e agarrou meu braço para nos puxar de volta.

Uma buzina soou e eu levantei minha mão em um aceno de desculpas. — Você está tentando matar nós dois?

Ela riu e balançou a cabeça. — Eu não pensei que você quase nos tiraria da estrada.

— Eu acho que nunca ouvi as palavras “boquete de donut”. Parece que Frenchie está cheia de segredos.

— Não. Totalmente chata. — Ela brincou com a borda da caixa de papelão.

— Diz a padeira dançarina de pole dance jogando atos sexuais envolvendo assados.

Chegando ao limite do limite de velocidade, voltei a nossa rua em tempo recorde.

— Isso foi rápido. — Ela tirou o cabelo do rosto depois do meu trabalho de estacionamento na Fórmula 1.

— Não é rápido o suficiente. Fora Frenchie. Agora mesmo. — Abri a porta e puxei-a para fora de seu assento e subi as escadas até sua casa em segundos.

Nós invadimos a casa dela como se estivéssemos em uma batida e paramos quando vi o cara seminu andando da cozinha para a sala de estar. Jules bateu nas minhas costas.

Eu olhei para ele. — Quem diabos é você?

— Jesus, Nick, coloque uma calça. Berk, esse é Nick. Nick, este é o Berk.

Jules pegou minha mão e me arrastou em direção à escada.

— Esse é o namorado de Zoe. Aparentemente, ele esqueceu o que são calças.

— Desde quando você tem uma colega de quarto?

— Eu sempre tive uma colega de quarto. Ela era nossa colega de quarto quando Elle morava aqui, mas ela nunca apareceu. Ela está aqui agora com uma adição. Não se preocupe com ele. Há uma rosquinha nesta caixa com o seu nome nela.

Seus dedos se apertaram na minha camiseta, me afastando dos olhares assassinos que eu estava lançando em direção ao Cara da Toalha e reorientando minha energia para esse pequeno experimento que Jules estava determinada a empreender. Quem era eu para atrapalhar a exploração sexual?

28

JULES

Eu nunca mais veria uma rosquinha da mesma maneira. Até agora, eu não sabia que boquetes poderiam ser tão engraçados, mas Berk sentado na minha cama apoiado em suas mãos, me observando com lágrimas de riso em suas mãos.

Comecei a rir e limpei as lágrimas no meu rosto. Meus lados doíam e eu me dobrei, me segurando. — Cosmo mentiu.

Ou talvez rosquinhas de bolo não fossem o tipo certo para tentar isso, ou talvez Berk fosse muito grande para novas tentativas com donuts. — Houve uma tentativa.

— Houve três tentativas. — Ele apontou para os pedaços de donuts quebrados na caixa, mordendo um dos donuts não-quebrados e molhados.

— Quero tentar mais uma vez.

— Jules, sério? Acho que provamos que não vai funcionar.

— Deixe eu me divertir. — Eu abri meus lábios, chupando sua ponta grossa de cogumelo na minha boca.

— Puta merda. — Ele enfiou os dedos nos meus cabelos, puxando as raízes enquanto eu o lambia da base à ponta. O açúcar doce combinado com o seu próprio almíscar criou uma combinação inebriante que eu desejava poder engarrafar.

Cada assobio e gemido arrancados de sua garganta enviaram outra emoção através de mim e eu apertei minhas coxas enquanto estava ajoelhada no chão.

Usando minha mão para trabalhar sua ereção aveludada, olhei para ele. Nossos olhares colidiram e seus músculos da coxa se juntaram sob a minha mão.

Ele puxou os quadril para trás, se libertando da minha boca e apertou a cabeça de seu pau. — Porra, Frenchie, sua boca é muito boa. Eu estava a um segundo de gozar.

— Por que você não fez? — Quem fez beicinho sobre um cara não gozar em sua boca? Eu, aparentemente, quando era Berk.

— Porque eu preciso entrar dentro de você e preciso lavar todo esse açúcar do meu pau primeiro. — Um brilho travesso em seus olhos, ele pegou minha mão, me ajudando a levantar do chão.

— O que você tem em mente?

O que ele tinha em mente era o banho mais ensaboado e sexy que eu já tomei na minha vida.

Apoiei uma mão contra a parede e outra no ombro dele.

Seus dedos afundaram na parte superior da minha coxa, ancorando minha perna sobre seu ombro enquanto ele chupava meu clitóris em sua boca. Cada puxão na parte mais sensível de mim exigia mais prazer, gemidos mais altos e ainda mais suspiros.

Meus joelhos tremiam e o braço dele em volta da minha cintura era a única coisa que me mantinha em pé. Baixei a cabeça para trás, fechando os olhos com a avalanche de sensações pulsando pelo meu corpo. Meu orgasmo correu em minha direção no espelho retrovisor, apenas a uma fração de segundo de me pegar.

E ele parou.

Minha cabeça caiu e eu olhei para ele de olhos arregalados. — Que diabos? — Ele se levantou, provocando minha boceta com os dedos.

— Agora que estamos limpos, é hora de sujar. — Ele pegou uma toalha do balcão e me secou, tomando o seu tempo como se tivéssemos a noite toda. Eu estava pronta para sair da minha pele, pular nele e pregar a porta do quarto.

Mal enrolando uma toalha em volta de mim, eu o puxei para o meu quarto sem sequer verificar se o corredor estava ou não limpo.

Ele riu, segurando a toalha em volta da cintura. — Com pressa.

Eu olhei e ele chutou a porta.

— Parece que alguém está ansiosa. — Ele me virou e me empurrou contra a porta. Capturando minhas duas mãos, ele as colocou sobre minha cabeça e olhou nos meus olhos.

— É a minha vez de compensar você, Frenchie. — Ele beijou e lambeu ao longo da curva do meu pescoço.

Apertei minhas coxas, pronta para explodir se ele não movesse suas atenções um pouco mais para baixo. Minha respiração saiu estremecendo e rasa.

— Você pode me compensar entrando dentro de mim agora.

— Eu acho que você vai gostar mais disso. — Ele não soltou minhas mãos até eu soltar todos os palavrões conhecidos pelo homem.

Com uma força que eu não achava que alguém tivesse, ele me levantou e me carregou até a cama. Minha tortura sexual estava apenas começando e eu estava aqui para isso.

Meus dedos do pé se curvaram e minhas costas arquearam na cama. Eu nunca soube que o sexo poderia ser assim - bem, desde a última vez que Berk colocou seu pau em mim enquanto eu me agarrei a ele tentando recuperar o fôlego, mas isso era ainda melhor.

Os ruídos vindos da minha boca estavam a meio caminho entre o animal ferido e uma felicidade tão quente que parecia que nós dois seríamos soldados.

O quadril de Berk bateu contra minhas coxas e seus dedos afundaram em minha carne, agarrando minha bunda como se eu fosse sua única bóia salva-vidas em um mar revolto.

Ofegante, eu o segurei enquanto ele me segurava.

Ele caiu em cima de mim, bagunçando meu cabelo a cada respiração. Seu peso corporal caiu sobre mim, não me esmagando, completamente embrulhado comigo. Me cobrindo com seu calor. Dei um beijo no topo do ombro dele.

— Você quase me matou, Frenchie. — Ele levantou a cabeça e afastou o cabelo suado da minha testa, me beijando. Seu sorriso terno enviou vibrações de felicidade através do meu peito. A luz ressaltou os traços de caramelo em seus olhos cobertos de musgo e de repente fiquei muito feliz por ele querer manter as luzes acesas. Eu queria aproveitar cada momento e não perder nada.

— Você não deveria ser o atleta? — Corri meus dedos ao lado dele, fazendo cócegas nele.

Ele riu e se afastou, se libertando do meu corpo.

Nós dois gememos. Minha carne quente doía e latejava da melhor maneira possível. De uma maneira que me fez querer agarrá-lo e puxá-lo de volta para cima de mim.

Ele se levantou e saiu do quarto para se livrar da camisinha.

Eu rolei para o meu lado, sem puxar o cobertor como normalmente faria. Ele já tinha visto tudo de mim e não havia nada sobre a nossa sessão que me fez pensar que ele tinha um problema com isso. Ele voltou - eu juro, seu pau ereto, com um pano na mão. — Sou atleta,

mas você é uma garota do próximo nível, Jules. Eu tenho que melhorar meu jogo.

— Para que é isso?

— Levar meu jogo para o próximo nível. — Ele agarrou meu tornozelo e me puxou para a beira da cama.

— Eu não consigo.

— Você vai. — Ele correu o pano quente e úmido ao longo do interior das minhas coxas. Arrepios irromperam por todo o meu corpo. Soltei um assobio enquanto o pano esfregou contra o meu clitóris.

— Este é o próximo nível? — As palavras eram agitadas e trêmulas quando a pretensão de me limpar foi lançada pela janela.

— Não, é isso. — Ele caiu de joelhos e deslizou as mãos sob as minhas coxas, me ancorando no lugar.

E num instante, sua língua estava em mim. Dentro de mim. Em todos os lugares ao mesmo tempo. Meu quadril se contraiu, mas eu não fui longe. Droga, ele era forte. Eu não era exatamente uma magricela. — Eu pensei que isso fossem preliminares. Nós já fizemos sexo.

— Você acha que eu só queria chupar você antes do sexo? Frenchie, estou pronto para comer você a qualquer hora e em qualquer lugar. — E então sua língua fez uma coisa mágica que me fez esquecer meu nome, como respirar e como era meu corpo quando não estava ligada a um fio vivo de prazer.

— Porra! — Eu gritei e agarrei seu cabelo, segurando minha vida através do tsunami sexual que era Berkley Vaughn.

****

— Se você pudesse ter qualquer coisa no mundo agora, o que seria? — Berk afastou meu cabelo do meu rosto.

Ele bateu na minha mão quando eu a serpentei pelo estômago através das cobertas. — Isso não. Tão malcriada, Frenchie.

— Se eu não posso ter isso... — Bati meu dedo nos lábios e uma pontada de tristeza cutucou meu coração. — Livros que meu pai costumava ler para mim.

— Os de Peter Rabbit? — Ele esfregou um cacho bagunçado entre os dedos.

— Você lembra disso?

Ele aninhou o topo da minha cabeça. — Não há nada que eu esqueça quando se trata de você.

— Aqueles. — Afastando a tristeza, eu me concentrei no aqui e agora. — Qual é o próximo jogo que eu posso ir? — Eu passei meus dedos em seu peito e meu corpo zumbiu e formigou, aproveitando o brilho do sexo além de qualquer coisa que tínhamos feito antes.

Eu saí do banheiro praticamente nua. Tivemos sexo selvagem, louco e barulhento em uma casa com outras pessoas. E eu nem me importei. Ele era um mágico de distração sexual.

— Temos um jogo em casa em algumas semanas, logo antes do Halloween. — Seu aperto rápido na minha bunda me fez não odiar o tamanho dela. Isso me fez afundar mais nas suas garras, gostando do jeito que ele não parecia querer ir e do jeito que ele rosnou contra o meu pescoço, fazendo meu estômago revirar.

— Posso ir fantasiada? — Erguendo a cabeça, olhei para ele, sem fôlego e pronta para outra rodada. Ele tinha a estranha capacidade de me fazer sentir que nada de ruim poderia me tocar quando eu estava em seus braços.

Ele passou os dedos pela minha espinha.

Arrepios irromperam por todo o meu corpo e eu reprimi um gemido.

— Eu tenho algumas coisas que eu gostaria que você se fantasiasse.

— Ser presa tentando entrar em um jogo da FU não está na minha lista das dez principais.

— Como você sabe que fantasia eu iria querer que você usasse? Talvez eu fosse dizer uma freira. — Ele riu. Seu peito roncou debaixo da minha orelha.

— Droga, e eu queria me vestir como uma stripper. Mas acho que sua ideia é melhor.

— Espere um segundo. — Ele mexeu os dedos no meu lado.

Eu empurrei ele e rolei rindo. — Sem retrocessos. — Saltando da cama, procurei no quarto e peguei meu roupão. Lado de fora da cama, as tábuas do chão eram como cubos de gelo e um arrepio estremeceu através de mim.

— Freira. — Triunfante, amarrei a faixa macia do meu roupão.

— Que tal você se vestir de freira para o meu jogo e podermos fazer uma festa particular aqui? — Ele apoiou a cabeça com os braços, todos os músculos e veias proeminentes e saborosos.

Não havia um pingo de gordura nele. Bronzeado. Sólido. Atlético. Ele poderia ter sido uma escultura trazida à vida, e ele estava aqui comigo.

Por trás dessas cortinas e nessas paredes, todo o resto desapareceu e as vozes na minha cabeça - aquelas que estavam lá por tanto tempo que eu não tinha certeza se eram minhas próprias palavras ou não - não estavam tão altas.

— Isso pode ser algo que poderíamos organizar. — Dando voltas com a faixa do roupão.

O telefone dele tocou na minha mesa de cabeceira. Ele pegou e sua testa ficou enrugada.

— O que há de errado? Alexis roubou algo de novo? — Eu quis dizer isso como uma piada, mas depois do que os caras tinham dito e de como Berk sempre vinha em seu socorro, me perguntei se ela não teria se metido em algum tipo de problema novamente.

— Não, por que você diria isso? — Ele desligou o telefone novamente.

— Foi uma péssima tentativa de piada. Eu sinto muito. Há algo de errado?

As rugas desapareceram e ele relaxou contra a cabeceira da cama.

— Está tudo bem, exceto por uma coisa. Por que você está fora da cama? Está ficando frio sem você. — Ele empurrou os cobertores para trás, mostrando-me mais alguns músculos que eu não tinha explorado.

— Eu estava indo fazer algumas torradas francesas para nós. Talvez um pouco de bacon e ovos.

— Eu tenho uma ideia melhor. — Ele empurrou os cobertores e girou os pés no chão. — Por que eu não cozinho e você pode me agradecer pela primeira vez?

Minha cabeça balançou para cima e para baixo. — Sim, por favor. — Meu sorriso de como era acolhedor era incontrolável.

Ele pegou seu jeans e vestiu.

Olhei pela janela atrás dele e corri para ela, olhando com os olhos arregalados. — Está nevando.

— Em outubro? — Ele se virou e olhou pela janela ao meu lado. — Eles disseram que teríamos mal tempo, mas com neve? — Os flocos de neve não dançavam no chão, cobrindo-o com um cobertor suave. Estava caindo como se fosse o dia antes do Natal. Não havia nenhum

lugar que precisávamos estar. A geladeira estava abastecida. Qual a melhor maneira de passar um dia de neve do que com Berk?

Eu sorri para ele e corri para o meu armário. — Vamos. Vamos lá.

29

BERK

Eu sempre odiei neve. Por um longo tempo, eu esperava ser convocado para um time em algum lugar quente onde nunca nevasse. Crescendo, a neve significava atravessá-la com meias encharcadas, dedos congelados e sacolas plásticas enrolado em meus pés.

Ninguém iria me comprar botas ou calças de neve para sair para brincar ou fazer guerras de bolas de neve. Isso significava temperaturas congelantes no meu beliche e medo da manhã, quando eu teria que deslizar meus pés já congelados em sapatos gelados. Não, a neve era o inimigo público número um, logo atrás da chuva.

Mas ver Jules correr com um adorável chapéu de malha azul e roxo com um pompom branco no topo me fez querer mudar para um país das maravilhas do inverno. Suas bochechas estavam vermelhas. As mechas escuras de seu cabelo estavam penduradas na parte inferior do chapéu enquanto ela corria com os braços estendidos ao lado, ficando coberta de flocos como a estátua mais bonita já esculpida.

— Você acha que conseguiremos o suficiente para fazer um boneco de neve? — Ela abriu a boca, pegando flocos na língua e riu. A neve nos açoitava de todos os ângulos. Os flocos grudaram nos cílios debaixo dos óculos, e a visão me deixou sem fôlego. Outro pedaço do meu coração foi enviado a ela naquele segundo em um envelope assinado, lacrado e entregue. Eu podia imaginá-la fazendo a mesma coisa com duas crianças pequenas ao seu lado, um menino e uma menina que pareciam com ela.

E essa visão era tão vívida, tão real, que tive que dar um passo atrás. Os sonhos de uma criança que nunca teve uma família pulando muito à frente de onde estávamos agora. Havia tanta incerteza e sempre haveria. Aquela inquietação nunca foi embora. Eu estava sempre esperando o outro sapato cair.

Começou a descer ainda mais, granizo misturado com neve.

Protegendo os olhos com os óculos sujos de água, ela olhou para mim. — Nós provavelmente deveríamos entrar, hein?

— Podemos ficar aqui o tempo que você quiser.

— Você nem tem luvas. — Ela olhou para minhas mãos nuas nos bolsos. — Vamos lá, vamos entrar. — Estendendo a mão coberta

de luva, ela me puxou para perto de seu corpo, embalando minha mão na dela.

Lá dentro, ela tirou o chapéu e sacudiu os cabelos, batendo as botas na porta.

Tirei meus tênis e pendurei meu casaco ao lado do dela.

Ela soprou em suas mãos e pegou as minhas, colocando-as em concha e soprando seu hálito quente nelas.

— Eu posso ter me empolgado um pouco. Sempre que a primeira neve chegava, meu pai me levava para fora e nós corríamos e brincávamos por horas e fazíamos um boneco de neve, mesmo que tivesse apenas cinco centímetros de altura. Então eu sempre amo a primeira neve. Isso me lembra dele e ser criança, quando tudo era fácil.

Ela olhou para mim, ainda tentando aquecer minhas mãos.

As coisas nunca foram fáceis para mim quando criança. Agora eu era maior e mais forte, e não havia ninguém me dizendo que seria transportado de um lugar para outro. Eu não conseguia roubar a alegria deste momento e sua conexão com o pai dela.

— Eu sempre amei a neve também. — Coloquei um pouco do cabelo dela atrás da orelha. — Você está pronta para o café da manhã?

Ela esfregou suas bochechas frias contra minhas mãos recém-aquecidas. — Estou pronta para olhar. — Com um tapa na minha bunda, ela me puxou para a cozinha.

Minhas habilidades culinárias não eram iguais às de Jules, mas eu tentei o meu melhor. — Estes ovos são fenomenais. — Ela comeu outra garfada generosa e eu não tinha certeza se ela estava brincando comigo ou não. — E eu amo as formas da panqueca. Isso é um rato?

Era para ser um coração. — Sim, é um rato.

— A melhor panqueca de rato que já comi. O bacon também é delicioso.

— É difícil dar errado com o bacon. Embora você não tenha visto Marisa cozinhar.

— Eu ouvi as histórias. Como ela deixou todos vocês doentes com macarrão com molho enlatado?

Meu estômago apertou com a memória. — Eu não sei e nenhum de nós quer descobrir. Não sei como ela sobreviveu por tanto tempo. Ela construiu uma imunidade ou algo assim. Um estômago biônico que poderia suportar até testes nucleares.

— Pobre LJ.

Nossa manhã preguiçosa, olhando a neve e bebendo chocolate quente com mini marshmallows, terminou com uma mensagem - de Alexis.

— O que há de errado? — Jules levantou a cabeça, olhando para o meu telefone.

— É Alexis. Ela saiu ontem à noite com uma amiga e agora está presa na neve e precisa que eu vá buscá-la. Eu tenho que ir. — Eu me preparei para Jules ficar irritada com a invasão do nosso tempo - uma coisa comum que surgiu em relacionamentos passados quando Alexis precisava de mim.

— Por que eu não vou com você? Eu tenho algumas roupas quentes que poderíamos levar para ela.

— Você faria isso?

Ela olhou para mim com um olhar confuso no rosto. — Claro que sim. Ela é sua irmã. Me deixe ajudar.

Dirigir até Alexis não parecia tão ruim quanto normalmente, com Jules se ocupando com o rádio no banco ao meu lado. Eu corri minha mão para cima e para baixo em sua coxa, embora o calor estivesse aumentando. Escorregamos no gelo algumas vezes, mas o pneu sobressalente que eu ainda tinha no carro conseguiu nos levar até ela.

Enviei uma mensagem e ela saiu correndo com um par de saltos e saia, mal cobrindo a bunda.

— Esse é um vestido bonito.

— Não em uma nevasca. — Ela teria congelado até os joelhos quando chegasse ao carro.

Saí e abri a porta de trás.

— Berk, você está aqui. — Ela me abraçou. — Por que você está abrindo porta de trás?

— Porque Jules está sentada na frente.

O sorriso de Alexis caiu e ela olhou para dentro. — Você a trouxe?

— Ela se ofereceu para vir junto, e ela tem te trouxe roupas adequadas para o clima.

Com um olhar sombrio, ela deslizou para o banco de trás do carro e eu fechei a porta.

Estávamos de volta à estrada e os limpadores mal conseguiam acompanhar a nevasca, que havia mudado do país das maravilhas do

inverno para um massacre de boneco de neve na viagem de uma hora de carro até aqui.

O local em que meu carro estava estacionado antes já estava nevado. Tomando os riscos, saí para pegar uma pá.

— Vocês duas vão para dentro, eu vou estacionar e encontrar vocês em alguns minutos. — Pelo menos a maioria das pessoas não era estúpida o suficiente para sair, então o local ainda estava lá, apenas um pouco mais coberto de neve do que quando eu saí.

— Posso pegar uma pá e ajudar. — Jules se inclinou sobre o console central.

— Coloque Alexis para dentro e eu vou lidar com o trabalho pesado. — Eu pisquei para ela e fechei a porta.

As duas saíram, Alexis vestindo o casaco extra que Jules havia trazido com as mãos escondidas nas mangas, parecendo ter doze anos novamente.

Elas desapareceram e Jules voltou alguns minutos depois.

Meu suor congelava na minha pele exposta e meu casaco ficou mais pesado a cada minuto, enquanto a neve continuava caindo.

— O que você está fazendo aqui fora?

— Eu ia correr para casa e pegar algumas coisas. Chocolate quente. Algumas coisas do congelador. Imaginei que tornaria o dia de neve mais divertido.

Soltei a pá com uma mão e passei o braço em volta dela, puxando-a para perto de mim. — Essa é uma ideia matadora. Guarde uma caneca para mim. — Nossos lábios estavam gelados e o calor subiu entre nós.

— Claro. — Suas palavras eram ofegantes, do jeito que eu gostava.

Com os braços abertos como se estivesse na trave de equilíbrio, Jules derrapou para o outro lado da rua. A porta da frente se abriu e fechou atrás dela. Três quartos de um espaço de estacionamento limpo depois, ela voltou com os braços carregados de potes empilhados em cima de potes.

Suando e congelando ao mesmo tempo, eu mal limpei o espaço a tempo de ajudá-la a subir as escadas.

— Isso foi rápido. — Suas bochechas avermelhadas e rachadas de inverno brilhavam. Era isso que ela adorava fazer. Alimentar outras pessoas e deixá-las confortáveis e felizes. Ela com certeza me fazia feliz.

Dentro da casa, você pensaria que ela apareceu com água para um grupo que vagava pelo deserto.

— Jules, você é a melhor.

— Se alguma vez já fiquei chapado, quero ficar chapado com você.

— São tão bons que espero que nunca tenhamos que sair de casa.

Eles o colocaram no centro, tentando manter os presentes de chocolate, baunilha e açúcar chegando.

— Alexis, suba as escadas. — Eu a notei de mau humor no canto, depois de remover o casaco quente de Jules. — Há calça de moletom e uma camiseta térmica lá em cima. Você sabe onde estão.

O cenho dela se aprofundou. Dei de ombros. — Tudo bem, congele sua bunda, se quiser, mas não espere que eu lhe traga qualquer sopa de macarrão com galinha quando estiver com gripe.

— Eu odiaria tirar esse vestido também, se eu fosse você. É realmente bonito. — Jules entrou na conversa.

Coloquei-a debaixo do braço.

O olhar de Alexis saltou de mim para Jules e ela invadiu a sala. — Tudo bem, eu vou vestir suas roupas. Obrigada, Berk.

Ela desapareceu no andar de cima e Jules se virou para mim, mordiscando seu lábio.

— Eu não acho que ela goste muito de mim.

Esfreguei seu nariz com o meu, o congelamento do lado de fora finalmente descongelando. — Ela às vezes tem dificuldades com pessoas novas. Como alguém pode não gostar de você? E você trouxe biscoitos. É uma amiga garantida. Não se preocupe. Ela vai gostar de você.

O sorriso dela me disse que ela realmente não estava comprando. Eu teria que conversar com Alexis sobre como me sentia sobre Jules e garantir que Alexis não a incomodasse. Não seria a primeira vez que ela me protegeria com uma garota que eu estava interessado.

Jules não era uma fanática por futebol ou alguém tentando pegar carona na minha carreira profissional. Ser profissional era provavelmente a única maneira de eu ser bom o suficiente para Jules. Ela estava acostumada a viver a vida de uma certa maneira, e sem esse cheque de pagamento, eu não iria conseguir apenas com um diploma de negócios. Não que ela tenha me feito sentir como se eu fosse uma criança do lado errado dos trilhos, o que me fez querer dar a ela a lua e as estrelas. Ela os merecia. Cada um deles.

30

JULES

Berk, LJ, e Keyton estavam no porão, verificando todas as válvulas de água depois de uma mensagem do seu proprietário. Meu senhorio provavelmente me enviaria um bote inflável se eu dissesse a ele que havia um vazamento no porão.

Marisa estava de plantão. E eu estava na sala de estar com Alexis. Ela desceu a escada usando uma calça de moletom enrolada e uma camisa térmica, escolhendo aqueles sobre o que Marisa e eu tínhamos oferecido a ela. Com os pés dobrados, ela estava absorvida no telefone desde que os caras foram embora.

Respirando fundo, peguei alguns biscoitos e fui até Alexis, que nem tinha reconhecido a carta que eu escrevi para ela. Então, ela me odiava. Eu queria que isso fosse algo novo com o qual eu estivesse lidando. Mas desta vez eu não queria deixar as coisas soltas. Ela era importante para Berk e eu queria descobrir mais sobre ela, talvez até pelo menos ser amigável se ser amigas fosse levar isso longe demais para ela.

— Você quer experimentar um dos meus biscoitos de caramelo salgados? — Eu estendi o recipiente na minha frente e fiquei na frente dela.

— Não. — Ela não levantou os olhos do telefone, passando o dedo sobre o doce colorido na tela.

— Se você não é fã desse, eu trouxe outros tipos. — Olhando para cima como se eu tivesse acabado de lhe oferecer um sanduíche de barata, ela atravessou a sala com os braços sobre o peito.

— Eu não quero nada dos seus assados.

Sendo a Jules Corajosa, eu coloquei o recipiente na mesa e sentei na mesa de café em frente a ela. — Você não parece gostar de mim e gostaria de descobrir o que fiz para isso.

Seus lábios torceram e ela continuou olhando.

— Você leu minha carta? Eu realmente gostaria que sejamos amigas.

— Por quê?

— Porque eu me importo com o seu irmão e ele se importa comigo também.

A cabeça de Alexis se virou para trás como se ela não tivesse pensado que eu iria falar com ela ou não tivesse notado os punhais que ela estava atirando em mim caminho desde que entrou no banco traseiro do carro. Ela se levantou, parecendo muito mais alta que sua estatura de um metro e cinquenta e cinco. — Tenho todos os amigos que preciso. E não preciso de outra amiga falsa que só me tolera porque está tentando transar com Berk.

— Eu não estou. Quero dizer... — Minhas bochechas esquentaram e tenho certeza de que meu pescoço estava bem vermelho. — Não é por isso que gostaria que sejamos amigas.

— Sério? — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Se Berk não estivesse na foto, você ainda gostaria de ser minha amiga?

— Se nossos caminhos se cruzaram, então, claro, por que não?

— Gostei mais da garota das cartas. Pelo menos eu não tive que fingir gostar dela.

— A garota das cartas. Ela era ex dele? — Eu não estava afim de uma expedição de pesca.

— Aquela por quem ele está de cabeça para baixo. Aquela sobre o qual ele falou por muitos meses antes de você aparecer. Tenho certeza de que ele ainda não a esqueceu. Ela era tudo o que ele queria em uma mulher, segundo ele. — Ela disse a última parte como se estivesse mastigando vidro quebrado.

Meu coração deu um pequeno pulo. E então o golpe de culpa veio. Eu precisava contar a ele. Se ele se importava tanto e pensava que ela o abandonara, isso tinha que doer. Ele merecia saber.

— Desculpe por não pensar que essa coisa que você está fazendo com ele vai durar. Isso nunca dura.

E era disso que eu mais tinha medo. Como ele reagiria quando descobrisse que eu estava mentindo? O que era pior: eu mentindo como TLG ou eu mentindo como eu?

— Eu entendo que você quer ser uma boa irmã e protegê-lo, e nós duraremos o quanto durarmos, mas eu ainda gostaria de me dar bem com você. Não quero que você pense que estou tentando te empurrar para fora.

Ela zombou. — Ele nunca deixou isso acontecer.

— Exatamente, então você não deve se sentir ameaçada.

— Eu não me sinto. — ela retrucou.

— Então não há razão para não nos darmos bem.

— Talvez eu simplesmente não goste de você. Por que temos que nos dar bem? Você é uma daquelas pessoas que devem ser apreciadas por todos? É por isso que você aparece com o grande sorriso e o trator de produtos de panificação? Porque você não suporta a ideia de alguém não gostar de você, então você suborna as pessoas?

Eu dei um passo para trás.

A hostilidade irradiava dela e ela estava batendo com a cabeça na unha. Quem poderia não gostar de alguém que apareceu com cupcakes e biscoitos? Eu estava usando isso desde o ensino médio para fazer as pessoas gostarem de mim - ou me darem uma chance. Ou, pelo menos, levar as pessoas a não deixarem seus amigos serem uma merda comigo, caso não tenham recebido o que eu decidi assar e levar para a escola naquele dia. Não que eu tivesse tido a chance de fazer muito com minha mãe observando tudo que eu colocava na minha boca como um falcão.

E eu carreguei isso para a faculdade. Nova orientação para os alunos, aqui estão algumas bolas de manteiga de amendoim que não são assadas para todos. Depois que eu consegui uma cozinha, não havia como me parar.

— Não quero que nenhuma hostilidade entre nós afete nenhum de nossos relacionamentos com Berk.

Ela sorriu. — Oh, não vai. Ele sempre esteve lá quando eu preciso dele e não há ninguém que possa detê-lo.

— Eu nunca iria querer isso.

— Você seria a primeira. — Ela me olhou desconfiada. Quem Berk namorou antes de mim para deixá-la tão desconfiada de alguém novo em sua vida? Com que tipo de mulher ele esteve que deixou Alexis tão desconfiada?

— Estou disposta a provar isso para você.

— Talvez você possa. Na sua carta, você falou sobre fazer algo especial para ele neste semestre. — Ela esfregou o queixo. — Seu aniversário está chegando em breve.

Me inclinei. — O aniversário dele? Ele não mencionou isso.

— Ele não gosta muito de fazer isso, mas talvez você queira fazer algo por ele. — Ela olhou para mim pelo canto do olho. — Uma festa surpresa?

— Essa é uma ótima ideia. Eu adoraria fazer algo por ele. Você gostaria de ajudar?

O canto da boca dela se levantou. — Totalmente. Essa seria uma boa chance para nos conhecermos melhor. O que você tem em mente? — Ela se aproximou e eu passei por algumas coisas do alto da minha cabeça.

Jules direto para a vitória! Eu fui franca com Alexis. Conversei com ela e olhe para nós agora, praticamente melhores amigas planejando uma surpresa para o aniversário de Berk. Bem, talvez não sejam melhores amigas, mas pelo menos ela não estava me encarando como se estivesse fazendo um teste para um remake de Mean Girls.

31

BERK

— Podemos guardar a bebida no deck para mantê-la fria. — LJ assumiu a liderança nas escadas.

— Temos um jogo em dois dias; este não é o momento de ser criticado.

Ele se virou no topo da escada e abriu bem os braços. — Não é como se eu fosse participar de mais do que um jogo. O que isso importa?

— Se você não pedir a Marisa para falar com o pai, nunca terá tempo suficiente no campo.

— Eu não vou colocar isso nela. Ela esteve ao meu lado por muitas merdas. Eu posso fazer o mesmo por ela.

— À custa do seu futuro?

— O que está à custa do seu futuro? — Marisa saiu da cozinha com uma jarra cheia de bebida de cores vivas.

Keyton balançou a cabeça. — Ninguém mais vai dizer isso? Verdade? Tudo bem, LJ foi deixado de lado por seu pai em noventa por cento dos nossos jogos... por sua causa. — Keyton jogou para fora e caiu no chão como uma granada não classificada.

— Eu disse para você calar a boca. — LJ investiu contra Keyton. Agarrei-o, meu braço subindo ao redor de seu pescoço enquanto ele procurava o de Keyton.

— Por minha causa. — O olhar de Marisa ricocheteou entre Keyton e LJ.

LJ parou sua luta e se virou. — Não é por sua causa. É porque ele está sendo um idiota irracional.

— Por minha causa. — Ela olhou para ele com dor nos olhos. — Porque eu estou fazendo você ir para os jantares dele.

Ele deu um passo à frente, alcançando o braço dela. — Não é grande coisa.

— É grande coisa se você está sendo impedido de jogar. — Ela se afastou, cruzando os braços sobre o peito.

— E você fez muito mais do que isso por mim. — Ele deixou a mão cair, mas se aproximou.

— Estamos falando do seu futuro. Isso é tudo sobre o que você já falou. O que você quer desde os dez anos. — Jogando os braços para o lado, ela balançou a cabeça como se nada disso fizesse sentido. Eu aprendi isso há muito tempo.

— E isso vai acontecer.

— Não se você não estiver jogando na maioria dos jogos. Você disse que era porque tinha relaxado na pré-temporada, mas ele está impedindo você de começar esta temporada porque eu te arrasto para a casa dele toda semana.

— E daí? Quando estou em campo, faço valer a pena. É a minha vez de estar lá para você. Depois de tudo o que você fez por mim e pela minha família, é claro que eu faria isso por você.

— Quantas vezes eu te disse que você não me deve nada? Não há mais nada para você pagar. Não há razão para as suas dívidas serem contabilizadas.

— Eu não dou a mínima. Meu pai não estaria vivo se não fosse por você. Vou segui-la para onde você quiser que eu vá.

O pai dele não estaria vivo? Todos nós sabíamos que o relacionamento deles ia além de amigos, mas parecia que havia coisas muito mais sérias que eles estavam mantendo em silêncio.

— Eu não estou... eu não quero que você me siga fazendo o que eu quiser, porque você se sente em dívida comigo. Nós deveríamos ser amigos - eu não quero que você sinta que estou segurando algo sobre você que eu teria feito não importa o que em ajudar Charlie.

Ela empurrou a jarra para mim, o conteúdo deslizando para o lado e escorrendo pelo meu peito.

Seus passos sacudiram a casa quando ela subiu as escadas e bateu a porta.

— Que porra é essa? — LJ olhou para os degraus vazios. — O que eu disse de errado?

Todos nós nos entreolhamos em silêncio atordoado, e para ele com perguntas.

Ele afundou os dedos nos cabelos e puxou as raízes. — Ela era doadora de medula óssea para o meu pai. Nosso último ano do ensino médio. Ele tinha câncer e um tipo raro de medula óssea. Minha família foi testada e nenhum de nós era compatível. Marisa me ajudou a

montar uma grande unidade e ela foi testada. Ela era compatível. Perdeu a formatura para fazer a doação. Ele literalmente não estaria vivo sem ela.

— Talvez ela tenha medo de que esse seja o único motivo pelo qual você ainda está por aí. Ou como se ela fosse uma apólice de seguro no caso de seu pai ficar doente de novo. — Eu segurei seu ombro.

— As meninas não gostam de sentir que você não está com elas por elas. — Jules soltou da sala de estar. Ela estava sentada ao lado de Alexis e eles pareciam estar se dando bem. Talvez Jules pudesse convencer ela um pouco mais sobre o ângulo da faculdade. Elas se darem bem seria uma reverência a toda a loucura que estava acontecendo agora, mesmo que Alexis me fizesse querer estrangulá-la às vezes. Ela demora a confiar, mas se alguém poderia conquistá-la, era Jules. Quem não poderia amar cada coisa doce sobre ela?

— Nós nem estamos namorando. — LJ bateu a cabeça contra a parede.

— Nunca? Realmente nunca passou pela sua cabeça? — Keyton lançou isso lá fora. Ele estava em um rolo hoje.

O silêncio constrangedor apareceu e ele esfregou as mãos no rosto. — Nós tentamos. Por, tipo, uma fração de segundo no último ano do ensino médio e tudo bateu no ventilador quando meu pai ficou doente e era mais fácil sermos amigos. Se eu a tivesse perdido então... acho que não teria conseguido, com a medula óssea ou não.

— Talvez você precise mostrar a ela que você não está apenas mantendo-a por perto ou em dívida com ela por causa do que aconteceu com seu pai. Talvez mostre a ela que você gostaria que as coisas mudassem entre vocês, se é isso que você quer.

Subi as escadas e tirei a camisa no meu quarto. A mistura pegajosa de bebidas havia encharcado minha pele.

Jules entrou no quarto. — Cheira como uma casa de fraternidade aqui.

— Deve ter havido meia garrafa de grenadine no que Marisa estava misturando.

— Teve o benefício adicional de eu te ver sem camisa. — Ela saiu da porta e caminhou até mim. Estendendo um dedo, ela correu pelo meu estômago e chupou em sua boca.

Seus lábios a envolveram e eu passei meu braço em volta de sua cintura, puxando-a com força contra mim. Ela era a mulher mais sexy do mundo, e ela era toda minha.

— Estou prestes a começar uma dança da neve para cair mais alguns centímetros e manter as aulas canceladas.

Ela passou os dedos ao longo do meu peito. — Alexis disse que seu aniversário estava chegando.

Meus sentimentos sensuais encolheram. Eu odiava meu aniversário. Eu nem pensei que os caras sabiam quando era meu aniversário. Foi o pior dia da minha vida. O dia em que minha mãe me largou na casa do meu pai. O dia em que eu estava na porta assistindo ela desaparecer no banco de trás de um táxi. Ela me deixou com um presente de aniversário, uma mala de mão e uma dor esmagadora que uma criança jamais deveria conhecer.

— Não é grande coisa. — Dei de ombros, tentando parecer calmo.

Crescer como uma criança adotiva nas casas que eu tinha conseguido não significava bolos caseiros e presentes bem embrulhados. Isso significava que o professor anunciava na aula e todos me bombardeavam com perguntas sobre o que eu estaria recebendo e por que não estava dando uma festa. Mesmo agora, sempre havia uma garra de terror em meu intestino sempre que o dia passava.

— Deveríamos fazer alguma coisa.

Festas longas depois da aula, em que as mães traziam cupcakes ou convidavam todos para uma brincadeira de crianças com convites guardados em nossos armários - eu odiava meu aniversário por todas as más lembranças que ressurgiram à medida que o dia se aproximava e as novas eram empilhadas no topo.

— Não, não precisamos. Prefiro passar o dia com você. Podemos ir ao cinema ou eu posso pedir para Marisa fazer outro jarro dessas bebidas e você pode ficar aqui comigo.

Jules olhou para mim, o desejo faminto nu em seus olhos. Minha calça de moletom estava a um segundo de se tornar uma barraca de acampamento. — Quem disse que eu preciso de uma jarra de bebida para isso?

— Essa é uma passagem só de ida para não deixar você sair desde quarto pelas próximas vinte e quatro horas.

— Sua irmã está aqui! — Ela empurrou meu peito rindo. Eu amei que ela chamou Alexis de minha irmã. Nunca houve uma pergunta em sua voz ou um dos olhares estranhos que todos sempre nos deram, e isso me fez amar Jules ainda mais.

Isso bateu em mim com força e eu aumentei meu aperto em volta da cintura dela. Eu a amava. E seria apenas uma questão de tempo até que eu a perdesse.

32

JULES

— Estou prestes a entrar no trabalho, mas adoro a ideia de torná-lo como uma festa infantil.

— Berk nunca teve essas festas quando estávamos crescendo, então, quanto mais boba, melhor. — Alexis se aqueceu ainda mais após o nosso dia de neve, insistindo em ligar em vez de enviar mensagens de texto para falar sobre a festa de Berk.

— Você está pensando em serpentinas, balões, chapéus de festa?

— Vai funcionar. Ele vai adorar. — Ela realmente parecia feliz; talvez tivéssemos começado com o pé errado e as coisas estivessem mudando lentamente.

— Espero não acidentalmente deixar escapar alguma coisa. Sou péssima em guardar segredos.

— Você tem sido muito boa nisso até agora. — Havia um tom estranho em sua voz, quase acusador.

— Estou aqui no trabalho, então tenho que ir. Mais uma vez obrigada, Alexis.

— Não se preocupe, Jules. — Ela encerrou a ligação e eu coloquei meu celular no bolso.

Estávamos filmando e eu não sentia que precisava de uma lata de lixo para vomitar, então hoje foi uma vitória. Os últimos shows foram bem e as pessoas estavam adorando tudo o que fizemos. Ao lado de Avery, eu pensei que as pessoas continuariam solicitando que eu saísse de cena, mas Max continuava dizendo que todo mundo adorava a maneira como interagíamos.

Não era tão assustador ficar na frente de todos uma vez que esses nervos passavam. Por que eu pensei que isso seria um pesadelo? Realmente foi divertido.

— Estamos prontos? — Entrei no B&B sem um nó no estômago. As borboletas estavam firmemente no lugar, mas geralmente desapareciam após os primeiros minutos.

Max bateu um laptop e o empurrou para trás dela. Avery estava ao lado dela e as luzes da câmera estavam todas apagadas.

— O quê? — Os não nós-no-estômago se transformaram em um poço. — O que aconteceu?

Ambos soltaram suspiros profundos em uníssono. — Vamos sentar no escritório. — Avery colocou o braço em volta do meu ombro.

Eu esperei por algum comentário de Max sobre roubar sua melhor amiga, mas nada aconteceu. Isso tornou ainda pior. Max pegou o laptop e nos seguiu.

— Eu entendi errado a data e a hora?

— Não, você chegou na hora certa. — Avery sentou-se na beira da mesa. Sua barriga estava crescendo a cada dia. Ela tinha um bebê enorme de hóquei lá, então era apenas uma questão de tempo até que ela estivesse usando o visual do basquete.

— Você está me enlouquecendo. Seja o que for, por favor, me diga o que eu fiz. Esqueci de desligar o forno ou algo assim?

Avery cobriu minha mão com a dela. — Você não fez nada errado. Eu preciso que você saiba disso. Entendeu Jules? — Ela apertou minha mão.

Eu assenti. — Ok, então por que vocês duas parecem ter visto um fantasma?

— Você... — Max parou e esfregou a mão nas costas dela até o pescoço.

— Alguém poderia me dizer. — Saiu como um grito, o pânico finalmente fervendo.

— Você ia descobrir, não importa o quê. Depois que Berk apareceu no último vídeo, as visualizações aumentaram bastante. As coisas estavam ótimas e então não estavam. Os comentários foram alterados. Nós achamos que eles iriam acabar e simplesmente apagaríamos todos eles, mas então algo novo foi adicionado à mistura e adicionou combustível ao fogo. — O olhar sombrio de Max virou a cova no meu estômago para uma caverna bocejando.

— O que... — Lambi meus lábios secos como lixa. — O que eles estavam dizendo?

Ela balançou a cabeça e abriu o laptop. — Se houvesse uma maneira de esconder confie em mim, eu o teria apagado, enrolado em um tapete e enterrado no Pine Barrens. Mas não está parando. Eles são trolls idiotas, mas você não pode andar cega por aí.

Ela virou a tela brilhante em minha direção.

Meu sorriso parou nos lábios e eu digitalizei a tela. Nos comentários do tamanho de uma mordida, pingando veneno e humilhação, eu rolei minha vida sendo destruída. A bile subiu pela minha garganta.

Dough Ho[11] coloca as mãos pegajosas em um gostoso de pacotes seis.

Dough Ho.

Eu rolei a página e soltei um som dos mais profundos recessos dos meus medos e inseguranças quando uma das minhas cartas a Berk apareceu na tela.

Eles sabiam que eu era a The Letter Girl.

Ela precisa dar uma cabeçada no próximo nível para conseguir um cara assim.

O que um gostoso como esse está fazendo com a Pillsbury Dough Girl[12]?

A vag provavelmente tem gosto de pão de canela. É por isso que ele está com ela.

E esses eram os gentis. Bati as mãos na boca, tentando impedir que esses barulhos fossem arrancados de dentro do meu peito. Alguém tirou uma captura de tela de um dos vídeos e circulou cada rolo e enrugar no meu corpo. Aquelas áreas problemáticas que eu odiava, mas de alguma forma me convenci de que ninguém mais notava. Oh, eles tinham notado tudo. E foram analisados detalhadamente de todas as maneiras que eu era desagradábel e não era boa o suficiente para Berk perfeito.

Avery fechou o laptop e passou os braços em volta de mim.

Meus ombros tremiam e eu tentei respirar através da queimadura no meu peito e lágrimas caindo nos meus olhos.

Max nos envolveu em um abraço, e foi isso que me quebrou.

Soluços irregulares se soltaram da minha boca e enterrei meu rosto em seus ombros. Foi isso que eu consegui. Eu era Ícaro e Berk era o sol. Eu tentei ser tão cuidadosa. Não baixei a guarda nem caí com muita rapidez porque sabia o que isso significaria para mim. Ele tinha mulheres alinhadas ao redor do estádio para ter a chance de lhe fazer um lap dance e aqui estava eu, a Dough Ho, que não fazia sentido em pé ao lado dele. Era como se fosse contra as leis da natureza e as pessoas não poderiam deixar de apontar.

[11] Massa de bisoitos.
[12] Mascote da marca de biscoitos

Max e Avery me embalaram até que meus soluços se transformaram em lágrimas e as lágrimas desapareceram em soluços e fungos. Eu levantei minha cabeça e enxuguei meus olhos com as mãos.

Avery pegou uma caixa de lenços de papel da mesa e me deu um.

— Obrigada. — Saiu pequeno e irregular, como eu me sentia melhor agora.

— Essa carta é sua? — Max se inclinou, mantendo a mão no meu ombro.

Eu mantive meu olhar treinado no chão e assenti. Então eu contei toda a história sórdida das cartas.

— E você nunca contou a Berk? — Avery segurou minha mão.

Eu balancei minha cabeça. — Eu... nós não deveríamos acontecer. Ele não era o cara legal que estava interessado em mim. Uma vez que ele estava, eu não sabia como dizer a ele que menti para ele esse tempo todo. — As palavras ficaram presas na minha garganta, que se apertaram ainda mais.

— Ele vai entender.

Limpei meu rosto com as costas da minha mão. — Não sei se quero que ele faça isso. — E se, depois de ver esses comentários, a lâmpada se apague? Ele se vira e olha para mim e diz, oh sim, por que diabos *eu* estou com você? A agitação violenta no meu estômago piorou e eu procurei uma lata de lixo na sala.

Como se conjurado por meus pensamentos, meu telefone tocou no meu bolso. Eu olhei a tela.

BERK: Onde você está? Vocês não estão filmando hoje? Eu estava ansioso para vê-la ;-)

O pânico disparou no meu peito. Desliguei e enfiei bem no fundo da minha bolsa. Isso era demais agora. Tudo estava me atingindo rapidamente como uma metralhadora de repercussões reprimidas que de alguma forma eu tinha sido incrível em me esquivar até esse exato momento. Agora todos estavam convergindo e acertando o alvo em cada rodada.

Avery e Max me garantiram que todas as mídias sociais seriam limpas e me disseram para levar o tempo que eu precisasse. Peguei um táxi de volta para minha casa. Tudo o que eu queria fazer era me esconder debaixo dos lençóis e não sair até o ano letivo terminar. Todo mundo saberia. Todo mundo julgaria. Todo mundo estaria me observando.

Abri a porta do táxi e congelei a meio passo.

Berk estava sentado nos meus degraus da frente. Depois que ele me viu, ele se levantou. Ele sabia.

Por que mais ele estaria aqui esperando? Seu olhar estava treinado em mim como se ele estivesse me vendo com novos olhos.

Eu não poderia enfrentá-lo agora.

— Podemos conversar mais tarde? — Como o gato assustado que eu era, subi correndo as escadas, contornando-o e enfiei minha chave na fechadura da porta.

— Você escreveu as cartas?

— Berk, podemos conversar sobre isso mais tarde? — Meu coração tentou uma saída rápida da minha garganta. Eu abri a porta.

— Não, precisamos conversar sobre isso agora. — Ele colocou os dedos em volta do meu braço, me segurando no lugar. — LJ me mostrou um post dizendo que você era a The Letter Girl.

O que significava que ele provavelmente tinha visto tudo o que todo mundo tinha dito. — Sim, fui eu. — Girando lentamente como se estivesse caminhando em direção do meu carrasco, eu o enfrentei, apenas encontrando seu olhar por uma fração de segundo.

— Por que você não me contou? Por que você mentiu para mim? — Ele levantou a voz.

— Porque eu não podia me abrir para tudo isso. — As pessoas pararam junto a rua para assistir ao show.

Ele olhou para trás e deu um passo à frente, me protegendo e me encurralando na casa. A porta se fechou atrás de nós e eu fiquei presa dentro dele.

— Jules, olhe para mim.

Não pude. As lágrimas estavam de volta. Elas formigaram na parte de trás dos meus olhos e eu pisquei para tentar não me dissolver em uma poça. — Acho que devemos recuar um pouco.

— Porque eu descobri que você é a The Letter Girl?

— Você sabe que não é por isso. — Respirei fundo, respirando pelo nariz, mesmo que estivesse queimando.

— Me diga o que se passa.

Lambi meus lábios. — As coisas estão mudando muito rápido e acho que seria melhor relaxar por um tempo.

— Você está terminando comigo. — Raiva irradiava de sua voz.

— Mal estou em um lugar onde posso me olhar no espelho e não querer usar uma roupa de neve. Eu me odiei por tanto tempo, e eu odiei a minha aparência por tanto tempo, e finalmente estou chegando a um ponto em que estou bem em ser eu - na maioria das vezes. Mas o que aconteceu hoje...

Eu balancei minha cabeça e apertei meus olhos com força. — O que está acontecendo agora, com pessoas falando sobre as cartas e eu e você juntos como se eu fosse uma aberração de circo? Estou trabalhando duro para me amar. Eu sei que posso chegar lá. Mas não posso fazer isso sob os holofotes abrasadores ao seu lado. Não posso fazer isso quando sei que as pessoas estão constantemente olhando para você e de volta para mim, e se perguntando por que diabos você está comigo.

— Porque você é linda e sexy e gentil e assa biscoitos matadores. — Ele abaixou a cabeça para pegar meu olhar.

Apertando meus dedos, olhei para o chão entre nós. — Eu quero ser forte o suficiente para isso, Berk. Eu quero. Mas não sou e não posso forçá-lo a passar o resto do tempo que isso durar me tranquilizando a cada três segundos que todos por quem passamos não estão pensando a mesma coisa.

— Eu não me importo com o que as outras pessoas pensam.

— Eu sei que você não, mas eu não estou lá ainda.

— Se você está preocupada com outras pessoas por aqui, talvez volte para casa por alguns dias. Deite-se lá e saia com sua mãe e irmã. As coisas vão acabar.

Uma risada histérica borbulhou do meu estômago. — Da frigideira para o fogo. Quem você acha que colocou essas coisas na minha cabeça nos últimos vinte e dois anos? Você sabe como foi crescer para mim? — Ele olhou para mim como se não pudesse imaginar outra coisa senão uma foto.

A infância perfeita destruída pela morte de meu pai. — Mas sua mãe foi legal o suficiente.

— Com você. Ela era tão legal com você, mas cada palavra dela estava tentando me derrubar. Como se me ver feliz por um segundo a ofendesse.

— Tenho certeza que não é...

— Eu nem sei se minha própria mãe me ama. — Minha voz falhou e meu nariz começou a escorrer. Outro grito feio estava estourando na superfície e eu não precisava dele aqui para ver isso. — Que tal isso? Que tal isso, é honestidade o suficiente? Ela é a única pessoa que deveria me amar incondicionalmente e eu estou em dúvida se ela se quer se importaria se eu desaparecesse da face da terra. Ainda estou lidando com esses problemas e não posso acrescentar estar em seus braços - não agora.

— Não precisamos terminar as coisas porque alguém colocou coisas na internet. Eu nem sei como eles descobriram quando eu não consegui.

— Não importa. Você merecia saber a verdade e me desculpe por ter mentido.

— Isso não importa agora. — Ele me alcançou e eu recuei.

— Você sabe o que ela me disse na festa de noivado de Laura?

— Não. — A palavra era pequena e silenciosa, como se ele não quisesse me assustar.

— Ela disse: "É uma maravilha que ele veja alguma coisa em você". Ela ameaçou me tirar das fotos do casamento se eu não perdesse peso. Eu recebo isso dela desde que me lembro. Assistindo tudo o que eu coloco na minha boca como se estivéssemos racionando. Me criticar durante todas as viagens de compras porque não consigo me encaixar na mesma roupas que Laura.

— Eu não ligo para o que as outras pessoas estão dizendo. E eu não ligo por você ser a The Letter Girl. Eu estou bem com isso, mais do que bem com isso.

Lágrimas correram pelas minhas bochechas. — Mas eu não estou. Esta é uma corda bamba que eu estou andando e estou a três minutos de voar para a cozinha e comer metade das coisas que assei na semana passada, mas não vou. Eu posso ser forte agora, mas todos os dias, sabendo que é isso que está acontecendo? Eu não sou tão forte, Berk. Eu simplesmente não sou. Este é o meu ponto de ruptura.

Coloquei minha mão no centro do peito e o empurrei em direção à varanda.

— Não há como eu conseguir sair ilesa.

Ele cobriu minha mão em seu peito com a sua. — Quem disse que você precisa? Quem disse que algum de nós precisa?

Eu olhei para ele. — Eu disse. — Eu empurrei um pouco mais forte e ele passou pela a porta. Fechando-a atrás dele, tranquei e afundei no chão, enterrando meu rosto nos joelhos.

— Jules. — Berk bateu na porta. — Jules, não fuja de mim. Não me afaste. — O “novamente” ficou em suas palavras. Eu estava fazendo isso de novo.

Abafei minhas lágrimas e subi correndo as escadas, enterrando a cabeça debaixo do travesseiro.

Eu era uma covarde e tinha perdido a melhor coisa que já aconteceu comigo. Melhor do que fazê-lo perceber com o tempo o quão melhor ele poderia fazer com os olhares indiscretos e o julgamento.

33

BERK

Jules era The Girl Letter. Ela era a mulher pela qual me apaixonei através de suas palavras e pela qual lentamente descobri meus sentimentos do outro lado da rua.

O tempo todo que lutei com meus sentimentos por ela, era porque eu tinha medo de trair - bem, ela. Ela escondeu isso de mim. As cartas que eu tinha lido e relido centenas de vezes. A mulher com quem finalmente me despedi na minha última carta, ela era Jules o tempo todo.

Eu não tinha certeza de quanto tempo eu fiquei na varanda dela, batendo e chamando seu nome. Mais um tempo e alguém provavelmente chamaria a polícia por assédio. A dor em seus olhos me fez querer quebrar o lugar e descobrir quem exatamente a machucara - além de sua própria família.

Voltei pela rua em transe. Uma onda de emoções tão emaranhadas e confusas que eu mal conseguia segurar por mais de um segundo. Tristeza esmagadora, confusão, raiva por ela ter escondido isso de mim, alívio por finalmente encontrar TLG e depois devastação por perdê-la novamente.

E ela estava me afastando, agindo como se fôssemos tão incompatíveis quando não éramos. Ninguém pensaria isso - ela era incrível. Isso é o que eles veriam. Ninguém que conhecia Jules poderia odiá-la... mas ela disse que sua mãe e irmã eram terríveis para ela?

Nada disso fazia sentido. Ela parecia mais estressada com as opiniões de estranhos. O que foi aquilo?

— Você recebeu alguns doces de Jules depois que a flagrou? — LJ desceu os degraus.

— Ela terminou comigo. — Atordoado, eu estava na sala, tentando lembrar como respirar.

— Ela terminou com você. — LJ segurou meus ombros. — Por quê?

— Ela disse algo sobre não ser capaz de viver sob os meus holofotes.

— Eu não a culpo depois do que as pessoas estão cuspindo online. Eu tenho respondido o máximo que pude. Dê a ela algum tempo.

— Que coisas? Me mostre. — Depois que eles me contaram sobre Jules ser TLG, eu pulei da varanda e corri para a casa dela. Qualquer outra coisa não importava naquele momento, exceto encontrá-la e obter algumas respostas. Agora essa necessidade de respostas foi morta pela dor no meu peito. O que eu tinha perdido? O que alguém poderia dizer para fazê-la desmoronar assim e me afastar?

Marisa ligou o laptop e abriu vários sites e as seções de comentários. Uns que desejei que ela não tivesse lido. Dough Ho. Era assim que eles chamavam Jules. E toda uma merda de outras coisas estragadas. Seus comentários me fizeram querer bater em cada uma das portas e dar um soco na cara deles.

Sentei na cama de Marisa e enterrei a cabeça nas mãos. — Por que eles estão falando isso dela? Ela é linda pra caralho. Ela é tudo o que alguém poderia querer em uma namorada. Por que eles se importam?

— São fofocas suculentas. A carta dela não era exatamente rude, mais como pornográfica. Como eles conseguiram isso?

— Não faço ideia. — Passei os dedos pelos cabelos. — Por um tempo eu as carregava comigo em todos os lugares. Uma delas poderia ter caído da minha mochila.

— Mas como eles descobriram que era Jules? — LJ se encostou à mesa de Marisa.

— Não faço ideia. Talvez quando as aulas começaram, eles descobriram a letra dela ou algo assim? Temos uma equipe do CSI por aí fazendo amostras de caligrafia. Esses idiotas não têm nada melhor para fazer?

Subi os degraus para a minha mochila. O que eu sempre tive comigo, e abri. O pacote com o presente estava dobrado ao lado como sempre. Empurrando minha mão profundamente em direção ao fundo, eu bati na pilha de cartas que eu havia guardado lá. Puxei-os e arranquei o elástico.

Marisa e LJ estavam na porta.

A pilha grossa saltou na minha cama, caindo. Eu espalhei as cartas. — Faltam algumas. — Eu escrevi datas nos cantos superiores delas.

— Você as leva nessa mochila o tempo todo. — LJ pegou um dos envelopes. Peguei da mão dele.

Já era ruim o suficiente quando eu pensei que essas cartas eram de The Letter Girl, mas agora que sabia que eram de Jules, ninguém mais estava colocando as mãos nelas.

— Eu sei que sim. — Passei os dedos pelos cabelos, puxando as raízes. — Eu deveria tê-las deixado aqui. Eu não deveria ter levado comigo. Alguém deve ter pego na minha mochila e levado.

— Quem faria isso, Berk? Por que eles pegariam algumas cartas e não qualquer outra coisa na sua mochila? — Ela se sentou na beira da minha cama.

— Eu não sei. Talvez alguém querendo ser um idiota ou me envergonhar ou algo assim. Chegar até mim através de Jules. — Apertei os punhos ao meu lado. Quem fez isso merecia levar um chute no traseiro. Meu coração doeu por Jules. Eu queria atravessar a rua, derrubar a porta e ser a concha grande até que ela se sentisse melhor.

Suas lágrimas eram como lâminas no meu coração. Tudo que eu queria fazer era protegê-la de tudo isso. O que Emmett havia me dito fazia muito mais sentido agora. Eles não podiam me atacar, então foram para o alvo suave, tentando derrubar Jules.

E as coisas sobre a mãe dela. Isso machucou, sabendo que eu estava lá e ela estava com dor - que sua própria mãe a fez sentir como se ela fosse qualquer coisa menos que a linda Jules que ela era. Eu pensei que minha mãe sair era ruim, mas agora eu não sabia o que era pior: ser abandonado ou ter que olhar para a pessoa todos os dias e nunca sentir que ela te amava, ou esperar por outro golpe emocional dela.

— Isso é tudo minha culpa. — Eu bati minha cabeça contra a parede. — Se eu não estivesse carregando essas coisas comigo em todos os lugares, elas nunca as perderiam.

Marisa e LJ trocaram olhares. — Por que uma pessoa aleatória faria isso? E por que eles querem arrastar Jules para isso? Envergonhá-la? Por quê?

— Porque as pessoas são idiotas.

— Quem teve acesso à sua mochila?

— Todos. Como você disse, eu a levo para quase todos os lugares.

— Vamos lá, cara. Alguma pessoa aleatória não vai vasculhar sua mochila para pegar uma carta que eles nem sabiam que estava lá.

Essa linha de questionamento não estava indo a lugar algum que eu queria. — Então quem fez isso? — Eu empurrei a parede, indo de igual para igual com LJ.

— Cara, relaxe. — Ele empurrou as mãos contra o meu peito.

— Tudo bem, eu vou dizer. Você pode vir e me atacar. Provavelmente foi Alexis. — Marisa se colocou entre mim e LJ.

Minha cabeça caiu e eu a encarei. — Por que diabos ela faria isso? Você está louca.

LJ sempre foi direto para Alexis sempre que algo dava errado. Se eu estava atrasado para algum lugar ou algo estava faltando, sua conclusão brusca foi sempre Alexis, mas não era esse o caso - bem, talvez cinquenta por cento das vezes.

— Você não viu o jeito que ela estava olhando para Jules nas duas vezes em que elas se encontraram?

— Ela tem dificuldade em conhecer novas pessoas e confiar nelas.

— Ela também parecia que, se tivesse uma boneca de vodu de Jules, Jules definitivamente estaria com problemas.

— Alexis nunca faria algo assim comigo. Ela nunca me machucou assim. Olhe para você e LJ. Você pulou aqui em uma fração de segundo tentando me bater no peito. Você o machucaria assim? Vocês são melhores amigos. Eu e Alexis somos uma família.

— Então, como eles descobriram que a carta era de Jules? — Algo que Jules havia mencionado sobre as receitas...

— Eles colocaram a letra dela em cada um dos programas da web. E se uma carta caiu da minha mochila, talvez alguém a corresponda dessa maneira. Não precisa ser culpa de Alexis toda vez que algo dá errado. Ela é minha irmã e não faria isso comigo. Além disso, ela nunca viu a escrita de Jules. Ela não me machucaria assim. — Eu tinha que acreditar que ela não faria. Porque fazer isso com Jules, expor seus pensamentos particulares para mim, sabendo quem era? Isso estava além de tudo o que Alexis já havia feito antes. Isso fazia fronteira com o imperdoável. Eu não tinha muitas pessoas no mundo que eu poderia chamar de família, e perder uma delas me mataria.

LJ e Marisa se entreolharam novamente como se estivessem falando algum tipo de fala gêmea telepática e balançaram a cabeça. — Espero que você esteja certo, cara. — LJ apertou meu ombro e os dois saíram do quarto, olhando para mim como um cara que tinha acabado de perder uma perna dizendo que podia andar.

Não importa como essas cartas foram divulgadas, elas estavam no mundo e eu lidaria com as consequências. TLG era Jules. Todos esses sentimentos conflitantes que eu tinha sobre gostar de Jules quando TLG e eu ainda estávamos escrevendo, mantendo-a à distância não apenas por causa de Nix, mas porque não queria trair TLG - eu deveria

estar chateado. Eu deveria ter gritado com ela por mentir para mim, mas agora que voltei a pensar em tudo, não consegui tirar o sorriso do rosto.

Eu encontrei TLG. Ela não tinha acabado de me largar e se afastar. Ela estava do outro lado da rua assando para mim todos os dias, sorrindo para mim por trás daqueles óculos seu lugar favorito com a cabeça no meu peito. Ela estava na minha cama. Ela tinha sido muito tímida para me dizer que era ela. Ela era uma pessoa real - e acabou de terminar comigo.

Mas eu não ia cair fácil.

A porcaria que Jules estava dizendo a si mesma sobre tudo isso, as inseguranças que ela era boa em esconder e superar lentamente - isso era algo difícil de enfrentar. Eu tinha vinte e dois anos disso, mas não era tão fácil assim. Eu não deixaria que ela me afastasse porque estava assustada.

Eu também estava com medo, mas estava com medo de que ela me calasse e se afastasse do que tínhamos. Um plano se formou na minha cabeça e eu comecei a trabalhar, indo para a minha mesa e abrindo a gaveta de baixo. Era exatamente disso que eu precisava. A coisa perfeita para mostrar que ela sempre esteve em minha mente e que uma pequena sensação viral não foi suficiente para me assustar. Ela era muito mais forte do que pensava, mas agora tudo se resumia a se ela pensava ou não que eu valia o risco.

34

JULES

— Lembra o que você me disse quando eu estava deitada na cama depois do meu término com Nix?

Eu rolei minha cabeça para o lado e olhei para Elle. Meu moletom, o que eu costumava usar todos os dias, que eu tive que procurar por pilhas de roupas para encontrar, agora me cobria como um cobertor. Fazia semanas desde que eu o usava, mas eu precisava da segurança de seu casulo cinza e macio. — Você tem toda a razão de se afundar e eu trarei mais biscoitos para você.

O canto da boca dela se levantou. — Não exatamente.

— Uma conversa animada não é o que eu preciso agora.

— Mas é o que você vai conseguir.

Deitei na minha cama, olhando para o teto. Eu não posso. Eu realmente não posso. Agora não. Eu respirei através da queimadura nas minhas narinas como se estivesse a segundos de quebrar novamente.

— Que tal eu mentir com você, então?

Eu balancei a cabeça e a cama afundou quando ela levantou as pernas e se sentou ao meu lado.

— Você não tem nada para se envergonhar. — Ela inclinou a cabeça em direção a mim.

— Quando as pessoas olham para você e Nix, elas entendem. Vocês fazem sentido. Apesar de saber que você estava há alguns segundos de remover as bolas dele com uma colher de sorvete e toda essa coisa de prendê-lo, eu nunca nem sequer olhei para os dois namorando.

Tomei uma respiração trêmula.

— Mas comigo e Berk. Não fazemos sentido para as pessoas. Eles não conseguem descobrir. Como por que diabos *ele* está com *ela?* É por pena? É um desafio ou uma aposta? Um fetiche? E é apenas uma questão de tempo até que ele comece a se perguntar a mesma coisa.

— Você o conhece e sabe que esse não é o tipo de cara que ele é.

— Mas posso arriscar? Ele me destruiria. Nem mesmo de propósito — isso já é ruim o suficiente, mas quando estiver mais apaixonada do que já estou? Como eu poderia voltar disso? Como você se recupera de ter um pedaço de sua alma desfiado? Foi tão rápido e já

sinto que estava no meio do caminho. — As lágrimas inundaram meus olhos.

Eu nem sabia quanto tempo Elle ficou comigo antes de partir para um evento que eles estavam lutando para voltar aos trilhos depois da neve. Ela tomou a liberdade de esconder todos os meus aparelhos eletrônicos para impedir que eu me ligasse a um chicote de rolagem nas mídias sociais. E as mensagens de minha mãe foram particularmente úteis.

Julia, você tem alguma ideia de como isso é embaraçoso para a nossa família?

Julia, vamos ter que repensar sua participação no casamento de sua irmã. Não queremos causar um escândalo.

Você pensaria que éramos Kennedys ou membros da família real com a importância de manter as aparências para minha mãe. Mas, pela primeira vez, suas palavras não foram as coisas mais odiosas que já tinha dito sobre mim. As pessoas atrás de seus teclados certamente tiveram um dia de campo com a minha saída.

Suas palavras flutuaram no meu cérebro, procurando um lugar agradável e macio para se esconder e infestar meus pensamentos. Colegas do ensino médio haviam apoiado a grande revelação com anotações que eu rabiscara em seus anuários e todo mundo era especialista em caligrafia agora.

A multidão da Internet havia arruinado tudo. Eu não chegaria aos braços de Berk à noite. Observaria o rosto dele quando ele entrasse na casa para a festa que Alexis e eu tínhamos planejado.

Ela me deu seu número de telefone, descongelando o gelo entre nós em água gelada. Meus planos para o aniversário de Berk estavam em jogo. Sempre que eu lhe enviava uma mensagem, ela respondia imediatamente com um “Ligue para mim!” Talvez minha carta a fizesse perceber que eu apenas não era uma usuária. Eu só podia imaginar as mulheres caindo sobre Berk o tempo todo. Quando conversamos pela última vez, ela sugeriu que eu recriasse uma espécie de aniversário de criança. Como os que você teria na sala de aula que todo mundo amava tanto, porque significava cupcakes em vez de qualquer planilha matemática que o professor planejasse.

Agora eu teria que avisar Alexis que a festa estava cancelada. Eu me enrolei ainda mais. Talvez ela ainda pudesse jogar sem mim. Parecia que alguém havia quebrado meu coração com um martelo para ele - o fim da garra. Uma festa de aniversário ajudaria a tirar a mente de

Berk de como eu bati a porta na cara dele quando ele me pediu para não fazê-lo.

Uma figura apareceu na minha porta e eu gritei.

— Jesus Cristo! — Nick pulou e ligou a luz, segurando seu peito. O peito nu. Com uma toalha enrolada na cintura. — Você já se vestiu?!

Ele apertou mais a toalha. — Claro, para aulas e outras coisas. E parece que você está tendo um momento, então eu não tinha certeza de como incomodá-la.

— Me incomodar para quê?

— Aquele sabonete de romã que você comprou acabou. Você talvez tenha mais?

Minha risada foi pura descrença. Eu levantei da cama e fui para o meu armário, pegando minha garrafa de reposição e empurrando para ele.

— Você é a melhor, Jules.

— Me disseram.

Meu estômago roncou.

— Pode querer cuidar disso. Além disso, você está trancada em seu quarto há dias. Está fedendo aqui já. — Ele abanou o rosto. — Talvez deva arejar um pouco. — Ele caminhou mais para o meu quarto em direção às janelas.

— Toque nelas e morra. — Eu olhei para o Sr. Toalha.

Ele levantou as mãos em sinal de rendição, recuando para o corredor. — Desculpe, apenas tentando ser útil.

Eu me arrastei escada abaixo. Tinha que haver um pouco de peru e queijo fatiado lá. Talvez alguns salgadinhos. Não que eu precisasse de chips. Eu olhei para o meu corpo. O corpo que eu trabalhei tanto para amar e aceitar, mas às vezes - às vezes era tão difícil.

A campainha tocou após a primeira mordida do meu sanduíche. Intervenção divina?

Ao abri-lo, não havia ninguém além da escuridão da noite. Quando diabos o sol se pôs? Recuei para fechá-lo e vi o maço de anotações, com o mesmo papel que Berk sempre usava, com uma margarida em cima.

Olhei para a varanda, mas a rua estava silenciosa. Levando para dentro, fechei a porta e abri o embrulho. As anotações tinham datas escritas no topo. Voltei para a cozinha para abri-las.

TLG onde você está? Já faz mais de uma semana desde a sua última carta. Eu não pensei que você estivesse falando sério sobre terminar isso. É isso aí? Se você não quer me encontrar, não precisamos, mas não pode terminar o que temos assim.

Bati meus lábios juntos, tentando segurar a emoção. *Por favor, não termine as coisas dessa maneira. Eu não posso te dizer o quanto suas palavras significam para mim. Você não pode ir embora assim, não significou nada?* As palavras nadaram na página enquanto lágrimas brotavam nos meus olhos.

Apenas me diga que você está bem. Fiz algo de errado? Me desculpe se eu fui muito insistente.

Apertei a carta no meu peito, respirando através da dor no meu coração. Sua tristeza irradiava dessas cartas. Ele nunca me deixou saber, eu mesma. Quando ele se aproximou e falou sobre encontrar TLG, a profundidade de sua dor sobre as cartas que pararam nunca veio, mas eu o machuquei. Eu derrubei meu queixo no meu peito e minhas lágrimas caíram sobre as palavras ordenadamente impressas.

Por favor.

Um soluço silencioso sacudiu meus ombros. *Berk, me desculpe.* Apertei meus lábios e virei para a próxima.

Eu nem tenho certeza por que estou escrevendo essas cartas mais. Acho que às vezes você era a única pessoa com quem eu realmente podia falar. Mas pensei que deveria lhe contar, conheci alguém. Eu acho que você gostaria dela. Não sei por que, mas acho que sim. Eu espero que você esteja bem.

Minha garganta se apertou e eu virei para a próxima. Este foi datado há mais de uma semana, antes do Dough Ho explodir.

Esta será minha última carta. Lembra daquela garota de quem eu falei antes? Eu sou louco por ela. Ela é gentil e bonita e me faz querer contar coisas que a assustariam em um piscar de olhos. Coisas que eu te disse que fizeram você parar de querer falar comigo. Não sei como, mas vou mostrar a ela o quanto ela significa para mim sem mandá-la correndo para as colinas.

E espero que onde quer que esteja, você seja feliz.

Limpei minhas lágrimas e apertei as notas no meu peito. Mais uma vez, eu o empurrei. Uma vez como TLG e agora como eu. Eu o machuquei duas vezes tentando me proteger.

Outra batida na porta me parou.

Corri para a porta da frente e a abri, olhando para o chão e, em vez de outra carta, havia um par de pernas presas a Berk.

— Berk.

Ele olhou para mim com olhos vermelhos e eu me odiei um pouco mais. E foi por isso que eu estava nessa bagunça em primeiro lugar. Eu odiava não poder ser a filha perfeita que minha mãe queria. Eu odiava não poder manter a família unida como meu pai gostaria. E eu me odiava tanto que tinha empurrado Berk para fora da porta quando tudo o que ele sempre fez foi ser incrível para mim. Ele me fez sentir como se eu importasse desde o nosso primeiro aperto de mão com um sorriso largo que fez meu coração galopar no peito.

A incerteza em seus olhos e a maneira como ele mudou de pé para pé fizeram as lágrimas que eu acabei de limpar correrem de volta.

— Ei, Frenchie. Posso entrar? — Ele enfiou as mãos nos bolsos. Eu balancei a cabeça, engolindo o aperto em torno da minha garganta enquanto pisava de volta para deixá-lo entrar.

— Eu... — nós dois começamos ao mesmo tempo.

Um bufo estranho saiu dos meus lábios. Como eu começo a pedir desculpas?

— Jules, eu sou louco por você. — O pomo de Adão dele balançou. — Eu precisava que você soubesse disso. E... eu sei que prometi que não ia dizer nada para enviar você gritando para as colinas, mas quero ser completamente honesto com você. Eu te amo.

Eu engasguei e suas cartas caíram da ponta dos meus dedos, dançando seu caminho para o chão através do ar espesso misturado com esperança e possibilidades entre nós.

— E eu precisava dizer isso. Se você vai se afastar de mim, não quero que haja mais segredos entre nós. Estou apaixonado por você. Inferno, eu até senti como se estivesse traindo The Letter Girl com o quanto eu gostava de você desde o começo. E eu vejo você, Jules. Eu sei que há tanta merda por aí sobre mulheres e seus corpos e eu não quero que você pense que não a vejo. Eu amo suas curvas. Eu amo suas coxas e quão fortes elas são quando você as envolve na minha cintura.

Ele passou um braço em volta de mim, me puxando para perto. — Eu amo seus braços. Eu amo como você pode usá-los para girar em torno daquele poste no seu quarto. — Soltando o braço, ele passou os dedos pelos meus. O olhar dele se levantou. — E como você os envolve ao redor do meu pescoço. — Ele puxou meus braços em volta do pescoço, meus dedos roçando em seus cabelos grossos.

— Mas você não é alguém que está no centro das atenções. Eu nem sei que tipo de besteira mesquinha e coisas terríveis que você ouviu por quem sabe quanto tempo. E eu não quero ver você se machucar. — Suas palavras eram sussurros nos meus lábios.

— Se você precisar que eu vá e não quiser ficar comigo, eu respeitarei isso. Eu não posso forçar você a aguentar tudo o que vem comigo ou te forçar a me amar de volta. — Sua voz falhou e lágrimas brilhavam em seus olhos. — Mas eu espero que você possa. — Essas últimas palavras foram sussurradas em meus lábios.

Minhas lágrimas não podiam ser contidas. As palavras pararam na minha garganta e eu tentei não chorar feio em cima dele. Eu nunca tive alguém tão cru me pedindo para amá-lo. Não era sempre eu? Eu não era sempre quem estava procurando aprovação? Procurando pelo amor?

— Sim, Berk. — Corri meus dedos ao longo da parte de trás do pescoço dele. — Eu te amo tanto e me assustou que um dia, depois que as pessoas continuassem dizendo as coisas que estavam dizendo online sobre mim, que talvez um dia... — Eu bati meus lábios juntos. Eles tremeram e eu respirei fundo. — Que talvez um dia você comece a acreditar neles.

Ele me esmagou contra seu peito, seu coração batendo com o meu. Enterrando meu rosto em seu pescoço, abracei sua cabeça para mim. — Eu não dou a mínima para o que alguém diz. Aprendi essa lição há muito tempo. Eles podem dizer o que quiserem, mas sou eu e você, ok?

Tomando meu rosto em suas mãos, ele secou minhas lágrimas com os polegares. — Somos nós. Diga quando estiver chateada, mas não fuja. Porque agora que sei que você me ama, nunca vou parar a perseguição. Você pode me prometer isso?

Eu assenti, olhando nos olhos que tinham visto profundamente em minha alma. Aqueles com manchas douradas que sempre me olhavam com uma ternura que eu nunca esperava.

Ele fechou os olhos com força e descansou a testa na minha. — Obrigado, Frenchie.

Seus lábios estavam nos meus em um flash. E as mãos dele estavam sob a minha camisa e as minhas estavam sob a dele. Me apoiando na cozinha, ele puxou minha calça e apertou minha bunda, apertando-a e me carregando para a mesa.

Batendo meus cadernos e assadeiras no chão, ele estava em mim e eu arranquei sua camisa sobre sua cabeça.

Estávamos com fome e frenéticos. Tirando a roupa, ele mal teve tempo de enrolar uma camisinha antes de afundar em mim. Colocando uma mão entre nós, ele dedilhou meu clitóris como um instrumento que praticou por anos. Sua cabeça grossa me abriu e me esticou até eu gritar seu nome.

O orgasmo caiu sobre mim em apenas alguns minutos. Ofegantes e suados, nos entreolhamos e rimos antes de sair da mesa. Eu nunca mais entraria aqui sem corar.

Desossada e satisfeita com a intensidade do dia inteiro, ele me levou para o andar de cima.

Ele retirou os cobertores e subimos na cama. Fechei os olhos, cochilando ao lado de Berk.

Ele passou os dedos pelos meus cabelos.

E relaxei contra ele, me aconcheguei mais perto com o braço envolto em sua cintura. Ele apagou minha luz de cabeceira e fomos banhados na escuridão.

Pressionando um beijo na minha têmpora, ele sussurrou contra a minha pele: — Apenas me avise antes de encontrar alguém melhor, ok? — Seus braços se apertaram contra mim e eu apertei meus olhos fechados ainda mais contra a mágoa que eu tinha causado a ele.

Eu tinha feito isso com ele e o fazia sentir que poderia cortá-lo a qualquer momento, mas não faria isso de novo. Eu nunca o faria sentir que ele não era bom ou não merecia meu amor. Essa palavra atingiu um lugar no meu coração e eu sabia que era verdade. Eu o amava. Essa era a única razão pela qual eu corri gritando pelas colinas como fiz. Eu o amava e tinha certeza de que ele sabia disso.

35

BERK

O passe Hail Mary havia pousado com segurança na end zone. As respirações suaves de Jules agora passavam pelo meu braço, o peso dela aninhado contra o meu lado. Tudo estava certo com o mundo novamente. Mas não exatamente. Minha mãe ainda estava lá fora em algum lugar. Tantas coisas estavam na balança, mas a maré crescente daquele tumulto não era tão alta e pesada com Jules ao meu lado. E minha temporada de futebol balançou à beira do desastre.

E havia a corrente de medo de alguém expor o que eu fiz. Que, no pior momento possível, minha necessidade de resolução e fechamento - de respostas, iria chutar meus malditos dentes.

Alguém ligou a caligrafia de Jules às cartas que foram tiradas da minha bolsa. Por que alguém estava passando por minhas coisas? Por que eles expuseram as cartas de Jules para mim assim? Me machucar? Machucar Jules? O enigma de quem achou as cartas de Jules para mim e as publicou pairava sobre minha cabeça e as migalhas do que isso significava para o meu futuro eram uma pontada inabalável de medo. O que mais estavam procurando e por quê? Queriam dinheiro? Eu não tinha nenhum. Ou estavam esperando para usar como algo mais tarde, uma vez que eu tivesse dinheiro? Uma ameaça que não pude enfrentar me deixou desconfortável. A pequena sugestão super-detetive de LJ e Marisa colocou um novo pensamento terrível na minha cabeça, tão errado que eu nem quis entretê-lo. Alexis era da família. Ela amaria Jules tanto quanto eu.

Ainda havia muita coisa errada, mas essa era a coisa mais certa que eu sentia há muito tempo. Um contentamento e uma felicidade que deixavam tudo mais pálido em comparação.

— Bom dia. — Jules se esticou como um gato, pressionando os seios contra mim.

A ereção da manhã não era nada sobre o que eu tinha agora. Ela pode não ver, mas Jules era a mulher mais sexy que eu já conheci. Ela tornou tão fácil cair na terra dos sonhos do café da manhã na mesa da cozinha rindo e sorrindo, e tarde da noite fazendo-a gritar meu nome. Não foi apenas o sexo incrível - eu via uma *casa* com ela em nosso futuro. A imagem completa. Não havia ninguém mais perfeito para mim do que ela. E gastaria o tempo que precisasse para fazê-la acreditar que

era verdade. Mas ainda havia um pouco de negócios inacabados pendurados.

— Havia muita coisa acontecendo ontem à noite.

Ela baixou o olhar e assentiu, tomando sua posição contra o meu peito. — E nós não conversamos sobre tudo. — Eu beijei sua têmpora.

Erguendo a cabeça, ela olhou para mim. — O que mais precisamos falar? Eu sou um livro aberto.

Eu empurrei o cabelo dela para trás da orelha. — Quero saber quando vou experimentar tudo o que a The Letter Girl me prometeu. — Jules fazendo metade das coisas que a TLG descreveu, me mudou de território, de "porra eu preciso disso" para "eu vou matar alguém se não puder toca-la agora".

Os olhos dela se arregalaram e a respiração ficou presa. — Tudo.

— Tudo. — Eu bati no nariz dela. — Você tem me segurado por muito tempo, Frenchie.

Os lados do pescoço e até as bochechas estavam vermelhos. — Eu não diria isso. — Ela brincou com a borda do cobertor nos cobrindo.

— Por que não? Puta merda essas cartas eram níveis muito altos de calor. Estou falando num nível de desaparecer no meu quarto por uma hora e só poder me refrescar com um banho frio.

— Sério? — Sua voz se elevou e o rubor de suas bochechas se aprofundou.

Peguei seu queixo entre os dedos e inclinei a cabeça para cima. — Quantas vezes tenho que lhe dizer, Jules. Estou dentro de você. Seja em forma de carta, cookie, pole dance, sentada com seu moletom no sofá assistindo televisão ou de qualquer outra maneira que você queira me mostrar do que se trata, estou aqui para isso. Estou aqui por você.

***

Com tudo o que havia acontecido, teria sido fácil ficar em casa, mas Jules queria sair.

Eu queria proteger Jules dentro da segurança de nossas paredes, mas ela tomou a decisão e eu não desistiria de mostrar a todos o quão louco eu era por Jules, sem deixar dúvidas na mente de quem estava tentando estragar tudo com ela ou com a minha temporada coisa em que falhariam - muito.

— Nós não precisamos. — Apertei a mão dela.

Jules estava ao meu lado com o chapéu roxo e rosa puxado para baixo na cabeça e a jaqueta fechada, então apenas os óculos e as mechas do cabelo empurradas pelo chapéu foram expostas.

— Não. — Ela endireitou os ombros. — Eu tenho que fazer isso.

Minha mulher corajosa e bonita. Caminhamos para o campus, com a mão enluvada na minha, e eu desafiei alguém a dizer uma palavra. A proferirem uma sílaba do que as pessoas estavam dizendo online.

Uma vez em Uncommon Grounds, ela tirou o chapéu e deslizou para dentro da cabine em frente a mim. A cada poucos segundos, com cada movimento ou momento em que a porta se abriu, ela lançou um rápido olhar por cima do ombro.

Pedi nossas bebidas e voltei para ela, deslizando no assento ao lado dela. Soltando minha mão em sua coxa, apertei-a e sussurrei em seu pescoço: — Ninguém vai dizer uma palavra para você.

— Provavelmente porque você está olhando furiosamente para quem estiver olhando em nossa direção.

— Eu faço isso de qualquer maneira. Eu não gostaria que alguém tivesse ideias sobre como tentar roubar você de mim.

Ela bufou. — Eu não acho que isso será um problema.

— Um dia desses você se verá como eu te vejo.

Ela se virou para mim e segurou meu olhar. Sua incerteza e vulnerabilidade ferviam sob o escudo de seu olhar. O que ela deixou para mim. Ela engoliu em seco e cobriu sua mão com a minha. — Espero que um dia eu possa.

Saímos de Uncommon Grounds e ninguém disse uma palavra. Com cada novo cliente na loja, Jules relaxava um pouco. Todo mundo era realmente corajoso atrás de um teclado, mas nunca teriam coragem de vomitar metade da merda que disseram online na cara dela.

Ela me baniu de volta para o Brothel do degrau mais baixo de sua varanda com um beijo para me levar até que nossas sessões de estudo auto-impostas terminassem. O treinador também esperava que começássemos nosso treino, mesmo que houvesse um metro de neve no chão.

Eu consegui atravessar a rua quando uma visão que eu não desejaria para o meu pior inimigo balançou no meu lado da rua.

Johanssen se encostou ao carro com as mãos enfiadas nos bolsos como se estivesse gostando do ar gelado. A neve suja e úmida

empilhada ao redor de seus pés combinava com sua personalidade como uma camiseta.

— O que diabos você está fazendo aqui? Veio para outra serenata?

Como se ele não pudesse se conter, seu olhar foi para a casa a alguns metros do Brothel, onde ele ficou no quintal perto da caixa de correio e cantou junto com um violão.

Mas ela se mudou. Ajudamos Brick a mudar Annalise para o final do último ano letivo. Ela havia se transferido para outra escola do outro lado do país.

— Não, eu estou aqui por você. — Seu sorriso oscilou amigável, o que tornou ainda pior.

— Desculpe se você esperava um convite para entrar. Temos um jogo na sexta-feira, que será mais do que suficiente para vê-lo nesta temporada.

Eu pisei no primeiro degrau da varanda.

— Exceto, talvez você não esteja jogando, já que não é elegível e tudo. — Seu forte sotaque do Nordeste, bem acima da área dos três estados, era como unhas em um quadro-negro.

— Do que diabos você está falando? — Eu me virei e olhei para ele.

Ele deu de ombros, seu sorriso se alargando. — Como estão as coisas com Felix? Ouvi dizer que ele é um agente muito generoso.

Espinhos gelados que não tinham nada a ver com a neve no chão correram pela minha espinha.

— Tenho certeza de que foi um arranjo muito lucrativo que você veio.

— Você está falando demais. — Nunca deixe eles te verem suar e nunca admita nada - a menos que você esteja cobrindo algo ainda maior. Eu aprendi bem essas lições enquanto crescia.

— É sempre bom ter dinheiro para coisas como levar sua garota para sair. — Ele acenou com a cabeça na direção da casa de Jules.

Eu bufei. — Você viu meu carro? Você acha que se eu tivesse uma pilha de dinheiro de algum agente, não teria um carro muito melhor?

— Nah, você não é tão estúpido. Mas há outras coisas em que o dinheiro pode ser gasto. E Felix parecia muito empolgado por ter conversado com você em Kelland neste verão.

— Eu vou a muitos lugares e conheço muitas pessoas. Não sei do que diabos você está falando. Você está me espionando ou algo assim?

— Não se iluda. Ao contrário de você, trabalho para o que tenho e não pretendo cortar custos nem quebrar regras para conseguir o que quero. Meu trabalho de verão me deu muitas ideias sobre o que faz essas pessoas ricas falarem; algumas taças de champanhe e não conseguem manter a boca fechada. Então, ele estava falando muito sobre como ele trabalha com seu cliente. E agora você é um cliente.

Johanssen foi o garçom que me bateu de lado e desapareceu na festa de noivado. — Por que eu arriscaria todo o meu futuro? Por que eu iria quebrar as regras quando estou tão perto do que eu quero?

Ele encolheu os ombros. — Porque você é ganancioso, como todo mundo.

— Como você. E você? Acha que sabe isso de mim por causa de um cara rico conversando em uma festa, mas eu sei algo sobre você. E a família estar fora dos limites? Especialmente a família de jogadores adversários? Você age como se essa rua inteira não o tivesse visto perseguindo a casa de Willa Goodwin e tocando seu violão.

— Isso não tem nada a ver com isso. — Suas narinas alargaram e ele empurrou o carro.

— Talvez esta seja sua consciência culpada falando quando se trata de quebrar regras, mas fique longe de mim e pare de falar sobre coisas que não sabe. — Eu me afastei, ainda o mantendo na minha vista. A última coisa que eu precisava era um maldito soco.

— Jogamos um jogo na próxima semana.

— E?

Ele cruzou os braços. — E minha equipe precisa dessa vitória.

— Por que eu deveria dar uma merda?

— As dicas anônimas podem vir de todas as formas. Tenho certeza de que você deve permitir que os oficiais vejam coisas como seus registros bancários, se eles pedirem. Recusar é uma admissão de culpa. Sua regra de "família está fora dos limites" não chega nem perto do livro que eles têm para o futebol da faculdade. Pense nisso, Vaughn. — Ele abriu a porta do carro e acelerou o motor antes de levantar sal e neve enquanto subia a rua.

E aí estava. Fiquei olhando para a ameaça sombria que pairava sobre mim desde que peguei o dinheiro. Só que não estava mais nas sombras. Eu me iludi pensando que isso era uma ameaça distante e possivelmente sem mérito real, mas aqui estava eu, e isso tinha o poder de destruir tudo o que eu tinha trabalhado em um piscar de olhos. A vida que eu estava tentando construir e o futuro que eu sonhava

implodiria. Ele tinha o poder de me destruir, e eu lhe dei tudo o que precisava para fazer o trabalho sujo.

36

JULES

Berk teve seu braço sobre meu ombro, correndo o polegar para cima e para baixo do braço.

Meus pés estavam dobrados debaixo de mim e eu enterrei meu rosto no lado dele.

— Como você está assustada com isso? — Ele estendeu a mão em direção à TV com a criatura alienígena do mal apontando o dedo brilhante na direção das crianças que o escondiam.

— Ele é um testículo andando e falando. Está quase terminando? — Eu segurei sua camisa, usando-a para cobrir meus olhos.

— É um ET! É um clássico da infância.

— Seu pescoço elástico e dedos esquisitos me deixam estranha. Eu costumava ter pesadelos com ele.

— Sobre ele o que? Invadir seu jardim e fazer as flores crescerem?

— Não, eu tinha beliches quando crescia, pensando que teria pijamas e outras coisas, e sempre pensei em acordar com seus grandes olhos esbugalhados olhando para mim enquanto dormia.

Ele nem tentou abafar sua risada. — Por que não dormir no beliche de baixo, então?

— Para que ele pudesse me tocar com os dedos brilhantes de pênis?

Ele se inclinou, quase me derrubando do sofá, ofegante por sua risada. — Dedos de pênis? Eu nem quero saber que tipos de caras você estava namorando antes de mim, se você acha que esses dedos parecem pênis. — Ele enxugou as lágrimas dos olhos e se levantou do chão.

Peguei um travesseiro e bati nele. — Cale-se. Quanto tempo temos até que você tenha que estar no ônibus da equipe? — Eu me estiquei e ri de como o seu olhar focalizou o espaço onde minha camisa subia. Normalmente, eu a empurrava, vermelha como um beterraba com vergonha, mas prolongei o alongamento um pouco mais. Talvez nos esgueirássemos um pouco de diversão antes que ele tivesse que sair.

— Cerca de uma hora e meia. — Ele mordeu o lábio inferior.

Um zumbido insistente quebrou o pequeno cabo de guerra de contato visual que tínhamos ocorrido. Ele pegou o telefone e bateu na tela.

— Merda, é Alexis, eu tenho que ir. — Examinando a sala, ele viu as chaves.

— E o jogo?

Ele xingou baixinho e passou os dedos pelos cabelos. — Ela está presa.

— Eu posso ir. — Saltando do sofá, procurei meu casaco. Isso me daria a chance de conversar com ela sobre os últimos retoques da festa de aniversário dele. — Eu vou buscá-la. Você não tem tempo para chegar lá e voltar. — Agarrei seu braço quando ele já estava na metade da porta.

— Eu posso fazer isso.

— Berk, você nem sabe do que ela precisa.

— Ela precisa de *mim*. — ele retrucou. — Eu não vou ignorá-la. — Eu pulei com a nitidez em seu tom.

— Eu nunca disse que não queria que você a ajudasse. — Meus dedos morderam seu bíceps. — Deixe-me ir com você. Então, se ela precisar de algo, eu posso ficar, ou quando você souber que ela está bem, você pode sair e eu posso trazê-la de volta para cá ou para a casa dela.

Ele parou e se voltou para mim. — Desculpe.

Um lampejo de esperança.

— Ela me pediu para vir sozinho. E preciso tirá-la de qualquer confusão em que ela se meteu novamente. — Ele passou a mão na parte de trás do meu pescoço, correndo suas mãos com calos contra a minha nuca. — Obrigado por oferecer e estar tão preocupada, mas eu entendo. E é melhor se eu for sozinho. Eu dou conta disso. — Ele se inclinou e pressionou seus lábios nos meus em um beijo leve. Seu pequeno sorriso de segurança fez qualquer coisa, menos me acalmar.

***

O vestido de manga comprida e incrustado de contas era exatamente o tipo de coisa que eu esperava que Laura escolhesse para suas damas de honra. Tinha uma gola alta que destacava minhas clavículas. A saia esvoaçante perdoava o quadril e as coxas - e eu não pude deixar de pensar que Berk odiaria. Eu podia vê-lo agora, agitando a saia, procurando uma fenda ou ameaçando torná-lo um vestido sem costas.

Corri meus dedos ao longo do suave plissado e recolhimento, deixando o tecido liso deslizar pela minha pele. Eu estava bastante

exposta, para mim, mas me senti bem. E eu não queria pegar o casaco e o jeans mais próximo. Quando eu comecei sentir que jaqueta não era o tipo de roupa apropriada para mim? Talvez quando um certo jogador de futebol deixou claro que ele apreciava cada pedaço de pele que ele conseguia tocar.

— Julia. — O estalido duro da minha mãe chamando meu nome foi ainda mais mordedor do que o habitual.

Eu balancei minha cabeça. — Desculpe, o que você estava dizendo? — Ela olhou para mim através do meu reflexo no espelho.

— Vamos ter que deixar esse vestido aberto antes do casamento ou você vai se segurar até lá?

As farpas não afundaram tão profundamente quanto antes. — Eu tenho exatamente o mesmo peso nos últimos dois anos, mãe.

— Parte do problema. Mas se você esta em tentação nessa padaria todos os dias...

— Mãe, por favor, você não pode. — Laura tocou o braço da mãe. — Parece muito bem, Jules.

Essa foi a primeira vez que ela me chamou de Jules. E me apoiou na frente da mamãe.

Mamãe fungou. — Tudo o que estou tentando fazer é garantir que seu dia seja memorável. Que todo mundo falará sobre isso nos próximos meses.

— Eu sei. Obrigada. Tudo será exatamente como você planejou. — Um lampejo de emoção que não chegava nem perto de uma noiva alegre cruzou o rosto de Laura. — Perfeito.

— Será. — Mamãe olhou para Laura como se ela nunca tivesse olhado para mim. Como se ela não quisesse nada além do melhor para Laura - como se a amasse. Desviei o olhar da tela de mãe e filha e me afastei dos espelhos.

Mamãe se levantou. — Vou experimentar meu vestido e depois podemos almoçar.

— Eu tenho que ir para o meu estágio.

— O convite não foi aberto. Você deveria estar vigiando seu peso, de qualquer maneira. — E com essa pequena pepita de preciosidade, mamãe saiu da sala.

— Jules... — Laura parou e levantou as mãos em uma tentativa inútil de suavizar as coisas. — Você está bem depois das coisas na

internet? Com a padaria e Berk? — Ela me puxou para sentar ao lado dela nos sofás cor champanhe em frente à parede de espelhos.

Fiquei surpresa que ela tivesse ouvido falar sobre isso. — Eu estou agora. Obrigada por perguntar.

— Por que você não me disse que estava trabalhando no B&B? Eu amo aquele lugar. Eu assisti alguns dos seus vídeos. — Ela olhou para mim pelo canto do olho como se estivéssemos passando notas pelas costas do professor. — Vocês são tão divertidos juntos. E tudo o que você assa me faz querer comer a tela do meu telefone.

— Sério? — Eu me inclinei para mais perto, ainda não tendo certeza do que ela tinha dito. Ela estava sendo sarcástica? Ela realmente gostou do que eu estava fazendo? Em todos os anos em que cozinhei, ela nunca havia provado nada do que eu havia feito, até onde eu sabia. Mas ela assistiu meus vídeos. Emoções brotaram dentro de mim, um desejo pelo tipo de proximidade que eu sempre quis com ela. Mas o meu lado cauteloso as controlou. Já tive minhas esperanças chutadas como um filhote por ela, mas ela parecia tão sincera.

— É fácil ver o quanto você ama. E isso me lembra muito o papai. Eu voltava das compras com mamãe e a casa estava tão quente e cheirava tão bem. Vocês dois sempre adoraram passar o tempo juntos na cozinha. — Havia uma pitada de tristeza ali.

— Você poderia vir nos assistir algum dia.

— Tudo bem com Avery?

— Claro, mas você teria que aturar Max. Algumas das piadas dela podem queimar um pouco, mas você se acostuma. Não deixe que as tatuagens a enganem, ela é secretamente legal.

— Max Hale?

— Tenho certeza que esse é o sobrenome dela.

— Caramba. — Ela olhou por cima do ombro. — Tentei marcar um horário com ela para o meu bolo. — Ela se inclinou como se isso fosse um segredo de estado. — Mamãe vetou, é claro, e isso não importava, porque sua lista de espera dura dezoito meses, mas, caramba, o material dela é incrível. Houve um em um evento de caridade que fui há algumas semanas atrás. Ninguém conseguia parar de falar sobre isso - geralmente essas coisas parecem bonitas, mas têm um gosto terrível, mas era incrível. — Os olhos dela se arregalaram. — Nada como o que você fez, mas foi tão bom.

— Nenhuma ofensa tomada. Vou lhe enviar seus elogios. E vou deixar você saber na próxima vez que filmarmos algo. Fizemos um hiato.

— Desde o incidente? — Eu balancei a cabeça.

Mamãe voltou com um vestido apenas esbranquiçada o suficiente para passar como um vestido não branco.

Foi quando eu vi. Um olho rolar quase imperceptível a olho nu, mas Laura fez. Ela pegou meu olhar e todos os músculos de seu corpo ficaram tensos. Eu fiz meu próprio revirar os olhos muito mais exagerado e ela enterrou o rosto no ombro.

— Algo divertido acontecendo? — Mamãe me olhou no espelho. Cobrindo minha risada com uma tosse, levantei minha mão na boca.

— Nada, mãe, apenas algo engraçado que um amigo fez.

— Espero que não seja nada em que você esteja envolvido que possa nos causar ainda mais vergonha.

— Não, apenas um vídeo de mim dançando pole. — E com isso, pedi licença para sair.

Nunca haveria nada que eu pudesse fazer para mudá-la. Era hora de eu aceitar isso e parar de olhar para minha mãe para ser algo mais do que ela já havia sido para mim. Eu não precisava continuar me submetendo à tortura que veio com a tentativa de agradá-la.

Meu pior pesadelo aconteceu. Eu fui exposta na internet na frente de todos. Eu tive detalhes íntimos dos meus pensamentos internos publicados online - e eu ainda estava aqui. Respirando, rindo e vivendo.

Desde a morte do meu pai, eu sempre me escondi e tentei desaparecer em segundo plano. Melhor ter alguém olhando além de mim do que me ver e decidir que não gostou do que viu. Bem, eu tive esse anonimato arrancado de mim como o band-aid mais pegajoso do mundo. Porra, tinha doído, e eu estava vermelha e crua por um tempo, mas agora que estava feito, eu tinha uma palavra para quem tinha um problema comigo: que se foda. Bem, eram três palavras, mas você entendeu o que eu disse.

Eu queria perder peso e poder usar roupas que eu poderia comprar em qualquer loja, mesmo nos lugares que Laura e mamãe visitavam regularmente? Sim.

Eu seria uma dessas garotas? Quem diabos sabia? Mas eu merecia ser feliz como era, independentemente do tamanho, e merecia o amor de

alguém como Berk. E não deixaria mais minhas dúvidas sobre minha autoestima no caminho.

Saí do provador e acenei tchau para mamãe e Laura, que pediu desculpas por mim. Talvez pudéssemos salvar algo de nosso relacionamento se estivéssemos fora do olhar atento de nossa mãe.

***

Os cheiros do B&B flutuavam pela rua a um quarteirão de distância. Meu estômago roncou. Procurei na minha bolsa minha barra de cereal. Eu aprendi a lição difícil sobre me encher de rosquinhas e cupcakes cheios de creme na loja. Olá, dor de estômago. Você pensaria que eu teria aprendido minha lição assando em casa, mas algo sobre ter alguém criando essas delícias era como uma droga revestida de açúcar.

Empurrei a porta dos fundos. — Ei, Avery.

— Hey. — Havia uma inclinação suave na maneira como ela dizia a palavra. Continha todas as perguntas sem precisar dizer mais nada. Que bom que você está aqui. Você está bem? Existe algo que eu possa fazer por você?

— Estou aqui e pronta para trabalhar.

— Não vamos gravar nada hoje, mas achei que nós três poderíamos trabalhar em algumas coisas. Como soa isso?

— Perfeito.

— Por que você não pega Max e nós podemos começar? — Avery enrolou o avental na cintura, sua barriga significava que ela não podia enrolá-lo e amarrá-lo na frente, como costumava fazer.

Com todo o tempo em que estive no B&B, nunca estive na loja de Max. Eu tinha passado pelo lado de fora, mas ela estava sempre com Avery e eu geralmente tentava me impedir de hiperventilar noventa por cento do tempo, então as turnês não estavam na minha lista de tarefas.

A porta que ligava as lojas ficava na frente, bem ao lado das mesas da frente da casa, onde os clientes sentavam e as maletas abrigavam tudo o que Avery e o resto de sua equipe fizeram.

Por outro lado, era como se eu tivesse sido transportada para um moderno loft industrial. Tijolos expostos cobriam uma parede e os dutos corria o teto. Um intrincado desenho de flores de tecido pintado com spray cobria uma parede inteira. As cores vivas combinavam perfeitamente com as tatuagens e a cor do cabelo de Max.

— Max. — eu gritei.

Havia sofás e uma pequena mesa ao lado de uma sala.

Pratos de ardósia preta e cinza estavam alinhados ao lado do bar enorme, todos iluminados com garrafas de bebidas borbulhantes. Essa era uma maneira de levar as pessoas a gastar uma tonelada de merda nos bolos. Deixe-os bêbados. Talvez eu pudesse fazê-la fazer algo pequeno para Laura, já que ela falou sobre o quanto ela amava o trabalho de Max.

Eu espiei na sala dos fundos.

Max estava usando fones de ouvido. Os longos cabos brancos desapareceram no bolso.

Misturadores e fornos maciços foram amontoados no pequeno espaço. O calor tinha que ser muito quando tudo estava em funcionamento.

Ela estava sentada em um banquinho de aço, com o pé saltando no degrau inferior e os cabelos presos no rosto.

Estava congelando apesar de suas afirmações anteriores de que era quente lá atrás, mas sua mão firme exibia um design intrincado usando uma mini versão do que alguém que trabalhasse com gesso poderia usar.

— É lindo. — Coloquei minha mão em seu ombro.

Um grito saiu de sua boca, e ela pulou do banquinho e girou, chicoteando os fones de ouvido.

— Jesus, Jules! Você me assustou. — Ela apertou a frente da blusa e pousou a espátula.

— Desculpe. — Eu levantei minhas mãos em sinal de rendição, ainda rindo.

— Sim, eu posso dizer pelo seu rosto que você realmente sente muito. Da próxima vez você vai conhecer o final comercial da minha espátula.

Em sua bancada, havia um paletó preto e gravata.

— Parece que alguém está cuidando de alguns negócios aqui. — Eu levantei o paletó, segurando-a com o dedo. A etiqueta dentro do paletó era costurada à mão. E o designer…

— Max, de quem é esse paletó? — Meu olhar se voltou para o dela.

Ela pegou do meu dedo. — Ninguém. — Ela o empurrou junto com a gravata em um armário e fechou a gaveta de metal.

— Você não pode torcer e enfiar uma paletó assim. Vale a pena, tipo, todo o dinheiro. — Eu peguei a maçaneta.

Com um rápido tapa na minha mão, ela me empurrou para fora do caminho. — E tenho certeza que está esquecido há muito tempo. Avery disse que estávamos esperando você para obter as receitas para a próxima rodada de vídeos. — Ela parou e se virou. — Como vai?

Virei minhas mãos para cima e dei de ombros. — Ainda respiro.

— Às vezes é só nisso que nos agarramos. — Um lampejo de tristeza atravessou os olhos dela. — Vamos ao trabalho.

Trabalhamos juntas nas receitas, com Max passando mais do que seu quinhão das bandejas prontas para sair na frente.

— É uma maravilha que você consiga levar isso aos clientes com ela por perto.

— Me conte sobre isso. Acho que tive que aumentar minha produção geral em 12% para levar em consideração o Fator Max.

— Estou bem aqui, você sabe. — As palavras de Max foram abafadas através do donut de bolo que ela estava comendo.

Uma das garotas da frente enfiou a cabeça pelas portas vaivém. — Alguém está aqui para você.

— Para mim? — Avery limpou as mãos no avental.

— Não, para Max.

— Para mim? — Ela engasgou por trás da massa revestida de açúcar.

— Cara alto. Parece que ele deveria estar andando em um garanhão branco pelo Fairmount Park.

Max pulou do balcão e caminhou até a porta, espiando pela pequena janela. — Merda. Ele não. — Ela ficou de costas para a porta, murmurando para si mesma antes de levantar a cabeça e pegar nossos olhares de boca aberta e olhos arregalados.

— Tem um cara aqui para vê-la?

Avery correu ao redor do balcão. Max a parou com as duas mãos no peito. — Oh, não, você não vai. Deixei me livrar dele e já volto. — Ela empurrou a porta.

Avery e eu corremos para a porta e olhamos pela janela. — Porra, ele é alto.

— Ele é o cara do paletó. — Eu podia ver esse estilo sob medida em qualquer lugar. Eu retransmiti minha descoberta anterior de um paletó sob medida que poderia pagar o aluguel de um quarteirão da cidade por

uma semana, e Avery olhou ainda mais, como se ela pudesse ouvir pela porta se sua visão fosse um pouco melhor.

— Acho que não estava esquecido, afinal.

Max jogou as mãos para cima e o agarrou pela manga impecável e o arrastou para fora.

Em vez de fechar a porta atrás dele, ela saiu com ele e os dois desapareceram na esquina.

— Mal posso esperar para arrancar essa história dela. — Avery cruzou os braços sobre o peito com um sorriso largo.

37

BERK

O semestre e a nossa temporada avançaram até parar em um ponto da minha vida que me fez sentir como uma criança de sete anos de novo. Eu li o texto dele mais de dez vezes sentado fora do local em que ele colocou um alfinete.

Ei, garoto, não quis dizer nada até ter certeza, mas aqui está o último endereço que tenho para Elizabeth Vaughn. Lamentamos, mas não pude entregar isso a você antes e lamentamos que não seja uma notícia melhor.

Deixando Jules naquela manhã com um beijo na testa enquanto ela dormia, eu dirigi por duas horas. Pelo meu para-brisa, olhei para a cerca de ferro forjado com as letras maiúsculas soldadas no lugar.

Cemitério Memorial de Dayton.

Não sei quanto tempo fiquei no meu carro olhando para o céu cinzento esperando que isso fosse um erro, que ele tivesse me ferrado e inventado tudo isso. Saí do carro e a chuva gelada atingiu minha pele, ardendo e entorpecendo ao mesmo tempo. O aperto de torno no meu peito apagou todo o resto. A chuva encharcou minha camisa térmica, pesou minha calça jeans e enviou riachos de água para o meu tênis.

O cara atrás da pequena mesa na pequena cabana perto da entrada pulou quando eu abri a porta.

Ele passou um guardanapo no rosto e se levantou quando me aproximei de sua mesa. — Você precisa de ajuda?

A água escorria das pontas dos meus cabelos e escorria pelo meu rosto. Meu corpo estava abalado por calafrios, meus lábios tremiam com o frio e as emoções que eu tentei segurar firme, mas as bordas estavam desgastadas e eu estava oscilando a precipício.

— Estou procurando por alguém. — Minha voz era áspera e grave. Deslizei o pedaço de papel úmido com o nome dela sobre a mesa para ele. A tinta tinha escorrido, tornando minha letra mal legível.

Seus olhos se arregalaram e ele olhou para ele. Seu olhar se estreitou e ele olhou de mim para o papel.

— Eu preciso saber se ela está aqui.

Tirando o papel da mesa, ele o levantou e foi para o computador. Cada pressão nas teclas tornava mais difícil para mim. O calor das lágrimas nos meus olhos era forte contra a minha pele congelada.

Ele deu uma mordida no sanduíche como se o que ele dissesse não tivesse a capacidade de destruir meu mundo. — Temos uma Elizabeth Anne Vaughn.

— O nome do meio dela era Caroline. — Uma onda de esperança correu através de mim. Talvez Mason não fosse tão bom quanto eu pensava. Talvez ele tivesse estragado tudo e entendido errado.

— Hmm. — Ele rolou um pouco mais, o ruído agudo do mouse colocando meus dentes no limite.

— Elizabeth Caroline Vaughn. Nascida em 28 de agosto. — Enviei uma oração a ninguém em particular. *Por favor, deixe isso errado.*

Com um clique do mouse, ele olhou da tela para mim. — Parece que temos sua Elizabeth na trama 837.

— Você tem certeza? — Apoiei minhas mãos na mesa.

Ele inclinou a tela para que eu pudesse ver. O nome completo dela. O aniversário dela. Tudo em preto e branco.

— Espere, garoto.

O resto de suas palavras foram abafadas pelo rugido em meus ouvidos e pelo martelar da chuva. A porta bateu atrás de mim e eu voei de volta para fora e para dentro do meu carro. Eu não queria a pena dele.

Minha respiração ficou na frente do meu rosto em uma nuvem de vapor. Cada mini nuvem se dissipou e se agarrou ao pára-brisa, embaçando-o por dentro.

Um grito primitivo rasgou da minha garganta, cru e imparável. Meu telefone tocou no porta-copos.

Arrastando meu olhar do nada na minha frente, eu peguei. A última mensagem chegou. A faixa vermelha no final do ícone da bateria zombou da minha estupidez por não mantê-lo carregado e por não ter um cabo comigo.

KEYTON: O jogo é daqui a uma hora. O treinador está procurando por você.

A tela ficou preta.

Reanimando como se uma nova vida tivesse sido soprada em mim, joguei meu carro na estrada.

Com meus punhos brancos no volante, voei pelas estradas, tentando lembrar minha rota até aqui sem o mapa do meu telefone para me guiar.

As luzes dos meus faróis refletiam as manchas de umidade na estrada. Eu estava entrando no território de que eu definitivamente serei parado por um policial.

Em um segundo, minha maior preocupação era com o ingresso, e no outro tudo correu de lado. A estrada e meus pneus não estavam mais em condições de falar. Gelo preto. Eu deslizei no trecho e voei pelas três pistas. Girando o volante, o carro escorregou e parou a menos de um metro do guardrail.

Eu abaixei minha cabeça no volante. Abrindo e fechando minhas mãos em torno dele, soltei um suspiro e tentei controlar meu batimento cardíaco.

Sacudindo a cabeça, verifiquei meus espelhos e parei na pista lenta, mas meu carro não estava se movendo como deveria. Saí e os outros carros que passavam com os faróis altos me mostraram exatamente qual era o problema.

Meu pneu, aquele que eu estava usando há meses, o que eu nem sequer era inteligente o suficiente para conseguir o dinheiro do meu agente para trocar, tinha decidido que este era o momento perfeito para adicionar outra cereja em cima da minha merda de sundae do dia. Pedaços esfarrapados de borracha desfiada estavam onde o pneu já esteve.

De pé na beira da estrada, gritei no ar gelado e cortante. Bati minhas mãos no teto do meu carro, amassando a merda. Chutei os painéis laterais e me enfureci contra o pedaço de metal que não tinha feito nada para merecer minha ira. Aqui estava eu, sentado na beira da estrada, sozinho.

O estacionamento estava cheio, mas silencioso, todos os carros vazios, há muito tempo os tailgaters entraram.

Lá dentro, a multidão rugiu e meu sangue bateu nas veias, chutando a porta do meu coração. O jogo havia começado quarenta e cinco minutos atrás.

E eu estava ferrado.

Correndo pela segurança do estádio na entrada do time, entrei no vestiário e me troquei. Um dos treinadores das equipes especiais entrou

quando eu amarrei meus sapatos e balancei a cabeça. Nem uma palavra, mas o olhar dizia “maneira de jogar seu futuro fora, garoto”.

O frio cortante não era melhor dentro do estádio. Os gigantescos canhões de calor à margem proporcionaram um alívio momentâneo, mas assim que saí da linha de fogo deles, estava de volta aos pingentes de gelo.

Todos à margem me encararam enquanto eu caminhava em direção ao treinador. — Não faça isso. — Keyton pulou do banco.

O primeiro tempo terminou e a linha ofensiva saiu do campo. Todos voltaram para o túnel e entraram nos vestiários para um discurso motivacional no intervalo.

O treinador correu direto para mim, olhando através de mim como se eu nem estivesse lá. Com a prancheta na mão e o fone de ouvido ainda ligado, ele se moveu ao lado da equipe.

— Treinador, eu preciso falar com você. Me desculpe, estou atrasado. — Girei para alcançá-lo.

— Não tenho tempo para você, Vaughn. — Ele manteve os olhos em frente. — Eu só tenho tempo para que as pessoas que se importam o suficiente com esse time e aparecem para seus malditos jogos. — Ele fundamentou essas palavras e passou direto.

Do lado de fora do vestiário, bati minha cabeça contra as paredes de blocos de concreto.

— Você pensou que não aparecer era o suficiente para salvar sua bunda. — A respiração difícil de Johanssen à minha direita afastou a dor e forneceu um foco a laser para a tempestade de construção dentro da minha cabeça.

— Isso não tem nada a ver com você. Eu não estava aqui e minha equipe ainda está te chutando. Eles nem precisavam de mim.

— Como vai acabar quando eles perceberem que você os fodeu por toda a temporada? — Ele ficou no corredor. Sua camisa vermelha brilhante como uma bandeira na frente de um touro.

Eu ataquei contra ele, não demorando um segundo para pensar, e encontrei seu rosto com um punho que eu contive por muito tempo.

Cada terminação nervosa estava disparando como se eu estivesse no campo, me preparando para outro golpe. Minha pele formigou, faiscando como um fogo de artifício errado pronto para destruir qualquer coisa em seu caminho.

Para o garoto zangado em pé na porta de uma casa que nunca seria sua casa.

Para o garoto assustado jogado de um lugar para outro sempre se sentindo indesejado. E para mim, o cara que pensou que poderia encontrar a felicidade que nunca estaria lá novamente.

Eu bati meu ombro em seu estômago.

Suas costas bateram no chão e seu punho se conectou com o lado da minha cabeça.

Meus ouvidos zumbiram.

Gritos ecoaram ao meu redor quando a segurança correu em nossa direção.

— Parem eles! — Um grito atravessou a pilha de segurança que tínhamos passado.

— Ezra, pare com isso! — Uma mulher gritou.

Os olhos de Johanssen se arregalaram. Seus lábios sangrentos se separaram e sua cabeça virou, procurando por cima do ombro enquanto ele soltava minha camisa.

Willa Goodwin estava nos arredores da loucura com lágrimas nos olhos. E, naquele momento, fiquei feliz por Jules não estar aqui. Prefiro enfrentar qualquer coisa que não seja o medo e a decepção dela - quase tudo.

Momentos depois, me sentei no escritório do treinador, o sangue de Johanssen ainda nos meus dedos. A água do meu uniforme pingava em uma poça no chão ao meu redor.

O relógio na mesa do treinador tic-taqueava a cada segundo que passava.

— Podemos acabar com isso para que eu possa ir para casa? — Todas as células do meu corpo balançavam à beira do colapso completo e de uma explosão que derrubaria qualquer pessoa ao meu redor. Minhas pernas saltaram para cima e para baixo. Eu apertei meus joelhos. Quente e frio brilhavam através do meu corpo. Eu estava em uma montanha-russa em espiral e não havia atendente para me deixar sair.

Apertei meus punhos juntos no meu colo e olhei para eles. Meus dedos ainda estavam dormentes. Meu corpo inteiro estava dormente e meu cérebro estava enevoado como se eu estivesse debaixo d'água.

— Você está prestes a ir para casa para sempre. O que diabos aconteceu lá fora? Primeiro, você aparece atrasado, tirando um lugar da

lista de alguém que apareceu na hora certa e depois se perde com uma briga que poderia nos custar o jogo em termos técnicos.

— Eu sinto muito.

— Isso é o melhor que você tem para mim. — Ele bateu a mão na mesa.

Ele sempre foi um treinador justo - a situação de LJ à parte. Ele não era de gritar, gritar e ficar na sua cara. Ele faz toda a decepção silenciosa quando você estragou tudo e conseguiu mastigá-lo sem gritar no topo de seus pulmões, mas agora eu estava além de me importar com qualquer coisa.

— Talvez Johanssen queira me contar sobre o que era sua briga? Isso tem alguma coisa a ver com você chegar atrasado? — Seus olhos se fixaram nos meus, perfurando profundamente o centro da minha alma. Qualquer outro dia eu derramaria minhas entranhas nele, mas não hoje.

Minhas narinas se abriram. Era demais, e a única maneira de me manter inteiro era desligar.

Era como se eu tivesse sido chutado para o fundo de uma cova e tudo que eu podia fazer era reagir. Não havia pensamento nem função cerebral superior. Tudo tinha sido arrancado da minha cabeça por um texto e uma visita a um cemitério. A única coisa que eu esperava, por tanto tempo - que eu finalmente teria respostas - se foi. Ela se foi. Para sempre.

E eu ainda não sabia dizer em voz alta.

Em algum momento, as palavras “Saia daqui” saíram da boca do treinador, e eu saí. No piloto automático, eu fiz os movimentos.

O vestiário estava vazio. Todo mundo tinha ido para casa. Mesmo sem mim, eles venceram. Eu não queria encará-los. Eu não queria ver acusação nos olhos deles de que eu tinha estragado tudo e machucado o time. Ou pior, que eles descobriram que poderiam fazer tudo sem mim daqui em diante.

Jules ficou esperando por mim no túnel. Parecia que eles mantiveram as notícias da minha briga em segredo. Ela era toda brilho e luz, mas mesmo agora meu sorriso era frágil, forçado. Tudo que eu queria fazer era deitar ao lado dela e segurá-la. Eu queria sentir seus braços em volta de mim, enterrar minha cabeça em seu pescoço e acordar amanhã, quando esse pesadelo terminasse.

— O que aconteceu? — Ela cobriu minhas mãos com as dela e roçou o pequeno corte na minha sobrancelha.

Eu estremeci quando ela passou o dedo sobre ele.

— Eu estava nas arquibancadas logo antes do início e recebi uma mensagem de Keyton dizendo que você não estava aqui. Onde você estava? Você jogou? Fiquei ligando no seu celular, mas não tinha certeza se tinha se perdido por aí.

— Eu não joguei. Foi um longo dia, Frenchie.

— Você se machucou? Você está bem agora? — Ela mexeu, procurando meu rosto e meu corpo como se fosse capaz de diagnosticar o que estava errado comigo, se ela pudesse apenas ver com seus olhos. — Foi Alexis de novo?

Por que foi para onde ela pulou imediatamente? Minhas defesas estavam prontas para minha irmã, que estava tentando fazer melhor. Ela estava. Não era uma festa maluca ou a casa de uma pessoa aleatória. Ela estava na biblioteca e seu telefone morreu logo depois que ela me ligou. Ela sabia que não teria durado o suficiente para pedir um táxi, mas também estava envergonhada por precisar da minha ajuda apenas para preencher os pedidos e não queria que Jules visse sua luta. Eu entendi. No fundo, eu entendi que não queria que outras pessoas vissem suas rachaduras.

— Podemos ir para casa agora?

— Claro, onde está o seu carro?

Inclinei minha cabeça para o lado. — Lembra daquela parte de ser um longo dia? Meu carro quebrou. Meu telefone estava morto. Eu fiquei preso.

Ela pediu um táxi e, pela primeira vez, algo deu certo hoje e só tivemos que ficar na sombra iminente do estádio por alguns minutos antes dele aparecer. Remexendo em sua bolsa, ela pegou um carregador e ligou meu telefone.

— Você pode ficar com esse. Pense nisso como um presente de aniversário.

Os músculos das minhas costas se contraíram. Meu aniversário. Hoje. Depois de tudo o que tinha acontecido, eu misericordiosamente esqueci de olhar para a data. Com esse lembrete, tudo voltou correndo, me fazendo querer encontrar um lugar aberto para gritar até minha voz sumir.

Ela se mexeu ao meu lado. — Se *havia* algo acontecendo com Alexis, talvez eu pudesse ajudar.

— Por que isso continua voltando para Alexis? Você pode esquecer isso? Não tem nada a ver com ela.

Ela estalou e olhou para a frente do carro.

O que eu estava fazendo? Eu arrastei minhas mãos sobre o meu rosto. Suas perguntas sobre o que acontecia a qualquer momento em que eu estava de mau humor continuavam voltando ao que Alexis havia feito. O que Alexis tinha estragado agora? E isso me lembrou, como um ponto dolorido que você tinha esquecido, mas que bateu novamente. Quantas mulheres eu namorei que tiveram um problema com Alexis? Quem tentou ficar entre nós e tirá-la da minha vida? Jules não tinha como ajudar o que havia de errado comigo, e as menções de Alexis nas ponta dos pés subiram pelas minhas paredes.

Jules virou-se para mim e pegou minha mão. — Eu não quero que você pense que estou culpando Alexis, mas não gosto de ver você chateado. E às vezes você se cala quando as coisas dão errado, e eu quero ajudar. — Ela passou os dedos pelos meus dedos. — Eu não quero que você sinta que está sozinho.

— Obrigado, Jules. — Eu descansei minha cabeça contra a dela pelo resto da viagem para a casa.

Alexis era a única coisa que restava da minha família. O que aconteceria no próximo ano quando eu fosse embora? Ela estaria segura? Ou ela faria um último golpe com o cara errado que foi longe demais e acabaria em um lugar como minha mãe? Um pavor de garra bateu no meu estômago.

Nesse ponto, eu ainda teria uma chance no draft? O treinador me dispensou, dizendo que descobriria meu castigo mais tarde.

Abri a porta da casa e alguém acendeu as luzes, me cegando. Um ataque? Eu parei na frente de Jules.

— Surpresa. — um coro de vozes gritou. Um pequeno banner pintado estava pendurado na porta da cozinha. — Feliz aniversário, Berk.

Jules irradiava uma tontura que empurrava a bile crescente na minha garganta. Hoje foi o dia em que perdi minha mãe duas vezes, joguei fora minha carreira no futebol e agora tive que ficar na frente de cinquenta pessoas e fingir que meu mundo não estava se desintegrando na minha frente.

38

JULES

Eu não consegui segurar minha vertigem e joguei meus braços em volta do pescoço dele. Isso ajudaria a animá-lo. Ele teve um dia de merda, mas o time ganhou e agora havia bolo.

As mãos dele subiram lentamente, hesitantes, e os pequenos espinhos da dúvida tremeram.

— Está tudo bem? — Eu me inclinei para trás, pegando seu olhar.

Ele olhou por cima do meu ombro para todos os outros. — Agora não é um bom momento. Eu disse que não queria fazer nada no meu aniversário. — Ele manteve as palavras baixas. Dentes não muito cerrados, mas oscilando na borda.

Um nó se formou no meu estômago.

— Eu sei, mas achei que seria uma boa surpresa. Uma maneira de comemorar uma vitória, seu aniversário e o jogo.

Alexis entrou e olhou ao redor da sala. Finalmente, um reforço. Ela seria capaz de mostrar a ele o quanto isso poderia ser divertido. A festa em si e metade dos detalhes foram ideia dela, e eu apreciei todas as pequenas dicas que ela me deu ao longo do caminho.

— Uma festa de aniversário? — Suas sobrancelhas se abaixaram como se esse fosse um ritual alienígena que ela se deixou cair no meio. Ela abraçou Berk e eu juro que ela o cheirou, subindo na ponta dos pés.

— Eu queria passar por aqui porque sei o quão difícil hoje é para você e o quanto você odeia que alguém mencione seu aniversário. — Seu olhar aguçado transformou o nó no meu estômago em um laço em torno de uma âncora afundando no fundo do oceano.

Ela não mencionou isso para mim.

Ela me deu a ideia de fazer uma festa, sabendo que Berk odiaria. Ela montou uma armadilha e eu me apaixonei por ela. Eu estava tão ansiosa por um pouco de ligação feminina positiva que a deixei me manipular. A raiva guerreava com mágoa e a raiva estava vencendo.

— Você odeia seu aniversário? — Virei para Berk, encontrando seu olhar ardente.

— Lembra de quando aquelas crianças brincaram com você na sexta série quando você não tinha cupcakes para toda a turma e você comeu todos os cinco? Eles te suspenderam não foi? — Ela bateu no lábio inferior. — Duas semanas. Eu não mencionei isso, Jules?

Minha mãe quase sempre foi sincera com seu desdém por mim, mas Alexis... uma raiva diferente de qualquer que eu já conhecia inundou todas as fibras do meu ser. Ela não apenas fez essa sabotagem furtiva para me ferrar, como também sabia que isso machucaria Berk no processo.

E foi como um interruptor sacudido na minha cabeça e eu vi tudo o que ela estava fazendo. Tudo o que os caras me contaram sobre ela, tudo o que ela fez com Berk até esse momento.

Todo mundo ao nosso redor esvaziou um pouco na recepção de Berk, que não estava feliz em vê-los. As pessoas conversavam ao fundo, pegavam bebidas e se afastavam do nosso pequeno trio.

— Seus aniversários são sempre lembretes de merda.

Eu olhei para Alexis. — Eu devo ter perdido essa parte.

Seu sorriso satisfeito me fez querer gritar. Uma coisa era tirar as coisas de mim ou me odiar porque eu estava com Berk, mas machucar o próprio irmão? Mas não era assim que ela o chamava, a menos que solicitado ou na tentativa de me empurrar para fora de uma conversa.

E o jeito que ela o abraçou quando entrou. Esse não era o abraço de alguém que pensava em alguém como um irmão.

Havia uma gigantesca placa que dizia imbecil acima da minha cabeça? Porque deveria haver. Isso não era sobre eu não ser boa o suficiente para o irmão ou o medo dela de eu estar usando ele. Era sobre ela não querer mais ninguém como *competição.*

— Cara, o que aconteceu hoje? O treinador estava enlouquecendo no vestiário quando você não apareceu. — Um dos jogadores de futebol da Fulton U passou, deixando a pepita como três folhas ao vento.

— Você não apareceu. — Minha cabeça virou para Berk.

— Eu tinha algo a fazer.

O olhar de Berk disparou para Alexis.

Tinha algo a ver com Alexis de novo? Ela estava tentando sabotar o futuro dele. De pé em seu caminho.

— O que diabos isso está fazendo aqui fora? — Berk abriu caminho entre três pessoas e pegou o presente embrulhado que estava ao lado de seu bolo. — Onde você conseguiu isso? — Ele balançou para mim.

Minha boca abriu e fechou. Alexis tinha me dado. Ela disse que era um presente antigo que ela ganhou quando eles estavam crescendo e que ele estava esperando o momento perfeito para abrir. Provocando e brincando com ela sobre talvez nunca abri-lo em alguma tortura de irmão mais velho. E talvez fazer isso na frente de todos em uma festa finalmente o fizesse rasgar esse papel.

Outra mentira. Outra armadilha. Eu a odiava. Eu não sei se eu realmente odiei alguém antes, mas eu a odiei pelo que ela fez.

Ele passou por todos e dirigiu-se para as escadas com o presente nos braços.

— Berk! Eu sinto muito. Eu não sabia.

— Por que você não pode deixar as coisas em paz, Jules? — Ele se afastou de mim como se isso fosse demais e sua cabeça estava a segundos de explodir. Sem outra palavra, ele se virou e subiu as escadas, três degraus de cada vez.

Eu o segui em seu quarto, tentando descobrir como eu poderia consertar isso. — Isso foi um erro.

— Como você dá uma festa de aniversário a alguém por engano?

Minha boca abriu e fechou. — Alexis... — Meus ombros caíram e eu levantei meus braços, deixando-os cair frouxamente ao meu lado. — Alexis mencionou seu aniversário e que uma festa seria uma boa ideia. — Isso parecia uma desculpa tão fraca e o olhar em seus olhos me disse tudo o que eu precisava saber.

Ele virou a cabeça para trás. — Ela nunca deveria. Este não é o dia... Especialmente hoje não. — Sua voz era tensa, como se cada respiração fosse uma tarefa árdua, exigindo cada grama de sua força. Ele abriu o armário e colocou o presente na prateleira. Seus dedos tremiam quando fechou as portas.

— Diga por que não hoje. Me deixe entrar, Berk. Diga o que se passa. O que aconteceu hoje? Você estava atrasado para o jogo? Você tem alguma ideia do que está colocando em risco?

— Eu sei exatamente o que está em risco.

— Então converse comigo. Diga o que aconteceu e talvez eu possa ajudar. Talvez possamos trabalhar juntos.

— Não há nada a ser trabalhado, Jules. Não há nada a ser consertado. É impossível de arrumar. Nem tudo pode ser resolvido com cupcakes e biscoitos. Alguns de nós estão lidando com coisas do mundo real que não podem ser consertadas com um sorriso e um quilo de

açúcar. Você não entende. Você não conseguiu entender. Com as propriedades de seu pais que pertenciam à sua família, e lindas festas de noivado de três dias e o casamento de sua irmã que provavelmente custarão tanto quanto eu ganharei no próximo ano como profissional.

— *Se* você conseguir. Você não jogou porque estava atrasado! Existem olheiros e treinadores observando cada movimento que vocês fazem. O que poderia ser tão importante que você arriscaria isso?

— Você não entenderia.

— Foi Alexis? Você não pode ser o cavaleiro branco dela pelo resto da vida. Alexis precisava de ajuda?

— Se isso fosse sobre Alexis, é claro que eu ajudaria. Quem mais ela tem além de mim?

— Ela tem ela mesma. Os pais dela. Ela não pode continuar esperando que você entre e a resgate. Não é seu trabalho. Enquanto você continuar pulando, ela nunca aprenderá a cuidar dos próprios problemas.

— Você não tem ideia de como é não ter ninguém. Não ter nada. Absolutamente nada.

— Eu perdi coisas. — Minha visão turva com lágrimas não derramadas. — Eu perdi pessoas com quem me importo.

— Morrer. Eles não escolheram te jogar fora como lixo. — Ele cuspiu as palavras como uma acusação. — Praticamente ser jogado para fora da porra de um carro em movimento, com alguma coisa para se lembrar e nem mesmo um olhar para trás.

As lágrimas brotaram e minhas narinas queimaram. Fiquei tão triste e irritada por aquela criança conhecer a crueldade do mundo que ninguém deveria enfrentar sozinho.

— Ter que carregar as poucas roupas que você tem em sacos de lixo sob o brilho da família adotiva que você está deixando porque eles querem ter certeza de que você não roubou nada. Você já teve que sair de casa sem sapatos? Ou bebeu o máximo de água possível da torneira do banheiro porque sabia que não iria comer pelos próximos dois dias?

— Não. — eu sussurrei, envolvendo meus braços em volta da minha cintura.

— Você quer saber o que há nesta bolsa? — Ele invadiu a mochila ao lado da porta. A que ele trouxe para a festa noivado, para a aula e quase todo o resto. Erguendo-a do chão, ele puxou o zíper e o empurrou para frente.

Olhei para o compartimento aberto da mochila. Rolos de roupas arrumados. Jeans e camisetas enroladas. Desodorante. Creme dental e escova de dentes. Outro par de sapatos apareceu de lado.

— Eu nunca soube se teria mais de cinco minutos para fazer as malas. É um hábito antigo. Mantenha os itens essenciais em uma mochila velha, para que você possa pegar e sair, se precisar.

Lágrimas caíram pelo meu rosto com a dor em seus olhos. Eu fechei a mochila.

— Você não é mais aquele garoto. — Minha voz tremeu. Meu coração estava partido e machucado por aquele garotinho que não sabia que alguém se importava. — Você fez tantas coisas incríveis até agora. Você está se formando. Entrando no profissional.

— Mas eu ainda sou aquele garoto. Eu sempre serei aquele garoto. Você não sabe como é quando passou por uma vida assim com outra pessoa. Alguém com quem você se importa quando o resto do mundo está lhe dizendo que você é lixo. Como você aceitaria essa pessoa, mesmo que não seja sangue, porque você acabou nas mesmas três casas por dois anos. E ela é uma aliada em um lugar onde você nem sabe como são os inimigos.

— Você disse que ela acabou encontrando uma boa casa.

Ele esfregou as mãos no rosto. — Ela encontrou. Nós dois encontamos. Mas você não entende como é difícil confiar em uma coisa boa quando cresce como nós. Eles eram uma ótima família. Nos tratavam bem. Nos tratavam como seus próprios filhos, como se importássemos. Mas você está sempre esperando o outro sapato cair. No fundo de sua mente, você é como um animal de zoológico andando de um lado para o outro esperando o que vem a seguir, e o que vem a seguir nunca é bom. Você está sempre procurando as rachaduras. — Ele se encostou na parede e deslizou para o chão, abaixando a cabeça. — E às vezes você mesmo faz.

— O que aconteceu? — Deslizei ao lado dele e cruzei as pernas, colocando a mão no joelho, palma para cima.

Ele olhou por cima, encarando como se não tivesse certeza de que aceitaria. Como se ele não quisesse aceitar. Uma parte de mim se enrolou por dentro e eu a afastei. Sua mão disparou e ele a pegou, passando os dedos pelos meus.

— Ela teve problemas. Eles eram ótimas pessoas, mas tinham algumas regras. Sem bebidas e sem drogas. Era para nos manter seguros, mas... — Ele balançou a cabeça. — Alexis sempre quis apertar botões. Ela está sempre oscilando no limite. E ela começou a sair com o

grupo errado. Eu a avisei. Disse a ela para não estragar esse lugar. Tivemos a sorte de estar em um lar muito bom. — Ele falou mais consigo mesmo do que comigo, mas manteve a mão na minha. — Ela estava apenas terminando o ensino fundamental. E eu estava no ensino médio. Eu não consegui mantê-la longe de problemas e um dia, eles encontraram um estoque de drogas que ela estava escondendo para outra pessoa. Alguém imaginou que ela era jovem, que não teria problemas.

— E ela implorou que você a cobrisse. — Era o que ela sempre fazia; esperava que ele a socorresse.

— Não. — Ele pegou sua mão longe da minha. — Eu fiz isso sem ela sequer pedir. Você sabe o que acontece com as meninas em lares ruins? Meninas de treze anos que procuram carinho e amor em lugares que nunca deveriam? Ela não precisou perguntar. Eu fiz isso. Eu disse a eles que era meu e pedi que ela guardasse para mim. Eu era mais velho. Maior. Eu poderia me defender. E então fui para a casa do grupo. Ela foi a única a me visitar lá.

— Porque foi culpa dela. Isso se chama culpa. Ela foi expulsa?

— Não, foi por isso que eu fiz. Para protegê-la. — Balançando a cabeça, ele olhou para mim como se eu não entendesse nada, mas entendi.

Eu entendi como todos os textos que enviei para Alexis tentando organizar os detalhes da festa foram respondidos com o “Ligue para mim!”. Suas respostas foram a cobertura perfeita. Nada do que ela dissera estava escrito. Na verdade, eu não podia provar que ela ajudou a planejar a festa ou tentou sabotar Berk e eu. Ela tinha a negação plausível.

Eu estava tão faminta por qualquer tipo de afeto de irmã que a deixei pregar as apostas na minha própria armadilha. E ela usou minha ansiedade para quebrar o que Berk e eu estávamos construindo. Ela usou sua proximidade com ele como uma arma contra alguém que poderia amá-lo.

Era egoísmo além de mais egoísmo. Toda a sua vida tinha sido um longo episódio de Berk limpando depois dela, e ela lhe roubando a felicidade que ele merecia.

— Ela era uma criança bagunçada.

Não brinca. E ela ia destruir a vida dele.

— E qual é a desculpa dela agora? — Eu me levantei também, empurrando a parede. — Ela passou por muito do que você fez, mas

conseguiu ficar com a grande família por sua causa e, ao contrário de tudo que conseguiu, ela está não tentando fazer melhor. Ela está tentando te arrastar para baixo. Tudo o que você me disse só piora. Ela ferrou você e nem sequer gostou do que tinha. Olhe para você. Veja até onde você chegou. E o futuro incrível que você tem - ela está tentando destruir isso. Ela não é boa para você. — Engoli em seco a pedra alojada na minha garganta.

— Você fica me dizendo para não tolerar as pessoas tóxicas da minha vida, mas também precisa olhar para as pessoas da sua vida. Você precisa fazer isso por você. — Eu levantei minhas mãos em seu rosto, mas ele pegou meus pulsos.

— E para você, certo? — Ele empurrou minhas mãos. — Se eu quero ficar com você, eu tenho que cortá-la. — Ele praticamente rosnou. — Não vê-la mais.

39

BERK

Ela balançou a cabeça. — Não, eu nunca te daria um ultimato assim. Eu nunca te forçaria a fazer essa escolha. Eu sei que você a ama. E eu amo você. — Sua voz falhou. — O terceiro lugar não é o problema. Mas eu não aguento ver alguém te machucar. Futebol vem em primeiro lugar. Eu sei disso. E eu estou bem com isso. — Ela soltou um suspiro trêmulo, estendendo as palmas das mãos como se isso fosse um problema há muito tempo estabelecido em sua mente.

— Você é tão feroz e imparável em campo. Mas *eu* preciso me colocar em primeiro lugar. E eu não posso ficar ao seu lado e ver o comportamento tóxico dela te derrubar. Eu não posso fazer isso e não vou.

Eu pisquei, olhando para ela através da dor da serra que eviscerava meu coração. — Então, onde isso nos deixa?

— Você me diz. — Ela enxugou o nariz com as costas da mão, os olhos avermelhados e chatos na minha alma.

Meu telefone vibrou na mesa. O nome de Alexis apareceu na tela. O zumbido insistente contra a madeira era uma bomba-relógio no relacionamento de Jules e meu principiante.

ALEXIS: Como você está? Eu posso te trazer um pouco de bolo. Eu tentei convencê-la a não fazer isso.

Por que Alexis não me avisaria, se ela sabia que Jules estava planejando isso? Especialmente se ela tentasse convencê-la disso?

Um aviso teria sido legal, Alexis.

— Eu não posso simplesmente me afastar dela. E não vou. Ela é minha irmã. — Por que Jules não vê isso? Mas Alexis também não conseguia ver isso... Não havia nada que Alexis pudesse fazer para que eu parasse de me importar com ela. Especialmente não agora. Ela era a coisa mais próxima que eu tinha como família. A única pessoa que não apenas conhecia a verdade feia da minha infância, mas estava lá ao meu lado por muito tempo.

Desde a primeira vez que ela me pediu para ler uma história de uma *Revista de Destaques* esfarrapada que ela encontrara enfiada na parte de trás de uma caixa de brinquedos, ela era alguém que eu nunca

desapontara. Eu queria ser essa pessoa para Alexis e eu queria ser essa pessoa para Jules. Por que Jules não conseguia entender isso?

— Eu não posso assistir você arruinar seu futuro sobre alguém que nunca sacrificaria metade das coisas que você sacrificou por ela. Que conscientemente faria algo para machucá-lo. Você merece mais que isso.

— O que você está dizendo é que eu mereço você? Você vem aqui me dizendo que não vai me fazer escolher entre você e minha irmã e é exatamente isso que você está fazendo, fazendo ela parecer horrível. Você se acha muito melhor que ela? Do que eu?

A porta se abriu atrás de Jules. Alexis estava lá com um chapéu de festa e um prato com duas fatias de bolo.

Jules balançou a cabeça e correu para mim. Eu dei um passo para trás. — Não, terminamos. Eu acabei com este jogo de fingir que você era muito boa em jogar.

Ela parou de tentar me tocar e recuou. Seu olhar correu por cima do ombro e seu corpo inteiro ficou rígido. — Alexis, vamos esclarecer isso.

— Esclarecer? — Alexis entrou mais no quarto com as sobrancelhas franzidas, olhando para Jules como se ela não tivesse ideia do que estava falando.

— O que Alexis tem a ver com isso? Pare de tentar arrastá-la para tudo.

Jules se virou. — É isso que você pensa que estou fazendo?

— O que mais devo pensar?

— Então aqui está algo para você pensar quando se trata da sempre inocente Alexis. Se ela não estivesse me ajudando... — Jules respirou fundo e engoliu em seco. — Então como eu saberia do presente? O que aparentemente significa muito para você, mas você nunca me mostrou. Não sei por que Alexis gostaria de me montar, mas foi exatamente o que ela fez.

Dúvida espetou no fundo da minha mente.

Alexis se aproximou de mim. — Berk, lembra o que aconteceu com Gretchen?

Gretchen era uma garota que eu namorei no último ano do ensino médio, que nunca tinha gostado de Alexis. Começou a fazer acusações loucas sobre Alexis até que eu tive que terminar as coisas. Doeu. Um tipo profundo de mágoa que eu não queria revisitar novamente.

— Por que Alexis mentiria?

Jules apertou as mãos na frente do rosto. — Por que eu mentiria? — Seu olhar se voltou para Alexis, mas suas palavras foram focadas em mim, como punhais direto para o meu coração. — Espero que você não perca tudo pelo que trabalhou, por alguém que não o trata da maneira que deveria. As pessoas que querem o melhor para nós não tentam nos separar de outras pessoas que nos amam.

Com lágrimas nos olhos, ela me deu um último olhar. — Tchau, Berk. — Ela fugiu do quarto e desceu os degraus. O tamborilar de seus pés deixou contusões no meu coração a cada passo. Uma âncora estava enrolada no meu tornozelo e não havia escapatória. Sempre que eu finalmente colocava minha cabeça acima de uma onda, alguém adicionava mais dez quilos, me arrastando de volta para baixo, e eu estava engasgando com a escuridão das ondas, meu peito ardendo por alívio.

— Ei, Jules. — Keyton chamou do andar de baixo. — Onde está Berk?

E então a porta bateu. Silêncio. Soando tão alto nos meus ouvidos que eu não conseguia pensar direito. O sorriso dela. O jeito que ela descansou a cabeça nas minhas costas e arrastou os dedos pelos meus lados. O jeito que eu a segurei em meus braços e descansei minha bochecha contra a dela. A maneira nervosa em que ela levantou os óculos antes de eu dar uma mordida em algo novo que ela havia feito. Tudo se foi. Limpo.

Eu tentei piscar as lágrimas. Lágrimas que eu não deixei cair desde os oito anos. Mas não consegui segurar. Uma maré esmagadora bateu no meu peito e arrancou o aperto esfarrapado que eu tinha sobre mim.

Jogando meu braço, minha mão se conectou com a parede novamente. Apoiei minhas mãos contra a parede amassada e abaixei a cabeça. Meu telefone tocou novamente na minha mesa. Peguei e joguei o mais forte que pude. Bateu na cabeceira da cama, a tela rachou em uma teia de aranha de vidro, mas continuou zumbindo. Ele saltou da cama e caiu no chão.

— Berk. — Os passos de Alexis rangeram no chão.

— Agora não. — eu mordi e fechei os olhos. — Apenas vá, por favor. — Apoiando meu braço contra a parede, respirei, ofegando como se tivesse sido forçado a dar voltas por uma hora.

— Vou deixar o bolo aqui para você. — Ela deslizou para o meu criado-mudo improvisado.

Quando ela se afastou, envolvi meus dedos em seu pulso. — Ela disse que você não contou a ela como eu me sentia em relação ao meu aniversário.

— Claro que sim. Mais de uma vez. — Ela recuou com os olhos arregalados. Os sons de festa flutuavam do andar de baixo, o ruído baixo da música vibrando pelo chão. As pessoas riram e gritaram, continuando como se nada tivesse acontecido. Como se os escombros de fogo não tivessem sido derrubados em cima de mim, esmagando cada centímetro do meu corpo

— Como ela sabia que era meu aniversário em primeiro lugar?

— Talvez ela tenha visto nas suas redes sociais ou algo assim.

— Por que dar uma festa? Ela disse que você sabia? Por que não a impediu?

— Ela era inflexível em fazer isso. Ela continuou tentando me amarrar nisso. Toda vez que ela me enviava uma grande e nova ideia, eu dizia para ela me ligar, para que eu pudesse convencê-la a desistir.

Explicava parte disso. Mas... — Então, você me deixou entrar em uma emboscada?

Sua boca se abriu e fechou. — Eu... pensei que depois da última vez que conversei com ela, ela perceberia que era uma péssima ideia. — Alexis lambeu os lábios e o olhar se afastou.

Outro mistério. — Por que você está aqui hoje? Você nunca aparece.

Ela lambeu os lábios. — Eu estava no bairro e queria dar uma passada.

— Mesmo que você esteja a cinco quarteirões de distância, você sempre me liga para buscá-la.

A boca do meu estômago azedou e senti aquela boca lacrimejante que prosseguia no inevitável. Engoli de volta contra a bile crescente.

— Talvez eu esteja virando uma nova página. Fazendo mais um esforço. — Ela deu de ombros e tentou abrir um sorriso indiferente. Mas ela não me olhou nos olhos.

E a imagem clicou como a última peça de um quebra-cabeça de mil peças se encaixando. Toda vez que ela mentiu para mim. Toda vez que ela estendeu a verdade ou me disse que tinha ido ao cinema com amigos. Ou me disse que não sabia qual era o esconderijo que o cara de quem ela gostava havia pedido que ela segurasse. E a verdade feia e crua veio em minha direção.

— Você queria estar aqui quando explodisse. Quando eu entrasse em uma merda de festa de aniversário da sexta série.

— Não. Eu estava saindo com alguns amigos na esquina. — Ela recuou alguns passos.

— Hora bastante conveniente. Como Jules soube do presente? — Eu me levantei do chão.

Ela deu de ombros e cruzou os braços sobre o peito. — Talvez ela esteja bisbilhotando seu quarto quando você está no banheiro ou algo assim. — A defensiva irradiava como um escudo, um que ela nunca tinha colocado ao meu redor antes.

— O que você fez Alexis? Como Jules soube do presente da minha mãe?

— Por que eu faria algo com seu presente? Eu sei o quanto isso significa para você.

— Porque você sabia que isso me assustaria muito. Isso iria foder com a minha cabeça. Você sabe por que eu perdi metade do meu jogo hoje? — Minhas palavras eram baixas, como um rosnado de aviso.

Ela ficou ali em silêncio, como se eu fosse seu carcereiro e qualquer coisa que ela dissesse poderia ser usada contra ela em um tribunal.

— Encontrei minha mãe hoje.

Ela levantou a cabeça. — Você encontrou?

— No cemitério do Memorial Dayton.

— Berk... — Ela bateu a mão na boca.

— Depois do dia que tive Alexis, preciso que você me diga a verdade. — Minha voz falhou e implorei com os olhos. Eu precisava da verdade. — Você deu a ela o presente? Você contou a ela sobre meu aniversário e a fez pensar que planejar isso era uma boa ideia?

Os dedos dela apertaram os braços. — Você não entende o que todos os outros que vieram atrás de você tentaram fazer? O que eles querem?

— Você deu a ela o presente? — O sangue bateu nas minhas veias, latejando no meu pescoço.

— Tudo o que eles querem fazer é usar você. — Ela correu para frente, tão perto que pisou na ponta do meu tenis. — Eles não entendem de onde viemos.

— Não me faça repetir.

— Ela me acompanhou, me escreveu uma carta procurando informações internas sobre você. Tentando encontrar maneiras de se insinuar em nossa vida.

— Na *minha* vida. — Eu enfiei meu dedo no centro do meu peito. — Ou talvez fazer algo de bom. Se tornar amiga de alguém que ela sabia que eu gostava. É o que as pessoas fazem quando amam você. — Minhas palavras dispararam através do espaço entre nós como balas.

Alexis tropeçou para trás como se eu a tivesse empurrado. — Ela não te ama! Ninguém realmente nos ama, exceto *nós*.

— Eu não posso acreditar que você faria isso. — Eu me virei, incapaz de olhar para ela. Eu olhei pela janela do outro lado da rua. Todas as luzes estavam apagadas. Jules estava ali pensando que tudo o mais vinha à sua frente quando tudo que eu queria era estar com ela. Minha lealdade à minha família sobre ela havia sido extraviada, um erro do qual eu me arrependia agora. — Você conseguiu que ela desse essa festa, sabendo o quanto isso me rasgaria por dentro.

— Eu não...

— Você quis. — Eu apontei um dedo acusador para ela.

— Sinto muito, Berkie. — Ela abaixou a cabeça e olhou para mim.

— Você não pode puxar essa merda. Eu não estou mais apaixonado por isso. — E então isso me atingiu, uma verdade ainda mais feia que eu deixei de lado. — The Letter Girl. Isso foi você. Você foi quem postou a coisa toda. A sacrificou aos malditos lobos.

— Ela estava pairando sobre você naquele vídeo. E ela estava mentindo. Ela namorou você, mentindo o tempo todo sobre quem ela realmente era.

— Porque ela tinha medo de me dizer. Ela estava com medo que eu ficasse desapontado. Mas você fez todos os seus medos se tornarem realidade. Como você sabia que Jules era TLG?

— Por causa da carta falsa de “vamos ser amigas”, que ela me escreveu no dia em que nos conhecemos. Quem mais escreve cartas? Foi tão baixo e falso, uma tentativa tão dura. Eu reconheci a caligrafia.

— Jules não é falsa assim! Você ficou feliz quando ela terminou comigo? Você está feliz agora? — Minhas palavras saíram como rosnados, oscilando à beira de ferozes.

— Não. — Lágrimas brilhavam em seus olhos, mas desta vez eu não fui influenciado por elas.

— Você precisa sair.

— Berk, por favor. — Ela agarrou meu braço.

Eu a sacudi. — Não, Alexis. Eu tenho suportado muito ao longo dos anos. Ajudei você a se livrar de muito mais do que deveria... — Passei os dedos pelos cabelos. — Mas você não é a irmã que pensei que fosse. Se você pode fazer isso comigo... Se você pode fazer isso com alguém que eu amo. — Apertei a última palavra, era apenas um sussurro entre nós. — Você não é a pessoa que pensei que fosse. — E, merda, eu devo desculpas a Jules.

Tudo ficou em silêncio. O único som no quarto, minha respiração difícil enquanto minha mente tentava juntar a traição que rasgava através de mim. Toda a música e as conversas no térreo pararam. O mesmo tipo de um silêncio que acompanhou o policial aparecendo para prender Nix no ano passado.

Uma batida quebrou aquele silêncio. Keyton abriu a porta. — O treinador está aqui. Ele disse que você precisa ir com ele agora. — O olhar sombrio em seu rosto não chegou nem perto da pedra pesada em volta do meu pescoço.

— Eu tenho que ir. — eu disse por cima do ombro.

— Eu sabia. Era apenas uma questão de tempo até você me abandonar como todo mundo. — Alexis virou a faca um pouco mais forte em mim.

Tudo o que eu queria era correr do outro lado da rua e dizer a Jules que ela nunca era a terceira no meu coração, o futebol nem chegava perto do que eu sentia por ela. Mas mesmo que Alexis pensasse que eu a abandonara, sabia que a perdoaria. Meus olhos estavam abertos para os problemas dela serem muito maiores do que eu imaginava, mas ela sempre seria minha irmã.

Como eu poderia ir até Jules sabendo que Alexis faria parte da minha vida? Eu não poderia pedir que ela perdoasse o que Alexis tinha feito. Era justo empurrar outro membro tóxico da família para Jules depois de tudo o que ela já havia passado?

Em vinte e quatro horas, minha vida virou de cabeça para baixo, implodida por minha própria estupidez. A temporada da equipe, o meu futuro e o que restou estavam na balança. Eu já tinha feito muito para estragar tudo isso.

Todos os olhos da casa estavam em mim enquanto eu descia as escadas. O treinador estava parado na porta aberta, com o olhar fixo em Marisa, que estava ao lado de LJ, usando-o como um amortecedor entre eles.

O olhar sombrio do treinador travou com o meu. — Nós vamos resolver isso de uma vez por todas. Rumores estão saindo sobre agentes e dinheiro por baixo da mesa. Vamos esclarecer isso. — O treinador olhou para mim e eu resisti ao desejo de proteger minha testa da marca de queimadura que chegava.

***

Depois de uma conversa na varanda, me disseram para me apresentar ao escritório do treinador às seis da manhã. Quando eu estava do lado de fora da porta, Johanssen e seu treinador, Mikelson, invadiram o corredor. Estávamos todos esperando nossa audiência com o juiz e o júri na execução da minha carreira. Drenado: era isso que eu estava. Um poço sem fundo de nada. O que restou? O futebol acabaria em apenas alguns minutos. O sonho de encontrar minha mãe chegou a uma conclusão cruel. Alexis... eu nem sabia por onde começar com ela. Mas o único pedaço da minha vida que fez o vazio cavernoso parecer a extensão sem ar do espaço foi Jules.

Eu perdi Jules - não, não perdi - a afastei. Eu joguei seu amor de volta em seu rosto e a deixei se afastar de mim. A dor ardente no meu peito tornava difícil sentir mais alguma coisa. Eu estava vazio sem ela e o que eu havia perdido não se compara a essa dor.

— Brigando no túnel da equipe adversária. — O treinador da STFU, Mikelson, olhou para Johanssen como se estivesse pronto para arrancar a carne de seus ossos.

Nos sentamos um ao lado do outro em cadeiras que não nos cabem como se tivessem sido trazidas de uma escola primária local.

— Quem quer ir primeiro? — O treinador estava sentado na beira da mesa, com os braços cruzados sobre o peito.

Mikelson seguiu a abordagem do tigre enjaulado, andando na nossa frente como se fôssemos bifes que eles haviam jogado na gaiola depois de algumas refeições puladas.

Johanssen e eu inclinamos a cabeça, mal reconhecendo a existência um do outro, nenhum de nós querendo ir primeiro.

— Nada! É isso que vocês dois têm para nós? — Mikelson cuspiu. — Que tal agora? Que tal vocês dois ficarem suspensos pelo resto da temporada? Todos aqueles sonhos... — Ele balançou os dedos no ar na frente de nossos rostos. — viram fumaça.

Eu mantive meus lábios fechados, esperando que tudo saísse de Johanssen.

Mas ele manteve os lábios apertados. A perna dele saltou para cima e para baixo.

— Tivemos um desacordo. — Cada palavra era firme no tendão. Johanssen manteve o olhar fixo em frente.

— Não nos deixem esperando, meninos. Porque é isso que vocês são agora, como pré-escolares sendo levados para o escritório do diretor. Só que você não está pulando daqui para baterem palmas depois das aulas.

O ranger da mandíbula de Johanssen brigou com o bumbo estrondeando no meu peito. Meus dedos formigavam e minha boca estava cheia de salinas secas. Lambi meus lábios.

— Sobre o quê? — O treinador se inclinou tentando chamar minha atenção.

Meu olhar correu para Johanssen. Eu teria pensado que ele estaria pulando da cadeira para dar todos os detalhes que ele tinha, mas ele não parecia querer estar aqui mais do que eu.

Mikelson ficou na cara dele. — Vocês começam a coisa e agora não querem dizer uma palavra? — cuspe voou de seus lábios.

— Bill, acalme-se. — O treinador pegou Mikelson e o puxou de volta. — Por que você não dá uma volta e eu vou descobrir isso?

Mikelson abriu a boca, mas o treinador olhou para ele. Aquele que quebrou o calouro arrogante e pensou que eles estavam tocando a primeira corda desde que eles eram uma merda quente no ensino médio. O olhar que tinha ex-jogadores, agora deuses da NFL, caindo sobre si mesmos para escapar da zona de explosão.

E sem outra palavra, ele se foi e ficamos sozinhos com o treinador. Eu quase teria preferido Mikelson.

— Quem vai falar primeiro? — Sua voz era calma como sempre foi.

— Treinador. — Lambi meus lábios secos e rachados.

— Era sobre uma garota. — Johanssen disparou para frente em seu assento. — Ele estava chateado com uma garota que eu estava procurando e isso era uma vingança. — Seu olhar cortou de lado, patinando no meu.

— Uma garota. — Mesmo que fosse uma afirmação, a pergunta pairava pesada em cada sílaba.

— Irmã de Brick. — eu ofereci, abaixando a cabeça.

— Vocês dois estavam brigando no corredor e estão fazendo acusações de receber dinheiro que poderia ter afetado toda a temporada do meu time nos livros de recordes sobre a irmã de um jogador, Jason Stringer, que se formou no ano passado? É o que vocês dois estão me dizendo? Que este era um código de equipe para não mexer com a irmã de outro jogador que deu errado?

Os segundos se passaram. Cada golpe da segunda mão parece agitar o chão sob o foco laser do olhar do treinador.

— Suas carreiras profissionais estão em jogo aqui. Coloquem sua testosterona sob controle. — Ele bateu uma pilha grossa de papéis contra a perna enquanto se inclinava contra a mesa.

O tempo passou na frente de seu olhar. Horas? Ele estava nos observando por horas?

— Se é nisso que vocês estão se apegando, então pelo menos agora têm suas histórias corretas. Vocês não vão sair daqui ilesos. Haverá repercussões e é melhor que vocês orem para que cheguemos ao campeonato ou podem dar adeus às suas carreiras profissionais. Agora saiam daqui. Avisarei assim que a punição final for decidida.

— Obrigado, treinador. — dissemos em uníssono e levantamos de nossas cadeiras. Mikelson estava pronto para deitar em nós, mas o treinador o interceptou, arrastando ele de volta ao escritório.

A energia tensa pulsava no corredor, nos repelindo um ao outro como mover ímãs do tamanho de caminhões.

Em todo cenário que eu corria, acabava saindo do time, minha carreira profissional terminou antes de começar. Por que não foi? O que Johanssen fez não fazia sentido. Ele me pegou. Ele poderia ter derramado todas as informações que tinha, e o treinador, sendo o cara que ele era, teria me denunciado. Eu seria suspenso. Tudo pelo qual eu trabalhei tão duro.

Mas ele não tinha.

Sem sequer olhar para mim, ele partiu na direção oposta. — Obrigado, cara. — eu ofereci, nem mesmo sei se ele me ouviu.

Ele congelou, seus ombros subindo com as mãos enfiadas nos bolsos. — Eu não fiz isso por você. — Estendendo as mãos, ele se virou. — Eu sempre sou o cara mau, certo? Não os trapaceiros? Não os idiotas que fazem o que diabos eles querem. Vivendo com todos aqueles idiotas ricos que olham pelo nariz para pessoas como nós. — Ele atacou de volta para mim. — Claro que espero que você goste de suas férias ou do

carro novo ou qualquer outra besteira em que você gastou. — Ele cuspiu as palavras como farpas.

E eu fui direto na cara dele. — Você acha que é o único que lida com merda? — Minha voz caiu para um sussurro. — Eu não precisava transmitir minhas más ações por todo o estádio. Eu peguei o dinheiro. Eu não gastei com nada disso. Paguei um IP para rastrear minha mãe. Aquela que me deixou na varanda do meu pai ex-presidiário, que em breve seria o resto da vida, quando eu tinha sete anos. — Uma raiva rolante e trituradora que eu não conseguia segurar disparou para frente.

Sua cabeça estalou para trás e ele olhou para mim. Os músculos do pescoço trabalhavam horas extras. — Você a encontrou? — O interesse sincero me despertou, mas eu aprendi sobre baixar minha guarda ao redor dele.

— Sim, eu a encontrei. — Eu levantei meu queixo. — No Cemitério Memorial de Dayton. — O tiro na minha ferida crua esvaziou minha raiva e isso deixou a dor voltar.

— Porra.

Inclinei minha cabeça para trás. — Foram meus últimos dias, então antes de você gritar sobre pessoas fazendo merdas estúpidas só porque elas podem, pense sobre por que alguém como eu faria algo tão monumentalmente estúpido. Estava errado. Eu não deveria ter feito isso, mas tinha que saber.

Seu olhar foi treinado no chão entre nós. — Você está feliz por saber? Mesmo que as notícias fossem uma merda?

— É melhor do que não saber.

Houve uma batida entre nós e ele assentiu. — Eu acho que sim. — E ele se foi.

Com a bala do século esquecida, agora era hora de consertar os outros escombros da minha vida.

40

JULES

Minha cabeça latejava e eu deitava na cama olhando para o teto. Prometi a mim mesma que não ia chorar - muito. Aquela rachadura no meu peito havia aumentado a tal ponto que o Grand Canyon parecia pitoresco, mas as lágrimas secaram. Trilhas salgadas faziam a pele dos cantos dos meus olhos secar e coçar.

Eu não tinha ligado para Elle. O que eu deveria dizer? Ela apareceu depois que eu já tinha saído e enviou uma mensagem perguntando onde Berk e eu estávamos. Não fiquei surpresa que ele tenha escapado depois que eu saí, mas não me sentia uma boa companhia. Isso foi há três dias.

Nós terminamos. Eu terminei com ele de novo, não por causa da minha insegurança, mas porque pela primeira vez eu fui capaz de defender o que sabia que era certo, então por que doía tanto? Eu me enrolei em uma bola e enterrei meu rosto no meu travesseiro. O cheiro de sabão e sândalo fresco atingiu meu nariz, o cheiro exato de Berk logo após um banho depois do treino, descansando na minha cama.

Mas ele não se incomodou em tentar fazer as coisas certas. Ele escolheu uma pessoa tóxica em vez de mim, e eu tive que parar de pensar nele.

Fechei os olhos e contei até cinco. Um: eu ainda estou aqui.

Dois: Eu posso fazer isso.

Três: Fiz a coisa certa.

Quarto: Mereço estar em um relacionamento amoroso e confiante.

Cinco: a dor vai desaparecer - eventualmente...

Sentando ereta, repeti o mantra na minha cabeça. Peguei minha toalha e escondi o gel de banho e fui até o banheiro.

A porta de Zoe se abriu. Nick saiu com uma toalha em volta da cintura. — Hoje não! — Eu entrei no banheiro e fechei e tranquei a porta.

— Vamos lá, Jules. Eu tenho aula.

— Talvez tome um banho em sua própria casa. — eu gritei e coloquei minhas coisas no chão.

— Mas você tem uma pressão de água incrível.

Soltei uma gargalhada. Deixe que Nick rompa as nuvens de tempestade pairando sobre minha cabeça com um de seus ataques ridículos.

Meu reflexo não estava me fazendo nenhum favor no departamento de auto-estima, mas, além dos sulcos sob os olhos, a dor no peito e incapacidade de dormir, eu estava certa como chuva. Mas prometi a Avery e Max que iria trabalhar hoje. Obviamente, isso fora antes do desastre da porra do aniversário, mas me deu um motivo para me arrastar para fora da cama.

Tomei banho e fiz minha melhor representação de ser humano, cheguei ao B&B, me escondendo sob fantasmas pendurados, guirlandas de abóbora e luzes de Natal. Algumas pessoas simplesmente não conseguiam adiar.

— Aí está ela. — Avery disse no segundo em que entrei. — O que há de errado? — Ela largou o rolo e caminhou até mim, segurando no meu ombro.

Eu não iria chorar. Eu *não* iria. Eu me recuso.

O rosto corajoso em que eu me agarrei no caminho foi quebrado em um segundo quando eu a agarrei e enterrei meu rosto em seu peito.

Tudo saiu quando a porta do escritório se fechou. — A irmã dele parece uma cadela hedionda.

— Você nem está errada. Eu pensei que ela estava um pouco bagunçada no começo, mas o que ela fez foi horrível no próximo nível. Não apenas para mim, mas para Berk.

— Me deixe contar por experiência própria, membros da família assim... — Ela passou a mão sobre sua barriga cada vez maior. — Eles podem envenenar coisas entre vocês com muita facilidade se vocês não estiverem na mesma página. E parece que ele ainda tem algumas coisas para aprender quando se trata dela.

— Parece que alguém me cortou ao meio.

— Tempo. Essa é a única cura e, mesmo assim, às vezes a dor ainda está lá, mas você fez a coisa certa. — Meus olhos se encheram de lágrimas novamente por seu aperto tranquilizador no braço. — Às vezes você tem que pensar em si mesma e se colocar em primeiro lugar. Aprendi essa lição da maneira mais difícil. Você não pode ser tudo para todos o tempo todo, dar e dar até que não haja mais nada de você. E ela teria minado tudo o que você fez, plantando sementes de dúvida em sua cabeça se ele não estivesse pronto para ver o que ela estava fazendo.

Você pode mostrar às pessoas tudo o que quiser, mas isso não significa que pode fazer com que elas vejam.

Meus ombros cederam, o poder de sua tranquila reverberação através de mim.

Max entrou no escritório com uma faca de bolo na mão. — Eu pensei ter ouvido você chorando. Quem eu preciso matar?

Avery e eu olhamos uma para a outra antes de começar a rir.

— Nunca tive muitos amigos, mas gosto de pensar que tenho vocês. — Olhei para Avery e Max.

A cabeça de Max recuou quando meu olhar pousou nela. — Eu também? — Ela apontou a ponta da faca de bolo para o peito.

— Você apareceu aqui ameaçando estripar quem quer que me fez chorar com isso, então eu nos consideraria amigas.

— Não é como se eu precisasse de um motivo. — Ela girou o cabo da faca sobre a parte de trás dos dedos, parecendo mais durona do que alguém deveria enquanto estava coberta de glacê e usando uma bandana tingida no cabelo. Com um olhar para mim, ela apertou os olhos e levantou o queixo. — Sim, acho que somos amigas.

— Não se machuque, senhorita Emocional. — Eu me afastei dela e cruzei os braços sobre o peito.

O borrão de seu corpo foi o único aviso que recebi antes de ela bater nas minhas costas e me abraçar, me apertando com força e me balançando para frente e para trás.

— Você conseguiu apertar e balançar. — Avery assobiou. — Isso significa que você nunca se livrará dela. Ela é como uma verruga que você não pode congelar agora.

Max me soltou e olhou para Avery, mal mantendo o sorriso sob controle. — Talvez alguém esteja preocupada em ser substituída. — ela desafiou.

— Eu ficaria feliz em ser destronada, se isso significasse que Emmett e eu não teríamos você nos assistindo enquanto transamos.

— Como eu deveria saber que é isso que vocês dois estavam fazendo debaixo da mesa?

A festa da risada só cresceu a partir daí, mas no fundo a dor ainda estava lá. *Ainda estou aqui. Ainda estou respirando.* Repassei meu mantra novamente.

Começamos o trabalho e Max voltou para roubar comida depois que um de seus clientes saiu da loja.

A caixa enfiou a cabeça pela porta. — Você tem uma visita.

— De novo não. — Max jogou a rosquinha no chão.

Avery e eu nos entreolhamos. Max era uma armadilha de aço, trancada como Fort Knox sobre quem era seu visitante alto, moreno e bonito. Cada pergunta foi recebida com um olhar ou um rosnado.

— Você não, Max. É para Jules.

Limpei minhas mãos no avental. Meu coração trovejou no peito. Por mais difícil que fosse enfrentá-lo, eu me perguntava se Berk apareceria. Empurrando a porta, examinei o espaço além das mesas e meus olhos se arregalaram.

— Laura? O que você está fazendo aqui?

Ela tinha as mãos cruzadas na frente dela. — Você costuma gravar em uma terça-feira, então imaginei que você estivesse aqui. Eu pretendo vir de vez em quando.

— O que você quer provar?

— Você escolhe. Tenho certeza que você sabe melhor do que eu.

Eu recuei na escavação.

Ela deixou cair a mão no meu braço. — Porque você está trabalhando aqui e ajudando a fazer todas essas coisas incríveis. — Com um pequeno aperto, ela soltou.

Pegando alguns pratos, fiquei olhando para ela, tentando descobrir por que ela estava aqui. Por que hoje? Seu cabelo estava em um rabo de cavalo simples, mas não parecia ter sido cortado nenhuma polegada em sua vida. Ela nem estava de salto com o jeans.

— Aqui está um donut de bolo de mirtilo e biscoito de açúcar com especiarias de abóbora.

— Obrigada. — Ela deslizou um dos pratos para mais perto dela.

Sentamos juntos em silêncio, as mordidas trituradas do biscoito de açúcar em forma de abóbora o único som em nossa mesa. O resto do lugar estava vazio. Até a caixa foi embora, provavelmente tentando escapar do nosso constrangimento.

— O casamento é no sábado.

— Eu sei. Eu estarei lá. — Por um segundo, havia uma garra de medo nas minhas costas que mamãe a tinha enviado aqui para me desanimar. Era como um reflexo, mas sentada à sua frente, eu desejava

que ela o fizesse. Minha culpa seria absolvida e eu não precisaria me sentar em uma cerimônia e recepção com pessoas mais falsas do que as sacolas vendidas na South Street.

— Claro que você estará. O que você acha que papai pensaria? — Ela espiou do prato com o canto da boca levantado.

— Ele provavelmente iria surtar com o valor. E odiar o fato de você não fazer em Kelland.

— O que você acha que ele pensaria de Chad? — Sua cabeça se abaixou novamente e ela pegou o açúcar cristalizado brilhante em seu biscoito.

— Se você está feliz, tenho certeza que ele ficaria feliz.

— E se eu não estiver? — Seu olhar travou com o meu.

— Ele provavelmente diria para você não fazer isso. — Cobri sua mão com a minha. — Você não precisa se casar com Chad, se não quiser.

Ela pegou a mão de volta. — Você está com ciúmes. É claro que você diria isso. — Seu rosto era o reflexo perfeito do de mamãe.

Minha cadeira gritou pelo chão quando eu atirei para trás como se ela tivesse batido mim.

Saltando de seu assento, ela pegou minha mão e apertou-a com força, trocando as cadeiras por uma ao meu lado. — Sinto muito, Jules. Eu não quis dizer isso. Foi uma reação instintiva. — Ela acariciou minha mão, mantendo seu aperto em mim, para que eu não pudesse fugir. — Na realidade, eu sempre tive ciúmes de *você*. — Bem, agora eu estava feliz que ela estava me segurando porque eu teria caído fora da minha cadeira, se ela não estivesse segurando.

— Você estava com ciúmes de *mim*? Desde quando?

Laura mal parou de revirar os olhos. — Desde que você foi a Kelland na maioria dos fins de semana com papai, e mamãe me fez brincar de princesa linda. Ele nunca se importou com você ficar suja ou ficar acordada até tarde e tomar sorvete. Era como se eles se divorciassem enquanto ainda estavam casados, e eu tirei o palito menor dos pais.

— Mamãe ainda está aqui. — Apertei suas mãos nas minhas.

Olhando para mim pelo canto do olho, o lábio tremia. — Você já se perguntou como seriam as coisas se fossem invertidas? Se a tivéssemos perdido em vez dele? — Ela apertou os lábios e piscou rapidamente, baixando o olhar.

— Às vezes, mas não consigo ligar minha máquina do tempo, então tento não insistir muito nisso e me lembro da diversão que tivemos. E procuro isso na minha vida agora, tentando encontrar pessoas que me fazem feliz.

— Eu acho que nunca tive um dia mais feliz do que quando mamãe estava doente e eu tive que ir com vocês dois para o carnaval.

— Você vomitou, tipo, três vezes. — Eu ri, agarrando a memória feliz e querendo mantê-la perto da minha cabeça.

— O bolo de funil, as maçãs carameladas e a pipoca valeram a pena. — Ela limpou os cantos dos olhos. — Você me deixou ir com ele tanto quanto eu queria naquele dia. — Seus lábios torceram e ela respirou estremecendo.

— Você não teve a chance de sair com a gente com frequência. Achei que você merecia.

— Você é uma ótima irmã. — Sua voz falhou. — Se eu nunca te disse isso antes.

Abanando o rosto, ela verificou a hora no meu telefone. — E eu tenho que ir. Hora de ser feliz e falsa para pessoas falsas que eu gosto. — Ela jogou a bolsa no ombro e se afastou da cadeira. Com um abraço real que fez minhas costelas doerem, ela se virou para a porta.

— Se você está procurando permissão para não continuar com isso? — Ela parou, mas não se virou. — Você não precisa disso de mim. Você não precisa de ninguém. Você pode fazer essa escolha. Você precisa decidir que tipo de vida deseja e não deixar que as expectativas de outras pessoas matem esse sonho de uma vida feliz. Nós só temos uma.

Com um olhar por cima do ombro e um sorriso de lábios apertados, ela empurrou a porta e me deixou na padaria vazia.

Ainda respirando.

41

BERK

Minhas mãos suavam e eu já tinha passado por uma centena de conversas comigo mesmo no caminho antes de bater na porta e dar um passo para trás.

Ela se abriu e seus olhos se arregalaram.

— Berk, o que você está fazendo aqui? — Alexis se pendurou na porta como se fosse a única coisa que a segurava.

— Nós precisamos conversar.

Ela assentiu e me deixou entrar.

O constrangimento na sala era como sentar em um consultório médico esperando por um prognóstico terminal.

As mangas do suéter de Alexis estavam puxadas para baixo, quase cobrindo as mãos enfiadas entre as pernas, que pulavam para cima e para baixo, os calcanhares batendo no chão a cada queda.

— É aqui que você oficializa? — Ela colocou os cabelos para trás da orelha, mantendo o olhar fixo nos joelhos.

— Oficializo o quê?

— Que já está farto de mim? Que depois de tudo que você fez por mim, você finalmente superou? — Ela cruzou os braços sobre o peito e abaixou a cabeça.

— Alexis, você é minha irmã. Eu não estou indo a lugar nenhum. Não importa quantas vezes eu diga e mostre, dói que você não acredite em mim.

— Eu quero. — Ela enxugou os olhos. — Mas é difícil.

— E ninguém pode culpar você por isso, mas o que você fez foi errado. Errado pra caralho. — Minha garganta se apertou. — Por que você faria isso comigo? Inferno, esqueça de mim, com Jules? E nem quero pensar em quem mais você fez algo assim no passado. Esse ciúme ou o que quer que seja, não pode continuar.

— Eu sinto muito.

— Você não pode passar o resto da vida esperando que tudo desmorone ou tentando provocar isso fazendo coisas loucas. Pare de tentar fazer as pessoas provarem que te amam. Você tem uma chance.

Uma chance que muitas crianças que cresceram como nós não tiveram. Amo você e sempre amarei, mas não posso continuar deixando você se sabotar e não vou deixar que você me impeça de ter o futuro pelo qual trabalhei e mereço.

Seus micro-acenos foram seguidos por olhos lacrimejantes que ela enxugou com tanta força que havia uma faixa vermelha no rosto. — Você sempre foi bom comigo e sinto muito. Mamãe e papai estão tentando fazer com que eu procure um terapeuta há muito tempo, e eu finalmente aceitei a oferta. Eu quero fazer melhor. Eu preciso fazer melhor.

Eu deixei cair minha mão em seu joelho. — Esse é um ótimo começo. Não continue afastando as pessoas que se importam com você.

— Vou tentar. — Seu sorriso comprimido seria suficiente para me fazer acreditar antes, mas não agora. Eu esperaria que ela seguisse adiante, mas a deixaria saber que eu estaria torcendo do lado de fora. — E eu vou contar para mamãe e papai sobre as drogas.

Eu balancei minha cabeça antes que ela terminasse a frase. — Não. Está no passado. Você não precisa jogar fora o que tem com eles por algo que nunca vou conseguir.

— Eles precisam saber. Eles deveriam saber a verdade sobre você - e eu. — A tristeza dela era tão palpável que eu podia sentir sua picada no ar.

— Você é filha deles. É tudo o que eles precisam saber. Não preciso que você faça isso para provar alguma coisa para mim. — Esfreguei minhas mãos no meu rosto. — Foi um longo dia. Estou indo para casa. — Levantando do sofá, um pequeno pedaço de fragmento quebrado da minha vida voltou ao lugar. Lentamente, eu reconstruiria isso.

— Obrigada por ter vindo, e diga a Jules que eu também agradeci.

— Estou aqui porque você é minha família. Jules não sabe que estou aqui. Ainda estamos terminados. Eu não a vejo desde a festa.

Ela correu para frente. — O que? Por quê? Você sabe que eu menti. — A voz dela era tão aguda que me fez recuar. — Por que você não foi até ela?

— Eu estraguei tudo com ela, e talvez seja melhor não trazer ainda mais caos à vida dela.

— Mas...

— Não. Se concentre em você e não se preocupe com isso.

Abri a porta e um novo plano foi formulado na minha cabeça. Do lado de fora, puxei meu zíper contra o frio correndo pelas ruas da cidade. Pegando meu telefone, rolei pelos meus contatos procurando por um nome que eu nunca pensei que enviaria.

Ei, é o Berk. Berk da Jules. Eu poderia usar sua ajuda.

42

JULES

Eu estava na porta da igreja, me esgueirando em uma ligação para Elle para aliviar as festividades do dia maravilhoso. Eu gostei especialmente dos destaques até agora. Minha mãe "esquecendo" de me reservar o cabelo e a falha em fornecer os horários corretos para a sessão de fotografia de "preparando-se".

Foi apenas uma questão de tempo até que ela solicitasse que eu fosse mandada para outra missão quando as fotos foram tiradas após a cerimônia.

— Por que você não me disse que estava indo sozinha? Eu teria ido com você. — Elle me castigou em nossa ligação.

— Eu precisava fazer isso sozinha. Além disso, não precisava que você ameaçasse estripar Chad novamente.

— O olhar em seu rosto, no entanto. Pense nas fotos do casamento.

— Oh, eu sei. — Corri minhas mãos sobre as camadas lilás do vestido. — Faça o dia passar, esse é o meu mantra.

— Este é um momento terrível, mas você quer falar sobre ele?

O "ele" não precisava de nome e eu fiz Elle prometer não contar a Nix. Essa era a última coisa que eu queria que acontecesse. Para criar uma brecha entre ele e Berk. Ele precisava de pessoas em sua vida que se importassem com ele e não estivessem fazendo tudo ao seu alcance para segurá-lo.

Terminei minha ligação com Elle. As mangas compridas ajudaram no frio gelado no ar que estava frio demais para uma tarde de outubro, e quase me fizeram sentir confortável. Mas isso não significava que eu estava preparado para quem eu vi sentada no banco de pedra perto da escada da igreja.

O céu cinza refletia meu humor. Meus calcanhares estalaram nos degraus de pedra e trituraram o cascalho.

— O que você está fazendo aqui? — Bem quando eu pensei que meu dia não poderia ficar pior.

Alexis apagou o cigarro na pedra e se levantou quando me aproximei. — Ei, Jules. — Ela tinha bolsas debaixo dos olhos e parecia mal.

Cruzei os braços sobre o peito, as miçangas e lantejoulas arranhando minha pele. — O que você está fazendo aqui?

— Parecia um lugar muito agradável para um passeio. — Sua risada indiferente foi recebida com o meu olhar de olhos mortos.

Apertei meus próprios braços, abraçando-os com mais força no meu peito.

— Eu vim pedir desculpas. — Seus lábios se apertaram e ela baixou o olhar. — Eu fui uma puta possessiva e psicopata e usei minha história e relacionamento com Berk para minar seu relacionamento e tentar colocá-lo contra você.

Meus olhos se arregalaram e eu deixei meus braços caírem para os lados. Precisei enfiar meu dedo no ouvido para ter certeza de que ouvi corretamente? Meus lábios se separaram, mas as palavras me falharam. Eu imaginei que ela era profissional em iluminação de gás e essa seria sua tática, mas honestidade brutal? Pinte-me, surpreendentemente.

— Sempre que ele teve uma namorada no passado, ou alguém que se aproxima desse nível, elas sempre me odiaram. Sempre disseram que eu não era sua irmã de verdade e que ele precisava ir embora.

Inclinei minha cabeça.

— OK. Ok. — Ela acenou com as mãos na frente dela. — Talvez eu tenha sido parte do problema em algumas dessas situações?

— Talvez?

— Tudo bem, eu era uma puta enorme. Algumas eram honestamente horríveis. Princesas na frente dele e víboras nas costas deleitando-se com as coisas que elas comprariam uma vez que ele fosse convocado e como se esqueceria de mim, mas outras... — Os ombros dela caíram. — Causei problemas e fiz tudo que pude para que Berk viesse em meu socorro. Mas... — As palavras pararam em sua garganta. — Você já conheceu alguém que se importava com você e não sabia por quê? Como se não fizesse sentido e você nunca soube quando eles pariam. — Ela olhou para mim.

— Sim, seu irmão, a propósito.

Seu olhar foi para o meu. — Acho que somos mais parecidas do que eu pensava. Conheço Berk desde os sete anos. — Ela passou os dedos pelos cabelos, os fios escarlates pegando o vento de quase inverno.

— Talvez eu tenha me metido em situações de merda, esperando que ele se metesse para me salvar. Ele é meu irmão, mesmo quando eu

nego. — Seu olhar disparou para o meu. — Seria apenas uma questão de tempo até que ele parasse de pensar em mim como sua irmã mais nova, percebesse que eu era uma merda e me chutaria na calçada.

— Você sabe que Berk faria qualquer coisa por você. Ele não precisa que você se jogue em situações insanas apenas para vê-lo. — Minha garganta se apertou e eu apertei minhas mãos ao meu lado, não querendo fazer a pergunta, mas precisando saber a resposta. Eu relaxei meus dedos e os corri pelo tule do meu vestido. — Você o ama? Tipo, *ama*, de amá-lo?

Ela levantou a cabeça. Ela olhou para mim de olhos arregalados, já balançando a cabeça. A boca dela se abriu.

— Não minta. — Eu a atirei. — Você me deve a verdade, pelo menos.

Ela fechou os lábios e esfregou o braço. — Talvez por um tempo eu pensei que sim. Uma maneira de mantê-lo mais perto. Ou me certificar de que ele nunca...

— Você deveria saber melhor do que ninguém que dormir com um cara não significa que ele não vai embora.

Ela bufou. — Verdade. Mas não, eu não sabia. Às vezes, acho que teria sido mais fácil se tivéssemos feito isso, e então ele seguiria seu curso e eu não teria que viver com medo dele sair da minha vida para sempre. Ele já se foi.

Ela cortou as mãos no ar à sua frente. — Não que isso tivesse acontecido. Ele sempre teve cem por cento de clareza no que diz respeito ao nosso relacionamento, e é por isso que você era tão assustadora, Jules.

— Eu?

— Claro você. Ele está tão apaixonado por você. — Lágrimas brilhavam em seus olhos.

Abri minha boca para detê-la.

— Não, eu o conheço há mais tempo, lembra? — Ela sorriu para mim com um olhar irônico. — Ele está louco por você. Eu nunca o vi assim com mais ninguém, exceto a The Letter Girl, mas ela não era uma ameaça porque era apenas papel e caneta. Exceto que ela era você. E você é real. Você é a verdadeira, e às vezes parece que ele é a única pessoa com quem posso contar, e fiquei um pouco louca porque me senti ameaçada. Se vocês dois estivessem juntos, ele acabaria parando de precisar que eu precisasse dele, porque ele teria você.

— E foi por isso que depois que você me escreveu a carta, fui até o quarto de Berk, encontrei uma de suas cartas antigas e vi que era a mesma letra. — Ela abaixou a cabeça. — Fui eu. Fui eu quem colocou tudo para fora, conectando vocês dois. Eu esperava que, se ele visse que você não era perfeita, que você mentiu para ele, que talvez ele terminasse com você.

A confirmação de um pequeno sussurro que estava no fundo da minha mente. — Berk sabe que foi você?

Ela assentiu. — Agora ele sabe. Eu não acho que vou voltar disso. Quando ele descobriu o que eu fiz e o quanto isso te machucou... — A palavra ficou presa em sua garganta. — Eu não posso te dizer o quanto eu sinto muito. — Ela ergueu o olhar e havia uma tristeza de apertar o coração em seus olhos. — Não há nada que eu possa fazer para compensar isso. Eram cartas particulares entre você e ele, e eu expus isso. Ele... eu... o que eu mereço é que nenhum de vocês fale comigo novamente. Eu mereço que ele não queira mais ser meu irmão.

— Ele nunca faria isso, Alexis.

Sua risada sem humor escapou em respirações. — Eu sei disso agora. Mas só porque alguém é sua família, isso não significa que você pode continuar machucando-a repetidamente e se safar. Ele tem todo o direito de me tirar da vida dele. É o que eu mereço.

Eu queria que houvesse raiva. Queria me enfurecer com ela e aguentar toda a raiva e tristeza que senti quando as cartas saíram e a explodiram com isso. Mas outra parte de mim queria agradecê-la por esse julgamento de fogo, onde eu saíra do outro lado mais seguro de mim e com menos medo do que o mundo pensava de mim. — Eu nunca diria a ele para não ser seu irmão, Alexis. E ele nunca vai parar de te amar e ser seu irmão mais velho.

— Você tem alguma ideia de como é difícil acreditar nisso? — Ela fechou os olhos com força. Essa dor no meu peito ficou um pouco mais profunda, não apenas para aqueles dois garotos assustados que se apegaram um ao outro quando seus mundos estavam sendo despedaçados, mas para os adultos que se tornaram, tentando navegar pela escassez do mundo e a incerteza que realmente nunca iriam embora.

Ela fungou. — Você sabe o quanto é difícil confiar em alguma coisa ou em alguém?

— Mas usar isso contra Berk para tentar mantê-lo pequeno quando ele é feito para coisas muito maiores não está certo.

Ela respirou fundo. — Eu sei. É por isso que estou aqui. Quero conquistar você de volta para ele, porque vocês dois são bons um para o outro e merecem amor verdadeiro.

— Admito que não sei muito sobre ser uma boa irmã, mas ele não vai sair da sua vida. Ele não vai deixar você para trás, mesmo quando você acha que ele deveria. Toda essa conversa sobre se afastar de pessoas tóxicas...

Alexis estremeceu.

— Mas você é irmã dele. Seja o tipo de irmã que ele merece.

— Julia, você poderia, por favor, entrar aqui? — O silvo de minha mãe dividiu o ar gelado e adicionou um novo nível de gelo. — À luz natural, posso ver como esse vestido é adequado para você. Teria matado você mudar para saladas somente após a prova? Agora teremos que mudar para a fotografia totalmente coberta.

Minha mãe voltou à igreja. — *Essa é* sua mãe?

Nós duas olhamos para sua forma desaparecida, seguindo um trem esbranquiçado o suficiente pelas portas abertas da igreja.

— Essa é minha mãe. — Prometi a mim mesma que não reviraria os olhos no dia do casamento de Laura.

— Que puta enorme. — O lugar de Alexis na minha lista de merda mudou um pouco. — É ela quem vai se casar?

— Não. Minha irmã vai se casar com meu ex-namorado. — Os olhos de Alexis se arregalaram.

— Sério? Pelo menos não é sua mãe, eu acho.

— Forro de prata. — Eu bufei, o canto da minha boca levantando.

— A mãe que não vai se casar - ela está de vestido branco.

— Tecnicamente, é champanhe.

Alexis apertou os olhos. — Pareceu muito branco para mim. — Eu ri.

— Eu também achei.

— Droga.

— Estou feliz que vocês dois se conheceram. Não consigo imaginar como foi para vocês dois crescerem do jeito que cresceram, mas não precisam continuar sendo crianças assustadas. Veja o que Berk fez. Você pode fazer o mesmo.

— Eu não acho que ficaria tão bem quanto ele no uniforme. — Seu pequeno sorriso triste não alcançou seus olhos.

— Ninguém poderia.

— Julia. — a chamada exasperada de mamãe dividiu o ar tranquilo do lado de fora.

— Me dê cinco minutos. — Meu tom não refletiu nenhum argumento. Mamãe sacudiu, gaguejando, antes de voltar para dentro.

— Quer que eu durma com o noivo? Dê à sua irmã um gosto do seu próprio remédio? Acrescente um pouco de diversão extra à ocasião festiva? — Alexis olhou para mim. — Realmente agitar as coisas?

Os segundos se passaram e eu gostaria de dizer que minha resposta imediata foi não, mas caramba, se eu não pensasse nisso por cinco segundos completos. — Nah, eu não o desejaria para você.

— Justo. — Ela abaixou a cabeça.

— Ele entrou em contato com você? — Ela passou as unhas nas costas da mão. Lâmina de barbear para o coração.

— Não, mas eu quero que ele seja feliz. E você também deveria.

— Você o faz feliz.

Meu sorriso foi preenchido com uma tristeza que arrastou os poços da minha determinação. *Apenas fique de pé.* — Não é feliz o suficiente.

— Não deixe a merda comigo estragar tudo. Eu estraguei coisas suficientes na vida dele. Não posso adicionar você também.

— E eu tenho que pensar sobre o que eu preciso. Ele é... é complicado, ainda mais complicado do que eu quero admitir, mas acho que é melhor não nos vermos agora. — Era a coisa mais madura a se fazer. Aquela que fazia mais sentido. Eu precisava vir primeiro com alguém, mesmo que esse alguém fosse eu.

— Jules... — Laura caminhou atrás de nós parecendo ter visto um fantasma. Seu rosto pálido parecia ainda mais severo sob a maquiagem beijada pelo sol que o artista havia aplicado esta manhã.

— Mamãe te deu uma de suas conversas animadas? — Eu fui encurralada por ela por mais de uma vez e sempre senti que estava saindo dos escombros de um prédio bombardeado .

Ela olhou para o caminho que levava à rua. — Não a mamãe.

— Você está me assustando. — Eu pisei na frente dela e segurei os dois ombros. — O que aconteceu?

— Pensei em dar um beijo em Chad antes que toda a loucura realmente se instalasse. Fui para o quartinho onde eles disseram que ele estaria antes da cerimônia começar. — Ela interrompeu seu olhar de mil jardas e olhou para mim. — E ele estava recebendo um boquete de uma das minhas colegas de quarto da faculdade. Eu a convidei para o casamento, até dei a ela um convite de acompanhante.

Eu passei meus braços em volta dela.

— Parece que minha oferta chegou um pouco tarde demais. — disse Alexis.

Laura quebrou o nosso abraço. — Que oferta?

— Não se preocupe com isso. — Eu acenei para ela. — O que você quer fazer?

— Fazer?

— Você acabou de pegar Chad recebendo um boquete segundos antes do seu casamento. O que *você* quer fazer, Laura?

— Eu - eu não sei. — Ela balançou a cabeça como se estivesse em câmera lenta.

— Ele te traiu e vocês ainda nem são casados. Esse é o tipo da vida que você quer viver?

O barulho distante das folhas sob os pneus, o murmúrio de vozes dentro da igreja e meu coração batendo nos ouvidos eram os únicos sons. Ela olhou por cima do meu ombro no final da longa entrada para a igreja.

Encontrando meu olhar, uma onda de convicção brilhou em seus olhos. — Não. — Ela balançou a cabeça. — Não, eu não quero nada disso.

Peguei a mão dela. — Então vamos dar o fora daqui.

— Como fazemos isso? — Ela olhou para mim com preocupação pintada em todo o rosto.

Alexis pulou para cima e para baixo com a mão levantada no ar. — Sou excelente em causar distrações. Eu vou lá e faço minhas coisas. Vocês pegam o que precisam e saem.

Laura olhou para mim como se eu fosse a irmã mais velha. Apertei a mão dela e voltei para a igreja. — Fique aqui, eu já volto.

Eu me virei para Alexis. — Você tem certeza que está pronta para isso?

Alexis entrelaçou as mãos e estalou os nós dos dedos. — É o que eu faço de melhor. — Subindo os degraus da igreja, ela bagunçou o cabelo. Com os polegares acima do ombro para nós, ela irrompeu pelas portas da igreja. — Chad, como você pôde? Você me disse que ia se casar comigo. E o nosso bebê?

Um suspiro coletivo tão alto que eles provavelmente ouviram por toda a área dos três estados saíram pelas portas.

Entrei na sala onde guardamos tudo para a cerimônia e peguei minha bolsa e um conjunto de chaves do carro clássico que Chad havia alugado para a grande viagem até a recepção. As vozes na igreja ficaram mais altas. As pessoas que gritavam e agitavam corpos abafavam a música de órgão antes mesmo de parar abruptamente.

Balançando as chaves, me juntei a Laura lá fora. — Está pronta?

Ela olhou para a igreja imponente e olhou para mim. — Pronta.

— Vamos fazer isso.

43

BERK

Correndo para o outro lado da rua, eu endireito o laço que eu tinha amarrado ao redor da caixa embalada em meus braços. O nó na minha garganta cresceu a cada passo que eu dava até que era difícil respirar. Os degraus gemeram sob o meu peso e eu rezei para que Jules não tivesse ouvido, provavelmente em seu lugar na cozinha em frente ao forno, deslizando uma assadeira cheia de guloseimas com um sabor ainda melhor do que os anteriores, animada para compartilhá-las com quem precisava de um pedacinho do céu para alegrar o dia.

Alexis me disse que tinha ido vê-la, seguindo completamente sua promessa de total honestidade. Mais bagagem da minha vida forçada em Jules. O olhar em seus olhos enquanto eu a atacava, tentando enterrar minha própria dor. Era difícil de esquecer.

Eu arranquei uma parte do meu coração quando a empurrei. Quando eu não acreditei nela. Não havia nada que eu não desse para apagar isso de sua mente, mas eu poderia fazer algo pequeno que poderia lhe dar um pouco das memórias que ela perdeu.

Agachado, coloquei a caixa no chão. Parte de mim queria ficar para ver seu rosto, mas o protetor em mim não queria mais machucá-la. A última coisa que ela precisava era que eu estivesse ali esperando meu tapinha nas costas por isso. Eu tinha feito isso porque era a coisa certa a fazer, não para reconquistá-la ou obter crédito. Ela merecia e deveria sempre ter toda a bondade que havia no mundo - fim da história.

Eu olhei para a porta com um desejo mais forte do que qualquer um que eu já havia experimentado antes. Eu queria encontrar minha mãe e estar lá por Alexis, mas eu queria tanto Jules. Esses sentimentos eram diferentes, me deixando louco quando eu não estava perto dela. Eu precisava dela, mas ela não precisava de alguém como eu fodendo sua vida e a machucando.

Eu a segurei em meus braços, enxuguei suas lágrimas e me encontrei nela. Eu tinha uma casa, algo que ansiava desde que me lembrava, e joguei fora.

Andando para trás, eu tinha um pé no degrau superior quando a porta se abriu.

Jules saiu com um recipiente de plástico enfiado debaixo do braço, colocando a luva e congelou no meio do caminho, olhando para mim de olhos arregalados.

O covarde em mim queria fazer uma pausa para isso. Apenas correr pelo quarteirão como um lunático pego espiando pela janela ou verificando as maçanetas das portas.

— Berk. — Sua respiração saiu em uma única baforada.

— Ei, Jules.

— Aí está você. Sonho com isso o dia todo. — Uma voz masculina soou através da nossa pequena bolha de erros do passado e mágoa.

— Ei, Nigel. Eu estava a caminho.

Meu estômago deu um nó. Quem era esse cara? Ela já estava seguindo em frente? Ele tinha aquela combinação perfeita de camiseta, blusa e casaco que sempre me fez sentir como se tivesse entrado em um forno.

— Não foi rápida o suficiente. — Ele subiu os degraus com o olhar fixo em Jules. Até que ele chegou ao penúltimo, ele nem olhou para mim. Eu olhei para ela da mesma maldita maneira.

— Ei, eu sou Nigel. — Com a mão estendida como ele esperava que eu a sacudisse, ele olhou para mim.

Nigel tinha dentes perfeitamente alinhados que pareciam ter sido escovados e passados fio dental desde a chegada do primeiro dente. Era exatamente o tipo de cara que adorava Jules.

O ar havia sido sugado de repente da atmosfera? — Berk. — Apertei sua mão.

Ele apertou sua mão quando eu a soltei. — Ótima aderência que você tem aí. Agora, pela razão de eu ter vindo. — Seu olhar não estava mais em mim. Ele caminhou em sua direção com os braços estendidos como se fosse envolvê-la em seus braços. Ela já havia se mudado.

— Megan está me incomodando o dia inteiro para vir aqui e pegar isso com você.

— Não é canja de galinha, mas espero que ajude. Ainda esta bem quente, então ela deve ficar feliz. — Jules colocou o recipiente em suas mãos.

Confusão definida.

— Se alguém os tivesse atropelado com um carro, ela estaria na rua com uma espátula para raspá-los. — Ele riu. — Obrigado, Jules, você é

a melhor. — A inclinação para um beijo foi tão rápida que eu quase puxei a parte de trás de sua gola. Eu o olhei todo o caminho desde o degrau.

Mas aterrissou solidamente em sua bochecha.

— Não se preocupe com isso. É a minha coisa. — Ela fez uma cabecinha fofa inclinar.

Nigel se virou. — Prazer em conhecê-lo, Berk com o aperto louco. Preciso levar para minha namorada. — Ele sacudiu a caixa de biscoitos e desceu as escadas.

— A namorada dele.

Jules ficou na ponta dos pés e assentiu. — A namorada dele, Megan. Minha parceira na aula do Buchanan.

Eu e meu parceiro fizemos um acordo para ele fazer todo o trabalho neste semestre, em troca que ele tinha um passe livre para qualquer festa do Brothel que tivéssemos durante o ano. O acordo mais fácil da minha vida.

— Oh.

— Você achou que ele estava aqui por mim? — Sua meio risada e olhos reviraram em descrença.

— O que é preciso para você ver como você é irresistível?

Ela bufou e baixou o olhar e pegou a caixa pelo canto do olho pela velocidade de seu olhar duplo. Respirando fundo, ela se abaixou, pegando a caixa como se estivesse com as jóias da coroa da rainha.

— Isso... — Seus olhos estavam fixos na caixa, absorvendo cada dobra e vinco. Ela passou os dedos pelos livros com reverência, como se tocá-los com muita força pudesse lavar a memória do toque de seu pai. — Os livros. Como você conseguiu?

Desta vez, quando ela olhou para mim com lágrimas nos olhos, ela bateu em um lugar no fundo. Um onde eu estava compartilhando essas lembranças felizes com ela, mesmo que eu nunca estivesse lá quando ela as leu pela última vez.

— Sua irmã me ajudou a pegar.

— Sério? — Jules apertou-os contra o peito, com lágrimas nos olhos com um olhar de reverência no rosto. — Não tenho notícias dela desde que fizemos tipo Thelma e Louise fugindo do casamento. As coisas ficaram um pouco estranhas quando chegamos em casa. Havia presentes por toda parte. Coisas de casamento. Laura disse que precisava ficar um pouco sozinha, não sabia se ela estava brava comigo.

— Fazer uma grande escolha como essa não acontece sem um segundo palpite, mas as pessoas podem mudar, crescer. A dinâmica da família é sempre difícil e complicada, mas ela queria fazer isso por você, ela só precisava de uma ajudinha. — Ajuda como uma janela aberta, três fechaduras trancadas, uma gaveta brutalmente forçada e alguém para saltar pela cerca dos fundos quando sua mãe chegou em casa mais cedo do que o esperado.

— Obrigada, Berk. Isso... eu não tenho palavras para isso. Obrigada. — As luzes da rua fizeram seus olhos brilharem. Seu olhar verde musgo era como um lago em um dia de verão, e eu nunca quis ir embora.

— Você os merece. Não acredito que alguma vez pensei que sua mãe era legal. — Ela bufou.

— Você não tem exatamente o melhor histórico de avaliação de personagens. — Seus olhos se arregalaram e ela balançou a cabeça, dando um passo à frente e estendendo a mão. — Eu sinto muito. Eu não quis dizer isso. Alexis veio me pedir desculpas. Ela parecia sincera, como se tivesse aprendido muito com toda essa experiência.

— Eu não pedi que ela fizesse isso. Não queria que ela te incomodasse depois de... você sabe.

— Eu sei. — Um triste aceno de cabeça para acompanhar o espaço melancólico entre nós que nunca existiu antes.

— Tem havido... falando sobre a minha capacidade de avaliação de caráter... — respirei fundo para reunir meus pensamentos. *Não se detenha agora.* — Havia outras pessoas no passado que tentaram ficar entre nós. Elas se concentraram no fato de que não estávamos relacionados por sangue e usaram isso como uma razão para que ela não devesse importar para mim e eu para ela.

— Isso deve ter sido difícil.

— Foi, mas não desculpa o que ela fez. E não espero que você a perdoe. Ela - ela tem muito trabalho a fazer. Como você está? — Estendi a mão antes de enfiá-la no bolso.

— Bem. E você? — Ela levantou o olhar para o meu.

— Honestamente?

— Sempre.

— Sinto como se alguém tivesse atropelado meu coração com um pneu feito de cravos. Continuo acordando no meio da noite e olhando pela janela do seu quarto e quero estar lá com você. Eu quero estar

segurando você e esfregar esse ponto no nariz com as sardas que parece um pequeno morango.

Ela levantou a mão e esfregou ao longo da ponta do nariz.

— E quero ligar para você, ou até escrever cartas, porque sinto sua falta, Frenchie. Sinto tanto a sua falta que, mesmo com todas as pessoas que perdi na minha vida, é você quem me mantém acordado à noite porque faz parte do meu coração. Você faz parte da minha alma e eu juro... — Engasguei com as palavras, passando pelo aperto na minha garganta e pelas lágrimas nos meus olhos. — Eu prometi que não faria isso, que eu daria a você espaço e não iria aparecer aqui assim, mas foda-se. Eu te amo tanto e meu futuro que antes era tão claro, agora é um terreno baldio que se estende até onde eu posso ver quando tento imaginá-lo sem você.

— Você tem um grande futuro pela frente. Você já passou por tantas coisas.

— Isso não significa nada se eu não puder ter outra aula de dança particular, se eu não puder sentar na mesa da nossa cozinha e ver você fazer sua mágica, se eu não puder te abraçar e te dizer o quanto eu te amo.

Ela abriu a boca, mas eu avancei, precisando que ela ouvisse tudo.

— As pessoas fodem e quem sabe o que o futuro reserva. E antes que você diga alguma coisa, eu quero que você saiba, Alexis é família, mas você é minha para sempre. Não posso prometer que ela não vai estragar, assim como não posso prometer que eu não vou estragar. Mas posso prometer que sempre acreditarei em você e te amarei. Não vou mais ser parcial quando se trata dela, mas ela ainda fará parte da minha vida. Sem mais resgates, sem mais tentativas de mantê-la longe de problemas, mas ela é minha irmã. — Os músculos do meu pescoço se contraíram e eu tentei manter minha respiração sob controle. Isso poderia ser um rompimento de acordos, mas eu tinha que ser honesto com Jules.

— Eu nunca quis ficar entre vocês.

— Eu sei disso. Eu sei.

— Nos últimos dias... — Ela abraçou os livros mais apertado contra o peito. — Eu também senti tanto a sua falta. — Seu pequeno sorriso foi o primeiro raio de sol depois de uma tempestade turbulenta. Um raio de esperança. — E o futuro que nunca consegui imaginar para mim ficou claro depois que saí pela sua porta. Era desolador, solitário e não preenchido nem pela metade do amor que sinto por você.

Eu corri para frente e passei meus braços em volta dela. As bordas duras dos livros cavaram no meu peito, mas eu não me importei. Eu sentaria em uma cama de pregos para estar tão perto dela novamente.

Ela riu, passando os dedos pela minha mandíbula e olhando nos meus olhos com o tipo de amor aberto que a Jules tinha. Eu nunca tomaria isso como garantido novamente.

— E você nunca foi a terceira melhor coisa da minha vida, Jules. Nunca. Eu nunca jogaria um jogo novamente, se isso significasse que eu poderia estar aqui com você.

Ela roçou os dedos nos meus lábios. — Nunca foi sobre forçar você a escolher. Há espaço suficiente aqui para mais do que eu. — Sua mão deslizou para o meu peito.

— Eu sei, mas todo o resto cai quando estou com você, e eu nunca quero perder isso.

— Nem eu, mas tenho uma pergunta importante. — Seus lábios afinaram em uma linha, seu rosto se transformando em seriedade. Ela levantou o queixo, encontrando o meu olhar. — Pronto para outra aula de dança?

Eu ri, esfregando meu nariz no dela. — Sempre.

44

BERK

Minha mão tremia na dela. Ela cobriu a minha com as suas cobertas por luvas. Soltando uma mão, ela pegou o presente do seu lugar. O que ela segurou todo caminho até aqui.

O ar da tarde estava nublado e frio. Não havia nuvens no céu; apesar de nossa respiração pairar nas nuvens diante de nossos rostos, o sol brilhava.

Um tremor rolou pelo meu corpo. Seus dedos apertaram os meus, correndo ao longo das costas da minha mão. Ela estendeu a mão e colocou a outra mão em volta do meu braço, moldando-se ao meu lado como se estivesse preparada para pular e me proteger se eu precisasse. E eu precisava.

Entramos no escritório do zelador. Desta vez, eu não estava oscilando no limite e completamente encharcado.

O meu pomo de Adão balançou. Limpei minha garganta, tentando formar as palavras. — Por favor, pode me dizer onde Elizabeth Vaughn está?

O zelador ergueu os olhos da mesa e arregalou os olhos. — Você voltou. — Ele se inclinou e abriu uma gaveta. — Você saiu tão rápido da última vez que eu não tinha certeza se voltaria.

Eu balancei a cabeça, cada músculo do meu corpo tenso quase como se eu estivesse pronto para superar a dor do que estava por vir. Jules me apertou mais forte.

— Estou aqui. Você não está sozinho. — Suas palavras sussurradas acalmaram as bordas da dor queimando profundamente no meu coração. Ela estava aqui e sempre estaria aqui para mim.

— Ela está perto do velho carvalho. Aqui está um mapa. — Ele circulou uma lápide entre outras alinhadas ordenadamente em fileiras. — Se você precisar, eu posso acompanhá-lo.

Eu olhei para o papel branco com o padrão simples correndo ao longo. O círculo azul claro na página era mais assustador do que qualquer coisa que eu já havia enfrentado antes. Era um tipo de finalidade que eu não queria encarar.

Jules pegou o papel, deslizando-o sobre a mesa. — Nós ficaremos bem. Se precisarmos da sua ajuda, podemos voltar. — Ela segurou meu

braço, me ancorando ao que estava acontecendo - à minha nova realidade, não baseada em sonhos de infância, mas no aqui e agora.

— Eu entendo. — O aceno firme do zelador disse que essa não era a primeira pessoa que ele havia visto paralisada em seu escritório. — Ah, e isso é para você. — Ele estendeu um envelope branco liso, bem, já havia sido branco. Agora as bordas estavam amareladas. Quem escreveu isso? Quando? Eu ainda nem sabia há quanto tempo minha mãe estava enterrada aqui.

Jules pegou o envelope da mão dele com dois dedos, mantendo o presente firmemente em suas mãos e gentilmente me cutucou em direção à porta.

Eu andei sem sentir nada. Cada passo estava entorpecido e amortecido. Lentamente, com uma marcha medida que estendeu nossa viagem ao que pareceram semanas, chegamos ao local perto do carvalho.

— É isso aí. — Jules parou, parada no final da fila. — Ela é a quarta. Você quer que eu vá com você? — Ela olhou para mim com um brilho nos olhos. Suas lágrimas eram por mim e tudo o que eu tinha perdido, mas ela ainda estava tentando ser forte. Segurando o envelope, ela olhou para mim.

Balançando a cabeça, peguei o envelope e o presente dela.

Ela sacudiu as mãos das luvas e passou os dedos quentes pelas costas das minhas.

Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas e ela estava lutando para ser forte por mim. Alguma vez houve alguém mais sortudo que eu? Alguém tinha sido tão amado? Ela assentiu e deu um passo para trás, sem precisar dizer as palavras que eu já sabia. Ela estava lá se eu precisasse dela.

Com meu olhar treinado na longa fila à frente, caminhei em direção ao inevitável. A perda do calor de Jules me fez querer me virar e correr de volta para ela, juntá-la em meus braços e enterrar meu rosto em seu pescoço, e cheirar seu perfume de limão e açúcar até que fôssemos transportados para longe deste lugar.

Mas eu tinha que ver com meus próprios olhos.

Passei por lápides cercadas por grama bem cuidada. Meus dedos estavam tremendo em torno do presente embrulhado. Algumas tinham flores em cima e outros eram sentinelas solitárias por conta própria. As palavras na pequena placa aninhada na grama eram o nome dela. Lágrimas nadaram nos meus olhos.

Elizabeth Caroline Vaughn. Coloquei o presente em cima do granito simples.

E a data de sua morte. Vinte e sete de junho.

E o ano.

Tomei uma respiração trêmula. Cinco meses depois que eu acabei no meu primeiro lar adotivo. Oito meses depois do meu aniversário, quando ela me deixou na porta do meu pai.

Eu caí de joelhos. A neve triturou sob o meu corpo, a umidade penetrando no meu jeans. Lágrimas escorreram pelo meu rosto. Eu a procurava há mais de uma década e ela esteve aqui o tempo todo. Esperando pacientemente que eu a encontrasse.

Mãos macias e suaves corriam pela parte de trás do meu pescoço. Jules estava ao meu lado, com os braços em volta de mim, embalando minha cabeça. Enterrei meu rosto em seu estômago e passei meus braços em volta de sua cintura, segurando-a o mais forte que pude. Eu sabia que precisava afrouxar, mas ela não reclamou.

Ficamos congelados assim por tanto tempo que os músculos dos meus braços doíam e minhas pernas ficaram dormentes. Mas ela não disse uma palavra sobre se mexer. O arrasto lento e constante de seus dedos pelos meus cabelos ajudou a equilibrar minha respiração e me fez sentir como se não estivesse mais completamente sozinho.

Jules estava aqui, e isso tornou até o pior momento da minha vida suportável.

— Eu não li a carta. — Cada palavra parecia arrastada da minha garganta, crua e rangente.

— Você quer que eu leia? — Sua voz era uma carícia suave em um dia tempestuoso.

Eu balancei a cabeça, mantendo minha cabeça contra ela.

O papel tremulou em sua mão e ela respirou fundo.

“Meu lindo rapaz,

Eu amo você de todo o coração e sinto muito por ter que deixar você. Você merece muito mais do que tenho para lhe dar, e agora que sei que estou doente, é apenas uma questão de tempo até que eu não possa mais cuidar de você. Você é a única pessoa que me resta no mundo e não quero deixar você ir, mas espero que seu pai possa cuidar de você agora que não posso.”

A voz de Jules falhou e eu a segurei mais forte. A lã fria e áspera de seu casaco e a ascensão constante de seu estômago a cada respiração me lembrou que eu ainda estava vivo. Eu ainda estava aqui - com ela.

A maneira que eu tive que assumir a cozinha em casa e como minha mãe parou de ir para o trabalho filtrou de volta através de anos de memórias. Como ela ficou mais magra e a plenitude de suas bochechas desapareceu. Quanto mais devagar ela andou, e o jeito que ela agarrava seu lado enquanto se afastava de mim.

"Isso não é justo, nada disso é, mas espero que um dia você possa me perdoar e que tenha a vida que merece. A vida que eu nunca poderia ter lhe dado.

Eu te amo de todo coração, mamãe"

— Isso é tudo. — Jules passou as mãos em volta da minha cabeça, me segurando perto.

Ela desembaraçou meus braços da cintura e se ajoelhou na minha frente. Segurando meu rosto em suas mãos com a carta ainda cerrada entre os dedos, ela deu um beijo na minha testa.

— Você é amado Berk. Mais do que você jamais poderia saber. Sua mãe te amou. Os caras te amam. Alexis te ama. Eu amo você. — Lágrimas brotaram em seus olhos. — E isso nunca vai mudar. Perder sua mãe... — sua voz cedeu e ela enxugou os olhos com as costas da mão. — Isso será algo que você sempre vai carregar com você. Mas você tem uma família que te ama e sempre estará lá para você.

Eu assenti. Eu mal podia respirar, muito menos fazer um som agora. Caindo no chão, eu a puxei para o meu colo. Com meus braços apertados ao seu redor, levantei o presente embrulhado da lápide.

Minha mão tremia e Jules a segurou, segurando o presente com os dedos em volta dos meus.

Este foi o último presente que mamãe me deu. A última vez que eu conseguiria algo dela. Os vincos apertados do papel, agora desgastados ao longo dos anos, foram feitos por ela.

— Não há pressa. Você não precisa fazer isso hoje. — Jules se virou no meu colo, aninhando-se contra o lado do meu rosto.

— Eu quero fazer isso agora. Você vai me ajudar? — Olhei para ela e ela apertou os lábios e assentiu.

Trabalhamos devagar, deliberadamente, retirando a fita gasta, cuidando de cada vinco e borda.

No interior, o pacote de malha verde estava dobrado ordenadamente em um rolo. Meus dedos esfregaram contra os lados do papelão quando cheguei dentro. Desdobrando-o com cuidado, apertei meus olhos com força. Verde e branco com o número 11 na frente. Era tão pequeno. Eu já tinha sido realmente tão pequeno? Era difícil de imaginar.

Lágrimas brotaram nos meus olhos. — Algumas crianças da escola usavam camisetas quando a nova temporada de futebol começou. Eu implorei à minha mãe por uma. Eu era um pé no saco. Estávamos comendo feijão e arroz em um bom dia e eu queria uma camisa de futebol estúpida, quando não havia como pagar.

— Você era uma criança. — Ela segurou minha bochecha com a mão enluvada. — Não são conhecidos por serem razoáveis. — Seu sorriso gentil para aquele garoto estúpido era quase demais. Engolindo o aperto na minha garganta, eu empurrei.

— Eu nem sei quando ela fez isso. Ela estava sempre trabalhando... sempre. — Minha voz falhou. — Mas alguns meses antes de ela sair, encontramos uma enorme sacola de fios na lixeira perto de uma loja de artesanato. Ela me fez luvas, um chapéu e um cachecol - coisas práticas. Mas eu ainda estava reclamando dessa maldita camisa. Passei meus dedos pelo 11 branco e virei-o. Meu nome estava tricotado em grandes letras maiúsculas nas costas. Meu número favorito. Meu número agora. — Uma criança que não tinha ideia de como era a vida real e de como as coisas podiam ficar ruins. Eu nunca vou poder dizer a ela o quanto eu amo isso. — Minhas narinas se alargaram, e o ar gelado mordeu minha pele contra as lágrimas que caíam.

— Ela sabe. — Jules cobriu minha mão com a dela, traçando as letras ao longo do topo.

Voltamos ao carro de mãos dadas e eu não conseguia tirar os olhos dele. Ela devia ter ficado acordada a noite toda, mesmo quando estava cansada, trabalhando nisso sempre que tinha um momento livre.

De volta à casa de Jules, sentei na cozinha e coloquei a camisa sobre a mesa. Apertei a mão de Jules.

— Você quer enquadrar? — Ela passou os dedos sobre o número 11 e sorriu.

— Talvez mais tarde. — Segurei a ponta entre os dedos. — Eu quero segurar um pouco mais. — A visão de uma garotinha de óculos com olhos como a mãe dela era tão vívida que eu quase conseguia alcançá-la e tocá-la. Ela atravessou um enorme quintal no outono usando isso.

Passei meus dedos sobre o fio macio. Algo que sua avó fez. Eu tinha um pedaço da minha mãe e seria capaz de compartilhar isso com ela.

A garotinha com os olhos e o espírito amoroso de sua mãe sentava no meu colo nos degraus dos fundos e eu lia para ela um de seus livros favoritos, *O Conto dos Coelhos Flopsy*.

— Claro. — Jules se levantou e caminhou atrás de mim, passando os braços em volta do meu pescoço e se pressionando contra as minhas costas.

Envolvido firmemente em seus braços, respirei fundo e imaginei como teria sido ver o rosto da minha mãe quando o abri. Como seria ela me ver sair para o campo como jogador de futebol profissional.

— Ela sabe. Todas as coisas que você acha que ela está perdendo. Ela sabia que você a amava e sabia que você encontraria sua felicidade. — Jules beijou minha nuca e pegou alguns dos meus biscoitos favoritos.

A porta da frente se abriu e parecia que um desfile estava invadindo sua casa.

— Estamos aqui. — ela chamou.

E o batente da porta da cozinha quase se soltou da parede quando todos se amontoaram.

Peguei a camisa. Nix tinha o braço em volta de Elle. Reece e Seph enfiaram a cabeça por trás deles.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Eu me virei para Reece. — Você não teve um jogo ontem à noite?

Ele me agarrou e me puxou para um abraço. — É a coisa louca dos aviões - eles estão no ar o tempo todo. Jules nos ligou e disse que todos nós deveríamos provar algo novo que ela estava assado. Como podemos recusar esse convite? — Ele me deu um tapinha nas costas. — Além disso, ela disse que você precisava de nós. Tudo o que você precisa fazer é pedir e estaremos aqui.

— Nós pensamos que você já sabia disso. — LJ apareceu e me deu um abraço.

— Sim, mas todo mundo precisa de um lembrete às vezes.

— Movimento monumentalmente estúpido com esse agente, cara. — Nix me deu um soco no braço. — Mas eu entendo por que você fez isso. Se eu soubesse que minha mãe estava lá fora em algum lugar, nada teria me parado. Nós precisamos fazer uma visita a Johanssen?

Eu balancei minha cabeça. — Não, chegamos a um entendimento. Ele é legal.

— Não tenho muita certeza disso.

— Tudo bem, não é legal, mas ele recuou.

— Provavelmente pelo hematoma de dez centímetros cobrindo metade do seu rosto.

— Talvez.

Olhei para todos amontoados na cozinha. Elle ajudando Nix a invadir o estoque de guloseimas de Jules. Marisa e LJ mantendo a mesa entre eles como se fossem ímãs, se repelindo o mais longe possível. Seph e Reece rindo de Nix tentando roubar uma caixa inteira de mini biscoitos de chocolate com menta.

— O treinador vai deixar você jogar? — Keyton ficou ao meu lado com as mãos na caixa de biscoitos misteriosos, onde tudo o que você retirava era um prêmio.

— Eu tenho que ficar de fora o resto da temporada até os playoffs. Johanssen engasgou como se estivesse encarando a multidão. Um segundo, ele estava praticamente pulando, pronto para me foder e depois não disse nada.

— Talvez ele tenha criado consciência. — ofereceu Keyton.

— Não. — todos responderam em uníssono e voltaram a conversar e rir, puxando cadeiras.

Marisa pegou o liquidificador para fazer algumas bebidas, mesmo que estivesse congelando lá fora.

Jules veio atrás de mim e passou os braços em volta da minha cintura. — E aí?

Passei meus braços sobre os dela, deixando-a me apertar com força. O peso do seu abraço me cobriu de um amor que eu nunca pensei que encontraria. Puxei-a para a minha frente e apertei minhas mãos nas costas dela.

— Nada aconteceu. Apenas absorvendo tudo.

Ela virou a cabeça para o lado, olhando para o nosso grupo de amigos. — É um bom dia, não é?

Mesmo com tudo o que eu passei hoje e o mergulho emocional que eu tinha tomado ao visitar o túmulo da minha mãe, ela estava certa. Eu a abracei mais apertado e beijei sua têmpora com um coração tão cheio

que não consegui segurar meu sorriso. — É. O melhor dia, e mal posso esperar para ter uma vida inteira de lembranças como essas com você.

EPÍLOGO

BAILE DE PRIMAVERA

JULES

— Você não precisa provar nada a ninguém. — Elle puxou o decote da minha camisa como uma mãe amorosa.

— Você não estava me dizendo para soltar essas meninas? — Eu puxei a parte inferior da camisa, empurrando o decote para trás onde estava.

— Esta é uma tradição estúpida.

— Você sempre quis que eu fosse a mais festas. — Eu ri de seu olhar estreitado. — Estou de camiseta e calça jeans. Você está agindo como se eu estivesse andando lá fora com uma roupa de pole dance com rasgos nos mamilos.

— Berk sabe que você está saindo assim?

— Ele não é meu guardião, Elle. E sim, ele apoia totalmente o que eu quero fazer ou vestir. — Embora tivesse levado algum tempo no quarto para ele concordar em não rosnar para qualquer um que olhava para mim de lado.

Eu me verifiquei no espelho. A camiseta com pedido especial havia chegado bem a tempo do recesso do Dia das Bruxas no campus, com um clima muito melhor. Philly no final de outubro não era conhecido por seu clima incrível; há décadas, o campus planejava sua própria versão para a sexta-feira antes das férias de primavera. Melhor clima, e um longo trecho depois de se recuperar da devassidão.

Elle estava ao meu lado com uma roupa de princesa Leia completa com pãezinhos de canela. Em vez de dar uma olhada nela e pegar minha camiseta e me esconder, terminamos de nos arrumar e eu estava animada para ir à festa. Não que estivéssemos viajando para longe, mas uma festa no Brothel estaria além da minha imaginação apenas um ano atrás. Então seria o fato de que eu dormia na cama de Berk tantas noites quanto ele dormia na minha, e que ele olhava para mim como se eu tivesse saído de uma passarela da Paris Fashion Week toda vez que entrava no quarto.

Minha roupa nem era uma fantasia - embora eu tivesse uma faixa na cabeça com um cupcake e uma colher gigante de madeira que eu podia usar como um cajado - mas minha camisa era a cereja no topo.

Em grandes letras em negrito na frente, estava escrito DOUGH HO.

— Vamos a uma festa no Brothel, não é como se eu estivesse andando pela prefeitura nisso. Eu posso rir disso agora. E sabe de uma coisa? Não posso dizer que não mergulhei meus dedos em um monte de dinheiro, então... — Eu dei de ombros. — Vamos nos divertir. — Carregando nossos braços com recipientes de biscoitos, partimos em nossa curta jornada como dois Little Reds em busca de nossos Big Bad Wolves.

A música do Brothel e metade das casas do quarteirão enchiam o ar com uma batida pulsante e estridente.

— Lembra quando eu chamei a polícia para essas festas? — Elle passou o braço pelo meu.

— Você está dizendo que é algo único. Foi a contagem de dez pelo tempo que você e Nix começaram a bater nos feios?

Ela deu um tapa no meu braço. — Ai credo. Mas digamos que talvez eu estivesse exagerando um pouco. — Segurando os dedos quase se tocando, ela olhou para mim através da abertura.

Paramos no final da escada para a varanda e caímos na gargalhada.

Ela abriu a porta e todas as cabeças viraram em nossa direção. Endireitei as costas, não me encolhendo como a velha Jules teria feito.

— Inferno, sim! — Alguém gritou da multidão de pessoas na sala de estar. — Jules está aqui!

— Minha rainha, posso aliviá-la dos seus pacotes de delícias? — Keyton atravessou a sala e se ajoelhou diante de nós, cruzando um braço sobre o peito em seu uniforme de soldado romano, completo com escudo e espada. Tocando cada ombro com meu cetro de colher, eu entreguei as mercadorias. Em segundos, ele foi atacado e as pessoas pegaram um punhado de biscoitos.

— Eu acho que isso significa que eles gostam. — Elle sussurrou para mim.

— Keyton pega os biscoitos primeiro? Não é legal. — Berk saiu da cozinha com dois copos de plástico vermelho nas mãos. Eles não combinaram exatamente com a toga dele e a coroa de folha de ouro enrolada em sua cabeça, mas as borboletas no meu estômago não se

importaram. Suas asas ficaram maiores, e toda vez que ele olhava para mim eu me sentia a mulher mais sortuda da sala - inferno, do mundo.

Tomando um dos copos, tomei um gole. — Não é minha culpa que ele tenha vencido você.

— Ele não me venceu, eu estava pegando uma bebida para você.

— Touché.

— Você não guardou nada para mim? — Nix entrou parecendo que Elle havia dito a ele que o Papai Noel não era real. Desanimado, ele segurou os dois copos, segurando-os contra o peito.

Eu não conseguia parar de rir com a expressão caída dele, especialmente porque ele tinha um gigante inflável alienígena verde preso nas costas com braços falsos em volta da cintura, então parecia que ele estava sendo levado.

Ela segurou sua bochecha. — Não se preocupe. Há uma caixa inteira para nós lá em casa.

Ele a abraçou, esmagando-a e quase derramando as bebidas nela.

— E quanto a mim? Fui eu quem os fez.

Berk colocou os braços mais apertados ao meu redor e sussurrou na parte de trás do meu pescoço. — Você guardou alguns para mim, não foi?

Estremeci, tentando manter meus joelhos sob controle pela carícia gentil de seus lábios contra a minha pele.

— Há uma surpresa ainda maior esperando por você. — Eu me virei, nossas bocas a menos de uma polegada de distância.

— Se for um beijo, eu serei um homem feliz. — Um roçar suave de seus lábios contra os meus.

Eu corri minhas mãos para cima e para baixo em seus braços em volta dos ombros. — Você é muito fácil de agradar.

— Somente quando se trata de você. — Ele plantou um beijo em mim. Um beijo profundo e doce que tornou tudo mais leve e brilhante ao nosso redor.

— Estamos aqui! — A porta se abriu. Uma enxurrada de bambolês com bolas de isopor presas cercava Seph. Reece a ajudou a passar pela porta, rindo o tempo todo.

O volume aumentou agora que tínhamos um jogador profissional de verdade aqui. Com uma troca de soquinhos e abraços, Reece colocou Seph com sua roupa completa com um capacete amarelo brilhante.

— Não é espacialmente preciso, mas tirei uma licença artística para esta ocasião especial.

— Todo mundo te perdoa, Seph.

— Eu nunca me vesti para o Halloween antes, muito menos fazer minha própria fantasia. A pistola de cola era traiçoeira, mas eu porperei. — Ela ergueu o punho triunfante.

Berk voltou com uma bandeja de gelatina, que desapareceu antes de chegar até mim.

— Não fique tão triste. Guardei um para você. — Ele puxou um pequeno copo de plástico com gelatina vermelha por baixo da toga.

— Eu quero saber onde você estava escondendo isso? — Eu ri e joguei de volta.

— Você não quer.

— Obrigada por pensar em mim.

Ele passou os braços em volta da minha cintura. — Sempre.

BERK

— Há uma pequena panela com molho de caramelo salgado na minha casa com o seu nome. — Ela sorriu para mim com aquele olhar travesso nos olhos. O que significava que ela aprendeu um novo movimento de dança, comprou uma roupa nova só para mim ou tinha algo delicioso para eu provar.

Todos os dias com ela eram uma aventura no que parecia ser tão amada, era como viver em um sonho. Ela era a garota dos meus sonhos, e não importa o quê, teríamos nossa vida dos sonhos preenchida com todo o amor que estivemos procurando por todas as nossas vidas e finalmente poderíamos compartilhar um com o outro.

Vestindo sua fantasia de Dough Ho, ela parecia boa o suficiente para comer. O lembrete da frase que contribuiu para nos separar não teria sido a minha escolha número um, mas a maneira como Jules trabalhou na sala num jeans que abraçava suas curvas afastou todas as preocupações que eu tinha. Ela era muito mais forte do que achava, e eu estaria ao seu lado a cada passo daqui em diante.

— Alexis está vindo? — Ela trancou os dedos na parte de trás do meu pescoço.

— Não, ela está em casa estudando para o programa pré-faculdade que começa no próximo semestre.

— Estudando mais? Após a sessão de dois meses do SAT, estou surpresa que ela possa ver direito. — Nós balançamos uma música com um ritmo muito mais rápido, mas eu não me importei. Com Jules, todas as músicas mereciam ser uma dança lenta.

— E os aplicativos, mas o verdadeiro trabalho começa agora que ela está entrando. Prefiro receber ligações sobre como ajudar com as folhas de Scantron e aplicativos de ajuda financeira.

Ela fixou minha coroa, passando os dedos pelo meu couro cabeludo. — Você é um ótimo irmão mais velho.

Costurado, curado e suavizado, meu coração pertencia a ela. Sem uma palavra minha, ela sabia aquela coisa que no fundo eu queria ouvir. Ela pegou o que eu queria ouvir e publicou no mundo para mostrar a verdade de tudo que eu sempre duvidara.

— E eu amo você. — Seus lábios pressionaram contra os meus, doces, macios e ansiosos ao mesmo tempo. Ela foi feita para mim, e eu passaria o resto da minha vida dando a ela tudo que ela merecia - começando com o meu amor.

Deslizando minha mão ao longo de sua nuca, eu aprofundei o beijo. Keyton entrou na sala acenando e clicando com as pinças de metal. — LJ deveria estar me ajudando com a churrasqueira. As pessoas estão com fome.

Rindo contra seus lábios, eu beijei Jules. — Eu vou buscá-lo. — Subi as escadas três degraus de cada vez. Prometemos às pessoas alguns hambúrgueres grelhados e teríamos que entregar.

— LJ, Keyton diz que você está de serviço na churrasqueira. — Abri a porta do quarto de LJ. Se estivéssemos em um filme, este era o momento em que eu estaria segurando uma tigela de bolinhas de gude ou contas sem motivo, e elas cairiam dramaticamente no chão. Os dois se separaram, olhando para mim como se eu os tivesse pegado tentando esconder um corpo. Marisa soltou o aperto que tinha na parte de trás do cabelo de LJ e ele tirou a mão de baixo do sutiã e da camisa dela.

Lentamente, como um movimento medido significaria que eu não tinha visto isso, ela desceu do colo dele.

Puxando a blusa para baixo, Marisa virou as costas para mim com as bochechas vermelhas como um carro dos bombeiros. O cinto de LJ tilintou quando ele puxou o zíper e apertou o botão.

— Vamos descer em um segundo. — Ele se moveu em minha direção, me libertando do frio profundo que eu estava parado na porta.

Seu rosto estava sombrio, corado e suado. — Nos dê um segundo. — A porta se fechou na minha cara sorridente.

Jules subiu as escadas correndo. — Você os encontrou?

— Sim. — Eu apoiei meus braços na porta. — Mas eles vão precisar de um segundo.

— Por que você está sorrindo assim? — Suas sobrancelhas franziram, seu olhar disparando de mim para a porta.

— Sem motivo. — Peguei a mão dela levando-a escada abaixo. — Digamos que as coisas estão prestes a ficar muito mais interessantes por aqui.

AS CARTAS

1. Apenas o pensamento dessas mãos grandes por todo o meu corpo me deixa molhada. Eu uso um brinquedo em mim mesma, fingindo que são seus dedos dentro de mim. Eu nunca gozei tão forte na minha vida como quando estou ofegando seu nome e me empurrando para o próximo orgasmo...

2. Quem é você? Se esse é um dos caras da STFU brincando ou algo assim? Não é engraçado.

3. Não é brincadeira, Berk. Deslizo minha mão sob a cintura Do meu short e afundo dentro de mim, bombeando três dedos de uma vez com as costas arqueadas para fora da cama, querendo que seja o seu toque.

4. Se você é real, me diga quem você é. Essas cartas são muito quentes.

5. Eu sonhei com você ontem à noite. Você me prendeu contra a parede, seu pau batendo em mim, e eu envolvi minhas pernas firmemente em torno de sua cintura, tomando cada centímetro. Eu gozei duas vezes e deitei na cama suada e ainda insatisfeita porque você não estava lá comigo.

6. Se você quer que seja meu toque, vamos parar com essas cartas. Vou fazer um buraco na palma da mão neste momento, relendo elas.

7. Algumas coisas são deixadas melhor para a imaginação.

8. Não é isso. Você deve estar se sentindo como eu. Suas mãos ou seus brinquedos não estão fazendo metade do fogo que faremos. Eu não consigo tirar você da minha cabeça.

9. Lambi minha mão até limpar, depois dos meus sonhos noturnos, fingindo que era seu esperma. Aposto que você tem um gosto bom.

10. Quando podemos nos encontrar? Eu já li sua carta dez vezes e envolvi meus dedos em volta do meu pau pensando em você. Me dê um nome que eu possa chamar quando estiver pronto para gozar...

11. Sem nome. Você já tem um para mim. The Letter Girl...

12. Isso não é bom o suficiente. Você me deixou em desvantagem. Você sabe quem eu sou, você sabe meu nome. Cor de cabelo? Cor dos olhos? Qualquer coisa - me ajude a imaginar a mulher que me vira do avesso com suas palavras. Você se tocou pensando em mim hoje?

13. Eu me toco pensando em você todos os dias. Como seu pau vai me esticar, me enchendo para que eu possa sentir você em todos os

lugares. Eu sonho em provar você, passando minha língua ao longo da cabeça do seu pau e tentando levar você inteiro. Eu tenho cabelos castanhos, mas é só isso que você está recebendo...

14. Agora você terá minha cabeça nadando pensando em todas as mulheres morenas que eu passar. Me dê mais. Qual seu filme favorito? Música? Vou dar play e pensar em você.

15. Eu sempre fui fã de John Hughes.

16. Eu também. Quem não quer que todos os seus problemas sejam resolvidos no final de um filme de 90 minutos? Me dê algo mais sobre você. Você estuda na minha faculdade? Você está em alguma das minhas aulas?

17. Podemos ter tido uma aula juntos, ou talvez eu tenha visto você no campus ou no campo.

18. Então você está escrevendo para mim porque sou jogador de futebol.

19. Na verdade não, embora eu ame a aparência de sua bunda nessas calças.

20. Eu acho que estou corando. Não há nada mais sexy do que o gosto da sua boceta nos meus lábios. Chupar seu clitóris será meu aperitivo, mas afundar em sua boceta será toda a maldita refeição. Quando posso jantar com você, The Letter Girl?

21. Nenhuma das minhas outras cartas fez você corar?

22. Não, essas cartas só me fizeram querer rasgar este campus para encontrar você e fazer tudo o que você escreveu nos últimos dois meses.

23. Eu não posso dizer que me importaria de você andar em uma corrida louca pelo campus, mas acho que você é mais do tipo Thor.

24. De jeito nenhum! Limite todo o caminho, embora eu não seja tão limpo.

25. Mas você tem o traseiro do Capitão América. ;-) Todo esse tempo na academia compensa, e não apenas no campo.

26. Eu aprovo sua objetificação.

27. Ovos fritos a caminho. Talvez queimados.

28. Senti vontade de vomitar. Mexidos, Pelo amor de Deus! Adicione um pouco de queijo e pronto.

29. Eu não estou brincando. Eu nem percebi que havia maldições na metade desses filmes até chegar à faculdade.

30. Às vezes sinto que posso lhe contar qualquer coisa.

31. Você pode.

32. Não podemos nos encontrar. Isso nunca deveria ser mais do que nossas cartas. Vida real... vida real estraga tudo.

33. Esta será minha última carta. Esta foi a coisa mais divertida que já tive em muito tempo, então obrigada. Atenciosamente, The Letter Girl.

